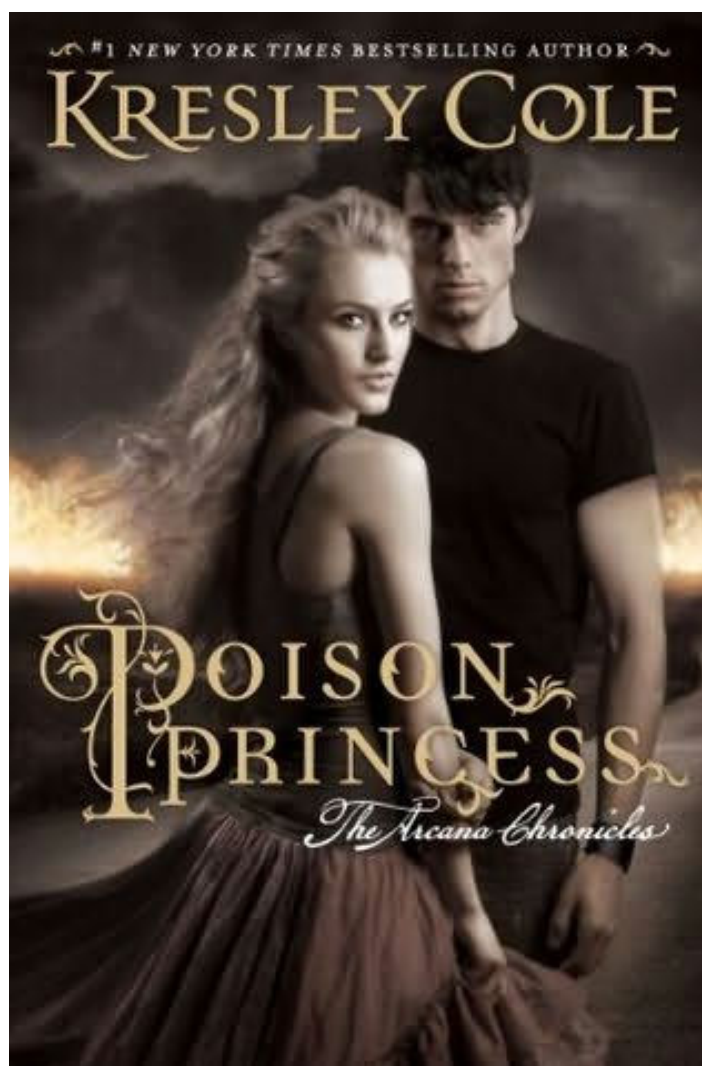


Crônicas Arcanas 01



Kresley Cole







PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Revisão Inicial: UTA e Tininha

Revisão Final: Fidalga

Formatação: Lucilene

Resumo

Em sua estreia para o público mais jovem, a autora Best Seller do New York Times apresenta um mundo sombrio e intrigante, cheio de indizíveis perigos e um romance irresistível.

22 cartas dos Arcanos. 22 adolescentes escolhidos. Deixe as cartas caírem onde podem.

Evie Greene, de dezesseis anos, tem alucinações terríveis prevendo o apocalipse, e o fim do mundo trouxe todos os novos tipos de poderes. Com a terra arrasada e poucos sobreviventes, Evie forma uma equipe com o bonito e perigoso Jack Deveaux numa corrida para encontrar respostas. Eles descobrem que uma antiga profecia está se cumprindo, e Evie não é a única com poderes especiais.

Um grupo de adolescentes foi escolhido para reviver a batalha final entre o bem e o mal. Mas nem sempre está claro quem está em qual lado...

Os personagens das cartas de Tarô são reais.

O Caçador, o Bobo, a Morte, os Amantes... e outros dezoito Maiores Arcanos de todos que existem. Estes guerreiros, fêmeas fatais, mágicos e demônios, cada um têm poderes excepcionalmente letais.

E estão vindo por mim.

Para sobreviver terei que abraçar minhas próprias habilidades aterrorizantes — e me associar com o perigosamente bonito Jack Deveaux, uma das poucas pessoas que conheço que também sobreviveu ao Flash. Mas se Jack contemplar o que realmente sou, me abandonará ao meu destino...?



Comentário das Revisoras

Comentário Tininha: Livro sensacional!!! Acho que nunca fizemos um livro tão empolgante. Não teve um capítulo que não foi devorado, degustado e que não nos surpreendeu. A série realmente não é pra adolescente, é para um amante da leitura. Maravilhoso!!!

Vamos aos fatos: Os Arcanos são as cartas do tarô. E Evie, nossa adolescente dessa história é uma juvenzinha bastante normal até que começa a ter pesadelos com o fim do mundo. Criaturas estranhas, situações apocalípticas, e sua mãe rejeita suas visões.

Por outro lado temos Jack, que é o Bad Boy da cidade, e simplesmente não é aceito, apesar de ser um TDB. Evie fica mexida, mas mantém a pose... até o apocalipse. Aí vcs terão que ler, pois o que eu disser será spoiler.

Maravilhoso. Eu e Uta devoramos o livro e ficávamos enviando aos poucos para Fidalga, que dessa vez deu o troco me contando o que vinha pela frente. Mas adorei...rs

Seria um filme fantástico se fosse filmado. O livro é tenso, algumas partes bem angustiantes, nada hot, mas fabuloso! E aguardamos ansiosas o outro. E o outro... leiam!

Comentário Fidalga: Diferente de todos os livros que já revisei até hoje. Já estou vivendo a DPLB. Deprê Pós Livro Bom. A kresley se superou nesta história. A perfeição e a riqueza de detalhes que usa para retratar todos os cenários por onde os personagens vivem sua jornada, é primorosa. Leiam sem preconceito com relação ao tema sobrenatural do livro porque é apenas mais um acréscimo a intensidade dos sentimentos e das desventuras que esses jovens terão de enfrentar ao ver o mundo que conhecemos deixar de existir e terem que se adaptar a uma nova realidade, muito cruel. O homem vivendo no limite da sanidade, sem compaixão, fazendo uso dos instintos mais primitivos na luta pela sobrevivência. Leiam por favor! Bjim



Prólogo

DIA 246 APÓS O FLASH.

REQUIEM, TENNESSEE

BASE DA CADEIA MONTANHOSA DE SMOKY MOUNTAINS

Ela é tão adorável, tão frágil. Aqueles olhos assombrados. Aqueles lábios de botão de rosa... irão gritar tão lindamente.

Espio pela brecha da porta, incitando a garota para que se aproxime. Uma *mulher* tão perto! *Venha para mim.*

Num entardecer cheio de cinzas, ela caminha pela calçada em frente à minha casa vitoriana queimada, lutando com a indecisão de se aproximar ou não.

Ventos frios agitam sua pesada cabeleira loira. Ela usa um jeans desbotado, botas gastas pela caminhada, e tem as mãos enterradas nos bolsos de um moletom com capuz surrado.

Suas roupas não são apropriadas para a temperatura lá fora, que só recentemente caiu desde o calor castigador que tivemos durante todo o inverno. O clima *piorava* enquanto o verão se aproximava...

Ela levantou o olhar. Captou o aroma de comida vindo da minha casa? Tenho sopa enlatada de carne e legumes esquentando no topo de um fogão a lenha. Ela notou a fumaça saindo da chaminé?

Parece faminta; depois do Flash, eles sempre estavam com fome.

Tudo em minha toca existe para atraí-la até mim. Se a lanterna forte de querosene não for um farol para viajantes, eu tenho um cartaz — escrito com marcador de texto e coberto com plástico — colado na porta:

VOZES DO FLASH

REFEIÇÕES QUENTES, ABRIGO SEGURO, APENAS ME CONTE SUA HISTÓRIA DO APOCALIPSE.

Minha casa está realmente bem situada em uma encruzilhada na cidade fantasma. A maioria dos meus hóspedes me conta que suas vidas também são encruzilhadas.

Mais cedo ela me seguiu à distância, observando quando limpei as ervas daninhas para descobrir a placa queimada de boas-vindas da cidade.

Requiem, Tennessee, população 1212.

O Flash reduzira aquele número para um único dígito. Agora somos apenas eu e os meus.

Enquanto trabalhava na placa, assobieei uma canção alegre para conseguir o efeito desejado. Ela achará que sou uma pessoa decente, tentando ser normal.

Agora parou, olhando direto para a porta. Ela já decidiu. Posso ver isso em seus ombros delgados.



Conforme se aproxima da entrada, vislumbro suas feições de maneira mais distinta. Ela tem talvez um pouco mais de um metro e sessenta. Sua figura graciosa e rosto delicado me dizem que não pode ter mais que dezesseis anos. Mas a pista de curvas femininas que eu detecto debaixo do moletom indica que é mais velha. Seus olhos são da cor de uma centáurea — a cor forte em contraste com suas bochechas pálidas — mas eles estão desolados. Aquela vira-lata conhecia a perda.

Quem não conhecia desde o apocalipse?

Está prestes a conhecer mais. *Venha mais perto.*

Ela hesita em pisar na varanda. *Não, venha para mim!* Depois de respirar fundo, se dirige à minha porta; estremeço em antecipação, uma aranha em posição em sua teia.

Já sinto uma conexão com aquela garota. Já disse isso no passado — outros como eu já falaram de um laço com suas vítimas — mas desta vez realmente sinto uma tensão não precedente.

Eu quero possuí-la tanto que mal contenho um gemido.

Se conseguir fazer com que entre, ficará encurralada. A maçaneta de dentro está faltando; o único jeito de abrir a porta é com o meu alicate. As janelas são feitas de metal, inquebráveis. Todas as outras portas que dão para fora estão fechadas com pregos.

Ela levanta a mão e bate de leve, então recua um passo nervoso. Espero vários segundos — *uma eternidade* — então bato os pés como se me aproximasse.

Quando abro a porta com um sorriso largo ela relaxa um pouco. Não sou o que esperava. Não pareço muito mais velho do que meus vinte e tantos anos.

Na verdade, sou mais novo. Próximo à idade dela, imagino. Mas minha pele foi desgastada com o Flash. Meus experimentos também pesaram na minha juventude.

Mesmo assim as garotas lá em baixo, minhas ratinhas, garantem pra mim que sou o homem mais bonito que já viram. Não tenho razão para pensar o contrário.

Ah, mas minha mente parece centenária. *Um homem sábio disfarçado de menino.*

— Por favor, saia desse frio. — eu digo a ela, abrindo mais meu braço. — Olhe pra você — deve estar congelando!

Ela espia desconfiada para dentro da casa, o olhar indo de parede a parede. O interior é alegre, iluminado por velas. Uma colcha feita à mão cobre o braço do sofá. Uma cadeira de balanço posicionada em frente ao fogo da lareira.

Minha toca parece segura, aconchegante, uma casa de avó. E deveria; uma velha morava ali antes que eu a matasse e fizesse desse meu lar.

A garota olhou aquela cadeira de balanço e o fogo na lareira com nostalgia, mesmo assim seus músculos ainda estavam tensos, prontos pra fugir.

Fingindo tristeza, eu digo.

— Temo que seja somente eu. Depois do Flash... — Deixo a voz morrer, deixando-a pensar que meus entes queridos se perderam no apocalipse.

Tenha pena de mim. Até que veja pela primeira vez o seu novo colar.

Finalmente, ela atravessa a soleira da porta! Para evitar urrar de prazer, mordo o interior da bochecha até sentir o gosto forte de sangue na língua.



De algum modo consigo um tom firme quando digo a ela.

— Eu sou Arthur. Por favor, sente-se perto do fogo.

Sua forma frágil está tremendo, seus olhos arregalados quando me olha.

— Obrigada. — Ela se dirige à cadeira de balanço. — Eu sou Evangeline. Evie.

Atrás dela, furtivamente guardo meu alicate no bolso e fecho a porta. Quando a ouço fechar, sorrio.

Ela é minha. Nunca deixará esse lugar.

Se continuaria viva ou morta ali dependia dela.

— Está com fome, Evie? Tenho sopa no fogo. E talvez um copo de chocolate quente?

— Sim, p-por favor, se não for muito incômodo. — Ela senta, levantando as mãos para as chamas. — Estou faminta.

— Volto logo. — Na cozinha coloco a sopa em uma tigela, arrumando o jantar cuidadosamente em uma bandeja. É a sua primeira refeição comigo. Precisa ser perfeita. Em coisas assim, sou meticuloso. Minha roupa não tem uma mancha, meu cabelo é primorosamente penteado. Meu kit organizado de bisturis fica dentro do bolso do meu blazer.

A masmorra, entretanto, é outra história.

Ao lado da tigela adiciono uma xícara de chocolate quente, feito do meu diminuto estoque de água. Do açucareiro coloco uma colher de chá de um pó branco — que *não* é adoçante. Com cada gole da bebida, ela relaxará mais e mais até seus músculos falharem, embora sua consciência ainda permaneça ativa.

Imóvel, mas ainda assim consciente. É importante que ela experimente a nossa comunhão completamente. Minhas misturas caseiras nunca falham.

De fato, está na hora do meu próprio elixir. Retiro uma garrafa com tampa do meu armário, bebendo seu conteúdo claro e amargo. Meus pensamentos ficam ainda mais centrados, meu foco mais aprimorado.

— Olha aqui. — digo quando volto. Seus olhos ficam arregalados com a generosidade. Quando ela lambe o lábio inferior cheio, a bandeja treme em minhas mãos. — Se puder pegar aquela mesinha...

Ela quase salta para me ajudar a colocar a bandeja em cima, e quase no mesmo instante já está comendo. Eu sento no sofá — não muito perto, com cuidado para não ficar muito em cima dela.

— Então, Evie, tenho certeza que viu o cartaz lá fora. — Ela assente, muito ocupada mastigando para dar uma resposta verbal. — Quero que saiba que fico feliz em ajudá-la. Tudo o que eu peço é que compartilhe alguma informação comigo. — *E grite quando tocá-la, estremeça sempre que me aproximar de você.* — Estou arquivando histórias, tentando juntá-las para o futuro. Precisamos de uma história de como a vida das pessoas foi abalada por essa catástrofe.

Isso é essencialmente verdade. Gravo as histórias das minhas garotas — o passado dos meus objetos — e depois os seus gritos.

— Estaria interessada em compartilhar?

Ela me olha cautelosamente enquanto termina a sopa.

— O que gostaria de saber?



— Gostaria que me contasse o que aconteceu nos dias antes do Flash. E então como você lidou com os resultados. Vou gravar o que diz com isso. — Aponto para o velho gravador em K7 na ponta da mesa e dou um sorriso tímido. — Antigo demais, eu sei.

Ela pega a caneca, levanta-a e sopra.

Beba garotinha.

Quando ela toma um gole, eu solto o ar preso. Ela está fazendo um brinde à sua própria perdição, ao nosso começo.

— Então só vai me gravar falando?

— Isso. — Quando levanto para tirar a bandeja, ela agarra a caneca, segurando-a próxima ao peito.

— Evie, tenho mais na cozinha. Vou trazer uma garrafa cheia.

No momento em que volto com uma garrafa e uma caneca para mim, ela já tinha terminado a dela. Seu moletom agora estava amarrado em volta da cintura, e conforme ela atíça o fogo, sua camiseta de mangas curtas se molda aos seus seios.

Agarro na aba da minha caneca tão forte que temo que vá parti-la. Então franzo o cenho. Normalmente não sinto tanta *luxúria* pelos meus objetos. Misturar negócios com prazer é... confusão. Mas sua atração é intoxicante. Mais cedo na cidade, quando a vi pela primeira vez, a desejei, imaginando-a em minha cama, abrindo os braços para mim.

Poderia ser ela a única?

Ela voltou para a cadeira, interrompendo minha visão.

— Por que quer saber sobre *mim*? — Sua voz tinha um arrastado sotaque sulista.

Depois de pigarrear, respondo.

— Qualquer um que chegue até aqui tem uma história de sobrevivência a contar. Incluindo você. — Sento no meu canto no sofá. — Quero saber sobre a sua vida. Antes e depois do Flash.

— Por que antes?

Para ter uma base para a história da minha mais nova cobaia. Ao invés disso, eu digo.

— O apocalipse virou a vida de todos de cabeça para baixo, alterando as pessoas. Para sobreviver, elas tiveram que fazer várias coisas que nunca pensaram que poderiam. Quero o máximo de detalhes possíveis... Você não precisa me dizer seu sobrenome, se isso a deixa mais confortável.

Por cima da caneca, ela murmura.

— Minha vida ficou de cabeça para baixo muito antes do Flash.

— Como assim? — Estendo a mão e pressiono o botão de gravação. Ela não parece se importar.

— Nas semanas que o antecederam eu tinha acabado de chegar em casa depois de um verão fora. E as coisas estavam tensas.

— Onde ficava sua casa? — Eu pergunto, quase suspirando ao olhar para a garota. Suas pálpebras ficam um pouco mais pesadas, e as ondas loiras do seu cabelo brilham sob a luz do fogo. Ela coloca o comprimento sedoso por cima do ombro, e eu capto uma pitada do seu cheiro — sublime, de flores.



Mesmo oito meses do pós-Flash e com todos os rios e lagos evaporados, ela consegue cheirar com o frescor de quem tinha acabado de sair do banho. Incrível. Diferente dos ratos fedorentos na masmorra.

— Minha casa ficava na Louisiana, em uma linda fazenda com um canavial e era chamada de Haven¹. — Ela se inclinou para trás na cadeira, fitando sonhadoramente o teto, lembrando-se. — Tudo à nossa volta era um mar sem fim de cana verde.

De repente acho imperativo saber *tudo* sobre aquela garota. Por que estava sozinha? Como conseguiu chegar tão longe assim ao norte sem nenhum homem a protegendo? Se os Saqueadores não a pegassem, então os traficantes de escravos ou as milícias com certeza o fariam. Percebo que ela deve ter perdido seu protetor recentemente — razão pela qual uma garota tão linda assim estaria sozinha.

Quem ganha sou eu.

— Em que sentido as coisas estavam tensas em casa? — O que será — um conto de conflitos com seus pais, castigo por ter chegado tarde em casa ou um rompimento com o fortão do ensino médio? — Pode me dizer. — Eu lhe dou um aceno sério. Ela respira fundo e morde o lábio. Naquele momento sei que tomou a decisão de me contar tudo.

— Arthur, eu... eu tinha acabado de ser liberada de uma instituição psiquiátrica.

Ela me olha por debaixo dos cílios, avaliando minha reação enquanto que parecia temê-la. Eu consigo impedir meu queixo de cair.

— Instituição psiquiátrica?

— Andei doente no trimestre final do meu segundo ano no colégio, então a minha mãe me fez ir para uma clínica em Atlanta.

Aquela garota foi enviada dos céus para mim! Eu também andei *doente*. Até ter testado minhas misturas em mim mesmo, eventualmente descobrindo uma cura.

A ideia dela de doença e a minha provavelmente se diferenciaria em um nível gritante... mas eu poderia *ensiná-la* a aceitar e abraçar a nossa escuridão.

— Não posso acreditar que estou contando isso. — Ela franze o cenho, então sussurra. — Não consegui contar os meus segredos a ele.

Ele — seu protetor anterior? Preciso conhecer esses segredos! Ela me dá outro sorriso suave.

— Por que me sinto tão à vontade com você?

Porque uma droga está agindo nesse momento, relaxando você.

— Por favor, continue.

— Eu tinha apenas chegado em casa há umas duas semanas e coisas estranhas começaram a acontecer de novo. Estava perdendo a hora, tendo pesadelos e alucinações tão realísticas que não conseguia dizer se estava dormindo ou acordada.

Aquela garota problemática era tão frágil em mente quanto em corpo. *Ela é minha. Enviada pelos céus.* Sei que posso transformar a mínima centelha de loucura e fazer com que a insanidade ganhe vida. Começo a suar por conter minha agressão.

¹ Em Inglês, refúgio, abrigo.



Ela não nota, porque outra vez está estudando o teto, pensando no passado.

— Uma semana antes do Flash seria o dia que o ano escolar começaria, sete dias antes do meu aniversário de dezesseis anos.

— O seu aniversário foi no primeiro dia depois do Flash? — Eu pergunto com minha voz alta de empolgação. Ela assente. — O que aconteceu então?

Levantando um pé para a cadeira, ela usa o outro para se balançar levemente.

— Lembro-me de me vestir para a escola na segunda-feira de manhã — minha mãe estava preocupada que não eu estivesse pronta para voltar. — Ela exalou. — Mamãe estava certa.

— Por quê?

Evie encontrou o meu olhar.

— Eu vou te contar. Toda a minha história. E tentarei me lembrar o máximo possível. Mas, Arthur...

— Sim?

Seus olhos estão brilhando, sua expressão envergonhada. Tão lindamente miserável.

— O que acredito que aconteceu pode não ser o que realmente ocorreu.



Capítulo 1

DIA 6 ANTES DO FLASH

STERLING, LOUISIANA

— Como está se sentindo? — Mamãe perguntou com um olhar avaliador. — Tem certeza que está pronta para isso?

Terminei meu cabelo, plantei um sorriso e menti entre dentes.

— Definitivamente. — Embora já tivéssemos discutido aquilo, disse pacientemente. — Os médicos me disseram que voltar a uma rotina normal poderia ser bom para alguém como eu. — Bem, ao menos três dos meus terapeutas achavam isso.

Os outros dois insistiam que eu ainda estava instável. Uma arma carregada. Problema com a possibilidade de explodir e gerar escombros.

— Só preciso voltar para a escola, ficar perto dos meus amigos.

Sempre que eu citava os terapeutas para ela, mamãe relaxava um pouco, como se essa fosse uma prova de que eu realmente dava ouído a eles.

Conseguia me lembrar de muita coisa que os médicos disseram — porque elas me faziam esquecer muitas coisas da minha vida antes da clínica.

Com as mãos juntas nas costas, minha mãe começou a andar pelo meu quarto, seu olhar indo aos meus pertences — uma Sherlock Holmes bonita e loira procurando algum segredo que ainda desconhecesse.

Não encontrou nada; eu já havia escondido meu contrabando na mochila.

— Teve um pesadelo ontem à noite?

Ela me ouviu acordar gritando?

— Não.

— Quando reviu suas amigas, contou a alguma para onde realmente foi?

Mamãe e eu tínhamos contado a todos que eu fui para uma escola especial que ensinava como se “comportar” de maneira apropriada. Afinal, nunca era cedo demais para preparar uma filha para aqueles clubes de moças do sul.

Na verdade, fui internada no *Children’s Learning Center*, uma clínica comportamental para crianças e adolescentes. Também conhecida como *Última Chance*.

— Não contei a *ninguém* sobre o CLC. — eu disse, horrorizada com a ideia das minhas amigas, ou do meu namorado, descobrirem. Especialmente ele. Brandon Radcliffe. Com seus olhos cor de mel, sorriso de ator de cinema e cabelo castanho claro encaracolado.

— Bom. Esse assunto só diz respeito a nós.

Ela fez uma pausa na frente do grande mural do meu quarto, inclinando a cabeça de modo desconfortável. Ao invés de uma bonita aquarela ou de ilustrações estilo retro-funk, pintei uma paisagem sombria de videiras emaranhadas, carvalhos altos e céu escuro descendo sobre montanhas de cana-de-açúcar. Sabia que ela tinha considerado pintar por cima do mural, mas temia que tivesse chegado ao meu limite e que acabaria me rebelando.

— Tomou seu remédio agora de manhã?



— Como sempre, mamãe. — Embora não possa dizer que minhas pílulas amargas tenham feito muito com relação aos meus pesadelos, elas afastavam mesmo as alucinações que me atormentaram na última primavera.

Aquelas alucinações terríveis foram muito reais, deixando-me temporariamente cega para o mundo à minha volta. Mal terminei meu segundo ano, desafiando as visões, treinando a mim mesma para agir como se nada estivesse errado.

Em uma dessas ilusões, vi chamas cruzando um céu noturno. Debaixo das ondas de fogo, ratos e serpentes que fugiam enchiam o pátio frontal de Haven, até o chão parecer como se estivesse ondulando.

Em outra, o sol brilhava — à noite — queimando os olhos das pessoas até que escorressem pus, modificando seus corpos e apodrecendo seus cérebros. Eles se tornaram zumbis bebedores de sangue, com peles que pareciam papéis de embrulhar pão amassados que expeliam uma secreção com cheiro de algo em decomposição. Eu os chamava de *bicho-papão*...

Meu objetivo a curto prazo era simples: Não voltar para o CLC. Meu objetivo a longo prazo era um pouco mais desafiador: Sobreviver o resto do segundo grau para poder escapar para a universidade.

— E você e Brandon ainda estão juntos? — Mamãe quase soou descrente, como se não entendesse por que ele ainda sairia comigo depois da minha ausência de três meses.

— Ele estará aqui daqui a pouco. — Eu disse num tom insistente. Agora ela tinha me deixado nervosa.

Não, não. O verão inteiro ele me enviou mensagens fielmente, embora só me fosse permitido responder duas vezes por mês. E desde o meu retorno na semana passada, ele vinha sendo maravilhoso — o meu namorado alegre e sorridente me trazendo flores e me levando ao cinema.

— Eu gosto de Brandon. Ele é um garoto tão bom. — Ao menos mamãe concluiu seu interrogatório matinal. — Fico feliz que tenha voltado, querida. Ficou tudo tão quieto aqui em Haven sem você.

Quieto? Eu morria de vontade de falar: “Sério Karen? Sabe o que é pior do que quieto? Lâmpadas fluorescentes estalando vinte e quatro horas por dia lá no centro. Ou talvez o som da minha companheira de quarto com tendências suicidas chorando enquanto atacava a própria coxa com um garfo. Que tal risadas aleatórias e sem motivo?”.

Mas também, aquelas últimas foram minhas.

No fim, não disse nada sobre o centro. *Só mais dois anos e tchau.*

— Mãe, tenho um dia cheio. — Coloquei a mochila no ombro. — E quero estar lá fora quando Brand aparecer. — Já o fiz esperar por mim o verão inteiro.

— Oh, claro. — Ela me seguiu pela escada, nossos passos ecoando em uníssono. Na porta, ela colocou meu cabelo atrás das minhas orelhas e me deu um beijo na testa, como se eu fosse uma garotinha. — Seu xampu tem um cheiro ótimo... acho que vou pegar emprestado.

— Claro. — Forcei outro sorriso e então saí. O ar enevoado estava tão parado — como se a terra tivesse exalado, mas esquecido de inalar de novo.



Desci os degraus da varanda, e depois me virei para olhar a casa majestosa que tanto tinha sentido falta.

A casa de Haven era uma enorme mansão de vinte e dois aposentos, com doze grandiosas colunas na frente. Suas cores — uma madeira próxima a um creme clarinho, persianas do verde floresta mais escuro — permaneciam inalteradas desde que foram originalmente construídas para a minha tataravó.

Doze carvalhos maciços circulavam a estrutura, seus galhos espalhados crescendo juntos em alguns lugares, como um monstro de cem toneladas encurralando sua presa.

Os moradores locais achavam que a casa de Haven parecia assombrada. Vendo o lugar banhado em névoa, eu tinha que admitir que isso era justo. Enquanto esperava, vaguei pelo pátio da frente até uma fileira próxima de canas, inclinando-me para cheirar um caule roxo. Áspero, mas doce. Uma das folhas verdes emplumadas estava enroscada, de modo que parecia abraçar minha mão. Isso me fez sorrir.

— Vai levar chuva logo. — murmurei, esperando que a seca em Sterling finalmente acabasse.

Meu sorriso aumentou quando vi um lustroso Porsche conversível acelerando pela nossa estrada, um borrão vermelho. Brandon. Ele era o bom partido mais invejado da nossa comunidade. Estava no último ano. Era um *quarterback*. Rico. O trio perfeito para um namorado.

Quando ele parou o carro abriu a porta do carona com um sorriso.

— Ei, garotão.

Mas ele franziu o cenho.

— Você parece... cansada.

— Fui me deitar tarde. — respondi, dando uma olhada por cima do ombro ao jogar minha mochila no minúsculo banco de trás. Quando a cortina da cozinha se abriu, mal me impedi de revirar os olhos. *Só dois anos e tchau...*

— Está se sentindo bem? — O olhar dele estava cheio de preocupação. — Podemos comprar café no caminho.

Fechei a porta.

— Claro. Tanto faz. — Ele não tinha elogiado meu cabelo — meu vestido *Chloé* azul bebê de alcinha com comprimento um pouco acima do joelho, a fita de seda negra que prendia meu cabelo em um rabo-de-cavalo ondulado, minha sandália *Miu Miu* da mesma cor presa aos tornozelos. Meus brincos de diamante e relógio *Patek Philippe* serviam como minhas únicas joias.

Passei semanas planejando aquela aparência, dois dias em Atlanta comprando tudo e a última hora me convencendo de que nunca estive tão bem.

Ele encolheu os ombros enormes, o assunto esquecido e saiu pela entrada de Haven, os pneus cuspidos fragmentos de cascalhos conforme passávamos por acre após acre de cana-de-açúcar.

Assim que chegamos à estrada, uma pista gasta remanescente da velha rodovia da Louisiana, ele disse.

— Está tão calada hoje.

— Tive sonhos estranhos à noite. — Pesadelos. Nada de novo nisso.



Sem exceção, meus sonhos bons eram cheios de plantas. Eu via vinhedos e rosas desabrocharem diante de mim ou brotos germinarem ao meu redor. Mas ultimamente, em meus pesadelos, uma mulher ruiva maluca com olhos verdes brilhantes usava aquelas mesmas plantas para... machucar pessoas, de maneiras horrendas. Quando suas vítimas imploravam por misericórdia, ela ria deliciada.

Vestia uma capa e estava parcialmente oculta por um capuz, então não conseguia ver seu rosto inteiro, mas ela tinha a pele pálida e tatuagens verdes no estilo de heras descendo pelas duas bochechas. Seu cabelo vermelho selvagem estava repleto de folhas.

Eu a chamava de bruxa vermelha.

— Desculpe. — disse com um tremor. — Eles meio que me deixam com medo.

— Oh. — O comportamento dele me dizia que se sentia pouco à vontade com o assunto. Uma vez eu lhe perguntei se tinha pesadelos, e ele me olhou sem expressão, incapaz de se lembrar de algum.

Esse era o lance com Brandon. Ele era o cara mais feliz e otimista que eu já conheci. Embora tivesse o corpo de um urso — ou de um jogador profissional de futebol — seu temperamento era mais adoravelmente canino do que de urso.

Secretamente eu colocava muita fé nele, esperando que a sua normalidade pudesse me arrastar do alto das minhas visões de devastação. O que era o motivo de ter enlouquecido ao pensar nele conhecendo outra garota e rompendo comigo enquanto estava trancada no CLC.

Agora parecia que pelo menos uma coisa estava dando certo. Brandon se manteve fiel. A cada milha que nos distanciávamos de Haven, o sol ia brilhando com mais e mais força, a névoa desaparecendo.

— Bem, eu sei como deixar minha garota animada. — Ele me deu seu sorriso travesso.

Não tinha como não me encantar.

— Ah, é, garotão? Como?

Ele saiu da estrada e parou na sombra de uma árvore de noz-pecã, os pneus esmagando as nozes caídas. Depois de esperar que a poeira baixasse, ele apertou um botão e desceu o capô do conversível.

— A que velocidade quer ir, Eves?

Poucas coisas me empolgavam mais do que voar pela estrada sem o capô. Por um bilionésimo de segundo considero como reparar a perda total do meu penteado — *fazendo uma trança de escamas de lado* — então disse a ele.

— Pisa fundo.

Ele acelerou. O motor ronronando com poder. Com as mãos levantadas joguei minha cabeça para trás e gritei.

— Mais rápido!

A cada marcha ele passava dos limites antes de trocar, até o carro esticar as pernas. Conforme as casas passavam que nem borrões, eu ria com prazer.

Os meses que se passaram eram uma lembrança apagada comparada àquilo — o sol, o vento, Brandon me dando sorrisos animados. Ele estava certo; aquilo era exatamente o que eu precisava.



Só o meu ursinho em forma de jogador de futebol para me fazer sentir livre de preocupações e sã outra vez. E aquilo não merecia um beijo?

Tirando meu cinto, fiquei de joelhos, levantando um pouco meu vestido para poder me inclinar por cima dele. Pressionei meus lábios na pele macia e barbeada de sua bochecha.

— Exatamente o que o médico me receitou, Brand.

— Você sabe que sim!

Beijei seu maxilar largo de novo, então — como a minha experiente melhor amiga Melissa tinha me instruído — esfreguei o nariz em sua orelha, deixando-o sentir minha expiração.

— Ah, Evie. — ele disse com dificuldade. — Você me deixa louco, sabia disso?

Estava tendo uma ideia. Sabia que brincava com fogo o provocando daquela forma. Ele já tinha me lembrado de uma promessa que eu fizera bem antes de ter ido embora para a escola de boas maneiras: se ainda estivéssemos juntos quando fizesse dezesseis (eu era bem jovem para estar no segundo ano), jogaria com a minha última carta, a V. Meu aniversário era na próxima segunda...

— O que diabos esse cara quer? — Ele exclamou de repente.

Afastei minha cabeça de Brandon e vi que ele olhava algo atrás de mim. Dei uma olhada para trás e meu estômago despencou.

Um cara em uma moto estava encostado em nós, mantendo a velocidade do carro, dando uma checada em mim. O capacete era espelhado, então não podia ver o seu rosto, mas sabia que estava olhando para a minha bunda.

Primeiro instinto? Colocar o traseiro no banco, desejando que meu corpo desaparecesse no estofamento de couro. Segundo instinto? Ficar onde estava e fulminar o perverso com o olhar. Aquela era a *minha* manhã, meus risos, minha corrida no carro esporte luxuoso do meu namorado. Depois de um verão passado em um inferno fluorescente, eu *merecia* aquela manhã.

Quando me virei para olhar com raiva por cima do ombro, vi que o capacete havia abaixado, definitivamente prestando atenção no meu traseiro. Então ele levantou a cabeça devagar, como se passasse os olhos em cada pedacinho meu.

Pareceu ter passado horas até que chegasse aos meus olhos. Tirei o cabelo do rosto, e nós nos encaramos por tanto tempo que me perguntei quando é que ele sairia da pista.

Então ele me deu um aceno curto e passou a toda por nós, desviando de um buraco de maneira habilidosa. Mais dois motoqueiros seguiram. Cada moto com duas pessoas. Eles buzinaaram e gritaram, enquanto o rosto de Brandon ficava tão vermelho quanto seu carro.

Eu me consolei sabendo que provavelmente nunca os veria outra vez.



Capítulo 2

Para preservar o trabalho da pintura, Brand estacionou nos fundos do estacionamento da de Sterling High. Mesmo entre os vários Mercedes e Beamers, seu carro atraía atenção.

Saí do carro e peguei minha mochila, grunhindo devido ao peso, esperando que Brand entendesse a indireta. Ele não entendeu. Então, em uma manhã já sufocante, eu carregaria sozinha as minhas coisas.

Disse a mim mesma que gostaria que ele não me ajudasse com meus livros. Brand era um homem moderno, que me tratava como igual. Disse isso a mim mesma inúmeras vezes enquanto seguíamos a longa caminhada em direção à entrada do colégio. Provavelmente era o melhor. Estava com o meu caderno de desenho secreto na bolsa e aprendi do pior modo a nunca deixá-lo fora do meu alcance.

Quando chegamos ao campo recém-irrigado alguém arremessou uma bola de futebol americano e os olhos de Brand se prenderam a ela como o de um cachorro. De algum modo ele interrompeu seu olhar treinado para me olhar com uma expressão inquisitiva.

Eu suspirei, ajeitando o cabelo — desesperadamente trançado enquanto chegávamos à fronteira de Sterling.

— Vá. Vejo você lá dentro.

— Você é a melhor Eves. — sorriu — com covideiras — seus olhos brilhantes cor de mel. — Acho que até *you* consegue chegar lá sozinha.

Eu fui, de fato, intencionalmente desafiada. Para alguém que não tinha um osso de maldade no corpo, ele tinha uma tendência para disparar comentários venenosos.

Lembrei a mim mesma que Brandon tinha um bom coração, ele simplesmente não se tocava. Tinha começado a perceber que ele era um *bom garoto*, mas que ainda não era um *grande homem*.

Talvez eu pudesse ajudá-lo com aquilo. Ele plantou um beijo doce nos meus lábios e correu com uma mão levantada para pegar a bola.

Indo até as portas de entrada, passei por um arbusto com duas papoulas vermelhas — minha cor favorita. Uma brisa soprou, fazendo parecer que as flores acenavam para mim.

Desde que posso me lembrar, sempre amei as plantas. Desenhava rosas, carvalhos, videiras e arbustos compulsivamente, fascinada com suas formas, seus botões, suas *defesas*. Meus olhos se entrecerravam só sentindo o cheiro de terra revirada.

O que era parte do meu problema. Eu não era *normal*.

Adolescentes deveriam ser obcecadas com roupas e garotos, não com o cheiro de terra nem com as sinuosidades dos arbustos.

Venha, toque em mim... mas você pagará um preço.

Um Beamer azul-metálico freou em uma vaga a poucos centímetros de mim, o motorista recorrendo à buzina. Melissa Warren, minha melhor amiga e irmã de coração.

Mel foi uma criança hiperativa que era alheia à vergonha e nunca conheceu a timidez. E ela sempre pulava em cima antes de olhar. Fiquei de fato surpresa que ela tivesse conseguido



sobreviver ao verão fora do país sem mim. Éramos melhores amigas há uma década — mas sem dúvida, eu era o cérebro da dupla.

Não podia ter sentido mais sua falta.

Considerando seu um metro e cinquenta e cinco, Mel saiu do carro com velocidade surpreendente, levantando seus braços e estalando os dedos.

— É assim que se estaciona um carro, vadias. — Mel estava passando por essa fase no momento onde chamava todo mundo de vadia.

Sua mãe era conselheira da nossa escola, porque o pai de Mel financiou a nova biblioteca de Sterling High — e porque a Senhora Warren precisava ter um hobby. A maioria dos pais entendia que, se Melissa Warren era produto das habilidades de seus pais, então não deviam pôr muita fé nas habilidades de aconselhamento da Senhora Warren.

Hoje, Mel usava uma saia plissada azul marinho e uma camiseta em estilo baby-doll que provavelmente custara uma fortuna e que nunca seria usada outra vez. Seu batom brilhante Dior era de um vermelho clássico combinando com seu cabelo castanho avermelhado preso com uma tiara do mesmo tom de azul. Colegial chique.

Rapidamente ela abriu o porta-malas, tirou a mochila de grife e prendeu as chaves no carro. Com um dar de ombros, juntou-se a mim.

— Ei, olhe por cima do meu ombro. É Spencer que está no campo com Brand?

Spencer Stephens III, melhor amigo de Brand.

Quando assenti, ela disse.

— Ele está olhando para mim agora, não está? Com cara de apaixonado?

Ele não estava olhando para Mel.

— Este ano vou levar nosso flerte a um novo nível. — informou-me Mel. — Ele só precisa de um empurrãozinho na direção certa.

Infelizmente Mel não sabia como dar um empurrãozinho. Ela golpeava *duro*, torcia os membros do adversário com impunidade e não estava acima da ocasional gravata. E isso se ela gostasse de você.

Em um tom irritado, ela acrescentou.

— Talvez se seu namorado pudesse — finalmente — ajeitar as coisas entre a gente.

Brand riu da última vez que pedi a ele, dizendo.

— Assim que você domesticá-la. — *Lembrete a si mesma: Peça outra coisa hoje.*

Mais duas amigas nossas nos avistaram. Grace Anne usava um vestido amarelo de cetim que favorecia sua pele perfeita cor de café com leite. As joias de Catherine Ashley brilhavam a uma milha de distância.

Nós quatro éramos líderes de torcida populares. E eu tinha orgulho disso.

Elas sorriram e acenaram animadamente como se não as tivesse visto todos os dias na última semana, enquanto falávamos sem parar sobre as nossas férias. Mel trabalhara como modelo em Paris, Grace foi ao Havaí, e Catherine passeou pela Nova Zelândia.

Depois que declarei o meu verão o mais entediante de todos os tempos de forma repetitiva, elas pararam de perguntar sobre ele. Não tirei fotos, não tinha imagem nenhuma no meu celular por três meses, nada digno de um upload.



Era como se nem mesmo houvesse existido. Mas cumpri meu papel admirando suas fotos com sonoros “oh” e “ah” — imagens borradas e cortadas da Torre Eiffel e tudo mais. As fotos de Brand — dele sorrindo na praia ou nas pomposas reuniões sociais de seus pais, ou em um iate cruzando a costa do Golfo — foram uma punhalada no coração porque eu também deveria estar presente em todas elas.

Na última primavera, eu estive. Ele tinha uma pasta inteira no celular cheia de fotos e vídeos de nós dois nos divertindo.

— Que vestido lindo, Evie. — disse Catherine Ashley.

O olhar de Grace Anne era avaliador.

— *Tudo* está lindo. A trança boêmia, o vestido básico e os saltos românticos. Muito bem.

Com um suspiro, eu provoqueei.

— Ai, se minhas amigas também soubessem se vestir.

Conforme caminhávamos em direção à entrada, estudantes paravam e se viravam. Garotas checando o que vestíamos. Garotos checando o aumento das nossas curvas no verão.

Algo engraçado sobre o nosso colégio — não havia grupinhos como se via nas séries de TV, só níveis de popularidade.

Acenei para pessoas diferentes aqui e ali, mais para diversão das minhas amigas. Eu basicamente era amiga de *todos*.

Ninguém jamais sentou sozinho na minha hora de almoço. Nenhuma garota andava pelos corredores com alguma disfunção fashion sob a minha supervisão. Eu até interrompi a venda de passes de elevador aos calouros em nosso campus de um único andar.

Quando chegamos à entrada do prédio branco, percebi que a escola era exatamente o que eu precisava. Rotina, amigos, *normalidade*. Aqui eu podia esquecer toda a loucura, todos os pesadelos. Aquele era o meu mundo, meu pequeno reinado...

O ruído repentino de motos fez todo mundo se calar, como uma agulha arranhando um vinil. Não tinha como serem os mesmos caipiras de antes. Aquele grupo parecia velho demais para o ensino médio. Mas nós não tínhamos passado por eles no caminho?

Mas também, não era como se a cidade fina de Sterling possuísse muitos motociclistas. Olhei pra trás de mim, vi os mesmos cinco garotos de antes. *Agora* estava pronta para me afundar no estofamento de um carro.

Todos estavam vestidos com roupas pretas; no meio das calças cáqui sempre presentes entre nosso corpo estudantil, eles se destacavam como hematomas. O garoto maior — o que tinha me secado — deu a volta no murinho do campo com a moto, estacionando bem ao lado. Os outros o seguiram. Notei que as motos deles tinham partes que não combinavam. Provavelmente roubadas.

— Quem são *eles*? — Perguntei. — Vieram armar confusão?

Grace respondeu.

— Não ouviu? São um bando de delinquentes da Escola Secundária de Basin.



Escola Secundária de Basin? Basin era uma área completamente diferente, do outro lado da barragem. *Basin* era sinônimo de *Cajun*².

— Mas por que eles estão *aqui*?

— Vão estudar em Sterling! — Disse Catherine. — Por causa daquela ponte nova que construíram cruzando a barragem, os garotos que vivem na periferia da bacia agora vivem mais perto de nós do que da antiga escola deles.

Antes da ponte, aqueles Cajuns teriam que rodear o pântano inteiro para chegar ali — cinquenta milhas, pelo menos.

Até mais ou menos a última década, o pessoal dos canais viveram isolado. Eles ainda falavam o francês dos Cajun e comiam pernas de sapo.

Embora nunca tenha estado em Basin, todos os empregados de Haven vinham de lá e a minha avó maluca ainda tinha amigos lá. Eu sabia muito sobre a área, um lugar com fama de ser repleto de mulheres de sangue quente, homens paqueradores incorrigíveis e de incrível pobreza.

Mel disse.

— Minha mãe teve que ir a uma reunião de emergência na noite passada a respeito de como melhor adaptá-los ou algo do gênero.

Eu quase senti pena daquele grupo de garotos. Sair de sua pobre comunidade Cajun — e firmemente Católica — para a nossa cidade rica de Protestantes da Louisiana...?

Choque cultural, primeiro round.

Isso estava realmente acontecendo. Eu não só teria que ver o cara que me secou sem vergonha nenhuma, como estaria na mesma escola que ele.

Estreitei os olhos, impaciente para que ele tirasse o capacete. Ele tinha uma vantagem sobre mim e eu não gostava disso. Levantou-se da moto, revelando a estrutura alta. Tinha que ter mais de um metro e oitenta, mais alto até do que Brand. Usava botas gastas, jeans surrado e uma camiseta preta apertada sobre o peitoral.

Ao seu lado havia um casal em uma moto — um garoto com calça camuflada e uma garota de minissaia de couro. O grandão a ajudou a sair da moto, levantando-a com facilidade...

— Meu Deus! — disse Catherine — Bom saber que a calcinha sexy dela é rosa. Na verdade estou chocada que esteja usando uma. Tão elegante como uma punk rock.

Mel assentiu pensativamente.

— Agora finalmente vejo quem compraria kits de vajazzling³.

Grace Anne, usuária orgulhosa de um anel da pureza, contorceu o rosto em uma expressão de nojo.

— Com certeza vão mandá-la para casa por usar uma saia curta assim.

Sem mencionar a camiseta expondo a barriga que ela usava, onde se lia: ENCHI A CARA NA RUA DE MERDA!

² Descendentes dos franceses que migraram da Acádia, no Canadá, e se estabeleceram na Louisiana, EUA.

³ Adesivos de pele para a região pélvica da mulher.



Assim que ele colocou a garota de pé, ela tirou o capacete, revelando um cabelo castanho comprido e um rosto que acrescentava mais um nível inferior com um batom de tom fúcsia incandescente.

O garoto magricela que estava pilotando a moto também tirou o capacete. Tinha cabelo louro escuro e um rosto comprido, o qual não era *feio*, mas que ainda me lembrava uma raposa.

Ele acelerou a moto, assustando duas pessoas que passavam por perto, e seus amigos riram.

Ou melhor, uma doninha. *O sentimento de pena já era.*

Finalmente, o grandão levantou os braços para tirar o capacete. Ele o tirou, sacudiu o cabelo e levantou a cabeça. Meus lábios se abriram.

Mel vocalizou meus pensamentos:

— Eu não estava esperando por isso.

Um emaranhado de cabelo negro da cor do piche caiu pela testa dele, com mechas sobressalentes por cima das orelhas. Seu rosto era altamente bronzeado, com uma mandíbula acentuada e um queixo forte.

Parecia ter mais que dezoito anos. No geral suas feições eram agradáveis, até mesmo belas. Porém nem se comparava à beleza estilosa de Brandon, o garoto era atraente do seu próprio jeito bruto.

— Ele é *lindo*. — disse Catherine, seus olhos brilhando com interesse. Nós a chamávamos de *Cristalrine* porque ela nunca conseguia simular suas reações, mostrando-as para quem quisesse vê-las.

As pessoas passavam por nós no corredor, especulando sobre os recém-chegados:

“Minha empregada é de Basin. Ela disse que todos os cinco são delinquentes com ficha na polícia.”

“Ouvi falar que o altão esfaqueou dois caras no Bairro Francês. Ele acabou de cumprir um ano de pena numa penitenciária!”

“O loiro está fazendo o segundo ano pela terceira vez...”

Doninha e o grandão começaram a andar em direção a entrada, deixando a garota e os outros dois fumando, à vista de todos.

O grandão tirou uma garrafa do bolso de trás. Na escola? Notei que os dedos dele estavam enfaixados com esparadrapo por alguma razão. Enquanto Doninha olhava com desprezo para todos que passavam, seu amigo apenas estreitava os olhos com um ressentimento enervante, como se tivesse nojo dos alunos da escola.

Quando se aproximaram consegui captar algumas de suas palavras. Eles falavam em francês cajun.

Minha avó me ensinou — antes de ser mandada embora — e por anos ouvi os trabalhadores da fazenda conversarem. Enquanto passavam pelos campos de Haven em suas botas de trabalho, eu os seguia com minhas botas em miniatura, escutando avidamente seus contos incríveis sobre a vida dentro dos canais.

Eu entendia bem o dialeto. Não que fosse algo com o qual me exhibir, já que mal conseguia entender francês corretamente.



Vi Doninha olhando com raiva para um grupo próximo de quatro líderes de torcida. Quando se aproximou as garotas ficaram visivelmente nervosas; ele gritou “BOO!” e elas gritaram de susto.

Doninha riu da reação das garotas, mas o outro só fitou-as de cara fechada, murmurando:

— *Couillonnes*. — Ele pronunciava *cu-ions*. Idiotas.

Qualquer inclinação ínfima de ser amigável com os novos estudantes — como era de praxe para mim — morreu. Eles estavam mexendo com a *minha* tribo cáqui.

Então Doninha apontou para mim com um sorriso irônico.

— Não é você a garota *jolie*⁴ naquele Porshe? — Seu sotaque Cajun era tão forte quanto qualquer outro que já ouvi. — Dá uma viradinha e levanta esse vestidinho pra eu ter certeza.

As expressões chocadas das minhas amigas me fizeram levantar os ombros, recusando-me a ser intimidada por qualquer um daqueles garotos. Eles chegaram em nosso domínio agindo como se fossem os donos do lugar.

Com um sorriso radiante, eu disse.

— Bem-vindos à *noossa* escola. — Meu tom era parte amigável, parte cortante — uma mistura tão perfeita de mel e fel que eu deveria patenteá-lo. — Meu nome é Evie. Se precisarem de assistência para se locomoverem pelo *nosso* campus, é só procurarem — outra pessoa.

Se possível, o olhar cheio de malícia de Doninha aumentou.

— Bem, que doce você é, Evie. Eu sou Lionel. — Ele pronunciou *Lai-nel*. — E esse aqui é o meu *parceiro* Jackson Deveaux, também conhecido como Jack Daniels.

Por causa da garrafa? Que lindo.

Os olhos de Jackson eram de um cinza vívido contra sua pele bronzeada, e eles varriam meu rosto e corpo como se não visse uma garota há anos — ou como se não tivesse *me* visto há minutos atrás.

Lionel continuou.

— A gente não precisa de ass-is-tên-cia para achar o caminho não, mas você pode nos assistir com outra coisa...

Jackson golpeou as costas de Lionel com o ombro, forçando-o a andar. Enquanto seguiam pelo corredor, o Cajun grandão disparou em voz baixa.

— *Coo-yôn, tu vas pas draguer les putes inutiles?*

Meus olhos se arregalaram quando entendi suas palavras.

Catherine disse.

— Vocês viram como aquele garoto olhava para Evie?

— Eu não entendi nada daquela baboseira que eles falaram. — disse Mel. — E acabei de voltar de Paris. — Ela se virou para mim. — Então, o que o grandão disse?

Grace perguntou.

— Você fala Cajun?

— Um pouco. — *Muito*. Apesar de não querer que todos em Sterling soubessem que eu falava a “língua Basin”, traduzi: — Idiota, vai ficar puxando conversa com uma dessas vadias inúteis?

⁴ Em francês: linda.



Catherine ofegou.

— Mentira.

Enquanto observava Jackson andando pelo corredor, notei admirada que a garrafa não era a única coisa que ele levava no bolso de trás do jeans.

Consegui ver claramente uma faca, a forma de uma lâmina sob o jeans surrado.

Então franzi o cenho. Ele estava indo para a *minha* sala?

Grace disse.

— Espera aí. O que aquele garoto quis dizer sobre você levantando o vestido em um Porsche?



Capítulo 3

No intervalo do almoço, Mel e eu estávamos sentadas numa manta em um ponto ensolarado do Pátio Éden, com as mangas e as saias enroladas.

À nossa volta, rosas e gardênia desabrochadas. Uma fonte de mármore borbulhava. Brand e Spencer estavam jogando sozinhos no campo ao lado, rindo sob o sol. E Jackson Deveaux?

Estava vagabundando bem à beira do nosso pátio com os outros Cajuns, bebendo da sua garrafa metálica enquanto os outros fumavam. E ele estava olhando para mim.

Ignore-o. Estava determinada a aproveitar o resto do intervalo relaxando com a minha melhor amiga; eu nunca daria por garantida aquela liberdade preciosa. Exalei. Ok, então talvez não estivesse precisamente relaxando. Andei nervosa desde que acordei naquela manhã de outro pesadelo com a bruxa vermelha.

Em cada um deles eu parecia estar presente com ela, assistindo de uma curta distância, forçada a testemunhar suas façanhas terríveis. Ontem à noite ela estava em um belo campo dourado, cercada por um grupo de pessoas encapuzadas, todas de joelhos. Ela estava de pé, elevando-se acima de suas cabeças curvadas.

Com uma risada, conjurou sementes ensanguentadas na frente delas, exigindo que as comessem, senão *destroçaria suas carnes e os estrangularia com videiras*.

Quando ela exibiu as garras, garras de um roxo sinistro que pareciam espinhos de rosas, suas vítimas choraram por misericórdia. Ela não deu nenhuma. No final, a pele esfolada deles realmente parecia tiras de fita...

Ávida por uma distração me virei para Mel, mas ela estava com os fones de ouvido, cantando distraidamente uma música de uma cantora de rock. Ela amava cantar; sua voz parecia dois gatos no cio brigando dentro de um cone de trânsito.

Com a luz e a maquiagem certa sua pele parecia deslumbrante, toda maçãs altas e cútis impecável. No momento ela estava uma gracinha, com sua boca um pouco grande demais, os olhos um pouco arregalados, as expressões cômicas ao invés de vem-cá-gostoso.

Éramos melhores amigas desde o jardim da infância, quando um garotinho inútil deu um chute na minha canela. Mel apareceu para salvar o dia. Falando com a língua entre os dentes da frente que faltavam, ela exigiu:

— Ele mexeu com você?

Assenti para ela, pressentindo que um abraço de simpatia viria e morrendo de vontade de recebê-lo. Mas ela se afastou e cuidou do garoto.

Agora se apoiava nos cotovelos, retirando os fones com o cenho franzido.

— Ok, ninguém nunca me acusou de ser perceptiva nem nada, mas até *eu* posso sentir aquele Cajun olhando para você.

Ele fez aquilo por um dia e meio.

— Imagine ter três aulas com ele. — Inglês, história e geociências. Sem mencionar que o armário de Jackson e o meu eram praticamente vizinhos.



— Além da sala de chamada. — Mel ainda estava com raiva por não estarmos juntas, porque fui exilada de todas as minhas amigas.

Ei, mas avaliei tanto Jackson quanto Clotile Declouet, a garota Cajun. Me sentei, torcendo o cabelo em um nó, dando uma olhada discreta de lado. Mais uma vez me acho em sua linha de visão. Ele estava sentado em cima de uma mesa de metal, as botas de motoqueiro gastas em um dos bancos, com seus amigos à sua volta.

Jackson estava com os cotovelos nos joelhos e o olhar fixo na minha direção, mesmo enquanto falava em francês com os outros. Ocasionalmente Clotile se inclinava para murmurar algo para ele.

— Acha que ela é a namorada dele? — Perguntei imediatamente me arrependendo quando Mel protegeu os olhos do sol para estudá-los descaradamente.

— Normalmente eu diria que os dois são perfeitos um para o outro.

Sem classe, conheça a bem humorada.

— Mas se eles estão juntos, então por que ele não para de olhar pra você? Como se já não tivesse o suficiente de imagens na mente para bater uma com essa idade.

— Isso não me faz me sentir melhor nem um pouco com esta situação, Mel.

— O que eles estão falando? — Ela adorava que eu desenterrasse toda a sujeira dos nossos alunos novos e encantadores.

Embora nunca tivesse me considerado boa em bisbilhotar, não era como se conseguisse desligar o meu francês, e os Cajuns continuavam falando na minha frente, completamente inconscientes.

— Estão debatendo se devem empenhar os laptops que a escola fornece.

Mel bufou e então ficou séria.

— Quanto você acha que eles conseguiriam...?

Na sala de chamada ontem quando um instrutor passou os computadores, Clotile e Jack fitaram as máquinas com surpresa; então Clotile passou os dedos por cima do dela, murmurando de forma sonhadora: *“Quel une chose Jolie”* que coisa linda. Como se fosse a posse mais preciosa que já teve.

Com uma pontada involuntária, percebi que provavelmente era. A cidade deles era basicamente um enorme pântano cheio de barracas com os telhados furados, várias até sem energia elétrica.

Por mais impressionante que aquilo me parecesse, aqueles garotos não teriam computadores — muito menos computadores só deles. Quando compreendi o quanto devia ser difícil para ela se ajustar àquela nova escola, eu a notei me olhando e fiz um “oi” com a boca sem som, com um sorriso.

Ela franziu o cenho por cima do ombro, depois para Jack — que tinha inclinado a cabeça em surpresa...

— Então, qual é o veredito? — Perguntou Mel. — Empenhar ou não?

— Lionel e Gaston planejam trocar por dinheiro imediatamente. Clotile e Tee-Bo vão ficar com eles. Jackson está preocupado com a condicional.

— Eu sabia que os boatos a respeito dele eram verdadeiros!



Quando eles eventualmente terminaram de beber/fumar e deram o fora, a atenção de Mel se concentrou em Spencer.

— Ele gosta mesmo de mim. Dá pra notar.

— Aham, claro. — Eu pedi a Brand mais uma vez para dar uma força, mesmo se fosse só marcando uma saída a quatro.

— Eu sei. — disse Mel. — Por que Spencer não gostaria de mim?

Às vezes, quando ela dizia coisas desse tipo, eu não conseguia dizer se estava brincando ou não.

— Então, o que vai fazer a respeito do safári de Brandon pelo hímen?

— Não faço ideia. — Tenho certeza que todos na escola estão se perguntando — meus dezesseis anos estavam se aproximando e tinha um namorado mais velho e muito mais experiente.

Como Mel resumira minha situação “Uma vez que um cavalo de corrida aprende a correr, não se pode esperar que ele fique andando devagar por muito tempo”.

Vi Brand rindo com outros garotos, seu rosto corado fazendo um contraste com sua camisa branca de botões. Ele estava soberbamente lindo.

E mesmo assim eu simplesmente não sentia uma paixão tal a ponto de querer experimentar sexo com Brand, e também nenhuma curiosidade avassaladora sobre a coisa. Embora me sentisse *entediada* com o assunto, não queria perdê-lo.

Teria que acontecer em algum momento.

— Só não gosto de ser pressionada. — Mesmo se tivesse feito aquela promessa pra começo de conversa. Mas eu estava desesperada para mantê-lo fiel o verão inteiro! — Eu... vou pensar nisso depois. — Falei num tom derrotado, sentindo-me ainda mais exausta.

— O que está acontecendo com você? Sempre tem toneladas de energia.

Dei de ombros, incapaz de dizer que os remédios me deixavam esgotada.

— Se vai ficar assim amuada, vou atrás de Spencer.

— Divirta-se. — Murmurei. — Nada de morder. Acorde-me antes do sino tocar.

Ela saiu de mansinho e logo a ouvi rir de maneira teatral de uma das piadas de Spencer.

Mas não consegui cochilar, ainda me sentindo como se estivesse sendo observada. Vasculhei a área com os olhos novamente. Todos estavam ocupados com o intervalo, como sempre.

Eu me forcei a fechar os olhos. *Pare de ser paranoica, Eve. Aproveite esse lugar, as flores...*

O cheiro delas me lembra do jardim de rosas da minha adorada avó em Haven. Ela o plantou debaixo do moinho e cuidava dele religiosamente antes do seu colapso. Não lembrava muita coisa dela, mas desde que voltei para casa, pensei nela mais e mais. Eu tinha oito anos quando a vi pela última vez. Num dia de verão escaldante da Louisiana, ela me dissera que nós íamos tomar sorvete. Me lembrei de pensar que devia ser o melhor sorvete do estado, porque nós dirigimos e dirigimos...

Franzi o cenho. O aroma das rosas estava ficando ainda mais forte. Irresistível.

Alguém estava segurando uma na frente do meu rosto? Era Brand?



Espreitei abrindo os olhos e pisquei em confusão. Dois caules de rosas tinham se inclinado na minha direção, rosas delicadas, uma de cada lado da minha cabeça. Enquanto observava, embasbacada, elas se aproximaram mais do meu rosto, para *tocar* minhas bochechas.

Pétalas suaves e cheias de orvalho me acariciavam enquanto minha mente voava e eu acordei com um grito...

— *Ahhh!* — Dei um pulo e fiquei de pé. Elas se retraíram bem rápido. Como se estivessem com medo — de mim.

Levantei o olhar. Vi estudantes me olhando fixamente. Mel me atirou um olhar confuso.

— T-tinha... uma abelha! — *Oh, Deus, oh, Deus!* Peguei minha mochila e corri para dentro em direção ao banheiro.

No corredor os sons pareciam abafados. Passei por pessoas sem falar com elas, ignorando todos que se aproximavam de mim.

Quando alcancei a pia, joguei água no rosto várias vezes. *Controle-se. Rejeite a alucinação.* Eu estava ficando doente outra vez? Achei que estava curada!

Inclinando para frente, estudei meu rosto no espelho. Mal me reconheço. Mas não pareço louca; pareço... assustada. *Eu vou perder tudo?*

Agarrei a borda da pia. Talvez tivesse adormecido e experimentado outro sonho esquisito?

Sim! Era isso, eu simplesmente cochilei. Meu remédio me impedia de alucinar. Não tinha alucinado nenhuma vez em Atlanta. Nem um só episódio. Isso fazia sentido. Afinal, eu não experimentei meus sintomas comuns de alucinação. Na última primavera, toda vez que tinha uma visão, sentia uma sensação borbulhante na cabeça e no nariz, como se tivesse tomado um refrigerante muito rápido...

— Mas que diabos, Greene? — Mel foi entrando. — Tem medo de abelhas agora?

Dei de ombros, odiando mentir para ela. Ela notaria meus tremores?

— Você tem andando tão estranha desde que voltou de *Quentlanta*⁵. Ainda maaaaais devagar do que estava na primavera passada. Nervosa, também. — Mel arregalou os olhos. — Oh, já sei. Suas amigas da escola de boas maneiras te apresentaram algumas drogas?

Revirei os olhos.

— Estou falando sério. Deus me ajude se estiver se drogando — Mel apontou para o teto — sem mim, haverá consequências, Evie Greene!

— Juro a você que não estou usando drogas ilícitas.

— Oh. — Ela se acalmou um pouco, satisfeita. — Você está bem?

— Estou bem agora. Dormi, e quando acordei tinha uma abelha bem no meu rosto. — A mentira tinha gosto de giz na minha boca.

— Oh, merda! Porque não disse então? Eu estava prestes a agendar uma confrontação da turma com você.

— Eu não... era só uma abelha... — Parei de falar porque uma hera estava subindo pela janela atrás de Mel. Crescendo diante dos meus olhos, começou a serpentear pela parede.

Como uma cobra enorme e verde...

⁵ Quente + Atlanta.



O sino tocou. A hera recuou, levando consigo um pedaço enorme da minha sanidade.

— Vou pegar nossas coisas. — disse Mel. — Vejo você nos armários. — Mas na porta ela se virou. — Ei, anime-se. Parece até que alguém morreu.

Quando tentei mexer os lábios com uma resposta, ela saiu pela porta.

Evie Greene, versão 1.0, descanse em paz.



Capítulo 4

Dia 4 Antes do Flash

Enquanto me sentava esperando que a aula de história do Sr. Broussard começasse, rabiscava no caderno de desenho contrabandeado e tentava ignorar Jackson, sentado a duas fileiras atrás de mim.

Mais fácil falar do que fazer. Tudo nele parecia exigir minha atenção. Especialmente já que ele e aquele garoto, Gaston, começaram a falar sobre garotas — para ser exata, as *várias* amigas de Jackson, suas *gaiennes*⁶.

Então lá em Basin Jackson era um jogador? *Está numa liga diferente agora, Cajun.*

Voltei a desenhar meu último pesadelo. Três vezes nas últimas três noites sonhei com os assassinatos grotescos da bruxa vermelha.

Desenhar não era algo que fazia por diversão, era mais uma compulsão — como se eu temesse que se uma lembrança ruim não fosse transferida para uma folha, ela permaneceria e mancharia meu cérebro.

Enquanto os pensamentos vagavam, meu lápis começava a se mexer. Virei o pulso para traçar linhas mais fortes, desenhando as sombras lentamente, e a última vítima da bruxa ganhou forma — um homem pendurado de cabeça para baixo em um galho de carvalho, preso por videiras cheias de espinhos.

Diferentemente da vinha delicada e tímida que encontrei ontem no banheiro, as videiras que o prendiam eram mais grossas, chicotes farpados que se retorciam em volta dele como uma anaconda. E a bruxa as controlava, fazendo que apertassem mais forte toda vez que o homem expirava.

Aqueles espinhos cravavam em sua pele como mil presas vorazes. Desenhei meticulosamente os contornos conforme escurecia os espinhos, dando-lhes forma.

A bruxa forçou as videiras a apertarem cada vez mais forte até que os ossos dele quebrassem — e seu sangue se derramasse. Ela o arrancava daquele homem como água de um tecido...

Quebrando, apertando. Ele não tinha fôlego para gritar. Um dos seus olhos saiu da cavidade craniana, preso ao crânio pelas veias. Enquanto desenhava aquilo, perguntava a mim mesma se ele conseguia ver por aquele olho.

Com desenhos assim, era fácil entender por que meu caderno já foi minha perdição.

Quando comecei a reclamar de sensações de formigamento na cabeça e visão borrada, mamãe me levou a uma enorme quantidade de médicos para fazer tomografias e exames, tudo negativo. Durante todo o tempo, fui capaz de disfarçar na frente de todos o quanto minhas alucinações eram pesadas. Então mamãe descobriu o meu caderno.

Confiei nela e revelei minhas alucinações apocalípticas. Grande erro.

⁶ Namoradas em Francês Cajun.



Depois de olhar com horror página após página — de cinzas e devastação, de muito bicho-papão asqueroso se aglomerando entre ruínas enegrecidas — ela tinha começado a ligar os pontos.

— Você não entende, Evie? Suas alucinações são sobre coisas que sua avó te *ensinou* quando era pequena. Esses homens estranhos do juízo final que você vê na rua? Eles não são muito diferentes deles! Olhando para trás posso ver que ela... ela doutrinou você com essas crenças. Sei por que ela tentou fazer o mesmo comigo!

Fiquei devastada. Você pode negar que é louca o tanto quanto quiser, mas quando um pai tem cópias fortes da sua loucura em mãos — e você tem uma família com histórico de doenças mentais — está ferrado.

Mamãe me tirou do Segundo ano algumas semanas antes que terminasse e então me levou para o CLC. Os médicos de lá usaram em mim o mesmo tratamento que usavam com aqueles garotos resgatados de cultos.

Minha desprogramação começara com uma única pergunta: “Evie, você entende por que deve rejeitar os ensinamentos da sua avó...?”

Respondi ao médico, falando com dificuldade devido aos medicamentos que me injetaram. Mas não conseguia lembrar muito bem da minha resposta...

Gaston me distraiu outra vez, perguntando a Jackson sobre sua mais recente *marca*. Era o correspondente Cajun para pontuação de conquista?

Dei uma olhada sorradeira para Jackson por cima do ombro. Em sua mesa ele só tinha o livro de história, algumas folhas de papel e um único lápis apertado com força em sua mão enorme. Sua expressão era convencida quando ele respondeu.

— *Embrasser et raconter? Jamais.* — Beijar e sair falando? Nunca.

Olhei em direção ao céu com irritação, então voltei ao meu caderno, terminando outro detalhe no desenho — o outro olho do homem sucumbindo à pressão, pendurado ao lado do primeiro.

Mas a pergunta seguinte de Gaston atraiu minha atenção novamente.

— *T’aimes l’une de ces filles?*

Jackson gostava de alguma das garotas dali?

Sua voz grossa respondeu:

— *Une fille, peut-etre.* — Uma, talvez.

Outra vez sinto seus olhos em mim. Mais cedo Mel perguntou.

— Ele acha mesmo que tem chance com você?

Eu meio que acreditava que sim, ele *achava*.

Ontem decidi evitá-lo. Não foi muito fácil. Diferente da maioria dos garotos, Jackson voltava ao seu armário ao fim de cada aula. Para ser justa, suas paradas podiam ser para reabastecer sua garrafa.

Mas, às vezes, ele dava um gole e me olhava com os lábios entreabertos, como se estivesse prestes a me perguntar alguma coisa.



Eu sempre lhe dava um sorriso frio, e então ia embora. E o Cajun galinha parecia surpreso por eu ser imune ao seu charme. Com certeza era atraente — algumas garotas suspiravam quando ele passava por elas...

Agindo como se estivesse fascinada com os inúmeros mapas nas paredes da sala, olhei por cima do ombro para avaliar sua aparência mais uma vez.

Seu olhar já estava em mim. Enquanto nos medíamos, a luz do sol brilhava pela janela atingindo seu belo rosto, acentuando seus olhos cinza e traços bem definidos.

Com aquelas maçãs do rosto, mandíbula quadrada e cabelo negro azeviche, ele provavelmente tinha ascendência Choctaw ou Houma⁷.

Não era de admirar que tivesse tantas *gaiennes*.

De onde veio esse pensamento? Eu me virei corando.

Mesmo se não tivesse namorado, nunca sairia com um motoqueiro em condicional. Que, se os boatos fossem verdadeiros, era o cabeça por trás de uma nova leva de roubos em Sterling.

Voltando ao desenho. Empalideci ao ver minha medonha descrição. *Rasgá-lo em tiras, estrangulá-lo com videiras*. Tão perturbador — mas não tinha ninguém em quem confiar. Ninguém para me dizer que as coisas iriam melhorar.

Se minha loucura fosse parecida com o que Vovó passou, eu queria que pudéssemos conversar. Ainda assim mamãe me proibiu de entrar em contato com ela, não queria nem que eu pensasse nela...

— Todos sentados. — disse Broussard. — Hoje vamos aprender um pouco sobre os Franceses Acadianos ou Cadians — mais comumente conhecidos como Cajuns.

Ele podia fazer todas as relações públicas que tivesse vontade sobre os Cajuns; todos já tinham opinião formada sobre os transferidos.

Sempre que Clotile rebojava pelo corredor em suas microminissaias e camisetas curtas, os garotos paravam e olhavam, interrompendo o tráfego. Os caras daquela cidade nunca conheceram uma garota tão obviamente disponível para transar e isso os estava deixando um pouco loucos.

A maioria dos estudantes saía do caminho de Jackson, cujo olhar de aço e faca de bolso não fazia nada para dissipar o boato de seus crimes.

Os três outros Cajuns eram problemáticos do mesmo jeito, chutando livros que os alunos carregavam ou colocando os pés na frente para que tropeçassem.

— Eles eram franceses que originalmente colonizaram a Acádia — começou Broussard — que é conhecida hoje como Nova Escócia. — Ele levantou uma vara de madeira para indicar o Canadá no mapa. — Quando os ingleses protestantes que controlavam a área lhe deram ultimatos — um dos quais foi mudar de religião ou ir embora — os católicos fervorosos acadianos migraram para a Louisiana, para habitar terras pantaneiras que todos assumiam que não tinham valor. Acadiano — Cadiano — Cajun. Entenderam?

⁷ Tribos indígenas norte-americanas.



Não poderia estar menos interessada naquele assunto. Só prestei atenção assim que Broussard terminou sua aula e começou a designar nosso trabalho final do semestre sobre história local.

Valendo quarenta por cento da nossa nota, seria um trabalho em dupla. Eu ouvia sem preocupação enquanto ele anunciava as dezesseis duplas; conseguiria trabalhar muito bem com quase todo mundo da sala.

— *Jackson Deveaux e Evie Greene.*

In-fer-no.

Dupla com o garoto que vinha me encarando há dias? Mordi o lábio, olhando para ele. Ele inclinou o queixo pra mim em reconhecimento.

Broussard disse.

— Na última metade da aula, sentem-se com o seu parceiro e acertem os encontros que terão e as pesquisas que cada um fará durante o semestre.

Encontrar com Jackson *um semestre inteiro*? Obviamente, eu teria que fazer o trabalho inteiro sozinha. Mas algo me dizia que o motoqueiro bêbado que deu uma secada na minha bunda no Porsche poderia insistir que “pesquisássemos” juntos.

Quando todos começaram a mover as mesas, ele bateu na cadeira ao seu lado com um sorriso convencido.

Ele esperava que eu saísse correndo para ficar perto dele? Para virar sua nova marca?

Eu não precisava disso! Minhas aulas já seriam cansativas se não tivesse que lidar com um criminoso em condicional tarado com frequência.

Uma queda nas notas era um dos sinais que minha mãe deveria olhar que poderia indicar uma recaída.

Quando me imaginei voltando para o CLC, levantei minha mão. Broussard me ignorou.

Dei um pigarro.

— Senhor Broussard, eu posso... — Minha voz se apagou quando ele se virou para mim, suas sobrancelhas grossas juntas em irritação.

— Evie, comece logo a trabalhar. *Agora.*

Decidi suportar os próximos trinta minutos, e então falar com Broussard depois da aula...

Jackson bateu na cadeira ao meu lado, seus olhos cinza furiosos. Fechei meu caderno às pressas, mas ele deve ter visto alguma coisa, porque franziu o cenho por um segundo antes de dizer.

— Você nem me conhece e já está querendo outro... parceiro?

Eu sabia que a palavra parceiro era difícil para ele falar, porque era a mesma coisa em Cajun para *amigo*.

— Não prefere ficar com Gaston?

— Eu te fiz uma pergunta. Por que quer trocar?

— Tudo bem. Porque quando você passou por nós na segunda me secou como um tarado confesso.

— O que devo fazer quando uma loira levanta a saia e se empina pra mim? Eu vou prestar atenção.



Olhei para os lados. Alguém ouviu aquilo? Baixinho, eu disparei.

— Eu não estava me empenhando para você!

— Você anda me secando do mesmo jeito, garota.

— Eu? — Inalando para ganhar calma, disse. — Qual é Jack, seja realista. Você sabe que uma pessoa como você e uma como eu nunca poderiam trabalhar juntos.

Com a voz mordaz, ele disse.

— Não me chame de Jack. Só meus amigos me chamam assim.

Problemas pra controlar a raiva é? Estava começando a acreditar no boato das facadas.

— Existem mil outras coisas das quais eu preferiria chamá-lo.

Meu nariz começou a coçar, o que me deixou ainda mais irritada. A sala escureceu. Talvez finalmente nós tivéssemos um pouco de chuva. Não caiu uma gota o verão inteiro.

Com uma olhada raivosa para Jackson para me fazer entender, olhei para fora...

O sol tinha... desaparecido.

A noite caía. E no céu, luzes celestes piscavam, carmesim e violeta, como fitas do Mardi Grass⁸. Fiquei boquiaberta quando chamas circundaram em arco a escola, aquelas luzes como uma coroa cintilante acima do fogo. Nos arredores, um rio de cobras serpenteando umas por cima das outras, suas escamas refletindo as luzes do céu. Ratos em pânico correndo ao lado das criaturas que normalmente os comeriam.

Aquelas chamas desciam, transformando-os em cinzas, tudo em cinzas.

O Apocalipse. Exatamente como as minhas visões da primavera passada. Eu pensei... pensei que estava *curada*, ao menos daquilo. Mas aquela sensação de arrepio na minha cabeça me dizia o contrário.

Rejeite a alucinação. Concentre-se; você está no controle, foco. Disse isso a mim mesma, mas tudo que podia pensar era: *Você está surtando, prestes a hiperventilar, no meio do inferno? Droga, eu tomei o remédio!*

Afastei o olhar, conversando comigo mesma. *Não é real, não é real*. Todo mundo na sala estava conversando, Broussard lendo com seus pés em cima da mesa.

Jackson fitava os punhos, respirando fundo. Controlando a raiva? Ele abriu a boca para falar...

Outra olhada na janela. Um garoto passeava pelas chamas do lado de fora, parando a alguns metros das janelas. Embora o fogo estivesse ao seu redor, não era atingido por ele.

Tinha traços comuns, uma massa de cabelo castanho escuro e olhos profundos e castanhos. Era alto, com o corpo de nadador, pouco musculoso. Um garoto atraente.

Nunca vi pessoas nas minhas alucinações! A não ser que contasse os bichos-papões sugadores de sangue...

— *Evie!* — O garoto imaginário estava falando comigo!? — *Onde estão seus aliados? Tanto a aprender. Não conhece os jogos. Alianças se formam!* — ele disse, seu comportamento perturbado. — *Cuidado com as antigas linhagens de sangue, as outras famílias que narram os*

⁸ Carnaval Católico comemorado principalmente em Nova Orleans.



fatoss. Eles sabem o que você é! Cuidado com a isca: uma criatura ferida, uma luz na escuridão, um banquete quando seu estômago se une. Aliados, Evie! Cuidado!

Ele estava... *falando... comigo.*

Talvez o teste verdadeiro da loucura seria se eu respondesse?

Também ouvi vagamente Jackson me falar algo. O quê? O quê? Eu me senti desequilibrar, como se o solo tremesse.

Haja normalmente, Evie. Você lembra como fazer isso. Responda ao Cajun como se não houvesse nada errado.

— Eu,  , s-sugiro que a gente fale com Broussard depois da aula para formarmos novas duplas.

Ele fechou a cara.

— Você não sabe nada a meu respeito.

— Sei o bastante... — *termine a frase* — o bastante para não confiar a você quarenta por cento da minha nota. — Aquilo saiu bem mais áspero do que eu pretendia.

A expressão dele se tornou ameaçadora.

— Você ao menos escutou o que eu estava te dizendo, há?

— *Você não se prepara.* — aquele garoto imaginário murmurou tristemente. — *Vou até o limite, o cachorro nos meus calcanhares, mas a lua está crescendo, Imperatriz. Você deve se preparar. Campo de batalha. Arsenal. Obstáculos. Inimigos. Começa justo no fim. E o Começo está próximo.*

Imperatriz? A palavra desenterrava lembranças proibidas de Vovó perguntando.

— A Imperatriz Evie quer sorvete?

Do lado de fora, a paisagem mudava. Os jardins da escola foram incinerados. Tudo estava morto. Eu poderia estar olhando para a superfície da lua. A náusea me queimava.

— *Observe o campo de batalha.* — disse o garoto, gesticulando para a desolação de cinzas. — *Arsenal?* — inquiriu em um tom esperançoso. — *Obstáculos? Inimigos? Não? Ah, você ouve miseravelmente!* — Então seu rosto brilhou. — *Da próxima vez falarei mais alto. E mais alto. E mais alto.*

Ele — e a cena inteira — desapareceram.

Mais alto? Não poderia aguentar aquilo nem mais baixo! Juntei minhas mãos estremecidas no colo enquanto lutava para esconder meu pânico. Jackson acabou de dizer outra coisa? Novamente, digo a ele.

— Vamos conseguir novos parceiros.

Ele ficou calado por muito tempo antes de ranger.

— Não acha que consigo fazer o trabalho? Não acha que sou inteligente o bastante?

Meu terceiro dia de aula. As visões apocalípticas retornaram. Eu estava louca.

Mais dois anos para ir embora dali? Eu não duraria nem duas semanas. Dei uma risada amarga.

— Está rindo de mim? — Ele apertou aqueles punhos enormes e envoltos em esparadrapo como se estivesse morrendo de vontade de bater em alguma coisa. Provavelmente no meu rosto.



— Do que mais estaria rindo? — Questionei de modo cáustico, na defensiva. Levei um segundo para perceber que tinha acabado de insultar profundamente o Cajun.

Sentia vontade de soluçar. Os remédios não estavam funcionando, eu não duraria os dois anos até a universidade e tinha acabado de ser odiosa com Jackson, mesmo que não tivesse desejado ser naquele nível.

Talvez pudesse me desculpar depois, dizer a ele que não vinha me sentindo bem...

— *Tu p'tee pute.* — Ele me jogou no rosto. *Putinha.*

Enrijeci. Esqueça aquele pedido de desculpas. Incapaz de me conter olhei pra janela outra vez. Aquele garoto não estava mais lá e o sol voltou a brilhar sobre a grama verde e as flores dolorosamente brilhantes.

Talvez tenha sonhado com aquela catástrofe. Talvez aquele dia inteiro fosse um sonho! Um efeito colateral dos meus medicamentos era a sensação de estar fora do próprio corpo.

Eu me sentia a milhões de milhas de distância.

Ou talvez aquela cena fosse tipo um resíduo da primavera passada — um sinal, um teste — para ver o quanto estava comprometida em ser normal.

Se aquela era uma prova de fogo, eu passaria nela. Passaria com louvor.

Jackson me olhava com ódio, apertando aquele lápis na mão até eu achar que fosse se partir. A tensão entre nós grunhia enquanto eu lutava contra a vontade de pegar o meu caderno para desenhar o rosto daquele garoto enigmático.

O relógio da parede fazia tique-taque como uma bomba.

Como eu conseguiria esconder os últimos acontecimentos dos olhos de águia da minha mãe durante um de seus interrogatórios? Pela maior parte da minha vida, Karen Greene foi a mãe ideal — engraçada, bondosa, trabalhadora. Mas ultimamente, parecia que uma estranha assumiu seu lugar, determinada a me punir por alguma coisa.

Se ela descobrisse que eu estava alucinando novamente, não teria dúvidas em me trancar em um lugar como o CLC indefinidamente.

Porque ela fez a mesma coisa com a própria mãe oito anos atrás.

Finalmente o sino tocou. Assim que o resto dos alunos saiu da classe, Broussard se pronunciou para Jackson e eu.

— O trabalho continua o mesmo. Vocês tem que se resolver.

O lápis de Jackson partiu em sua mão.

Brandon estava esperando por mim no meu armário, comendo uma maçã de maneira casual, tão abençoadamente imune a dramas e dúvidas. Entre mordidas, perguntou.

— Qual é o problema? Você parece estar prestes a surtar.

Ding, ding, ding. Então me lembrei de que o que sofri era apenas uma visão residual. Se fosse assim, que motivos teria para surtar?

— Estou bem. É só que vou trabalhar em dupla em história com Jackson Deveaux. Broussard não quis me dar outro parceiro.



— Deveaux deu uma trombada no meu ombro ontem. — disse Brand. — Não sei qual é o problema dele. Precisa que eu fale com ele?

Brand era um amante, não um lutador.

— Não quero que faça nada que acabe por te expulsar do time.

Além do mais, suspeitava que Jackson limpasse o chão com a cara dele.

— Esses garotos de Basin estão me irritando.

Ele assentiu.

— Odeio aqueles quatro delinquentes. — Palavras surpreendentes vindas de Brand. Normalmente ele era que nem eu se dava bem com todo mundo. — Mas a garota parece ok.

Parece, é? Ontem depois da aula de biologia, sorriu ao encontrar Brand esperando por mim, mas ele se virou ansioso quando uma Clotile sem sutiã passou desfilando — antes de eu pigarrear e arquear as sobrancelhas.

Ainda mais vergonhoso? Jackson viu tudo, rindo encostado à boca da garrafa.

Agora Brandon parecia esperar algo de mim. *O quê?* Meu cérebro virou mingau.

Jackson apareceu em direção do seu armário então, Lionel o seguindo. Quando empurrou o livro de história no compartimento, olhou para mim de modo assassino. Abaixei os olhos antes de me voltar para Brand.

— Tive uma ideia que quero discutir com você. — murmurou ele, baixando as pálpebras.

Oh. De volta àquilo. Desde que voltei tinha evitado o assunto da Minha Promessa, esperando que Brandon se tocasse.

Nas mensagens, ele tinha de fato começado a contar os dias que faltavam para o meu aniversário — como se tivesse um aplicativo que fizesse a contagem regressiva do rompimento do meu hímen.

Quando eu o peguei dando uma olhada no meu busto, sua expressão de ânsia, lembrei de um filme onde uma das heroínas tinha comparado seios a mísseis. Eu ri na época. Agora me admirava do quanto ela estava certa.

Consegui forçar um sorriso tranquilo.

— Vamos conversar depois do treino.

Ele se inclinou.

— Os pais de Spencer vão sair da cidade, não nesse fim de semana, mas no próximo. Então seria depois do seu aniversário...

Jackson estava perto demais, poderia ouvir aquela conversa particular!

—... você pode dizer à sua mãe que vai passar a noite com Melissa, e então ficar comigo.

— Brandon, falamos sobre isso *depois*. Então te dou minha resposta.

— Ok. Certo, claro. — Quando os amigos dele o chamaram, ele se abaixou para me dar um selinho e saiu correndo.

Enquanto pegava meus livros, ouvi Lionel dizer em francês.

— Estou surpreso que não tenha chegado nessa. — Ele me indicou com um movimento do queixo. — Ela não é o seu tipo, mas é linda.

Tipo de Jackson? Ele provavelmente preferia as bêbadas do Bayou que descascavam camarões.



— Ela é fria como gelo e é uma vadia arrogante. — respondeu Jackson em francês, a voz alta de raiva. — Só uma bonequinha inútil — bonita de se ver e nada mais que isso.

Quando Lionel riu, apertei os dentes, determinada a não deixá-los saber que eu entendia.

Oh, sou mais do que uma bonequinha inútil, Cajun. Sou uma com defeito. E se soubesse o que se passa na minha cabeça, faria o sinal da cruz e sairia correndo.

Ainda assim Jackson foi rápido. Seu olhar captou meus ombros enrijecidos e mandíbula apertada.

Com os olhos estreitados, ele me encarou enquanto continuava a dizer a Lionel, em francês.

— Deveria tentar algo com ela e se certificar de tirá-la do seu pedestal quando o fizer. Nunca conheci uma garota que precisasse mais de uma lição de humildade.

Tentei controlar minha reação, não sabia se consegui.

Quando o sino tocou e Lionel foi embora, Jackson cuspiu para mim.

— *Tu parles le Français Cadien?*

Hesitei por um momento, levantei os olhos e virei à cabeça por cima do ombro. Em um tom confuso, disse.

— Está falando *comigo*?

Olha a vantagem, Evie.

Jackson parecia estupefato.

— *Tu parles Français!*

— Hã? O que está dizendo?

Ele se aproximou com uma aparência perigosa, fazendo-me inclinar a cabeça para trás para manter seu olhar.

— Como se não soubesse.

Igualando o seu tom irado, eu anunciei.

— Eu não falo *Basin*. — Aquilo saiu ainda mais esnobe do que eu pretendia, mas para mim tudo bem.

Depois de infindáveis minutos, Jackson se virou em direção a sua sala, mas olhou para trás, apontando um dedo com curativo para mim.

— *Je te guette*. — Estou de olho em você.



Capítulo 5

Dia 3 Antes do Flash

Estava deitada na cama com os livros espalhados ao meu redor, o celular no modo silencioso na palma da mão, a tv ligada no mudo.

Nas Quintas à noite, Mel e eu sempre assistíamos *America's Next Top Model* juntas, comentando o programa via SMS.

Ela começou com: *Pegaria na hora a modelo ruiva.*

Mas eu não tinha energia para responder.

Vc tá aí?

Finalmente mandei, *Vc pegaria o manequim.*

HAHAHAHAHAHA vadia.

Sorri sonolenta, então voltei para o meu dever de casa. Li mesma frase várias vezes sem entender.

No final das contas, desisti, caindo de costas. Deitada como se estivesse morta, olhei ao meu redor.

Depois da minha estadia no gélido e sem luxo CLC, ainda não estava acostumada aos luxos de casa. Meu quarto aqui era espaçoso, com um *closet* separado onde você conseguiria se perder e raridades em móveis conseguidos via leilão no Sotheby⁹.

A quantidade astronômica de fios de algodão daqueles lençóis fabulosos me deixava com vontade de ronronar.

Tinha sentido falta até do meu mural. Antes de ter surtado na primavera passada, quando as coisas ficaram muito desesperadoras, desenhei as nuvens de tempestade mais negras e sinistras, e então fiz com que ardessem de relâmpagos. Eu me pegava olhando até mesmo agora...

Uma vibração de chegada de mensagem me distraiu.

Spence não ligou. QUE PORRA É ESSA Greene?

Tô cuidando disso, respondi com um enorme bocejo. Embora muita coisa dependesse das minhas notas, eu ainda não conseguia me motivar para estudar. Me convencendo de que nunca haveria um teste surpresa no dia seguinte — quer dizer, quais eram as probabilidades? — decidi ir dormir.

Com uma perna letárgica, empurrei os livros para fora da cama. Meu caderno de desenho já estava enfiado em segurança debaixo do colchão.

Digito: *Prestes a apagar. Falo com vc amanhã?*

Minhas respostas às mensagens de Brandon eram do mesmo modo, sem nenhum entusiasmo.

Mas vc nunca perde ANTM.

Embora pudesse ouvir a mágoa em sua mensagem, mesmo assim escrevo, *Noite. Cel e tv desligados.*

⁹ Sociedade de vendas por leilões conhecida mundialmente.



Na escuridão da noite, nossa velha casa ficava cheia de gemidos fantasmagóricos e envolta em névoa. A umidade inchava as tábuas, fazendo suas formas mudarem como se quisessem ficar mais confortáveis.

Em noites como aquela, um navio no mar era mais silencioso.

Haven era o único lar que eu conhecia. Podia sentir sua história, sentir a fazenda sofrendo. Desde que voltei, o tempo estava quase como um espirro, nuvens de chuva se formando sem cessar, só para se dissiparem sem sentido. A seca progredia...

Mas quando fechava olhos, encontrava meus pensamentos vagando para outra fonte de preocupação. Jackson Deveaux. Por cortesia do Cajun, minha semana tinha se deteriorado ainda mais. Como prometido, ele ficou de olho em mim, com a cara fechada o tempo inteiro. Como se estivesse sendo forçado a investigar algo que particularmente odiava.

Na aula de Inglês de ontem, ele olhou com ódio para o garoto atrás de mim, que ocupou a cadeira antes dele. Enquanto permanecia rija no assento, ele se inclinou para frente até que a consciência do corpo dele tão próximo houvesse penetrado meus sentidos. Fui capaz de ouvir sua respiração, sentir o cheiro do esparadrapo em suas mãos e um aroma amadeirado masculino que ruborizou minha pele. A sala tinha ficado escura quando outra leva de nuvens de uma tempestade fictícia encheu o céu da comunidade.

Então ele tinha começado a murmurar *le Français Cadien* para mim, me dizendo que sabia que eu podia entendê-lo e que provaria isso. Desejando frustrá-lo de qualquer maneira possível, não mostrei reação, mesmo quando ele disse em um tom rouco que eu cheirava *comme une fleur*, como uma flor.

Por que ele não me deixava em paz?

Enquanto me estudava, eu tentava analisa-lo. Uma coisa que notei? Quando ele achava que ninguém estava olhando, seu olhar ficava inquieto, como se ele ansiasse estar em outro lugar que não fosse onde estava no momento. E ele passava os dedos nus inconscientemente pelos esparadrapos nas juntas dos outros. Por que ele usava aqueles esparadrapos?

Joguei o braço no rosto. Por que estava pensando em Jackson ao invés de pensar no meu namorado? Não estava pensando com clareza! Deus, eu só precisava de uma boa noite de sono.

Embora minhas pílulas amargas e pequeninas não tivessem impedido a alucinação de ontem — ou melhor, meu *vislumbre residual* — elas ainda conseguiam me deixar sonolenta.

Olhei para o meu frasco de remédios. *Tempos desesperadores...*

Mais tarde naquela noite, acordei e me encontrei no caminho que leva até minha casa só de calcinha, sem lembrar de como havia chegado ali.

Pisquei várias vezes. Com certeza era um sonho, ou talvez até uma alucinação. A última coisa que me lembrava era que tinha tomado os remédios e adormecido na cama. Então, a qualquer minuto, acordaria *de verdade*.

A qualquer minuto...



Negativo. Ainda estava ali de pé, descalça no caminho pavimentado com conchas, usando nada a não ser uma calcinha estilo short e uma camiseta velha de um acampamento de líderes de torcida.

Merda.

Apertei os olhos para ver entre a névoa, tentando me localizar, mas mal pude ver alguns metros em frente a mim.

A névoa estava espessa e úmida como um espelho embaçado, escurecendo os relâmpagos acima. Raios amarelos, da cor de olhos de gato, se dividiam acima de mim. Me assegurando de que havia uma razão perfeitamente lógica para que aquela alucinação fosse mais real do que as outras, comecei a recuar em direção a casa, estremecendo quando as conchas afiadas que nem lâminas rasgavam meus pés delicados.

Naturalmente, nossa garagem era elevada, flanqueada por duas valas por todo o caminho até o jardim. O que queria dizer que eu estava presa na metade do caminho.

Uma pessoa estável poderia se perguntar por que não tinha cortes do percurso que fez para chegar até ali; não era como se eu tivesse surgido ali do nada.

Talvez por aquilo ser apenas um sonho? Eu me disse isso, mesmo enquanto soltava palavrões e bravejava passando por cima das conchas.

E para piorar a situação, outra vez me senti como se estivesse sendo observada. Corri a mão pela nuca. — *Ignore*

Um cavalo relinchou. Virei a cabeça, espiando por entre a névoa, mas não consegui determinar a direção do som.

Outro relincho nervoso — aquilo não poderia ter vindo do meu pônei gentil cochilando no celeiro. Apressei o passo.

Meus olhos se arregalam quando ouvi o som de cascos esmagando as conchas; um cavalo vinha correndo na minha direção. Vinha de trás de mim? De frente? Não sabia dizer!

Isso não é real. Você está no controle, concentre-se!

Difícil me concentrar quando meus pés estavam sendo cortados! — Merda, merda.

Cascos batiam mais perto... *mais perto*, enquanto eu saltava e gritava pelo caminho como um personagem de desenho animado.

Então ouvi metal batendo em metal, como o som de uma *armadura*?

Meus instintos vencem.

Ignorando a dor, comecei a correr para valer.

Finalmente o fim do caminho estava à vista. À minha direita, a casa de Haven surgia. À minha esquerda estava o começo do nosso canavial.

A casa era mais segura.

O canavial mais próximo.

Quanto de vantagem eu tinha do cavaleiro? As respirações pesadas daquele cavalo soavam diretamente atrás de mim. *Qual seria a distância dele?*

Uma lembrança da voz de vovó passou pela minha cabeça: — *A névoa mente Evie.*

Assim que o caminho se tornou o pátio frontal, desviei, acelerando em direção à plantação. Perto assim da colheita, a cana estava madura, duas vezes mais alta que eu. Poderia despistar



qualquer pessoa naquelas fileiras. Virei a cabeça para trás, mas só vi um borrão de alguém em cima do cavalo.

Correndo... correndo...

Ouvi um barulho, como se algo estivesse cortando o ar. Uma espada? Mesmo no meu pânico, algumas recordações provocavam o meu cérebro.

As canas estavam a seis metros.

Três metros.

Quando ouvi aquele som bem atrás de mim e senti uma brisa repentina na nuca, mergulhei na beira da fileira de cana, com os braços abertos à minha frente.

Por entre os caules, me coloquei de joelhos, mas o cavaleiro não me seguiu. Seu cavalo empinou com outro relincho, as pernas da frente se sacudindo no ar com cascos afiados.

Olhei para o meu perseguidor com o queixo caído. Ele usava uma armadura negra com um capacete espantoso. A arma que empunhava era uma gadanha¹⁰; agora presa na cela. Seu garanhão branco tinha os olhos vermelhos.

Quando ele esporeou a montaria para rodear a extremidade da plantação, eu lutei contra a compreensão.

Gadanha. Armadura negra. Cavalo branco.

Aquilo era... a Morte. A imagem clássica do Anjo da Morte.

A juba do cavalo flutuava em um vento que eu não sentia. As folhas leves como penas acima de mim estavam imóveis.

Enquanto o fitava, o som de fundo normal da fazenda — meu próprio cavalo relinchando no sono, gafanhotos emitindo ruídos — deu lugar para os sons do cascalho sendo revirado, daquela brisa se levantando, e do ocasional... chiado?

Atrás da Morte, a Casa Grande de Haven começou a desaparecer, transformada em um espaço de um negro brilhante, amontoados de pilares esmagados e pilhas de entulho. Como ruínas de cidades antigas?

Pressenti que aquele era o seu refúgio sem alma e árido, e que o plano em que ele vivia estava se impondo no meu.

Ele encontraria a minha metade do mundo — todo verde e nevado com o ar quente da noite — como eu, incompreensivelmente tinha encontrado o dele?

Se ele fosse embora, minha casa voltaria? Minha mãe dentro dela voltaria? Aquela alucinação tinha ido de loucamente errada para horripilante.

Não dá para processar isso!

Ele desmontou e caminhou até a beira do canavial, mas não entrava nele. *Por quê?*

Sua armadura negro piche claramente era de tempos remotos, mesmo assim não exibia nenhuma fissura. Porque ninguém nunca havia lhe golpeado? Ele tinha duas espadas com um aspecto terrível, uma de cada lado do quadril.

Finalmente, encontrei minha voz.

— Quem é v-você?

¹⁰ Arma que lembra o ceifador utilizado na agricultura.



— *Quem sou eu*, ela pergunta. — Minha pergunta o divertiu? — Vida em seu sangue, em tudo que toca — a voz dele era tão áspera quanto folhas secas, seu sotaque estrangeiro, embora não pudesse dizer de onde — e ainda assim ninguém lhe disse para esperar por *mim*? — Havia uma luz brilhando por trás da grade do seu capacete, como se seus olhos *cintilassem*.

— Do que está falando? — Eu exigi com o máximo de coragem que consegui. — O que quer? Outro chiado veio de sua toca, dentre aquelas ruínas atrás dele.

A Morte retirou suas luvas cheias de estacas de metal, revelando as mãos de um homem, pálidas e perfeitas.

— Você me conhece. Sempre me conheceu, muito antes da minha lâmina lhe atingir.

— Está louco — sussurrei, embora ele parecesse muito familiar para mim.

Ele se apoiou em um joelho na beira das canas e estendeu os braços para mim.

— Venha para mim, Imperatriz.

Imperatriz Evie, Imperatriz Evie...

Sua mão estava a poucos centímetros do meu braço, mas eu estava paralisada, petrificada pela luz que vinha de trás do seu capacete — até algo chamar minha atenção.

Atrás da Morte, avistei um horrível garoto com chifres — mas como um monstro corcunda — escondendo-se entre as ruínas. Fios de saliva se penduravam do seu lábio inferior.

A Morte seguiu a direção do meu olhar.

— Não dê atenção a Ogen, — disse ele. — El Diablo é um velho aliado meu.

— *Farei um banquete com os seus ossos*. — chiou Ogen para mim enquanto afiava um dos seus chifres na pedra. O rangido era insuportável, sacudindo o entulho como um terremoto, me fazendo querer gritar. — *Chuparei sua medula inteira enquanto você assiste*.

— Ignore-o. Só pense em mim. — A Morte se aproximou mais. — Esperei tanto tempo para vê-la outra vez. Não está pronta para acabar com isso?

As canas se curvaram de maneira não natural ao meu redor, como se para me enjaular. Vovó não chamava sempre os caules de “soldados de prontidão”?

As canas estavam tentando me proteger?

— Começa diretamente no Fim, Imperatriz. — Ele estendeu os braços outra vez, me procurando.

Afastei-me dele, fazendo uma careta quando a dor rasgou minhas pernas. Linhas de sangue gotejavam nas laterais das minhas coxas.

Como havia me cortado? Levantei as mãos, e ofeguei com horror.

Minhas unhas eram afiadas como lâminas, de uma cor vermelho arroxeada. Vi aquele tom sinistro mil vezes antes — aquela forma triangular. Pareciam com espinhos de rosas.

— Oh Deus, oh Deus... — Meu coração trovejou, minha respiração curta e rápida até que estava arfando. Garras de espinhos como as da bruxa vermelha? Minha visão ficou escura, borrando a Morte, sua toca, seu monstruoso aliado.

Comecei a rir. Sons histéricos saindo do meu peito, abafando as promessas da Morte de voltar para me pegar, para terminar a nossa batalha de uma vez por todas. Ainda estava rindo quando caí para trás, a cabeça batendo no chão.



Imediatamente, acordei sentada na minha cama, coberta de suor. Meus olhos varreram o quarto, voando pelas paredes pintadas à mão. A morte tinha desaparecido, Ogen também.

— S-só um sonho?

Justo quanto estava prestes a tirar o lençol para examinar minhas pernas e pés, ouvi passos no corredor.

Arremessei-me para trás, fechando os olhos um segundo antes da minha mãe entrar. Sem nem ao menos uma batida por cortesia.

— Evie, está acordada? — A luz do corredor entrava.

— Mãe? — disse, tentando soar sonolenta enquanto tentava checar desesperadamente o estado do meu um corpo. Meus pés estavam sangrando, minhas pernas? Estava coberta de terra? Minhas unhas tinham voltado ao normal?

Mas tudo o que eu sentia era um entorpecimento, como se meu corpo inteiro estivesse imerso em Novocain¹¹.

— Pensei ter ouvido você gritar.

O tom dela tinha aquela pontada de alarme. *Sherlock pressente a loucura...*

— Hã? Devo ter sonhado.

Ainda vestida com as roupas do dia, ela senta à beira da minha cama, seus pontos de luz de diamante brilhando.

— Seu rosto está tão pálido. Está doente?

— Não. Eu não. — Oh, Deus, se houvesse sangue nas minhas pernas, ele sujaria os lençóis? Se minha mãe visse aqueles cortes paralelos, provavelmente pensaria que eu era uma autoflageladora enrustida, como a minha companheira de quarto no centro.

— Estou preocupada com você, — disse ela. — Precisamos conversar sobre como você está agora que voltou para casa.

— Mãe, eu lhe disse, está tudo bem. — Minhas pernas *estavam* sangrando.

Outra ajeitada furtiva do lençol. Três tiras vermelhas estavam aparecendo. *Ela vai ver, ela vai ver...*

Endireite o lençol, dobre-o por cima. Isso. Melhor.

— Você voltou há quase duas semanas, mas não a ouvi rir nenhuma vez. Você sempre fazia brincadeiras, igualzinho ao seu pai. — Ela juntou as sobrancelhas. — Evie, o que...

Ela pôs as costas da mão na minha testa ensopada.

— Está tremendo? — Ela passou os braços ao meu redor, me balançando. — Estou aqui, meu bebê. O que está errado?

O que estava certo? Eu havia duplicado minha dose do dia — e agora estava *pior*.

— A-acho que foi só um pesadelo.

Ela se afastou.

— Uma alucinação?

— Não! Estava dormindo que nem uma pedra.

— Querida, me *diga* o que é que resolvo isso.

¹¹ Droga anestésica.



Não resolveu da última vez. A cura não durou! Ainda assim estava tão desesperada que me vi tentada a revelar tudo mais uma vez.

Ao invés disso, eu me isolei mais, determinada a me impor. Encontrei seu olhar firmando o meu tom.

— Eu direi quando precisar da sua ajuda.

Ela ficou surpresa com o meu comportamento.

— Oh. — Porque, por um breve momento, eu havia soado tão fria quanto ela. — Um, ok.

— Tenho um dia longo pela frente amanhã. E preciso mesmo dormir.

Já ficaria acordada por horas a fio, me convencendo de que sonhei com aquelas garras.

Mamãe se levantou. Seu olhar desconfiado, quase que assustado.

— Claro. E, bons sonhos, querida.

Assim que a porta se fechou atrás dela, puxei o lençol, fazendo careta antes de ver o que acreditava que veria.

A pele das minhas coxas estava criando cascas de sangue, mas meus pés estavam limpos e livres de cortes.

Talvez tivesse me cortado com as unhas no sono. Eu quis me prender àquela conclusão, ignorar o quanto a visita da Morte tinha sido realista.

Quando me lembrei da sua armadura, meus dedos coçaram para desenhar seu retrato.

Alancei meu caderno debaixo do colchão.

Com o lápis voando pela folha, suspirei repetidamente, — *Dois anos e acabou. Dois anos e acabou.* — Uma lágrima caiu na página, então mais uma e mais uma — três pontos borrados em cima da imagem sobrenatural da Morte.

Quando terminei o desenho, a pressão da tempestade dissipou. Nenhuma chuva para nossa colheita esta noite. E por eu ser louca, sofria *com* a plantação.

Dei uma olhada para uma das minhas pernas, convencida que meramente tinha me cortado durante o pesadelo. Com um palavrão, tirei o sangue encrostado.

A pele debaixo dele estava... sem marcas.



Capítulo 6

Dia 2 Antes do Flash

Passei meu tempo livre na Sexta no Pátio Éden, sentada à mesa de cimento cheia de ladrilhos, lambendo minhas feridas sozinha.

A ponto de chorar, tentei ignorar o fato de que uma leva de margaridas tinham se virado para me olhar — ao invés de se virarem na direção do sol.

Ao menos as rosas e as heras ainda estavam imóveis.

Na noite passada, antes de ter dormido — pela primeira vez — tinha me perguntado, *Quais são as probabilidades de um teste surpresa?*

Não tive um hoje.

Tive dois. E para piorar a desgraça? Quando tínhamos recebido nossos testes de Inglês, o de Jackson tinha todas as respostas, rabiscadas em uma caligrafia forte.

Embora nunca tenha tirado abaixo de B+ em nada, acumulei dois F em uma semana. Ao pensar nisso, meus olhos se enchem de lágrimas. Deitei meu rosto quente na pedra fria, lutando para não chorar.

Hoje quando pedi aos meus professores alguma maneira de compensar a nota... Os vadios disseram não.

Meu estômago fervia. Queda de notas. Não podia voltar para o CLC, se voltasse nunca sairia de lá.

Tinha de pensar qual seria o fundo do poço. Qual era a palavra no SAT¹² que indicava o pior resultado possível? *Nadir*¹³. Onde ficava o meu *nadir*?

Por quanto mais eu poderia falhar/perder/alucinar/enlouquecer? Depois do encontro com a Morte da noite passada, eu podia ter achado que teria uma folga de tanta coisa sinistra. Vai sonhando!

Assim que terminei o teste de Inglês, adormeci, sonhando outra vez com a bruxa vermelha. Comecei a rabisca-la agora. Naturalmente ela tinha acabado de matar. Suas videiras mancharam sua pele com o sangue de suas vítimas; ela gostou de usá-lo.

Tinha visto mais dela do que nunca. Seu rosto pálido era redondo, sua pele manchada por aquelas duas tatuagens brilhantes que corriam por suas bochechas. Não, não tatuagens, mas gravações — como marcas a ferro verdes e brilhantes. Embora tivesse sardas juvenis no nariz, ela parecia mais velha, talvez na metade dos vinte? Seus olhos eram de um verde cintilante, de puro mal.

Vi quando ela avançou até uma magnífica roseira, cortando com suas garras de espinhos uma das rosas.

De algum modo ela sugava energia da rosa, sugando sua vida enquanto jogava a cabeça para trás e gritava de prazer.

¹² Prova de avaliação exigida para ingressar em curso superior nos E.U.A.

¹³ Ponto mais baixo.



A planta se retorcia, como se sofresse com a morte, mas ela foi implacável, sugando-a inteira, transformando-a em uma casca seca. Ela era como um parasita, escravizando as coisas que eu mais amava.

Quando acordei de súbito, todos estavam arrumando suas coisas — com exceção de Jackson.

Então percebi que ele não tinha olhado para o meu rosto, mas para as minhas mãos, para as articulações que tinham embranquecido quando agarrei minha mesa. Soltei as mãos imediatamente.

— Pesadelo? — Ele perguntou com um aceno. Pareceu solidário?

Incapaz de me conter, perguntei.

— Você... você tem pesadelos?

— Sim. — Ele soava como se estivesse prestes a dizer mais, só que para me lembrar de que não éramos amigos, apenas repetiu, — Sim.

— O que você faz?

— Durmo com um olho aberto. — Tomou um gole da garrafa e foi embora.

Eu ficaria feliz só conseguindo dormir.

Meu celular vibrou com uma mensagem de Brandon. Se fosse mais pressão eu iria começar a gritar.

Sair no sábado. 4 casais. Sua amiga e um meu. Spence e Mel.

Ele viria com Spencer?

Finalmente algo bom! Eu me animei, respondendo com empolgação: *Onde?*

Moinho de açúcar.

Franzi o cenho. No final de Haven havia um moinho aos pedaços nos bancos de areia do canal. Era tão antigo que só restavam as paredes de tijolos e uma chaminé. Não havia vidro nas janelas, então meio que parecia um coliseu romano.

Se as pessoas achavam que Haven podia ser assombrada, estavam convencidos que o moinho era. Havia inúmeros rumores de mortes sangrentas nos moedores de cana.

Mas pensando em Mel, sabia que aceitaria ir.

— E vocês, garotas de Sterling, tiram sarro de Clotile por usar saias curtas?

Disse Jackson, atravessando o pátio, passando os olhos no meu uniforme de líder de torcida.

Fechei meu caderno às pressas, colocando-o junto aos outros livros.

— Um, um, um, Evie. Só de vê-la com essa vestimenta eu me sinto mais... alegre.

Quando entrou na sala de chamada naquela manhã, ele deu uma olhada em mim e sorriu por cima da boca da garrafa. Tinha me acusado de ser uma boneca. Enquanto me arrumava para a escola, vestindo minha saia vermelho vibrante e blusa em decote V, com uma fita de cabelo enorme para combinar, eu meio que me sentia uma.

Por cima do ombro, ele disse com uma voz provocante, — *Je t'aime en rose.* — Adoro você de rosa. Então ele sentou sem convite ao meu lado.

Hã? Não estava usando nada rosa. Nada a não ser o meu sutiã — Ele me olhou por cima do ombro, bem por entre a minha blusa! Ele não tinha limites?

E eu não podia dizer nada a respeito daquilo, ou perderia nossa batalha.



Não precisava daquilo! Mas me recusei a deixar a mesa, a ceder àquela zombaria.

— Me diga como aprendeu a nossa língua, — disse ele, soando... não irado.

— Vou repetir, não entendo essa baboseira ridícula que você vive murmurando. E além do mais, estou cansada de falar sobre isso. — Começo a escrever minha resposta a Brand.

— Está digitando com aquele seu namorado? — Jackson mais uma vez tinha aquela expressão frustrada no rosto. Seu humor era tão mutável.

— *Trocando mensagens*. Sim.

— Ele não quer brigar comigo depois que chamei você de puta?

Pra mim tá óti... — Meus polegares pararam no teclado.

— Claro, eu disse isso em Francês, — continuou Jackson. — Mas agora tenho que voltar e pensar no que mais que você deve ter entendido.

Tentei manter minha expressão neutra.

— Fale o que quiser. Tudo o que eu sei é que Brandon não vai brigar com você.

— Porque ele sabe que eu acabaria com ele. — Jackson me deu um sorriso maldoso.

— Não, porque ele sim tem algo a perder brigando.

Jackson não gostou nem um pouco daquele comentário. Seus olhos cinza brilharam.

Percebi onde tinha visto aquela cor. Na parede do meu quarto.

Aquelas nuvens sombrias do meu mural, as que resplandeciam com raios... aquele cinza era da cor dos olhos de Jackson quando ele ficava com raiva.

— Acha que você e Radcliffe e todos os seus amiguinhos metidos a besta são muito melhores que o resto do mundo. — Os punhos dele apertaram. As mãos inchando. A fita de um dos dedos se rompeu revelando um corte fundo. Em volta dele, uma cicatriz pavorosa tinha se formado.

Esquecendo nossa discussão, eu gritei.

— O que houve com a sua mão?

Com uma expressão cruel nos olhos, ele belisca meu queixo e traz o outro punho na direção do meu rosto, como se estivesse me dando um murro em câmera lenta.

— Dentes — falou com desprezo, mostrando os próprios. — Cortam como uma lâmina de um serrote.

Ele brigou tantas vezes que tinha cicatrizes por cima de cicatrizes. Me

Afastei-me dele com uma inspiração brusca, e ele abaixou a mão, sua expressão de repente ilegível.

Mas entendi sua mensagem bem claramente. Aquele garoto era perigoso. Eu me virei, terminando o dever.

Jackson puxou meu caderno de desenho, levantando-se rápido e colocando distância entre mim e o seu novo prêmio.

Quando me levantei sem muita força, ele abriu o caderno, franzindo o cenho enquanto virava a página em outro ângulo.

— Me devolva Jackson!

— Negativo, *bébé*. — Ele o segurou acima da minha cabeça, caminhando para trás, me provocando com aquilo. — Deixe só o velho Jackson dar uma olhadinha.



— Eu quero que me devolva — AGORA!

De repente ele tropeçou para trás, sem conseguir se endireitar antes de quase cair. O caderno saiu voando da sua mão e aterrissou no chão.

Eu avancei e o peguei.

— Quanto maior, maior a queda! — disparo para ele.

Foi sorte minha ele ter tropeçado. Talvez tenha batido o pé num tufo maior de grama.

Abri os lábios. Folhas de grama ainda o estavam apertando ao redor dos seus tornozelos, caindo uma por uma ao chão.

Atrás dele aquela linha verde estava ondulando, embora não houvesse brisa alguma.

Jackson parecia não saber por que havia caído, mas eu sabia.

As folhas tinham se arremessado e prendido seus tornozelos. As plantas estavam interagindo com outra pessoa?

Plantas em movimento eram a *minha* loucura — limitada às minhas reações, minha confusão. Achei aquilo completamente assustador de se ver.

Mas elas estavam me ajudando? Como na noite passada, quando o canavial me enjaulou de maneira protetora?

Agora a grama tinha quase derrubado o meu inimigo, salvando meu caderno.

Comecei a rir. Tirou a garota de uma fria, não foi?

Jackson outra vez achou que estava rindo dele. Um rubor se espalhou por aquelas altas maçãs do rosto dele. Se endireitou, me deu um olhar ameaçador, e foi embora. Assim que se foi, me ajoelhei em frente à grama, querendo passar os dedos nela, mas ainda assustada demais para fazê-lo.

Olho para as margaridas e então para as rosas.

Por estar enlouquecendo novamente, podia me fazer perguntas realmente bizarras.

O que a grama queria em troca de me ajudar? A hera tinha algo em mente? Rosas; amigas ou inimigas? De um jeito ou de outro, precisava descobrir o que estava acontecendo comigo. Decidi que assim que chegasse em casa, onde ninguém podia me ver, começaria a testar a cana.

Quando Brand me deixou em casa depois do colégio, estacionou longe das vistas das janelas da cozinha.

— Está tudo bem, Eves? — Ele batia os dedos no câmbio. — Você está esquisita desde que voltou.

— Está tudo ótimo, — disse impaciente para ir até a nossa plantação.

— Que bom, — disse ele simplesmente, acreditando na minha palavra, embora meu comportamento gritasse, *Está tudo uma merda!*

Descansou a mão na minha coxa, alto o bastante para me fazer franzir o cenho. Ele tinha um sorriso no rosto, mas era forçado. Traçava círculos acima do meu joelho.

— Então, você pensou na nossa ida à casa do Spencer no próximo final de semana?

— Provavelmente não tanto quanto você.

— Meu cérebro está programado, — disse, batendo na têmpora. — Evie, futebol, Evie, futebol.

— Pelo menos eu venho primeiro.



— Sempre, — disse ele com facilidade, me dando seu sorriso de estrela de cinema.

— Eu lhe darei a minha resposta nessa semana, prometo. — *Me dando menos que quarenta e oito horas para decidir?*

Assim que ele foi embora se preparar para o jogo daquela noite, fui em direção ao canavial antes que perdesse a coragem. Estava determinada a chegar ao fundo daquilo. Dois resultados igualmente catastróficos me aguardavam. Ou estava alucinando, ou...

Nem sequer queria pensar nisso.

Levantando os ombros, engoli em seco e estendo a mão para uma cana. E claro que a afastei assim que o fiz.

Recuei alguns passos.

Inspirando. Espirando. *Você está concentrada. Focada.*

Forcei-me a tocar a cana outra vez. Mais uma vez, ela veio na direção da minha mão. Desta vez se fechou com gentileza em volta da minha palma.

Aquela folha não estava curvada inicialmente. Estava se mexendo. Como um bebê agarrando um dedo dos pais.

Oh, merda.

Não tinha sentido aquela sensação de formigamento na cabeça durante aquelas interações com as plantas porque não estava alucinando. Isso não era uma visão — não era uma ilusão; isso era real. Certo?

Endireitando os ombros, entrei na plantação, no meio das canas. Imediatamente, o canavial pareceu suspirar. As folhas sussurrando ao meu redor.

Eu segui uma fileira, cada vez indo mais adentro, com aquelas folhas se movendo fantasmagoricamente no meu rosto. Minhas pálpebras ficaram pesadas, como se uma amiga estivesse escovando o meu cabelo.

As canas arqueavam e dançavam em minha direção, e eu fiquei tonta de prazer, de um sentimento incrível de unidade.

Se elas realmente eram os meus soldados de prontidão, então eu tinha o maior exército do mundo — uma força de seis milhões de colmos¹⁴.

Conseguia imaginá-los se movendo de certo modo e imediatamente me obedeciam. Curvando, dançando, balançando. Esquerda, direita, para cima e para trás. Porque nós éramos completamente conectados.

Entre aquela quantidade eu estava a salvo. Uma rainha num tabuleiro de xadrez cercada por seus peões. E com aquela aliviada na tensão, lembranças começaram a escorrer, vazando da barreira mental que o CLC tinha me ajudado a construir. Eu lembrava de mais fragmentos do que minha avó havia dito.

No último dia que passei com ela, enquanto nos guiava de carro pela enorme rodovia do Texas, ela disse,

¹⁴ Caule da cana-de-açúcar.



— Eu sou uma *Tarasova*, Evie, uma leitora de Tarô. Eu sei de coisas que ninguém mais nessa terra sabe. E você é a Imperatriz. Exatamente como a carta do meu baralho. Um dia você controlará todas as coisas que tenham raízes e flores.

Eu mal escutei, sonhando com o sorvete que tinha me prometido. *Imperatriz? Era por isso que amava tanto as plantas? Era por isso que elas suspiravam para ficarem perto de mim?* A Morte e o garoto enigmático também me chamaram de Imperatriz.

Como tudo aquilo parecia insano!

O que era mais provável? Plantas que respondiam a comandos ou uma adolescente — com um histórico de doenças mentais — vivenciando algo irreal?

Eu diminuí a velocidade dos passos, dúvidas surgindo. Não tive pesadelos com a bruxa vermelha controlando as plantas, machucando-as? Tudo isso estava ligado no meu cérebro exausto?

Talvez nada daquilo fosse real.

Talvez estivesse piorando por vovó ter me passado sua loucura — e eu não estava lutando com gana suficiente pela vida que desesperadamente queria de volta.

Evie, você entende por que precisa rejeitar os ensinamentos da sua avó...?

Eu olho para os colmos balançando. Podia estar alucinando — exatamente agora.

Voltei em direção a casa em confusão. Na varanda da frente, me preparei para encarar minha mãe. Mais fácil falar do que conseguir.

Mamãe realmente podia ser feroz. Uma dona de casa durona. O que em alguns casos era ótimo, como quando tinha assumido a fazenda da vovó e feito dela a maior da comunidade em menos de dez anos.

Não tão bom em outros casos — como quando resolveu me curar.

Na porta da frente, levei trinta segundos para me recompor. Precisei aprender a assobiar. Minha colega de quarto no centro tinha me ensinado aquele truque. Pais nunca suspeitavam de que seu filho estava infeliz/delirando/drogado quando o guri assobiava. Suas mentes simplesmente não conseguiam dar uma conotação negativa a um assobio.

Eu entrei, enruguei os lábios, soprando sem emitir som.

Era péssima nisso.

Ouvi minha mãe falando ao telefone na cozinha. Ela estava com raiva? Congelei. Ela tinha que estar falando com a vovó. De vez em quando, minha vó conseguia enganar os funcionários do hospício e ligar para casa.

— Lutarei contra isso com unhas e dentes. Não ouse entrar em contato com ela! — Disse mamãe, e se calou por vários momentos. — Você não vai me convencer disso! — Silêncio. — Escute o que está dizendo! Você fez mal a minha garotinha — para isso não há perdão! Chore o quanto quiser, vou mudar o número daqui amanhã mesmo!

Quando desligou, me juntei a ela na cozinha.

— Vovó?

Mamãe passou a mão no cabelo.

— Era.

Eu abri a boca para perguntar como ela estava, mas mamãe disse.



— Tem algo que queira me contar, Evangeline Greene?

Eu odiava quando ela me perguntava aquilo. Gostava daquela pergunta tanto quanto gostava de me autor recriminar. Por onde começar?

Minhas notas estão maravilhosas, vadia, acho que vou reprovar esse ano. Pela primeira vez em meses, venho sofrendo alucinações. Se não for o caso posso fazer truques com plantas. Não consigo decidir qual dos dois é melhor. Estou tentada a entregar a minha virgindade de uma forma defensiva, só para conseguir aquele cara lindo do último ano de volta pra valer.

Ao invés disso, disse.

— Um? Não.

— Não falou com a sua avó?

— De jeito nenhum. — Não desde que era uma garotinha, e mamãe a despachou para um lar na fronteira da Carolina do Norte. Ou ao menos a justiça havia despachado, numa audiência de acordo.

Eu lembro que mamãe tinha tentado me tranquilizar, chamando-o de “lugar onde mandar parentes com demência”. Eu abri a boca de horror.

Mesmo se vovó tivesse conseguido me ligar no celular, eu nunca teria atendido. Minha liberação do CLC foi condicional a duas coisas: aceitação da medicação e zero comunicação com ela.

Tinha concordado com os dois. Prontamente. No fim da minha estadia no CLC, minha lavagem cerebral funcionou; fui convencida de que vovó era meramente perturbada.

Agora estava questionando tudo.

— Não falo com ela há oito anos.

Mamãe relaxou um pouquinho.

— Ela é uma mulher muito doente, Evie.

Então ela precisa ficar aqui conosco, na casa dela, quase disse. Não, dois anos e vou embora.

— Eu entendo.

— Não acho que entenda. Ela é muito convincente. Tem uma resposta para tudo. Inferno, ela teria conseguido assustar todo mundo com essa seca, ligando-a aos seus cenários loucos dos fins dos tempos.

— O que ela falou? — perguntei rapidamente.

Mamãe estreitou o olhar, os olhos azuis brilhando.

— Pergunta errada. Não nos preocupamos com o que ela diz. — Ela apontou um dedo para mim. — Ela perdeu qualquer consideração nossa no dia que tentou... sequestrar você.

Desviei o olhar, parte de mim querendo desenterrar lembranças daquele dia, outra parte temendo fazê-lo.

— Eu sei mãe.

— Ela levou você para a fronteira do Texas antes que os policiais a parassem. Só Deus sabe para onde a estava levando. Lembra de alguma coisa?

— Lembro da prisão. — Ao seu favor, vovó foi com os oficiais tranquilamente, sua expressão satisfeita. Em uma voz serena, murmurou. — Eu te disse tudo o que precisa saber Evie. Você vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.



Mas eu tinha ficado histérica. Quando eles a algemaram, chutei os homens gritando.

Levantei os olhos para mamãe.

— Mas não lembro muito da viagem. — Não me lembrava de tudo o que precisava saber. Se acreditasse na vovó, então isso queria dizer que não, eu não ficaria bem.

Nada ficaria bem. A não ser que me lembrasse. Mas, sem pressão, Evie.

— Tenho certeza que estava enchendo sua cabeça de besteiras.

Sim, claro. Besteira. Os médicos me falaram que eu havia interiorizado algumas coisas que ela disse. Aquilo parecia verdade. Será?

— A mãe dela era doente, minha bisavó também.

Eu odiava ser lembrada daquilo. Disparei,

— Preenchi o histórico familiar no CLC, mãe. — Já sabia que era a última geração de uma família que vinha fervendo em loucura há séculos.

— Evie, escute, estamos no caminho certo. Podemos consertar tudo. Você só tem que confiar em mim.

Uma brisa soprou, agitando meu canavial.

— E a fazenda? O que vai acontecer se não chover?

— O que vai acontecer é que a sua mãe vai bolar alguma coisa. Não se preocupe com nada que não seja a escola.

Escola. Estudar. A ideia de abrir um livro me deixava enjoada.

— Mas, mãe...

— Eu vou descobrir alguma coisa. — Ela pôs os ombros para trás, seus olhos brilharam de determinação — uma força da natureza. A dona de casa durona.

Quase sentia pena por causa da seca.

Um amigo da família uma vez me disse que quando meu pai desapareceu numa pescaria em Basin, mamãe liderou a busca ela mesma. Adentrou até o fim do pântano de milhões de acres, determinada a vasculhar cada centímetro atrás do seu marido, um homem jovial e de bom coração que ela adorava.

Tudo em vão. Ele desapareceu sem deixar rastro. Eu só tinha dois anos.

A durona Karen Greene tinha uma fachada amável, com seu cabelo e maneiras impecáveis, conseguia facilmente imaginá-la em calças curtas pilotando uma lancha, fitando crocodilos.

E pensar que uma vez eu mostrei sinais de ser exatamente como ela. Queria tanto deixá-la orgulhosa. Até a minha infeliz e gigantesca queda.

Agora eu era apenas a última louca a viver na casa de Haven.



Capítulo 7

Dia 1 Antes do Flash.

Quando Mel me fez sentar na cadeira em frente ao espelho, perguntei.

— É *assim* que eu devo competir com Clotile?

Com roupas emprestadas — um colete Versace vermelho brilhante, micro minissaia preta e botas italianas na altura dos joelhos — e maquiagem carregada?

Cor do batom: Totalmente Meretriz.

Mel estava na minha casa, me preparando para o encontro daquela noite porque ela sentia a necessidade de me deixar com um look mais vadia para que eu pudesse ter uma chance contra Clotile e os seus “pedaços de mau caminho à disposição”.

A garota apareceu no jogo da noite passada com um top *tomara-que-caia* e um short colado curto que mais parecia uma calcinha.

Eu disse a mim mesma que Brand teria perdido aquelas jogadas de qualquer forma. Ei, nós ainda conseguimos ganhar, mesmo que com dificuldade. Mas até Grace Anne veio até mim depois e falou.

— Você vai ter que dormir com Brandon para ficar com ele.

Como se isso não fosse suficiente, tive outra visão. No meio de um intervalo, senti aquela sensação de tremor na cabeça. No topo da arquibancada, avistei uma garota estranha, sentada de perfil, o rosto borrado demais para que pudesse discernir suas feições.

Ela segurava um arco comprido que tremia em seu colo e parecia *brilhar* ainda sob as luzes do estádio. Seu cabelo era de uma cor prata iluminada — não era cinza, e sim cintilante.

Quando ela colocou uma flecha no arco e mirou em algum alvo à distância, senti um calafrio. Quase pisei em falso e caí.

Forçando um sorriso, ignorei-a, chegando mais próximo à lateral do campo, gritando. — Vai, Stars! — *Ficando louca!* Visões surgindo com tanta frequência significava que estava *piorando*. Como dois psicanalistas de Atlanta tinham previsto.

Podia muito bem aproveitar meus últimos dias em Sterling. Do jeito que as coisas estavam indo, eles estava no fim.

Agora eu dizia a Mel.

— Não devia usar o que me deixa mais confortável? Ao invés dessas... — Indiquei meu top — tiras brilhantes de tecido colante amarrado no pescoço com apenas duas faixas cruzadas nas costas nuas.

Mel zombou.

— Evie, na escala do saudável para o vadia você é praticamente Amish¹⁵.

Olhei com raiva para ela.

— Você tem duas opções, gafanhota. Superar a vadiagem de Clotile — ou ser esmagada por ela. Estou disposta a ajudar nas duas possibilidades.

¹⁵ Seita protestante conhecida por seus modos retrógrados e decorosos, inclusive a respeito de vestimentas.



A ideia de competir com Clotile deixava um gosto ruim na minha boca.

E ainda assim eu fui na onda de Mel quando ela escolheu meu guarda-roupa e acessórios apropriados: brincos de candelabros pretos e uma fita preta enorme de tiara — porque ela decretou que eu deveria deixar os cabelos soltos. Quando começou a secá-lo com um difusor, transformando as ondas em cachos libertinos, perguntei.

— Mel, isso é mesmo necessário?

Embora nunca admita, o batom era meio bonito.

— Aceite, Greene. Tem sorte por eu não colocar fixador. Porque era isso que podia fazer.

— Quando você vai se arrumar?

— Por favor. Eu me arrumo em cinco minutos. Não dá para melhorar a perfeição.

Então ela começou a papear, descrevendo seu plano para seduzir Spencer.

Embora não tivéssemos hora para voltar — eu disse a mamãe que ia passar a noite na casa de Mel depois do encontro de casais, e Mel disse a Sra. Warren que voltaria para casa “quando lhe desse na teia” — eu estava nervosa com aquela noite.

Enquanto tentava decifrar a fonte do meu desconforto, respondia vagamente ao plano de Mel. *É, parece ótimo, talvez.*

— Sério Evie. Qual é o problema com você? — Ela desligou o secador. — Vem andando estranha a semana inteira. Tem alguma coisa entre a gente?

— Não! Você é a minha melhor amiga.

— Dã. Mas tem algo acontecendo. Está agindo como no filme *Garota Interrompida*. — Ela estudou minha expressão no espelho, sem ter ideia do quão perto estava da verdade. — Não me manda mensagens. Perdeu *ANTM*¹⁶, que é obrigatório assistir. E me largou depois do treino.

Ela sentou na minha delicada penteadeira. O móvel grunhiu em protesto.

— E o que aconteceu nesse verão? Não podia ter ligado *uma única vez*? Tudo que recebi foram cartas chinfrins suas. Quem diabos escreve cartas? Por que não mandou logo sinais de fumaça, ou um pombo-correio?

Eu me queimava de vontade de contar tudo. Mas enquanto imaginava como explicaria, lembrei que a outra palavra para quem sofria alucinações era... *psicótico*.

— Olha, minha mãe enlouqueceu com a seca. Brand está me pressionando. A escola vai ser impossível esse ano. Eu já tirei dois F! Estou nadando em merda!

Vamos fazer a contagem semanal, ok? Alucinações: duas confirmadas, talvez mais. Pesadelos: incontáveis. Deveres de casa completos: zero.

Novos poderes supra-humanos/possivelmente imaginários: nasceram garras de espinho em mim, controlo plantas e minha pele se regenera espontaneamente de ferimentos. Talvez.

Mel dissipou minhas preocupações.

— Ignore a sua mãe, durma com Brandon e aceite as suas notas. Se reprovar, reprovo com você. *Su zero, mi zero*. Caso resolvido.

Queria que fosse tão fácil.

¹⁶ America's Next Top Model, programa de TV.



— E se ainda não *quiser* ceder a Brand? Hã? Eu não respondo bem à pressão! — Evidência número um: meus olhos arregalados no espelho. Respiro tentando me acalmar. — Sinto como se tudo estivesse desmoronando. Sinto um medo constante de perder ele, de perder todos os meus amigos.

— Quer dizer, de perder a sua popularidade? — Mel perguntou com um olhar inteligente, e eu encolhi os ombros de mau grado. — Isso é *tão* importante assim para você — Ela se interrompeu. — Se popularidade for o seu sonho infantil, então que seja. Quem sou eu para estragar os seus sonhos? Mas saiba de uma coisa: A escola fecharia na certa sem você, e isso não iria mudar só porque está meio lenta e usando drogas sem a sua *best*.

— Eu passei pelas pessoas a semana inteira sem dizer um oi! Ando pelo corredor que nem um zumbi.

— Todo mundo vai entender que essa foi a semana errada do seu ciclo. Quando estou naqueles dias saio andando pelos corredores como o *Godzilla*. Seu lance todo aéreo é *fofo* comparado ao fogo que eu cuspo.

Na próxima semana talvez eu *possa* consertar tudo. Inferno, quase já havia me acostumado com as plantas. Tire esse medo da equação e talvez...

— A coisa mais importante para lembrar é que você é a *minha* melhor amiga. — disse Mel, a voz no tom mais doce que já ouvi. — Sabe o quanto isso a torna rara e maravilhosa?

Eu suspirei, virando para abraça-la.

— Ah, Mel...

Mas ela me dá uma gravata, rodando o punho fechado no meu cabelo.

— Você sempre me coloca no caminho certo, Greene. Não vá romper comigo ou algo parecido, ok?

— Isso é muito sinistro. — disse Mel quando passamos pelos arbustos secos próximos ao engenho.

Fomos de carro até onde ousamos ir no Beamer dela, então começamos a andar por entre o mato seco. A névoa estava tão densa que eu mal conseguia ver onde pisava. Outra frase da vovó surgiu: *Cuidado com as secas—sempre há cobras por perto*.

— Isso não foi ideia minha Mel.

— Eu espero mesmo que não. Duas líderes de torcida saindo pelo mato, à noite, para um engenho supostamente assombrado?

— Não consigo decidir se isso é o começo de uma piada ou de filme de terror.

— Ei, você ainda tem o seu hímen em risco de extinção. O que quer dizer que vai chegar até os créditos finais — eu tô ferrada.

— Você acha que eles já estão aqui? Talvez tenham estacionado do outro lado? Acho que eu devia ligar. — Então lembrei que deixei minhas coisas para passar a noite fora e o meu celular dentro do carro, junto com o meu precioso caderno. Me virei, mas não consegui ver o Beamer com a névoa.



— Ligar? — disse Mel às pressas. — Não seja boba. Estamos quase lá, certo?

Quando chegamos mais perto do que sobrou do engenho, murmurei.

— Ouviu alguma coisa? — Esfreguei minha nuca, outra vez sentindo como se estivesse sendo vigiada — Luzes me cegaram. Corpos corriam até mim, rostos se aproximando.

Gritei com todas as forças que tinha.

Gritos de “Surpresa!” morreram. Dúzias de estudantes assustados e mudos pela minha reação. Grace Anne, Catherine. *Brandon*. Todos eles pareciam perplexos.

Oh. Meu. Deus. Aquilo era uma festa surpresa. Alguém tinha pendurado lâmpadas nas paredes. Havia caixas de som em cima dos moedores de cana. Barris em caldeiras de ferro antigas.

Tinha acabado de me humilhar na frente de todas aquelas pessoas.

Mel ficou de queixo caído com o meu grito. Bem quando estava a ponto de explodir em lágrimas, ela se recuperou, dizendo em voz alta.

— Evie! Você já sabia, não era vadia? Quis assustar todo mundo que ia fazer a surpresa? — Então ela imitou o meu grito, acentuando-o com um *Lay-hee-hoo* no final.

Quando as pessoas começaram a rir, forcei um sorriso.

— É. Claro que sabia. Esperei o dia todo para fazer isso!

Continue sorrindo, Evie!

Agora todo mundo relaxou, alguns batendo de forma brincalhona no meu ombro como se eu tivesse acabado de fazer algo legal, uma brincadeira super engraçada. *Ótima saída, Mel.*

Pelo canto da boca, ela murmurou.

— Você não tinha ideia, tinha?

— Nem sonhava.

— Reunião com as amigas?

— Provavelmente inevitável.

— Então se divirta esta noite, pequena soldada. Porque amanhã o negócio vai pegar.

Brandon me pegou nos braços e então me girou até eu rir de verdade.

— Espero que não se importe.

Mordi meu lábio. Talvez se a festa não ganhasse mais pessoas e se a música não estivesse tão alta.

Então uma buzina tocou. E outra.

Mel, Brand e eu olhamos para a entrada principal. Mais abaixo, numa velha trilha de tratores, refletores brilhavam pela névoa. Parecia que uma evacuação em massa apontava diretamente para a direção do engenho.

A última coisa que eu precisava era que minha mãe chamasse a polícia, sem perceber que era sua filha que dava a festa.

— Olha gente, talvez isso não seja uma ideia tão boa.

Mel e Brandon piscaram para mim, confusos. Evie Greene não dizia aquelas palavras com frequência.

— Não é como se fôssemos bagunçar a sua casa, — Brand disse. — Estamos aqui fora.

— Minha mãe.



— Nunca vai saber. Temos o quê, milhas entre nós e a sua casa. Além do mais as paredes abafam o som.

Mel disse.

— Ele tem razão. E pense nas fotos! Você pode ter umas postagens incríveis em festas como esta. — Então ela acrescentou — Garotas *populares* celebram seus aniversários dando uma *rager*¹⁷ em um engenho de cana assombrado.

Eu não estava preocupada em perder a minha popularidade? Não seria normal eu não ter uma festa *open bar* aos dezesseis anos? Inferno, mamãe devia tomar aquilo como um bom sinal.

Ela era revoltada com a vovó e normalmente não era muito rígida comigo.

Por outro lado, ela podia reconsiderar que Brandon era um “garoto tão bom” e atingir seu limite com as brincadeiras de Mel.

Mais cedo naquela noite, Mel a chamou de “Mulher que Pariu Evie” na cara dela. Mamãe não achou graça. Eu não sei o que faria se ela me proibisse de ver qualquer um deles.

— Prometo que vai ficar tudo bem. — disse Brand. — Promessa de escoteiro. — Ao invés da saudação escoteira com três dedos, ele fez o sinal da paz.

Opto por pensar que ele está brincando.

Estava hesitando quando Brand colocou a mão no bolso.

— Oh, eu quase esqueci! Seu presente de aniversário. Estava guardando para a segunda, mas pensei que queria usá-lo esta noite. — Ele me passou uma caixa embalada com um laço amassado.

Abri a caixa e encontrei um enorme solitário em uma corrente de ouro branco. *Impressionante*. Combinaria perfeitamente com os meus brincos de diamante.

Mel colocou as mãos no peito, falando em um tom brincalhão.

— E tudo o que ele quer é fazer uma farra no seu engenho? — Então ela franziu o cenho. — Uau. Isso soou grosseiro.

— Você gosta? — ele perguntou, parecendo nervoso. O que era muito adorável.

Preparar. Apontar. Fogo.

— Eu amo. E amo a minha festa surpresa. — Fiquei nas pontas dos pés para lhe dar um beijo rápido. — Obrigada.

Ele sorriu, me passando um copo de cerveja suado.

— Saúde, Evie!

Levantei meu copo, pensando. O álcool teria um efeito nocivo junto com os remédios? Mas ei, o quanto minha cabeça poderia piorar, hã? Talvez eu possa até começar a... alucinar? *Ha-ha*.

Meu tempo aqui era curto de qualquer forma.

— Saúde, gente!

No decorrer de uma hora todo mundo partilhou entusiasticamente da cerveja até ficarmos — na estimativa de Brand — “ultrabêbados”!

¹⁷ Festa dada normalmente por estudantes secundaristas ou da faculdade onde quantidades enormes de álcool são consumidas.



Mais e mais pessoas apareceram, transformando a minha festa em algo gigantesco. Vi rostos que não reconhecia. Vi jaquetas esportivas de outras escolas.

Com o passar da noite, testemunhei várias tentativas fracassadas de Mel de paquerar com Spencer. Contudo, agora, enquanto ela dançava comigo em cima de uma bancada de concreto, ele a olhava. Ela e eu cantávamos tão alto que perdi a voz, dançando tão loucamente na batida da música que o mundo girava. Para variar, não lutei contra isso. Estávamos rindo de algo quando vi Jackson Deveaux escorando o ombro na parede de tijolos rachada dos fundos.

Então notei os outros transferidos começando a se misturar com a multidão. Os trajes de Clotile daquela noite ainda faziam os meus parecerem castos.

Mas não consegui me sentir ultrajada de que todos estivessem ali. Com um dar de ombros pensei, *Isso tem que terminar bem.*

Enquanto dançava, os olhos de Brand estavam grudados em mim, *não* em Clotile. Dei um olhar convencido na direção de Jackson; seu olhar sombrio também estava preso a mim.

Perturbada, estendi os braços para Brand, pedindo que me ajudasse a descer. Mas ao invés disso ele me subiu nos braços, me rodando. Eu ri, jogando a cabeça para trás. Girando... girando...

Nariz formigando?

De repente vi o garoto misterioso. Ele encolheu os ombros para mim de um modo desafiador — como se tivesse feito algo que eu não fosse gostar?

Na minha próxima volta ele desapareceu, mas vi a garota do rosto borrado mais uma vez.

Ofeguei e então captei um vislumbre de movimento nos galhos das árvores acima. Havia outro garoto! Ele estava vestido com uma roupa de outra época, com cabelo comprido e negro e *asas* pretas como o azeviche.

Um último garoto se juntou à rotação, um garoto com uma carga elétrica brilhando ao redor do corpo.

A garota e os dois garotos pareciam esperar por mim, prontos para atacar.

Eu me torci no abraço de Brandon até ele me soltar. Com uma risada forte ele disse.

— Evie, você vai vomitar, ou o quê?

Ou o quê?! Ou o quê?!

Coloquei a mão na testa — porque agora quando meu olhar saiu à procura deles, não vi nada fora do comum. Aqueles personagens tinham desaparecido como neblina.



Capítulo 8

Alguém estava subindo a escada para o meu esconderijo.

Depois de me desvencilhar de Brandon, assegurando a ele que ficaria bem de novo com uma pequena pausa — outra vez ele acreditou na minha palavra — tinha subido num peitoril próximo a velha chaminé, precisando ficar sozinha, precisando *ficar de guarda*.

Sentei pendurando minhas pernas na extremidade do parapeito, com cuidado para não esmagar os trevos que cresciam entre os tijolos.

Dali, consegui avistar a festa de cima, como se olhasse para uma casa de bonecas.

O tempo passava e a multidão ainda se aglomerava.

Desconexão. Por que não podia estar lá em baixo me divertindo como uma adolescente normal? Por que sempre tinha que me sentir ameaçada? Sob fogo inimigo?

E por que a minha estridente festa de aniversário seguia firme e forte sem mim?

Como se para ilustrar, um jogador de futebol vagou pela multidão, com as genitais completamente expostas. Suspirei. Não teria como *não* ter visto aquilo. Nem se desejasse.

Então senti alguém subindo a escada. Quem ao menos saberia como subir até ali?

Jackson. Com dois copos de plástico nas mãos.

Exalei desapontada.

— Como me achou?

— Poucas minissaias pretas escapam dos meus olhos, *cher*. — *O garanhão da Terra dos Cajuns*. Ele sentou ao meu lado, me oferecendo um copo. — Tome.

Aceitei com relutância, espiando seu conteúdo.

— Está batizada?

— Pode estar. — Ele estava arrastando a voz? Hoje definitivamente parecia embriagado, o sotaque mais pronunciado, o cabelo negro bagunçado.

— Que lindo. — *Minha voz* também estava arrastada?

Aparentemente. Porque Jackson disse.

— A perfeita Evie Greene com certeza estragou. Se eu soubesse que era uma delinquente juvenil, podia até ter pedido outro parceiro em história.

— Delinquente juvenil? Hmm. Suas iniciais não são J.D.? Se a carapuça serve...

Ele bebeu um gole da cerveja, mas pude ver que seus lábios estavam repuxados de irritação.

— Então aqui estamos, o Cajun JD e a líder de torcida de Sterling High que faz uns desenhos góticos esquisitos. Decifrei todos esses outros idiotas com muita facilidade, mas você... — Ele sacudiu a cabeça. — Tem algo errado com você. Eu não gosto de enigmas sem solução. *Evangeline*. — adicionou com significância. — Você tem um nome Cajun. É parte Cajun? É por isso que fala a minha língua?

— Como descobriu meu nome inteiro?

Ele encolheu os ombros com uma palma para cima, o mais irritante dos gestos dos Cajun, e deu outro gole.

— O que faz aqui, Jackson?



- As festas em Sterling são proibidas para os Cajuns?
- Eu simplesmente não esperava você e os seus amigos na minha festa de aniversário.
- É *sua*? Ouvimos falar de uma farra em outra comunidade e seguimos as bebidas grátis.
- Uma *rager* comum. — Coloquei o cabelo por cima do ombro, me abanando com a mão. Quando ficou calado, me virei e o vi fitando meu pescoço com os olhos semicerrados.
- Maldição, Evie, seu cheiro é bom.

Por que todos viviam falando do meu cheiro? Até Mel tinha pedido meu perfume emprestado mais cedo. Só um problema: eu não uso perfume.

Jackson ainda estava me fitando. Olhando-o com cautela, me afastei dele.

Ele piscou e então tossiu no punho fechado.

- Por que não está lá embaixo na sua festa?
- Precisava de uma pausa rápida.
- An-ham. — Ele terminou o copo, enchendo-o com uma dose de sua garrafa. Senti o cheiro forte de uísque em seu hálito, mas não achei desagradável.
- Você bebe isso direto. Mesmo assim nunca o vi realmente bêbado.
- Quer me embriagar, é? Para tirar vantagem do velho Jack?
- Vou começar a falar de mim mesma na terceira pessoa antes de tirar vantagem de você, Jackson.

— É. Então, *cher*, agora que armou esse encontro comigo, quais são as suas intenções?

Bebi do meu copo.

- Você está mesmo louco.
- Eu vejo o jeito que me olha, me despindo com os olhos.
- Ceeerto. Eu tenho namorado.
- Então por que ele não está aqui com você, agora? Por que ele não carrega seus livros na escola?

Por que Jackson notou aquilo?

— Brand deveria? Só porque sou uma garota? Não há diferenças entre nós. Se ele carregasse os meus também carregaria os dele.

— De onde eu venho, um homem carrega as coisas de uma mulher porque é educado — e para deixar os outros *beaux*¹⁸ sabendo que ela já tem dono. Como alguém vai saber que você pertence a ele?

— Eu não pertenço a ninguém. Você saiu rastejando de um pântano — ou de uma cápsula do tempo?

Ele se inclinou para frente até nossos rostos estarem a poucos centímetros, e então ronronou.

— Agora, isso não foi muito gentil, Evangeline. Não quer ser *doux à moi*?

Doce comigo. Mergulhou o dedo no meu top de alcinha entre os meus seios.

- Jackson! — Então percebi que levantou meu colar.
- Uma boa nota por isso, não? — Suas pálpebras estavam baixas.

¹⁸ Pretendente.



— É um presente antecipado de aniversário de Brandon.

— E eu sei exatamente o que é que vai dar a ele. — Ele soltou a corrente.

— Você não sabe nada sobre mim. Me entendeu? *Nada*. — Um dos trevos se enroscou nos meus dedos, o que foi estranhamente tranquilizador.

— Estou começando a ter uma ideia. Radcliffe¹⁹ sabe tudo a respeito de você?

— Claro. — disse, embora tivesse dúvidas. Por que ele não podia sentir a quantidade de pressão que estava sofrendo? Por que acrescentar ainda mais?

— *Une menterie*. — Uma mentira.

— Nada do que você diz importa. Eu sei que o meu namorado e eu estamos firmes. Ele deu uma risada desdenhosa.

— Contanto que não se importe em dividi-lo com morenas de natureza Cajun. Ele com certeza está de olho em Clotile. E você também sabe disso. É por isso que está vestida assim. — Ele acenou meio vacilante para mim.

— Assim *como*?

Outro olhar velado. Outro gole da garrafa.

— Diferente.

— Brandon não está... de olho em ninguém. Ele me *ama*. Ele me disse que pensa em mim o tempo inteiro. — Tanto quanto pensa em futebol! — E você não está preocupado com a sua namorada?

— Namorada? Inferno, Clotile provavelmente é minha irmã.

Meus lábios se abrem. *Provavelmente*? Jackson e eu não éramos apenas de mundos diferentes, mas de universos diferentes.

— Olhe para o Radcliffe lá embaixo. Acha que está na mente dele agora?

Brand estava cercado por um bando de vadias enquanto bebia do cooler como se fosse uma fonte d'água. A vida da festa, venerado e adorado.

Onde estava Mel? Normalmente, ela estaria acotovelando aquele tipo de garotas. Não tinha visto ela — nem Spencer — há um bom tempo. Levantei-me de vez, passando por Jackson para ir procura-la.

— Onde está indo, Evie?

Embora o ignorasse, ele me seguiu pela escada. De volta ao térreo, vi figuras sombreadas por entre os carros estacionados. Apertei os olhos, mas não consegui ver entre a neblina. Outra alucinação?

Aproximei-me com cuidado para ver melhor, mas Jackson entrou na minha frente. Fui para a esquerda; ele me bloqueou.

— Não tenho tempo pra isso.

Ele começou a me levar em direção ao engenho.

— Pare Jackson. — disparei quando minhas costas foram de encontro à parede de tijolos. O baixo pulsava tão alto que podia sentir as vibrações pela pedra.

¹⁹ O nome tem dois significados pejorativos: pessoa que possui amor demais para dar a todos ou alguém que não consegue beber em uma quantidade considerável.



Ele se inclinou com as sobrancelhas se juntando.

— Você colocou algum perfume caro? Nunca senti nada com o seu cheiro.

— Eu não uso perfume.

Ele me olhou como se eu pudesse estar mentindo.

— Você cheira quase como uma... madressilva.

— Não estou usando *nada*.

— Esse é o meu maior desejo. — Os cantos dos seus lábios se curvam — a primeira vez que tinha visto sua expressão chegar perto de um sorriso genuíno.

Apesar de tudo, aquele meio sorriso me afetou, fez meu coração acelerar.

Jackson estava *flertando* comigo?

Como um garoto normal? E não apenas me deixando desconfortável?

Que pena. Entre Brandon, a Morte e o garoto misterioso, não havia mais danças disponíveis para aquela noite.

E esse lado paquerador de Jackson me deixava desconfiada. Mesmo que o Cajun fosse atraente de um jeito bem grosseiro, provavelmente confiava mais na Morte de armadura.

— Me deixe em paz.

— Vou deixar assim que fizer duas coisas. Admita que fala Francês e me mostre o resto dos seus desenhos.

Já estava olhando para trás dele, cheia daquela conversa.

— Por que está agindo como se estivesse tão interessado? Por que estamos nos *falando*? Você me odeia, lembra?

— Sim. Com certeza. — Pressionando a palma contra a parede ao lado da minha cabeça, ele se inclinou, murmurando. — Mas talvez também lhe deseje um pouco.

Acabei que descobrir algo que nunca entenderia. Um garoto podia desejar transar comigo e, todavia, não gostar nem um pouco de mim. De fato, ele até podia me odiar.

— Talvez tenha decidido perdô-la por me causar *la misère*.

Causar-me problema.

Exalei. Estava farta daqueles joguinhos. Estava farta de *tudo*.

— Jackson, escute...

— Me chame de Jack.

— Não. Nós não somos amigos.

Imitando seu sotaque, eu disse.

— E só os seus amigos te chamam de Jack, né?

Ele sorriu para mim outra vez, seus dentes retos e brancos.

— Podemos não ser amigos, mas estou prestes a ficar muito amigável com você. — Eu podia sentir o calor emanando de seu corpo. Ele tinha um cheiro delicioso, como a floresta, um pouco selvagem.

Ele tinha uma expressão misteriosa nos olhos. Parecia estar me prometendo silenciosamente alguma coisa, mas eu não sabia o quê.

— Amigável comigo?

— Eu vou beijar você, *cher*.



Meus pensamentos se dispersaram. Embora o momento tenha começado a parecer com um sonho, eu não queria trair.

— Eu preciso voltar... voltar para Brandon. — Coloquei as mãos no peito de Jackson para afastá-lo, mas seus músculos se contraíram debaixo das minhas palmas, aquele calor me atraindo como um ímã.

— Não vou *deixar* que volte para aquele garoto — não até que me dê um *bec doux*. — Um beijo doce. Então ele desfez o laço do meu cabelo.

— O que está fazendo? — murmurei.

— Souvenir. — Ele colocou a fita no bolso, e por alguma razão aquilo me pareceu a coisa mais sexy que já vi.

Energia começou a me encher. *Farta?* Não mais. Eu me sentia empolgada e viva pela primeira vez em meses.

Onde estava a falta de entusiasmo que vinha sentindo a respeito de beijos, garotos e sexo?

Naquele momento, estava *morrendo* de vontade que aquele garoto Cajun me beijasse. Não ligava para a minha reputação, os amigos que desapontaria, a popularidade que perderia, ou com o quanto ele ficaria convencido.

Precisava saber o que prometia o olhar que me dava.

Ele olhava para os meus lábios, e antes que pudesse pensar melhor, eu os molhei com a língua.

— Isso, *bébé*. — ele disse com uma voz rouca e incitante. — *Ma bonne fille*. — Minha boa garota.

Ele passou um dos braços nas minhas costas, segurando meu queixo com a mão livre. — Evangeline, eu vou beijar você até que dobre os dedos dos pés, até que respiremos um ao outro.

Aquela era a promessa...

Como se de uma enorme distância, eu ouço alguém gritar, — Jack!

Ele ignorou a voz, vindo ainda mais perto de mim.

— *Jack!*

Nossos lábios estavam prestes a se encontrar.

— *JACK DANIELS!* — Percebi que Lionel estava puxando seu braço.

Quando Jackson se virou, ele deu a Lionel o olhar mais aterrorizador que já vi em um homem.

— *O que quer?* — trovejou.

— Hora de ir, parceiro.

Jackson sacudiu a cabeça com força, seu braço apertando mais as minhas costas, na altura do quadril.

— Acabamos por aqui. Hora-de-ir. — repetiu Lionel.

O que quer que isso quisesse dizer. Ainda assim Jackson o escutava.

Lionel me disse.

— Estão procurando por você lá dentro, Evie.

— Oh! Oh! — Eu me liberei de Jackson, mas não consegui evitar olhar por cima do ombro.



Quando mordi meu lábio, achei que ele pudesse vir atrás de mim, mas outra vez Lionel o conteve segurando em seu braço.

Jackson urrou para o amigo.

— *Quero provar daquela garota, droga.* — A expressão em seus olhos em chamas...

Lionel disse algo que eu não ouvi.

Algo que fechou a cara de Jackson.

— Vá logo, Evie. — disparou ele. — Agora! Volte para os seus amigos.

Sua despedida curta doeu, me confundindo ainda mais. Me apressei para dentro, pressionando os dedos nos lábios. Oh, Deus, quase beijei outro garoto. Quase havia traído Brandon, que não merecia isso. Parei de repente.

Clotile estava se insinuando para Brand, e ele parecia super empolgado, estendendo a mão para ela. Meu queixo caiu quando ele a ajudou a fazer uma *keg-stand*²⁰, com todos os problemas de estilo dela que a posição só acentuava. Os jogadores de futebol gritaram felizes.

Que humilhação! E no meio daquela crise de vergonha, um apelo mental se destacava de todo resto: *Por favor, que Jackson não veja isso.*

Eu empurro a multidão até o barril. Quando Brandon me vê, fica vermelho, ajudando uma Clotile risonha a ficar de pé.

Estava morta de vergonha por todo mundo ter testemunhado aquela cena — e fula da vida. Sentindo-me impulsiva, levantei os olhos para Brandon.

— Ei, garotão. Por que não dá um beijo na sua *namorada*?

— Aqui? Na frente de todo mundo? — ele perguntou.

Hesitando?

— Sim. *Aqui.*

Finalmente, Brandon se inclinou para colocar a boca na minha, de maneira repetida. Com um grunhido abafado, ele aprofunda o beijo, e eu o deixo por um segundo cobrir metade do meu traseiro com a palma da mão. Então eu sorrio contra os seus lábios, mordiscando o inferior com os dentes.

Mas ao invés de rir, ele se afastou, os olhos pesados.

— Ah, Evie, você não sabe...

— Vem comigo até o rio? — Interrompi.

Com uma expressão confusa no rosto, ele murmurou.

— Garota, eu a seguiria até ao inferno.

Do lado de fora do engenho, minha satisfação acerca da minha pequena vitória diminuiu — porque agora tinha um garoto bêbado e excitado com o qual lidar.

Assim que avistei a água, Brandon me puxou para perto.

— Seu cheiro é tão bom, Evie.

Quando ele começa a beijar o meu pescoço — de forma urgente — espiei pela neblina. Encontrei minha falta de entusiasmo, o problema era ele.

²⁰ Posição em que a pessoa é segurada de cabeça para baixo, com a cabeça encostada no barril de cerveja e bebe até aguentar.



Não, Evie, seja esperta. Me lembrei do quanto era fácil ler Brandon, como ele era aberto, como era despreocupado. Ele era o tipo de garoto que *precisava* em minha vida.

Não podia perdê-lo. Especialmente não para outra garota.

— Ei, espere.

An-ram. — Ele não esperou.

Agarrei seu rosto com as duas mãos e fiz com que encontrasse meus olhos.

— Tomei a minha decisão.

O corpo dele endureceu de tensão.

— Sim?

— Pensei muito no assunto e eu...

Sirenes soaram.

Um refrão de gritos repetia: — *Polícia!*

Meus olhos arregalaram. O xerife estava ali?

— Oh, merda! Brandon! — Quando a música morreu, vacilei em meus pés. Ele segurou meu cotovelo. — Evie, eu resolvo isso! Vou dizer ao xerife que era só eu e outros jogadores de futebol e que a festa ficou fora de controle.

— Eles vão prender você!

— Duvido. Meu pai joga golfe com o xerife. Tudo vai ficar bem! Você *nunca* esteve aqui. — Ele me deu um sorriso embriagado.

Naquele instante, ele me pareceu completamente heroico.

— Só fique esperando aqui. Vou achar Mel e dizer a ela que venha atrás de você. — Ele se virou e saiu correndo.

— Brandon? — Chamei. Quando ele olhou por cima do ombro, eu comecei a dizer *Eu te amo*, mas tudo o que saiu foi: — Você é o melhor.

Ele me deu uma saudação vacilante e então saiu para a batalha.

Sozinha, mordisquei o lábio. Brandon poderia abafar tudo aquilo? Eu meio que esperava que mais sirenes soassem, ou talvez que aparecesse uma comitiva de vans enormes para levar os prisioneiros.

Meu primeiro impulso foi ligar para Mel, mas o celular — junto com todas as minhas coisas — estava trancado no carro dela!

Uma brisa fria soprou sobre mim, clareando a neblina e mandando folhas voando na superfície do rio. Esfreguei os braços, de repente morrendo de frio com aquelas roupas.

No rastro daquele vento, nuvens raivosas surgiram. Uma tempestade de trovões? Na Louisiana nós tínhamos pequenas correntes de ar descendentes o tempo inteiro. Eu não estava muito preocupada, adoraria que chovesse.

Não, não estava preocupada — até arrepios varrerem minha nuca.

Cada farfalhar ou som de animal a minha volta parecia amplificado. Eu me virei em um círculo, mas não vi ninguém. Ainda assim não conseguia afastar a sensação de que estava sendo observada. Só paranoia? Apenas outro sintoma?

Então aquela sensação de formigamento reapareceu. Oh, não, não! *Ignore-a. Resista.*

Um raio caiu a menos de vinte jardas de distância.



Gritei temporariamente cega, esperando pelo trovão ensurdecedor. Nenhum veio.

Quando outro raio silencioso caiu ainda mais perto, ele atacou o solo com tanta força que terra e fagulhas irromperam no céu.

Eu fitei, embasbacada. Partículas como fumaças de terra flutuavam na brisa, a visão me despertando a agir. Saí correndo, acelerando para a beira do rio.

Um terceiro raio me levou mais perto da água, para dentro das plantas aquáticas infestadas de *mocassins*²¹.

— Merda, merda! — Meus passos caem na terra molhada, a lama rasa sugando minhas botas. Eu mudo os passos, correndo nas pontas dos dedos.

Quando mais raios caíram, percebi que eles pareciam me *seguir*. Isso não podia ser real. Porque ao invés de raios, eu agora via arpões — como lanças. Eles eram de um prateado brilhante, gravados com símbolos, mas explodiam como raios ao atingirem algo.

Não era real, não era real, repetia histericamente, balançando os braços para correr mais rápido. *Rejeite a alucinação!*

Um chamuscou a poucos centímetros do meu último passo. Alguém estava tentando me matar! Eu me movi de lado, me dirigindo de volta ao engenho. Preferia ser presa!

— Oh, Deus! Oh, Deus! — Corri em volta das árvores, desviando de galhos que pareciam sair do maldito caminho para me alcançarem, pare me prenderem. — Urgh!

Arrisquei um olhar por cima do ombro. Alguém ou *alguma coisa* definitivamente estava atrás de mim. Percebi que minhas garras de espinhos tinham voltado, quase mais perturbadoras do que o...

Me choco de frente com um peito sólido e masculino.

²¹ Cobras comuns na América do Norte.



Capítulo 9

Eu quase caí de bunda no chão, mas uma mão cheia de esparadrapos segurou meu braço. Inclinei a cabeça para trás.

Jackson.

— Qual é o seu problema, garota?

Eu levantei os olhos para ele, recuperando o fôlego.

— Rai-ios! — Dobrei os dedos para ocultar minhas garras, esperando que elas lentamente voltassem ao normal.

— Você se assustou por causa de alguns raios? — Ele me olhou de maneira peculiar, como se estivesse desapontado comigo. — Eu sabia que você era mole, mas maldição, Evie.

Aquele olhar doeu. Afastei-me dele, temendo que estivesse prestes a chorar na sua frente.

— Os raios caíram muito perto.

— Não devia esperar nada diferente de uma garota de Sterling.

— Não, foi diferente! Foi... — *Como raios, mas sem serem. Elétricos e superaquecidos, mas frios.* Ainda assim quando olho para cima, o céu está claro, a noite quieta.

— Está aqui sozinha?

Assenti tremendo.

— Devia me encontrar com Melissa.

— Todo mundo se espalhou.

— Então, o que está fazendo aqui? — De fato, me sentia mais segura com a sua presença. Não sentia ameaça alguma vindo dele, e ele *era* um criminoso barra pesada com muita experiência em brigas. Sabia que ao menos usaria os punhos se algo surgisse. — Achei que tinha ido embora.

— Talvez tenha voltado para reivindicar um gostinho de você.

Por entre os dentes, eu disse.

— Vou dizer de novo, eu tenho namorado.

— Vou dizer de novo, não parece. Acho que Radcliffe abandonou você no meio do mato. Se você fosse minha, nunca a perderia de vista — muito menos te deixaria sozinha aqui.

Que fixação era aquela dele com garotas que *pertenciam aos garotos*?

— Brandon foi aliviar a barra com o xerife!

Em uma voz cheia de zombaria, Jackson disse.

— *Claro* que foi.

— Eu vou procurar as minhas amigas.

— Ei, espere um pouco. Não pode voltar lá, não. Vai ser imprensada.

Devido a minha indiferença, ele acrescentou.

— Presa, fichada, ferrada.

— Uau, agora acha que eu falo Cajun e a língua dos bandidos.

Ele passou os dedos com esparadrapos pelo cabelo.



— Não acho que deva deixa-la aqui. — Começou a me levar para longe do engenho. Era o que eu achava. Estava tão perplexa que nem conseguia me localizar.

— Por que está agindo de maneira decente comigo?

— Não estou. Eu só quero coloca-la na minha moto, com essa saia que está usando. Para onde a levo?

Pisquei para ele.

— Eu moro aqui.

— Você mora *nesta* fazenda? Naquela mansão sinistra no começo da estrada? Não é de se admirar você ser meio louca.

Eu não neguei a descrição — nem o comentário sobre a leve loucura. *O que é justo é justo.*

— Viu a minha casa?

Ele olhou para trás de mim quando disse.

— Eu a vi uma vez da estrada, depois da colheita. Quando era pequeno. — Passou a mão pela boca, claramente desejando estar em outro lugar. — Vou levar você em casa. — Percebi que tínhamos parado próximo à moto dele, estacionada entre as árvores.

Onde estavam os amigos *dele*? Onde estava *Clotile*?

— Espere, não posso ir para casa! Eu bebi. Devia passar a noite na casa da Mel.

Ele arqueou as sobrancelhas com uma cara de *E por que eu deveria me importar com isso?*

— Duas escolhas, *peekôn*.

Franzi o cenho. *Peekôn* significava “espinho”.

— Posso levar você para sua casa. Ou posso deixa-la aqui. Sozinha.

E se houvesse mais raios? Não queria ficar ali sozinha, pelo menos não até chegar ao canavial. Mas não poderia ir para casa com uma moto barulhenta daquelas.

— Nenhuma dessas escolhas vai dar para mim.

Ele tomou um gole da garrafa.

— Nada além delas vai dar pra mim.

— Então vá embora. — Claro que ele não me abandonaria.

— *Bonne chance, peekôn*. — Ele se virou e caminhou até a moto.

— Espere Jackson! Não posso ir com você! Minha mãe odeia motos e ela vai me ouvir tentando entrar de fininho. — Estudei minhas botas italianas enlameadas enquanto resmunguei, — Iria a pé comigo? Só até o canavial?

Ele exalou com uma irritação não disfarçada.

— Irei com você até lá. — Ele levantou o descanso da moto.

Feixes de névoa flutuavam enquanto caminhávamos em silêncio.

Embora estivesse embriagado, Jackson de alguma forma parecia alerta. Também estava andando com tanta má vontade que fiquei tentada a disparar. — Deus, vai logo embora!

Mas ainda estava apavorada com os raios. Mesmo que não fossem reais.

Odiava ter medo. Odiava querê-lo por perto.

Conforme prosseguíamos, dei algumas olhadas nele de soslaio, lutando para entender a empolgação que senti quando estive prestes a me beijar — *versus* a falta de entusiasmo que senti quando Brandon *de fato* me beijou.



Visualizei a beleza engomadinha de Brandon, suas mechas onduladas e castanhas, sua jaqueta de jogador e seu futuro brilhante.

As perspectivas de Jack? A penitenciária estadual de Angola. Só era questão de tempo até que fosse mandado para lá.

Se Brandon era um bom garoto e não era ainda um grande homem, Jackson era um garoto do mal — e já era um homem do mal.

Mesmo assim com o Cajun eu tive um gosto do que era desejar um garoto de verdade. Desejar *de verdade*...

Ele me ofereceu sua garrafa.

Eu recusei, perguntando.

— Por que bebe tanto?

— Olha quem fala né?

Quando viu que eu estava esperando uma resposta, disse.

— Me dê uma razão para não beber.

— Faz mal para a sua saúde.

— Acha que vou viver tempo suficiente para morrer dos efeitos do álcool? Brindemos a isso.

Inclinei minha cabeça, fitando-o, pensando em todos os boatos que o cercavam — o esfaqueamento, o instituto correccional, os roubos em Sterling.

— Jackson, você é tão ruim quanto todo mundo diz?

Com a garrafa ainda nos lábios, ele disse.

— Mil vezes pior, *fille*.

Um trovão soou a distância, como se para acentuar sua declaração.

Assim que alcançamos o caminho de areia que corria entre duas plantações de cana, eu disse.

— Obrigada por me trazer até aqui. Vou ficar bem a partir daqui.

— Não vou te deixar no meio de uma plantação. — ele resmungou, ainda assim com cada passo que dava canavial adentro, parecia mais e mais desconfortável. — No canal, o pessoal acha que esse lugar é mal assombrado. — Ele me deu um olhar astuto. — É verdade?

— Talvez um pouco. — Quando as canas sussurraram na noite sem vento, eu me aproximei das fileiras, passando os dedos abertos nos caules, me tranquilizando depois da alucinação.

Aqui eu estava segura.

Uma calma desceu sobre mim. Absorvi o ar sufocante, saboreando o ruído dos insetos, o cheiro doce do orvalho, os animais brincando ao nosso redor.

Tudo era tão vivo, *abundante* de vida. Suspirei. Minhas pálpebras pesando.

— *Drôle fille*. — murmurou Jackson.

Em Francês correto, *drôle* significava *engraçada*.

Em Cajun? *Esquisita*.

— O que disse?

— É uma noite escura de neblina e estamos andando no meio dessas canas farfalhantes. Uma *p'tee fille* como você passeando por aqui como se fizesse isso todos os dias? Não devia estar grudada no meu braço?



— Dificilmente.

Quando algo se mexeu perto deles, Jackson disse.

— Esse canavial não... deixa você perturbada?

— Eu amo isso aqui. O que está escutando provavelmente são apenas guaxinins. — *Ou cobras.*

Notei que ele não bebeu nenhuma vez daquela garrafa desde que entramos no canavial. Talvez pressentisse que havia algo de errado comigo, com aquele lugar. Talvez ele acreditasse nos contos mal assombrados e quisesse ficar alerta.

Quando consegui avistar as luzes de Haven à distância, perguntei.

— Você é supersticioso, Jackson?

— Sim. Muito. Só porque sou católico não quer dizer que não possa ser supersticioso. — ele disse, exalando de alívio quando saímos do canavial. Então imediatamente assoviou baixo ao ver a casa.

— Maior ainda do que eu me lembrava.

Tentei vê-la com os olhos dele. As lâmpadas de gás estavam acesas no topo das doze colunas soberbas. Jasmins escalavam as várias grades, sempre tentando alcançar a enorme casa antiga como se sentissem luxúria. Aqueles carvalhos majestosos já tinham conseguido; eles circulavam a estrutura de maneira protetora.

O olhar de Jackson percorreu o lugar com tanta sagacidade que entendi que precisávamos nos separar imediatamente.

— Sabe o que eu acho? — disse ele finalmente. — Acho que você é exatamente como essa casa, Evangeline. Bela e farta por fora, mas ninguém tem ideia de como é por dentro.

Ele realmente conseguia ser surpreendentemente perceptivo às vezes.

— Acha que eu sou bonita, Cajun?

Ele rolou os olhos, como se já tivéssemos estabelecido o assunto.

— E tanto você quando esse lugar são bem mais esquisitos do que deveriam ser.

Não tem nem ideia, Cajun. Nenhuma. Ideia.

Com um dar de ombros, me virei em direção ao celeiro. Ele eventualmente me seguiu, aparecendo ao meu lado. Quando abri a porta, os cavalos relincharam em boas-vindas.

Bem, todos exceto minha velha pônei, Allegra — que ganhou esse nome *antes* que aquele remédio para alergia fosse lançado; ela roncava.

Do lado de fora da porta, Jackson colocou a moto, escorando-se nela.

— Uma mansão velha e enorme como essa, e só você e os seus pais moram aqui?

Embora somente o utilitário prateado da Mercedes da minha mãe estivesse estacionado na frente, eu deixei que pensasse que tinha um pai ali.

— Então vocês são mesmo a família mais rica da comunidade?

— Não. Todos sabem que os Radcliffe são os mais ricos.

Um músculo pulsou em sua bochecha.

— Vai ficar por aqui? Não vai ficar com medo?

Com medo? *Com uma força de seis milhões.*

— Se me pedir com gentileza, posso ficar e ser o seu guarda-costas.



Quando dei uma risada zombeteira, ele fechou a cara.

— Você adora rir de mim, não é, *peekôn*? Aproveite agora porque nem sempre vai ser assim.

— O que isso quer dizer?

Ele apenas estreitou os olhos, com uma aparência perigosa sob as lâmpadas a gás.

— Sinta-se à vontade para ir embora quando quiser Jackson. Porque eu não preciso de um guarda-costas e não vou ficar com medo. De qualquer maneira não tenho escolha, já que você se recusou a procurar Melissa ou Brandon comigo.

— Radcliffe outra vez? — Com um palavrão dito entredentes, Jackson se levantou da sua moto, caminhando até a porta do celeiro. — Mesmo que ele tenha ajudado Clotile a ficar de cabeça para baixo naquele barril? Depois daquilo eu realmente achei que você reavaliaria sua definição de *firmes*.

— Você... você viu aquilo?

— *Todo mundo* viu. E na sua festa de aniversário, nada menos. Todos também viram você tentar recuperar a atenção dele. Parecia desesperada, se quiser saber a minha opinião.

A bile me subiu à garganta. Jackson disse que eu precisava ser tirada do meu pedestal. Missão cumprida.

— Eu só não sei *o que* ele acha que Clotile tem que você não tem. Você está linda de se ver nessa saia, sabe dançar, e cheira como uma flor. O que há para não gostar?

Quando ele me deu um sorrisinho, eu cheguei ao meu limite. *Já chega!*

— Está gostando disso!

— *De bom coeur*. — De todo coração.

— *Imagino*. Porque você é um garoto cruel e sem classe que fica alegre com a infelicidade dos outros. — Mantive o olhar. — Brandon é duas vezes o homem que você é. E sempre será.

A expressão de Jackson ficou mais ameaçadora do que alguma vez já vi.

Cheia dele, fechei a porta em sua cara e me dirigi ao escritório nos fundos do celeiro. Soltando fumaça pelas ventas, andava de um lado para o outro. *Reavaliar sua definição de “firmes”?*

Quis estrangular ele!

Não, não, não precisava pensar em Jackson Deveaux; precisava me concentrar em quem — ou no quê — havia me atacado.

Ou pelo menos determinar *se* realmente tinha sido atacada. Quando revi cada detalhe que consegui lembrar — e maldição, estava *embriagada* — concluí uma coisa. Estava ferrada.

Podia aceitar as plantas. Alucinações ou não, elas começaram a me confortar. Mas as lanças de dardos? A morte num cavalo branco? Ver o garoto enigmático na sala de aula?

Ferrada. Só mais dois anos para me mandar nunca acontecer. Mudança de planos.

Sim, prometi a minha mãe que não entraria em contato com a vovó — mas eu já estava com o pé no CLC de qualquer maneira.

A Morte disse, — *Ninguém lhe disse que eu viria?* — Talvez alguém tivesse dito?

Ligaria escondido para a minha avó amanhã.

Enquanto imaginava como começaria nossa primeira conversa em oito anos, minha cabeça e rosto começaram a formigar. Então a *doer*. O celeiro logo desapareceu.



— Não, não!

Já era demais! Não podia aguentar mais disso! Apertei os olhos com força, como se fosse adiantar alguma coisa.

Quando os abri outra vez, estava em um quarto sem janelas, com sacos de sementes num chão de azulejos e pôsteres de *Star Wars* nas paredes. Um porão transformado em quarto de jogos?

Então vi o garoto enigmático, de pé na minha frente!

— Precisa se preparar Evie. — ele disse.

A sensação de bolhas que normalmente experimentava agora parecia mais uma enxaqueca, como se essa visão estivesse sendo enfiada no meu crânio com um atirador de pregos.

— Me deixe em paz! — Depois, para mim mesma, murmurei, — Quantas visões posso ter em uma única noite?

— Muitas. — respondeu ele. — É a véspera do Começo. Há muito trabalho a se fazer!

Ótimo. Ele ia fazer tão pouco sentido quanto fez na primeira vez que o vi.

— Quem é você?

— Matthew Mat Zero Matto. É mais fácil pensar em mim como o Coringa.

Uma carta. Ah, Deus, eu *tinha* interiorizado os ensinamentos de Tarô da minha avó. Um personagem do baralho que ela sempre jogava agora estava falando comigo.

— Suponho que o anjo da morte que me visitou — o que quer me matar — era a Carta da Morte.

Ele assentiu.

— *Arcana Maior*²².

A vovó não me explicou a Arcana Maior uma vez? Elas eram cartas especiais, talvez as cartas mais importantes do Tarô?

Houve um tempo em que eu remexia no seu baralho, as cartas tão grandes nas minhas mãos...?

Não conseguia lembrar!

— E a bruxa vermelha? — exigiu saber. — Que carta ela é? Como ela — *nós* — pode controlar as plantas? — Aquela era a extensão das nossas similaridades.

Eu era boa e ela má.

Ponto final. Eu era a *Bruxa Glinda, a Bondosa*²³ das plantas — completamente em paz, amor e unidade com elas — e ela seria o nosso flagelo de ódio.

A Morte mesmo havia dito que eu era a vida — e a bruxa claramente era a morte.

Belisquei a base do nariz.

Como se *algum* desses personagens fossem reais!

— Bruxa vermelha? — Matthew franziu o cenho. — Ah, ela ascende. Cuidaremos dela quando chegar a hora.

— Cuidar dela? Quer dizer, *lutar* com ela?

²² Parte do baralho do Tarô composto por vinte e duas cartas. São as cartas permanentes do baralho e são diferenciadas das outras quatro partes, conhecidas como Arcana Menor.

²³ Personagem fictício criado pelo escritor L. Frank Baum da Terra de Oz.



— Ela é forte. Você *não*. Ainda.

A dor na minha cabeça ficou excruciante. Meus olhos se encheram d'água.

— Matthew, isso *dói*! — Senti o gosto de sangue correndo pelo fundo da garganta, aumentando minha náusea.

A pressão diminuiu um pouco, mas não completamente.

— Não quero que sofra. — ele disse com firmeza.

— Por que continua aparecendo?

— Capo de batalha. Arsenal. Obstáculos. Inimigos. Eu lhe ensinei cada um deles; você não escuta com atenção, toma remédios, bebe.

Quando o sangue escorreu pelo meu nariz, pressionei as costas das mãos nele.

— Estou prestes a afundar, garoto. No sentido de gritar, arrancar os cabelos, surtar completamente. Não posso continuar tendo essas visões.

Ele me olha com olhos castanhos solenes.

— Não vou *falhar* com você, Evie, você é a minha única amiga.

Suas palavras sinceras me pegaram desprevenida. Ele realmente parecia muito familiar. Exatamente enquanto me perguntava por que sentia uma grande confiança por ele — ele fez tudo imaginável para *não* merecê-la — lembrei que não existia.

Sacudi a cabeça com força, esclarecendo só o suficiente da visão para que pudesse escapar. Consegui chegar à porta, esbarrando num cobertor de cavalos, e então em direção ao canavial.

Nuvens cheias de chuva se juntaram em cima da plantação; trovões soavam.

— Não, Evie, — ele chamou. — Não fique embaixo das nuvens! A *chuva*...

Olhei para trás. Ele parecia apavorado, incapaz de me seguir. Com medo da chuva?

Ele não precisava saber que as nuvens em Sterling eram fraudes que não tinham entregado suas promessas o verão inteiro. Continuei andando.

— Você não está pronta! — gritou ele. — Seus olhos brilharão se olhar para as luzes!

— Me deixe em paz, Matthew!

— Vire-se das luzes. Não olhe! Quero que fique a salvo!

— Eu também!

Justo antes que alcançasse o início do canavial, ele me alertou mais uma vez.

— *O Começo está próximo...*



Capítulo 10

DIA ZERO

Quando não ouvi nada sobre Mel ou Brandon ao meio-dia, o pânico se instalou. Por que eles não pegaram seus telefones?

Certamente eles dois não conseguiram ser... roubados.

Especialmente quando ninguém mais pareceu ter sido. Sem meu celular, fiquei no laptop, vasculhando posts on-line dos alunos para obter informações.

Durante toda a manhã, olhei para as fotos do barril de chope da festa e os solitários copos descartáveis espalhados. Li as atualizações dos garotos que estavam se gabando sobre estar na festa do ano.

Nem uma palavra sobre os policiais. E aparentemente, mamãe também não ouviu nada...

Despertei ao amanhecer no meio do campo de cana, depois de ter dormido profundamente por horas. Surpreendentemente, não tive ressaca — um milagre considerando como estava mal, tão bêbada que alucinei pior do que nunca antes.

Estava desesperada para tomar banho e escovar os dentes, mas não queria que mamãe me visse nas roupas com as quais saí. Depois de um tempo, não me importei.

Ela estava tão distraída pela seca, no telefone com outro fazendeiro, que nem notou que eu estava vestindo um Versace de alcinhas e uma calça de montaria meio comida pelas traças no ano passado.

Mamãe teria ouvido sobre a detenção a esta hora, ainda assim ela não disse nada, apenas beijou distraidamente minha bochecha antes de correr para outra reunião de emergência com os fazendeiros.

Depois que tomei banho e me vesti, comecei a me sentir confiante que meu namorado verdadeiramente abafou a situação.

Exatamente como disse que faria. Meu cavaleiro bêbedo de armadura brilhante venceu sua batalha.

Agora dei um leve tapinha no enorme solitário de diamante ao redor do pescoço, percebendo que Brandon Radcliffe não era apenas o tipo de garoto que eu *precisava* na minha vida; era quem eu *queria* — confiável, despreocupado, fácil de ler.

Não um taciturno, misterioso e impossível de decifrar.

Decidi começar alguma coisa para segurar meu namorado, então eu ia parar de ter pensamentos estúpidos sobre o Angola Bound²⁴ Cajum.

Com isso em mente, liguei para o celular de Brandon do telefone de casa novamente, pretendendo deixar uma mensagem desta vez.

— Ei Brand, espero que esteja tudo bem. Estou começando a me preocupar. — Mordisquei o lábio inferior, debatendo como começar isto. — Ontem à noite, sobre nossa conversa... nós fomos

²⁴ Angola Bound é uma música de Aaron Neville sobre os detentos da Penitenciária do Estado da Louisiana.



interrompidos — quando você saiu para salvar o dia pra mim. E justamente queria contar a você minha decisão.

Fiz uma pausa, sabendo que não havia volta atrás.

— Minha decisão é... Sim. Passarei a noite com você no próximo fim de semana. — *Feito. Segurado.* — Eu... eu estou... — Aliviada? Nervosa? — Humm, ligue pra mim. Pra casa.

Ele ainda não tinha me ligado às três da tarde, quando Mel andava de um lado para o outro no meu quarto.

— Onde diabos você esteve? — Meu humor estava podre. Meus planos para conversar com minha avó foram frustrados. Não me atrevia a ligar do telefone aqui de casa. — O que aconteceu com você na noite passada?

— Spencer e eu fomos para o carro dele, totalmente ligados um no outro. Me joguei pra cima dele, nos divertimos, e agora ele é um cachorrinho na coleira. — Ela fez um som de chicote sendo estalado. — Melly pegou mojo... e ele quer uma RE.

Relação exclusiva? Já? Eu me senti excitada por ela, antes de lembrar que eu estava puta.

— Bem quando estávamos acabando, a polícia chegou. — Mel disse. — Aí escapamos de volta.

— Por que não veio aqui me encontrar? — exige.

Ela piscou.

— Foi o que eu fiz. Então o que aconteceu com você, Evie?

— Hmm. Depois que Brandon saiu para suavizar as coisas com o xerife e encontrar você, me sentei sozinha no bosque. — *Fui atacada e fiquei apavorada.* — Eventualmente, caminhei milhas para chegar em casa — com aquele irritante Jackson Deveaux — e passei a noite no celeiro. — Ou melhor, no canavial. — Você só me deixou lá fora, Mel. Você escolheu os manos acima das vadias. — eu disse, tirando sangue.

Ela ofegou.

— Pensei que você estava com Brandon! Vou romper com Spencer como penitência!

Uma coisa sobre Mel — ela faria de verdade. Como eu podia ficar brava quando menti tanto para ela? Por fim, murmurei.

— Você está perdoada.

— Obrigada, Greene! Eu não queria dominar o coração do Spencer. — Ela deitou de costas na minha cama, acrescentando travessamente. — Não *ainda*.

Meu laptop soou.

— Um e-mail de Brandon? — Estranho. Nós enviávamos torpedo noventa e nove por cento do tempo. Ele basicamente usava o celular como computador.

Tudo legal c/ a polícia. Tá na vez de tomar esporro do meu pai. Falamos mais tarde.

— Isto é estranho. Por que ele apenas não enviou um torpedo? Ele não sabe que fiquei ilhada sem meu celular. — E por que ele nem sequer mencionou meu correio de voz?

— Ele não podia te enviar um torpedo. — disse Mel, levantando suas mãos para o ar para estudar suas unhas. — Os celulares de todo mundo foram roubados.

— O quê? — Eu me levantei de um salto.



— Por que você acha que não liguei a manhã toda? — Ela se levantou com uma cara feia. — Alguém pegou as carteiras e celulares tirando das pessoas. E arrombaram todos os nossos carros. Mas não se preocupe, sua bolsa não foi levada.

Disparei para fora do meu quarto, descendo os degraus para alcançar o Beamer de Mel. *Meu diário!*

— O que há de errado com você, Evie? — Ela exigiu trotando atrás de mim, facilmente me acompanhando.

Quando alcancei seu carro, freneticamente golpeei a porta até que ela clicou abrindo.

— Jesus, Evie, fique fria.

Minha mão tremia quando agarrei minha bolsa. Certamente um ladrão não a deixaria, mas em seguida roubaria o diário. *Por favor, deixe meus desenhos estar dentro...*

Cambaleei em meus pés.

Meu caderno de esboços... desapareceu. Aquele cheio com ratos e serpentes sob um céu apocalíptico, corpos mutilados em espinhos como arame farpado, e horríveis caras de saco como de bicho-papão. Eu desenhei um lambendo sangue da garganta de uma vítima. Como um animal em um canal.

Minha lágrima borrou o desenho da Morte em um cavalo pálido, este estava datado há apenas algumas noites.

Este era o diário que Jackson repetidamente se inclinou para ver. Meus olhos se arregalaram. A figura se esquivando entre os carros ontem à noite — era *Lionel*.

Ele roubou os celulares e meu caderno de esboços. Minha própria passagem só de ida para o CLC.

E Jackson me manteve ocupada, fingiu interesse em mim... para que Lionel...

Oh meu Deus!

Lutando para não vomitar, disse a Mel.

— Eu sei quem pegou nossos telefones. E se você me ajudar, vou pegá-los de volta.



Capítulo 11

— Você já teve ideias melhores. — Mel murmurou, apertando os olhos para ver do lado de fora do para-brisa respingado de insetos. Ao entardecer os insetos fervilhavam, e seus corpos esmagados tinham se enredado até que eles eram como piche no vidro.

— Talvez sim, mas tenho que fazer isso. — Nunca estive tão indignada em toda a minha vida, e estaria ferrada se deixasse Jackson se safar com esta. — Você não pode ir um pouco mais rápido?

O sol ia se pôr em breve, e nós ainda nem fizemos a recepção no condado. Levamos horas para encontrar o endereço do Cajun no computador da Sra. Warren, e então perdi ainda mais tempo persuadindo Mel a me levar até Basin.

— Você tem sorte que estou nessa afinal, Greene. Não vou perder minha licença por causa do bilhete de quinta categoria este ano...

Ela ainda não tinha parado de reclamar do tempo que a recepção imponente tomou.

— Vamos apenas chamar a polícia.

E então eles confiscariam meu diário.

— Jackson só fez isto porque ele é um valentão e porque *pode*. Ninguém jamais gritou com ele. Mas está na hora de alguém fazer.

— Como sabe que ele está com os telefones? Você disse que ele apenas serviu como vigia.

Eu não disse a Mel exatamente como Jackson foi bom no seu trabalho, só que me manteve conversando com ele enquanto Lionel pegava nossas coisas.

— Eu só sei, ok? — O que não era exatamente a verdade. Ele pode não ter os telefones, mas teria aquele caderno de esboços, que era minha prioridade principal.

Não que os telefones não fossem grande coisa. Embora eu tivesse bloqueado o meu com um código — boa sorte acessando qualquer uma das minhas informações — Brandon nunca bloqueou seu telefone. E ele tinha todos os nossos torpedos privados ao longo dos últimos sete meses, sem falar de uma pasta cheia de incontáveis fotos e vídeos meus.

Aqueles Cajuns estariam agora cobiçando imagens minhas de maiô ou dando risadinhas para a cara de boba que eu fiz para a câmera do Brandon? As piadas bregas que eu disse.

Escutaram minha mensagem de voz mais cedo? “*Sim, passarei a noite com você.*” Meu rosto queimou, minha fúria ampliou agora a novas alturas.

Quando nos deparamos com a nova ponte, estendendo-se acima de hectares de pântano, meus lábios afinaram. Sem esta linha de cimento cinza fosco, eu nem sequer teria *conhecido* Jackson Deveaux.

Quando chegamos ao fim da ponte, estávamos oficialmente em um novo condado. Terra dos Cajuns. Enseadas de Bayou e pequenas pontes levadiças abundavam. Dois guardas florestais em sua caminhonete preta estavam sentados conversando ombro a ombro.

Mel exalou.

— Por que está me forçando a assumir o papel de voz da razão? Você sabe que nunca funcionou pra nós.



— Preciso fazer isso. — eu disse simplesmente. Quando percebi que Jackson estava brincando comigo, que o quase beijo foi uma artimanha — aquilo *doeu*. Embora eu nunca quisesse seu beijo, pra começar.

Por que ele teve que agir como se gostasse de mim? Foi uma brincadeira maldosa, insensível. Como ele e Lionel devem ter rido de minha ingenuidade!

— Está ficando realmente escuro. — disse Mel enquanto nos aproximávamos do desvio de Basin. Ela não se referia apenas à luz do dia.

Nuvens ameaçadoras voltavam a se construir acima do pântano.

— Sim, mas quais as chances de realmente chover? — Aquelas nuvens me lembraram da cena que pintei na minha parede, e dos olhos brilhantes que eu veria em breve.

As pessoas normalmente não se dirigiam para terras baixas quando enfrentavam uma ventania forte assim. Eu não sabia qual tempestade se provaria pior — a raiva do tempo ou de Jackson.

Não importava; estava disposta a ver isso hoje à noite. Instruí Mel para virar na estrada de terra que levava à Basin.

Depois de alguns quilômetros, ela disse.

— Nós não estamos mais em Kansas.

Vimos barcos de pesca de camarão, choças bayou e estaleiros cheios de pilhas enferrujadas. Estatuetas da Virgem Maria enfeitavam cada quintal. Eu sabia o quanto os Basin eram católicos, mas até eu fiquei surpresa.

Nós nos aproximamos do fim da estrada, ficando mais perto do endereço de Jackson. Havia menos estruturas aqui embaixo, mais palmitos, bananeiras e cipreste. O lixo se acumulava ao redor dos lírios do pântano.

Até o momento o pântano era visível, estava escuro e as luzes do carro bastavam. Olhos vermelhos brilhavam atrás das canas. Crocodilos. Eles eram tão grandes, alguns dos menores estavam deitados por cima dos outros.

Pares de pontinhos vermelhos redondos, empilhados como degraus de escada.

Mel nervosamente ajustava as mãos no volante, mas dirigiu em frente. O carro se arrastou aprofundando sob um dossel de ramos e vinhas entrelaçadas, como um passeio entrando em um túnel assombrado.

Quando a estrada se rendeu a uma trilha esburacada, a casa de Jackson surgiu à vista — uma casa de caça, longa e estreita, com entradas em ambas as extremidades. A estrutura era uma bagunça de pintura descascada. Couro de crocodilo foi pregado sobre os piores lugares.

O telhado era remendado por folhas de zinco enferrujado. Em uma parte, uma lata de lixo pode ter sido martelada e desempenada.

Este lugar era tão longe do orgulhoso Haven quanto possível. Eu pensava que já tinha visto pobres. Estava enganada.

— É onde ele vive? — Mel estremeceu. — É horrível.

De repente me arrependi que ela visse isto, como se traísse um segredo de Jackson, o que não fazia o menor sentido.



— Evie, meu carro ficará preso se eu dirigir para mais longe. E não é como se tivéssemos nosso telefone conosco.

— *Ainda* não. Só fique aqui e vou caminhar até lá. Voltarei com nossas coisas.

— E se ele nem sequer estiver aqui?

Eu aponteí sua moto, estacionada debaixo de uma saliência ao lado da varanda da frente.

— É dele.

Quando abri a porta do carro, ela disse.

— *Pense* nisso.

Pensei. Toda esta situação era tão desnecessária. Nada disso precisava acontecer. Tudo porque Jackson me roubou! Violou minha privacidade, talvez tenha visto e ouvido minhas trocas íntimas com Brandon.

E viu meus desenhos.

Aquela liberdade que jurei que nunca teria como garantida? Suas ações ameaçavam isto!

Lembrar-se do que estava em jogo me fez bater a porta do carro com força e me aventurar adiante. Moscas amarelas me cercaram, mas continuei, trilhando em torno de pneus, armadilhas de caranguejo arrebitadas, raízes de cipreste.

Mais próximo à sua casa não havia nenhuma grama cortada, não havia nem grama. Nestas partes, algumas pessoas que não podiam dispor de um cortador de grama “varriam” seus quintais, mantendo-os livre de vegetação — e de cobras. Seu quintal era um pedaço gigante de terra batida.

Quando me aproximei vi ferramentas penduradas no telhado da varanda. Um facão e uma serra se chocavam na brisa crescente.

Cruzei uma depressão seca até estar diante de quatro degraus de aparência instável. O primeiro degrau se curvou com o meu peso. Como é que um garoto tão grande quanto Jackson fazia para escalá-los?

Não havia nenhuma aldrava na porta de compensado sem pintura, só uma alavanca enferrujada para abri-la. A parte de baixo estava cortada em tiras.

Desde quando animais arranhavam para entrar?

Com um calafrio, olhei de volta para o céu, vi que as nuvens estavam ficando piores. Olhei para Mel à distância, pensativa em seu carro. *Talvez isto fosse... estúpido.*

Não. Eu tinha que conseguir aquele diário de volta. Encontrei os nós dos meus dedos batendo na madeira.

— Olá?

A porta gemeu se abrindo.

Capítulo 12



— Sr. ou Sra. Deveaux? — Nenhuma resposta. — Preciso falar com Jackson. — chamei enquanto entrava na casa.

Não vi ninguém dentro, mas dei uma boa olhada. Tão ruim quanto o exterior.

A área de estar principal era apertada, o teto tão baixo que me perguntei se Jackson tinha que se abaixar para andar por ali. Oscilando estava uma única lâmpada, zumbindo como uma abelha.

A única janela foi coberta. A porta para um quarto nos fundos estava fechada, mas ouvi uma TV no último volume do lado de dentro.

Na parede à esquerda tinha uma cozinha ridiculamente pequena. Seis peixes estavam limpos ao lado da panela esquentante. Algum tipo de caça estava cortada aos pedaços, já empanada em farinha de milho. Jack colocou armadilha, prendeu ou atirou naquilo no balcão?

Por que deixou o fogão aceso?

— Jackson, onde está você? — Com olhar desesperado, dei uma olhada mais atenta ao redor do lugar.

Encostado na parede à direita estava um sofá xadrez, com furos de queimado de cigarro nos braços. Lençóis puídos foram espalhados sobre as almofadas afundadas.

As botas dele estavam largadas no chão no pé do sofá. *Este é o lugar onde ele dorme?*

Fiquei boquiaberta. Ele nem sequer tinha seu próprio quarto.

Um livro de *Espanhol para Iniciantes* estava caído no chão, com a brochura rachada e aberto ao meio, com uma cópia gasta de Robinson Crusoe ao lado. Aquele romance não estava em nossa lista de leitura. Então ele lê por prazer? E queria falar outro idioma?

Senti algo se arrastando dentro de mim. Por mais que eu pensasse nele como crescido, ele era apenas um garoto de dezoito anos que tinha planos e sonhos de garoto.

Talvez ele se imaginasse fugindo para o México ou economizando para sair deste buraco dos infernos.

Atingiu-me em cheio o quanto eu realmente sabia pouco sobre ele.

Conforme minha raiva desaparecia e me lembrava do pouco que sabia, eu *odiava*. Ainda assim, peguei-me marchando adiante para desligar o fogão antes que o lugar pegasse fogo.

Mordisquei meus lábios. *Onde ele estava?* E se meu caderno de esboços estivesse com Lionel? Não vi nenhum dos telefones aqui também.

Depois que desliguei o fogão, ouvi gritos dos fundos. Não era a TV?

Subitamente uma bateria dura bombardeou o telhado de lata. Dei um grito de surpresa, mas aquela barulheira o sufocou.

— É apenas a chuva. — murmurei pra mim mesma. — Gotas no teto de lata. — Finalmente!

A água começou a canalizar junto às fendas salientes no teto, gotejando até o chão em cima do sofá. Jackson não teria nenhum lugar seco para dormir hoje à noite.

Dei um pulo quando o som de pisadas sacudiu a casa, como se alguém estivesse saltando o conjunto de degraus dos fundos. Quando uma porta bateu atrás, a porta de conexão rangeu abrindo.

Mórbida curiosidade me atraiu mais perto. *Uma espiada e eu deslizaria para fora...*



Em um colchão manchado, uma mulher de meia-idade estava deitada inconsciente, seus longos cabelos negros embaraçados abriram um halo ao redor da sua cabeça. Estava quase indecente, seu roupão subiu até o alto de suas pernas. Um rosário com brilhantes contas ônix e uma pequena cruz gótica rodeava seu pescoço.

Seu braço pendia para o lado, uma garrafa vazia de uísque no chão logo abaixo das pontas dos seus dedos. Um prato de ovos mexidos intocados e torradas estavam em cima de uma caixa ao lado da cama.

Essa era a Sra. Deveaux?

Um homem alto e bronzeado de macacão molhado surgiu. Ele começou a andar ao lado da cama, gritando para sua forma inconsciente, gesticulando com um punho e sua própria garrafa de bebida.

Esse homem era seu marido? Seu namorado?

Eu sabia que precisava ir embora, mas estava presa no lugar, não podia desviar o olhar mais do que podia deixar de respirar.

Então vi Jackson no outro lado da cama, ajeitando seu roupão para fechá-lo. Sacudindo seu ombro, ele murmurava com urgência.

— *Maman, reveille!* — Toque de alvorada.

Ela disse algo com voz pastosa, mas não se moveu. O modo como Jackson olhava para seu rosto, tão protetoramente... Eu sabia que ele cozinhou para ela aquele café da manhã.

Quando o bêbado cambaleou pesadamente em direção a ela, Jackson afastou o braço do homem com um tapa.

Ambos começaram a gritar em francês Cajun. Mesmo com o que eu compreendia, mal podia acompanhar. Jackson estava tentando expulsá-lo, dizendo-lhe para nunca mais voltar?

O homem se estendeu para a Sra. Deveaux novamente. Jackson o bloqueou mais uma vez. Em seguida os dois se colocaram em posição de ataque ao pé da cama. Suas vozes ficaram cada vez mais altas, berrando de raiva enquanto circulavam um ao outro.

O idiota não via aquele brilho nos olhos do Jackson? Aquela dor promissora?

Ao invés de dar atenção aquele aviso, o homem agarrou o pescoço da sua garrafa, quebrando o fundo dela no peitoril da janela. Com uma velocidade surpreendente, ele atacou com a borda irregular. Jackson repeliu o golpe com seu antebraço.

Eu vi o osso antes do sangue jorrar. Empurrei as costas da minha mão contra minha boca. *Não podia imaginar aquela dor!*

Mas Jackson? Ele apenas sorriu. *Um animal mostrando os dentes.*

Afinal, o bêbado cambaleou para trás com medo. Tarde demais. Jackson lançou seu grande corpo adiante, seus punhos voando.

Um fluxo de sangue jorrou da boca do homem, então outro, e ainda assim Jackson impiedosamente o golpeava. A força em sua estrutura era brutal, a selvageria em seus olhos...

Por que eu não podia correr? Deixar este lugar sórdido para trás?

Deixar estes sons horríveis para trás — a chuva irritada no teto de lata, a mulher balbuciando, os grunhidos do bêbado enquanto Jackson depositava um golpe depois do outro.

Então... um último soco na mandíbula do homem. Pensei ter ouvido o osso quebrando.



A força do golpe enviou o homem girando em um pé, babando sangue e dentes conforme caía.

Com uma risada insensível, Jackson zombou.

— *Bagasse.*

Polpa de cana. Literalmente moído a golpes até virar uma polpa. Cobri minhas orelhas com meus antebraços, lutando contra a vertigem.

Agora que o homem foi derrotado, a raiva do Jackson pareceu diminuir. Até que lentamente girou sua cabeça em minha direção. Suas sobrancelhas se juntaram em confusão.

— Evangeline, o que você está...?

Ele varreu um olhar pela sua casa, como se a estivesse vendo através dos meus olhos. Como se estivesse vendo este buraco do inferno pela primeira vez.

Inclusive depois da exibição de violência crua de Jackson, eu não podia deixar de sentir pena dele.

Ele deve ter visto isso na minha expressão, porque seu rosto ficou vermelho de vergonha. Sua confusão evaporou e aquela ira retornando. Seu olhar estava quase inexpressivo com isto.

— *Por que diabos você veio aqui?* — Os tendões do seu pescoço esticaram enquanto ele caminhava em minha direção. — *Diga-me por que está na porra da minha casa!*

Eu só podia ficar boquiaberta enquanto retrocedia. *Não dê suas costas a ele, não desvie o olhar...*

— Uma garota como você em Basin? *C'est ça coo-yôn! Bonne à rien!* Boa para mais nada além de se meter em problemas! — Eu nunca ouvi seu sotaque tão carregado.

— Eu... eu...

— Queria dar uma olhada para ver como vive a outra metade? É isso?

Recuei atravessando a soleira da frente, quase nos degraus da varanda.

— Eu queria o diário que você roubou!

Relâmpagos brilharam destacando as linhas de fúria em seu rosto. O trovão imediatamente ressoou, agitando a casa tão forte que a varanda sacudiu. Gritei e balancei procurando me equilibrar.

— O diário com todos os seus desenhos loucos? Você veio me tomar este trabalho! — Quando Jackson me agarrou com aquele braço machucado eu recuei, tropeçando para trás até bater na chuva.

Aquele degrau solto pareceu curvar embaixo do meu pé; dor explodiu em meu tornozelo.

Senti-me caindo... caindo... pousando de bunda em uma poça. Ofeguei, cuspidando lama e chuva, chocada demais para chorar.

Mechas de cabelo molhado colaram no meu rosto, em meus ombros. Tentei me levantar, mas a lama me sugava para baixo. Afastei meus cabelos dos olhos, cobrindo meu rosto com sujeira.

Piscando para afastar a chuva, gritei.

— Você! — Eu queria cair sobre ele, culpá-lo pela minha dor, minha humilhação. E tudo que eu podia dizer repetidas vezes era: — *Você!* — Finalmente consegui gritar. — Você me dá nojo!

Ele deu uma risada amarga.



— É? Não dei ontem à noite quando você estava umedecendo seus lábios, esperando que eu os beijasse, Não. Você queria mais de mim então!

Meu rosto corou de vergonha. Então me lembrei.

— Você me enganou para que seu amigo fracassado pudesse roubar nossas coisas. Você agiu como se gostasse de mim!

— Você não pareceu se importar! — Ele levantou seu braço ileso, passando os dedos pelo cabelo. — Ouvi sua mensagem para Radcliffe! Você ia me beijar? Então deixar aquele garoto ter você somente uns dias mais tarde?

— Entregue o meu diário!

— Ou o quê? O que vai fazer sobre isto? A bonequinha não tem dentes.

A frustração surgiu, porque ele estava certo. O Cajun tinha todo o poder; eu nenhum.

A menos que *eu* pudesse estrangular alguém na videira ou cortá-lo em tiras?

Quando minhas unhas começaram a se transformar, senti algo parecido com a unidade feliz que compartilhei com o canavial. Estava inundada com uma consciência de todas as plantas ao meu redor— suas localizações, seus pontos fracos e fortes.

Acima da casa de Jackson, um cipreste deslocou seus galhos sobre mim. À distância, senti o sibilar das videiras kudzu em resposta, deslizando mais perto para me defender.

E por um breve momento, experimentei a vontade de mostrar a ele quem realmente tinha o poder, puni-lo por me causar dor.

Puni-lo? Não, não! Ao mesmo tempo, lutei para refrear a fúria que eu mesma desencadeei.

— Você quer seus desenhos? — Jackson atacou de dentro, retornando com meu diário. — Tome! — Ele lançou o caderno como um Frisbee. As páginas foram navegando por todo o quintal enlameado.

— Nããão! — Gritei, vendo-os se espalharem, perto de hiperventilar.

Quando consegui rastejar de quatro, estava respirando tão forte que engasguei com as gotas de chuva e tossi. Agarrei as páginas mais próximas de mim, mas cada punhado de papel fazia uma visão chamuscar na minha mente.

Morte. Os bichos-papões. O sol brilhando de noite.

A cada página eu estremecia novamente, gritando com ele.

— Eu te odeio! Seu bruto nojento! — O belo rosto escondia violência, a ferocidade fervendo.

Embora tivesse protegido sua mãe, ele *gostou* de bater naquele homem inconsciente. Jackson tinha acabado de provar o quanto ele era realmente cruel. *Bagasse...*

— ODEIO você! Nunca mais chegue perto de mim novamente!

Ele piscou perante meu rosto, sua expressão se transformando de assassina para incrédula. Sacudiu a cabeça com força.

O que ele estava vendo?

— Evie! — Mel gritou. Ela veio atrás de mim!

Enquanto enlaçava um braço ao redor dos meus ombros para me ajudar a ficar de pé, ela gritou com Jackson.

— Fique longe dela, seu crápula!



Com um último olhar estupefato para o meu rosto, ele virou para se afastar com passos largos.

Assim que ele se meteu dentro daquela choça, minhas videiras alcançaram a varanda. Mel estava muito ocupada verificando meus danos para ver, mas eu as assisti balançar na vertical como najas, esperando que eu as comandasse.

Sussurrei.

— *Não*. — Imediatamente correram de volta para o mato como elásticos esticados. Então disse a Mel. — E-eu preciso destes desenhos. Todos eles.

Sem dizer uma palavra, ela caiu de joelhos ao meu lado.

Ambas na lama, coletando minha loucura.

Capítulo 13



— Você está tão quieta. — eu disse a Mel enquanto ela me ajudava a chegar até a minha varanda da frente. A chuva estava diminuindo, a porta de tela aberta à brisa da noite. Nós ainda estávamos cobertas de lama. — Odeio quando você fica quieta.

No caminho para cá, contei a Mel sobre o CLC, minhas visões, minha mãe, minha avó — embora não sobre as plantas — terminando assim que paramos.

Agora, depois da minha confissão, me senti maltratada, como uma daquelas bonecas que sempre saltam para trás quando golpeadas. Mas aqui está a coisa — aquelas bonecas idiotas apanham ainda mais por isto.

Quando este dia vai acabar? Meu lábio inferior tremeu enquanto lutava contra as lágrimas.

— Estou esperando que me diga o que aconteceu na choça do Cajun. — disse Mel. — Quero dizer, sua expressão foi inesquecível... Você estava toda tipo *“Ei! Vi alguma coisa atrás da fogueira”*.

— Talvez um dia eu conte a você. — Neste momento a memória estava muito crua.

— Como é que sou, tipo, a última a saber que você tem visões? A mulher que te gerou soube antes de mim. E isso dói.

— Não queria que você me olhasse de forma diferente. — Quando alcançamos a porta, eu disse. — Entendo se não quiser ser mais minha amiga. — Acenei para minha mochila, cheia com as páginas encharcadas.

Com um revirar de olhos, Mel entregou minha bolsa.

— E perder a oportunidade de vender seus pequenos desenhos perturbados no deviantART.com? De jeito nenhum, minha louca, louca devassa. — Ela enrolou o braço ao redor do meu pescoço, arrastando-me pra baixo para que pudesse esfregar os dedos no meu cabelo cheio de lama. — Vou ficar rica! Então me arrume mais alguns desenhos que não foram molhados pelo aterrorizante Cajun.

— Pare! — Mas surpreendentemente, eu estava prestes a rir.

— Tem certeza que não quer que eu entre? — Mel perguntou quando finalmente me soltou.

— Tenho. — disse a ela. — Estou, provavelmente, perto de abrir o berreiro.

— Olha gafanhoto, vamos descobrir tudo isso amanhã. — Mel me assegurou. — Mas marque minhas palavras: você *não* vai voltar para aquele lugar CLC. Nunca. Se precisar vamos fugir juntas, casar em uma união civil e viver da sua arte.

E lá se foi meu lábio inferior novamente.

— Você sempre esteve pronta a me ajudar, metendo-se nas minhas merdas.

Mel olhou para mim.

— Você está sendo chata, Greene. Corte toda essa baboseira sentimental e pergunte a si mesma: Que escolha eu tenho? Alôôô. Você é minha *melhor* amiga. Agora, entre antes que eu não segure minha língua.

Com um aceno de cabeça grave manquei pra dentro de casa, virando para acenar enquanto Mel partia com seu iPod estridente e sua marca registrada de três buzinas de saudação.

Quando entrei mancando na cozinha, minha mãe estava fazendo pipoca.

— Oi, querida. — ela chamou por cima do ombro, seu tom alegre. — Você acredita que choveu... — Seus olhos arregalaram ao ver minha aparência. — Evie! O que aconteceu com você?



— Tropecei na lama. É uma longa história.

— Você está machucada?

Dei de ombros, segurando a alça da minha mochila. Defina machucada.

— Meu tornozelo está um pouco torcido.

— Vou pegar um pouco de gelo e Advil. — A atenção da minha mãe passou de mim para a porta? — E então, você pode me dizer o que aconteceu.

Enquanto ela embrulhava gelo em um pano de prato, joguei-me em uma cadeira, mantendo minha bolsa com os desenhos bem perto.

— Não foi nada demais mãe.

Enquanto debatia comigo mesma como explicar este infortúnio, os ventos aumentaram, soprando através da porta de tela.

Embora tivéssemos conseguido a chuva, a brisa estava quente e seca. Como um cachecol fora do secador esfregando na minha bochecha.

Quando soprou novamente e mais forte, mamãe franziu o cenho.

— Humm, deixe-me checar rapidinho o Canal do Tempo. — Ela agarrou o controle remoto da TV da nossa cozinha e ligou.

A tela estava dividida entre três repórteres de campo de aparência aflita, o trio discutindo um com o outro. Um deles era o cara que esteve todo indiferente no olho do furacão Katrina.

Então por que ele estava suando em bicas agora?

— Visões de fenômenos climáticos bizarros no leste dos EUA... Capte a imagem por cima do meu ombro esquerdo... Olha só para aquelas luzes, gente... Isto é o *sol* nascendo?

O segundo repórter parecia que não piscava há uma semana.

— Temperaturas subindo vertiginosamente... Incêndios no Nordeste... Não há motivos para pânico. — ele disse em uma voz apavorada. — Picos de radiação... Relatos de aurora boreal até o extremo sul do Brasil...

O microfone do terceiro cara balançou em sua mão trêmula.

— Perdemos contato com nossas agências em Londres, Moscou e Hong Kong... Todos relataram eventos semelhantes... — ele pressionou a mão em sua orelha —... O que é?... Nova Iorque? Washington? — Ele disse com sua voz em um tom mais alto. — M-minha família está em Wash...

Um por um, os sinais foram cortados. *Blip. Blip. Blip.*

— Mãe? — sussurrei. — O que está acontecendo? — *Por que seu rosto estava mais pálido do que jamais vi?*

O olhar dela passou por mim e de repente seus dedos ficaram moles. Os cubos de gelo caíram no chão.

Cambaleei, meu tornozelo gritando em protesto. Estava com muito medo de olhar para trás de mim. Com muito medo para não olhar. Finalmente segui o olhar da minha mãe. Em todo o céu noturno, agora claro, as luzes piscavam.

Carmesim e violeta como flâmulas do Mardi Gras.

Eu vi essa mesma coisa durante a primeira visita de Matthew. Era a aurora boreal. As luzes do norte na Louisiana.



Elas eram absolutamente hipnotizantes.

Enquanto minha mãe e eu rastejávamos em direção à porta da frente, aquele vento quente se intensificou começando a uivar, agitando os carrilhões de vento em torno da fazenda. Os cavalos relinchavam no celeiro. Eu podia ouvir seus cascos golpeando suas baias, estilhaçando a madeira.

Eles pareciam aterrorizados...

Mas olhe para aquelas luzes deslumbrantes! Eu poderia olhar fixamente para sempre.

Do leste, as canas farfalhavam. Uma massa de animais em fuga estourou nos campos. Guaxinins, gambás, castores e até mesmo veados. Tantas cobras irromperam dos fossos que o gramado da frente parecia como se brilhasse e ondulasse.

Uma onda de ratos agitados em turbulência. Pássaros abafavam o céu, rasgando uns aos outros ou mergulhando bombardeando o chão. Penas se moviam nos ventos.

Mas as luzes! Tão magníficas que me fizeram ter vontade de chorar de alegria.

E ainda assim, não acho que deveria ter olhando para elas. Matthew me disse algo, advertiu-me? Eu não conseguia pensar, só podia ficar olhando fixamente.

Os enormes carvalhos de Haven geraram então, distraindo minha atenção. Mamãe não pareceu notar, mas eles estavam se movendo, apertando seus galhos encharcados de chuva ao nosso redor. Eles espalharam um escudo de folhas verdes acima de nossa casa, como se preparando para defendê-la.

Minhas canas pareciam atordoadas, de pé, rígidas, inclusive naquele vento. *Como se em estado de choque.*

Elas sabem o que está vindo. Sabem por que eu deveria...

Afaste-se das luzes!

— Mãe, não olhe para o céu! — Eu a empurrei pra trás da porta.

Ela piscou, esfregando os olhos, como se saindo de um transe.

— Evie, o que é esse barulho?

Um rugido estava crescendo na noite, o som mais alto, mais horripilante que eu jamais imaginei.

No entanto, a atitude da minha mãe ficou ainda mais gelada.

— Não vamos entrar em pânico. Vamos nos trancar no interior do porão dentro de trinta segundos. Entendido?

O apocalipse... era agora. E Mel estava lá fora sozinha.

— Tenho que chamar Mel! — Então me lembrei de que ela não tinha um telefone. — Se eu dirigir através da propriedade, posso tentar alcançá-la!

Minha mãe apertou meu braço e me virou em direção ao porão.

— Não vou pra lá sem Mel! Tenho que chegar até ela!

Corri para a porta da frente, mas minha mãe me arrastou de volta, sua força irreal.

— Entre no porão AGORA! — Ela gritou acima do rugido. — Não podemos nos arriscar!

O céu ficou ainda mais iluminado — *mais quente.*

— Não, não! — Eu gritei, lutando com ela. — Ela vai morrer, ela vai morrer. Você sabe que vai! Eu vi isso!



— Ambas morrerão se você tentar ir atrás dela!

Debatia-me contra minha mãe, mas não consegui me soltar do seu aperto. Com os braços estendidos em direção à porta da frente solucei, debatendo-me num frenesi enquanto ela me arrastava de volta para os degraus do porão.

Quando me agarrei na entrada, ela me puxou em um arranco, soltando meus dedos do batente.

— Não, mãe! *P-por favor, me* deixe ir atrás da Mel...

Então veio um choque de luz — uma rajada de fogo que sacudiu o chão — meus tímpanos romperam...

Uma fração de segundo depois, a força da explosão nos lançou degraus abaixo, a porta batendo atrás de nós.

Capítulo 14

DIA 246 DEPOIS DO FLASH



RÉQUIEM, Tennessee

— Arthur, o que foi isso? — Evie perguntou.

Pisquei. E novamente, fiquei completamente arrebatado com seu relato do Flash.

— O que foi o quê?

Ela sacudiu sua cabeça com força — como para se livrar da névoa provocada pela droga.

Boa sorte com isto. Sou um mestre em misturas, incomparável em química; a única razão para que ainda esteja acordada é porque *quero* que esteja.

Tudo está acontecendo de acordo como planejei.

— Acho que ouvi um baque no andar de baixo.

Ela provavelmente ouviu. Uso o porão espaçoso como meu laboratório e instalação de confinamento. Uma das putinhas ali embaixo provavelmente estava se esforçando para alcançar o balde de lixo. Deixei perto o suficiente apenas para lhes dar esperança.

Nunca perco uma oportunidade para demonstrar o poder divino que exerço sobre meus súditos.

— Provavelmente ratos. — digo isto, interiormente rindo da minha piada. — Apenas ignore. Por favor, continue. — Estou ansioso para ouvir mais das histórias de Evie.

Mesmo acreditando pouco.

Ela inclinou a cabeça e me deu um olhar avaliador.

— Arthur, o que você fazia antes do Flash?

Fiquei surpreso. Nenhuma das minhas visitas jamais me perguntou isso antes, e por um momento, tateei por uma resposta antes de me fixar em uma mentira.

— Estava me preparando para ir para a faculdade na primavera. Graduando em química pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

Desde que posso me lembrar estive interessado em misturas químicas, na transmutação de uma substância em outra. Um diploma de química teria me dado uma boa base para o que eu realmente queria estudar.

Alquimia — a antiga arte oculta de poções e elixires.

— Pretendia ser químico. — *Um alquimista.* Mas o MIT não me aceitou. Aparentemente, minha redação de entrada sobre a importância de testes em humanos “levantou bandeiras vermelhas”.

— Uau. — Evie estava genuinamente impressionada. Suas expressões estavam dizendo. — Você deve ser muito inteligente.

— Me preparei a vida toda. — disse com falsa modéstia. Minha inteligência é fora dos padrões, não mensurável inclusive pelas medidas mais sofisticadas. — Então agora estudo por conta própria, ainda trabalhando por um sonho. — Minha própria pesquisa independente — conduzida no porão de minha toca roubada.

Deus, eu adoraria... aprender.

Mas não queria mais falar sobre mim. Evie terá bastante tempo para descobrir exatamente o que sou — e o que faço.



— Paralelamente compilo estas histórias. Está pronta para narrar mais? — Quando ela acenou com a cabeça, apertei o botão gravar. — O que aconteceu com você e sua mãe depois do Flash?

— Caí inconsciente pela explosão. Quando acordei, esperamos no escuro por horas. Ao amanhecer espiamos lá fora. Você pode imaginar o que vimos.

Eu podia. Setas como lasers de raios de sol explodiram a Terra durante a noite toda no mundo inteiro. Lembrava dos sonhos a forma como aquele canavial foi carbonizado até as cinzas. Qualquer coisa orgânica — qualquer coisa viva pega fora do abrigo — foi incinerada.

E muitas pessoas, transfixadas pelas belas luzes, vagaram de suas casas, atraídas como mariposas para a chama.

Como se por desígnio.

Todos os viajantes que me visitaram nesta encruzilhada — aqueles que involuntariamente entregaram a mim suas roupas, comida, e até mesmo uma filha numa rara ocasião — trouxeram contos de suas regiões. Antes que eu os matasse.

Certos detalhes permanecem uniformes.

Massas de água evaporaram no flash, mas nenhuma chuva caiu em oito meses. Toda a vida vegetal foi destruída permanentemente; nada crescerá de novo. E apenas uma pequena porcentagem de humanos e animais sobreviveu à primeira noite.

No decorrer dos dias, mais centenas de milhões de pessoas pereceram, incapazes de sobreviver ao novo cenário tóxico.

Por alguma razão, a maioria das mulheres adoeceu e morreu.

Um número desconhecido de humanos mutaram para “Saqueadores” — criaturas contagiosas como um zumbi. Amaldiçoados com uma sede sem fim e aversão ao sol.

Alguns os chamavam de hemofágicos — bebedores de sangue. Acredito que eles sejam bebedores de *qualquer coisa*, mas sem água para ser encontrada, eles se viraram para as pessoas, sacos de líquido ambulantes.

Eles bebem e bebem, mas nunca se saciam. Como minha busca pelo conhecimento.

— Por que você acha que isso aconteceu, Evie?

Ela deu de ombros, e cachos dourados curvaram sobre seus ombros esbeltos. Mais uma vez, fiquei encantado.

Por um momento realmente considerei mantê-la como minha auxiliar, minha companheira. Embora eu seja desprovido de compaixão, tenho algumas necessidades sentimentais.

A solidão me capturou. Talvez finalmente eu tivesse encontrado uma garota que pudesse entender meu gênio, a importância do meu trabalho.

Talvez ela vá desculpar minhas excentricidades, já que ela mesma tinha sabor da doce loucura.

Ou talvez, devaneei sombriamente, ela vá tentar me distrair dos meus estudos.

Eu eliminava as distrações impiedosamente.

— Todas as teorias que ouvi falar fazem sentido de algum modo. — ela disse. — Acho que foi uma explosão solar.



Sim, mas nós tivemos outras antes, muitas vezes. O que fez esta aqui tão catastrófica? Por que o planeta inteiro ficou estéril?

Alguns dizem o eixo da Terra balançou, inclinando muito, perturbando o equilíbrio de nosso mundo, diminuindo suas defesas. Outros afirmam que a camada de ozônio esgotada — já uma crosta descamada — se abriu, deixando-nos vulneráveis ao calor e radiação.

Basicamente, sabemos tanto sobre o Flash quanto os curandeiros medievais sabiam sobre a peste negra. Será que a resposta virá de algo tão simples quanto pulgas portadoras de alguma doença transmitida por ratos?

— Realmente não sei o que pensar. — disse Evie. — Tento não pensar em coisas que não posso controlar.

Menina esperta.

— Qual é a sua teoria, Arthur?

— Estou contigo. Melhor não ficar obcecado com isto. — disse, apesar de ficar obcecado com isso continuamente, fixado em como a matéria orgânica foi destruída perfeitamente, enquanto algumas casas e edifícios foram poupados. Minha teoria só a assustaria; e eu não estava pronto para deixá-la no limite. Ainda. — Será que alguns dos seus amigos sobreviveram? Seu namorado?

Seus olhos nublaram com lágrimas.

— Nenhum deles viveu. Mel... ela nunca chegou em casa. — Evie abaixou os olhos, começando a se balançar na cadeira novamente. Notei que ela balançava mais sempre que se sentia particularmente instável. — Ela morreu sozinha, sem sua família por perto, em uma estrada solitária.

— Como você sabe?

— Seu carro estava numa vala. A porta estava aberta, e do lado de dentro tinha... cinzas.

— Entendo. — Pilhas de cinza se tornaram as lápides para a maior parte da população mundial — até que os ventos vieram, dispersando os restos mortais no ar, para todo o resto de nós respirar. — Lamento por sua perda. — eu disse, embora não lamentasse.

Minha falta de empatia é uma bênção para um cientista como eu. Isso me permitia experimentar sem hesitação. Experimentava só *alegria* quando meu bisturi dividia a carne — como duas cortinas, revelando segredos para o meu olhar explorador.

De alguma forma Evie estancou suas lágrimas. Que garotinha corajosa. Será ainda mais gratificante quando eu a levar aos soluços.

— Você perdeu toda sua família para o Flash? — Ela perguntou novamente, me surpreendendo com seu interesse.

— Sim, no Flash. — Fiz um olhar de pesar.

Ela me ofereceu um de compaixão.

— Esta era a casa da sua infância?

Assenti, entretanto esta é a minha sexta casa desde o apocalipse. Me movi como um caranguejo ermitão, de concha para concha. No passado, eu esgotaria todos os recursos em um determinado lugar, então o abandonaria.

Mas gostei desta cidade de cruzamento, assim os recursos vinham diretamente para mim.



Planejava ficar por algum tempo.

Outras batidas soaram no porão. Evie ficou tensa, levantando a cabeça. Minhas mãos apertaram. *Aquelas vadiazinhas...*

Alcancei o gravador, desligando a fita. Mal contendo a ira, levantei-me, dizendo.

— Vou verificar as ratoeiras rapidinho. — Estava tão furioso que temia cometer um assassinato e manchar minhas calças de sangue. — Fique aqui. — Como se ela pudesse escapar. — Estarei de volta logo.

Puxei meu chaveiro pra fora a caminho da porta do porão, calmamente destrancando-a. Enquanto descia a escadaria escura, ouvi as vozes abafadas de minhas cobaias. Elas sabiam que deviam ficar em silêncio, a menos que eu me dirigisse a elas.

Desobedecendo-me? Ciente de minhas calças impecáveis lutei por paciência.

Quando entrei no laboratório mal iluminado, o odor familiar me acalmou enormemente. Ao longo das bancadas de trabalho estavam tubos de ensaios e vidrarias borbulhando, frascos fervendo em bicos de Bunsen. Várias partes de corpos estavam preservadas em jarros de formaldeído.

Globos oculares soltos em um jarro sempre pareciam seguir meus movimentos, o que me divertia.

Em um tubo de vidro eu destilava uma nova poção que aumentava minha adrenalina, dando-me uma concentração de força e velocidade. Outro frasco continha a chave para acelerar a cura.

Eu tinha aperfeiçoado outras fórmulas. Os saqueadores — diziam que eram alérgicos ao sal — não tinham nenhuma chance contra o meu spray de cloreto de sódio.

Se qualquer uma das numerosas milícias passarem por esta cidade, terão uma surpresa quando eu lançar meus frascos tampados de ácido neles...

A outra metade do porão estava escondida por cortinas de plástico pesado. Eu a chamava de calabouço. Este é o local onde o trabalho sujo era feito. Havia uma tábua de açougueiro de tamanho enorme, uma mesa de cirurgia de aço inoxidável, escoamentos para drenagem e ferramentas anatômicas.

Mantinha minhas garotas estáveis algemadas ali também. Atualmente possuía três delas, cada uma entre quatorze e vinte anos, cada uma com uma argola no pescoço e acorrentada a uma parede.

Jovens mulheres saudáveis como Evie se tornaram raridade. Como qualquer outra pessoa viva, eu acumulava recursos.

Não fazia nenhuma diferença que eu tenha começado a fazer isto antes do apocalipse. Precisava delas, usando-as para testar minhas misturas.

Alguns poderiam dizer que eu simplesmente torturava porque eu mesmo fui torturado pelo meu pai, um tirano que tentou “arrancar o mal” de mim. Fui uma massa de fraturas curadas e contusões repetidas por toda a infância — até o dia que dei clorofórmio a ele, acorrentei-o em uma cuba de armazenamento, em seguida vagarosamente o dissolvi em ácido clorídrico.

Ele acordou a tempo de encontrar o mal em cima dele.



E minha mãe, a mulher que não fez nada para detê-lo, até mesmo me culpando por desencadear sua ira?

Ela se saiu pior.

Mas minha experiência passada é irrelevante. Uso estas garotas só para continuar minha pesquisa. Este é o trabalho da minha vida. Não tenho intenção de prejudicá-las, por si só. O fato de que aprecio infligir dor nelas é incidental.

Não, a pesquisa é tudo que importa.

Quando fui em direção ao calabouço, o trio ficou em silêncio por trás da cortina de plástico, suas correntes chacoalhando conforme corriam de volta para a parede.

Empurrei o plástico para passar, acendendo a lanterna a bateria na parede. Enquanto elas protegiam seus olhos da luz, olhei fixamente para elas, uma por uma.

Vestidas com roupas sujas, elas se agachavam no chão de terra forrado, suas mãos cobertas de sujeira. Estiveram cavando no chão, fazendo pequenos ninhos para se manterem aquecidas quando dormiam.

Um cadáver cheio de larvas estava encolhido em um ninho, ainda presa à sua corrente. Aquela sucumbiu à minha última experiência: uma poção que tinha a finalidade de diminuir a necessidade do corpo por fluídos.

Durante semanas, isso funcionou perfeitamente. Daí... não funcionou.

Eu vejo os restos dela desapaixonadamente. O sangue congelado, tecidos e órgãos que costumavam ser uma *pessoa* — uma ex-acadêmica de mérito da Liga da Hera²⁵. Aquela pilha de carne costumava encarnar uma alma.

Agora era apenas um conjunto de elementos.

Evie tomará o lugar da erudita. Talvez viva mais do que um mês. Talvez meu mais novo elixir — imortalidade em uma garrafa — finalmente engane a morte.

Deve.

Por que todos assumem que já vimos o pior do apocalipse? Estarei pronto.

Apertei a corrente da garota mais velha, puxando-a de pé com um puxão.

— Por que houve barulho? — Exigi com a saliva se espalhando.

Do anel de bolhas circulando seu pescoço correu sangue aguado. Todas conseguiram ferimentos no pescoço pelos colares de ferro enferrujados. Esta aqui precisava de mais da minha pomada. Não darei para ela agora.

Ela considerou responder, então pensou melhor. Ela foi rebelde a princípio, petulante. Agora estava com os olhos encovados e tremendo.

— Se ouvir outro som, farei você beber o elixir de ouro. — Era uma poção de dor que rasgava atravessando o ventre. Eu apreciava seus olhares aflitos. — Entendido?

Elas murmuraram.

— Sim, Arthur...

²⁵ Liga da Hera ou Ivy League são 8 universidades particulares do Nordeste dos EUA. São as mais antigas dos EUA, receberam este nome pelas suas construções cobertas de heras. A saber: Universidade Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth College, Harvard, da Pensilvânia, Princeton e Yale.



Quando retornei lá pra cima para Evie, a encontrei relaxada em sua cadeira, olhando fixamente para o fogo. Seu olhar de pálpebras pesadas seguindo as chamas.

O último fogo que ela verá. *Aprecie-o por enquanto.*

— Desculpe sobre isto. — eu disse a ela. — Um bando de ratos parece ter se movido no inverno. — Esperava que minha declaração não soasse convencida. Uma infestação de ratos nos dias de hoje era uma recompensa. — Se eles apenas parassem de derrubar os baldes de tinta vazios. Agora, onde estávamos? — liguei o gravador de volta, sentando-me. — Conte-me como foram aquelas primeiras semanas.

— Minha cidade natal costumava ter milhares de pessoas. Quase todas assistiram o Flash, menos de um punhado viveu. Imediatamente depois, eles se esconderam no que restou da igreja ainda fumegando, mas não minha mãe e eu. — disse Evie. — Quando nenhum dos carros funcionou, tomamos nosso único cavalo sobrevivente, atrelamos um carrinho, e fomos invadindo.

Ela se debruçou para frente, ficando um pouco mais animada.

— Metade do supermercado queimou quando chegamos lá. Então alcançamos os corredores restantes. Minha mãe lançou de volta meus biscoitos e batatas fritas, ensinando-me a ir para alimentos altamente calóricos, como manteiga de amendoim. A farmácia queimou completamente, então saqueamos o suprimento de antibióticos do veterinário. Saqueamos armas e munição das casas das vítimas do Flash. Éramos como gafanhotos.

Evie disse isso com orgulho. Ela deveria. Se não fosse por almas empreendedoras como ela, eu não teria nenhum suprimento para me apropriar.

— Apesar de a mamãe ter certeza de que o exército entraria em Sterling e salvaria o dia — o governo e o cumprimento da lei retornando, ou o que quer que seja — nós nos preparamos por nossa conta. Trabalhamos sozinhas até cair, até que nosso porão estivesse bem estocado. Então ficamos de braços dados, inspecionando as milhares de latas, sacos de feijão, latas de energéticos em pó.

Sacudindo sua cabeça com pesar, ela disse.

Eu me lembro de pensar que nossa provisão duraria anos. Assim que minha mãe nos preparou o melhor que pôde, ela... quebrou.

— O que você quer dizer?

— Ela estava consumida pela culpa, pois mandou a mãe dela embora, por ter me enviado para aquele lugar horrível em Atlanta. Você pode imaginar isto? Sua mãe esteve certa o tempo todo, e as visões da sua filha se provaram quase na mosca. Meus “bichos-papões” eram os *saqueadores*, de olhos pálidos e viscosos. Sem falar dos detalhes do Flash... Bem, o conceito inteiro da minha mãe do mundo deu uma violenta reviravolta. Sua confiança foi destruída.

— Será que sua avó não transmitiu nada que ela pudesse passar para você?

— Mamãe bloqueou as pregações apocalípticas da vovó. — como *agressivamente* os bloqueou. — Então não sabia muito. E sempre que a pressionava para tentar lembrar mais, ela chorava. Não era mais a magnólia de aço que sempre conheci.

— Deveria haver alguma coisa?



— Mamãe sabia apenas três coisas. Minha clarividência tinha a ver com as cartas de Tarô de alguma forma. Meu chamado era ser a Imperatriz. E eu poderia ser destinada a... — Evie murmurou o próximo —... salvar a humanidade.

Interiormente ri disso. Esta menina era fraca no corpo e na mente, tão indefesa quanto ingênua; se o destino do resto da humanidade repousasse em suas mãos, nós todos estaríamos totalmente condenados.

— Isso é muita coisa para colocar nos ombros de uma menina de dezesseis anos, não é?

— Eu sei! Era tão frustrante. Se vovó estivesse certa e eu realmente fosse uma imperatriz, então qual era o maldito ponto? Eu poderia ter salvado meus amigos? Era disso que se tratava as visões? Eu tinha minha própria culpa para me assombrar.

— As visões — *alucinações* — continuaram depois do Flash?

Ela sacudiu sua cabeça tentando clareá-la, piscando para enfocar.

— Aqueles personagens diferentes eram raros, mas via Matthew uma vez por semana. A cada visita ele parecia ainda mais incoerente. Ainda assim, estava desesperada para ver alguém da minha idade, então dava boas-vindas a ele, com enxaquecas, hemorragia nasal e tudo. Mas tive um sintoma totalmente novo para lidar. Estava ouvindo vozes na minha cabeça. O Flash me trouxe uma tempestade perfeita de loucura, pesadelos de mortes horríveis, visões, vozes.

Vozes? Isso correspondia à sua patologia.

— O que elas disseram?

— Durante meses, ouvi apenas sussurros e coisas sem sentido. Nada que fizesse sentido. Elas ficavam mais claras a cada dia, mas isso também significava que ficavam mais altas. Tudo de ruim continuou aumentando propriamente. — Ela se balançou mais rápido. — Stress, fome, pesadelos, vozes. *Sempre aumentando*.

Evie ter ficado sozinha naquela fazenda apenas com sua mãe, foi tão bom quanto ficar isolada em uma ilha deserta. Não é de se espantar que ela conjurasse vozes. Dava-lhe uma sensação de pertencer. Como amigos imaginários.

E naturalmente, ela fabricou aqueles superpoderes para si mesma. Em um mundo cheio de perigos, onde meninas como ela são alvo a cada passo, ela precisava se sentir poderosa.

Eu a diagnosticaria como uma esquizofrênica paranoica com características delirantes. Por causa de minha própria loucura que podia identificar tão rapidamente isto nos outros. Mas a minha era uma loucura divina, uma faísca que deflagrava a divindade.

Com meus elixires em curso pelo meu sangue, *sou* um deus. Logo Evie se ajoelhará apavorada, enquanto revelo minha verdadeira natureza.

Em comparação, sua loucura crescia tediosa. Um jardim da variedade de esquizo não vai segurar meu interesse por muito tempo.

— Então o que você fez daquelas vozes?

— Repetindo, eu não sei! — Ela esfregou uma de suas delicadas unhas rosa — dificilmente as *garras de espinho* que ela descreveu. — Elas começaram no dia após o Flash. Eventualmente, cresceram em advertências. — Ela levantou a cabeça, encontrando meus olhos.

Vendo se estou engolindo isto? Lancei a ela uma expressão solidária — ou a mais próxima a uma que pude administrar.



— E com aquelas advertências veio o sentimento de que eu deveria estar lá fora no mundo fazendo alguma coisa. Ambos, a Morte e Matthew, disseram: “Começa com o fim”. Algo tinha começado, mas eu não podia dizer o quê.

— E suas outras... habilidades? Você as reteve?

— Não havia nenhuma planta ao meu redor para controlar. Minha regeneração de pele era aleatória. Mas às vezes, quando tinha uma visão assustadora, minhas unhas se transformavam.

Ergui minhas sobrancelhas em direção às suas mãos, um pedido mudo para ela fazer uma demonstração.

— Oh, tenho que estar realmente emocional. Não posso simplesmente fazê-las aparecer. — Ela esticou seus dedos pálidos para mim. — Não acredita em mim, não é?

— Honestamente? Não tenho certeza. — Estou cem por cento certo que ela está ou mentindo ou delirando. O movimento espontâneo da planta que ela descreveu é biomecanicamente impossível — sem mencionar a metamorfose de suas unhas em atributo da planta.

A ciência pode explicar todos os outros eventos do apocalipse — mas não os “poderes” da Evie.

Que convenientemente desapareceram. Já que a terra passou a estéril, e ela não estava “emocional” não havia nenhuma maneira de provar ou contestar seu relato.

Comecei a me perguntar se ela não estava jogando comigo, se talvez a garota não estivesse inventando um conto na hora, pegando sugestões da minha casa, da minha personalidade. O tédio que eu sentia se dissipou enquanto considerava a perspectiva.

Será que ela vai falar sobre incêndios — por causa das chamas que ela estava justamente admirando — ou ensopado, como o que ela comeu mais cedo?

— Temi que você me dissesse que acreditava em mim, mesmo não acreditando. — disse Evie. — Aprecio sua honestidade, Arthur. — Ela segurou meu olhar, como se para realmente me fazer entender o quanto estava falando sério. — Mentir é o pior sabe?

Assim diz a menina cujos lábios derramam mentiras. Mas eu tinha que saber quem mentiu para ela. Quem te magoou, Evie?

— Sempre serei honesto com você.

Ela deu um sorriso meigo pra cima de mim. Uma loira de dezesseis anos. Tão facilmente enganada.

Quando acenei, ela ficou mais sombria.

— Um pouco mais de um mês atrás, tudo ficou pior. Muito pior.

— Quanto?

— Descobri um novo tipo de talento, Jackson Deveaux entrou de volta na minha vida, e minha mãe... ela se machucou.

Sua voz se partiu quando ela falou de sua mãe, mas a menção daquele garoto me colocou de volta. Algo sobre o modo como Evie o descreveu — como se o Cajun fosse maior do que a vida para ela — fez com que me sentisse assassino.

Então ele não somente vivia, mas retornou para ela? Vejo as chances dela sendo minha companheira diminuindo.



Por que bad boys como Jackson Deveaux sempre atraíam garotas como Evie? Foi assim no meu segundo grau. A única atenção que *eu* recebi de garotas bonitas era sua risada quando aparecia para a aula com um lábio arrebitado ou um gesso novo esquisito.

Elas me rejeitaram por coisas que eu não podia controlar.

Lembrei a mim mesmo que *tomei* o controle dos meus pais — e que já não tinha mais que me preocupar sobre atrair a atenção de uma garota; tenho um público cativo de mulheres bonitas.

Sim, hoje em dia Arthur ficava com *todas* as garotas. *Eu as mantenho em meu porão*. Quase gargalhei.

Ao invés disso, falei.

— Fale-me sobre sua mãe. — Meu tom é bondoso e preocupado, mesmo quando estou pensando, *“Se você gosta de bad boys, garotinha, então encontrou o pior de todos”*.

— Vou te contar o resto. — Outro olhar envergonhado. — Mas, Arthur. — ela disse naquela suave fala arrastada, a que fazia meus batimentos cardíacos acelerarem — o mesmo aviso de antes se aplica.



Capítulo 15

DIA 214 DEPOIS DO FLASH

Sterling, Louisiana

Já estava na hora.

Um jarro de água balançou em uma de minhas mãos. No meu outro punho, eu apertava uma atadura limpa.

Ainda hesitava, temendo o que estava prestes a ver. E me odiava por ser uma covarde.

As vozes que me perseguiam — com seu refrão repetido de ameaças distorcidas — acalmaram para um zumbido baixo e manejável. Como se para me deixar sofrer nos próximos vinte minutos com minha mãe ainda mais.

Nenhuma distração, nenhuma interrupção...

— Canalias. — murmurei. — Apodreçam no inferno, cada um de vocês.

Inspirei profundamente. Pra fora. Hora do show.

Com um comportamento alegre, cruzei o quarto escuro da minha mãe, colocando o jarro ao lado da bacia em cima da cômoda.

— Bom dia. Como está se sentindo?

Um raio de sol espreitou através de uma persiana quebrada pelo furacão, realçando seu rosto. Ela parecia tão minúscula em sua grande cama de dossel, uma sombra da mulher que foi antes do Flash. Suas bochechas afundadas estavam muito mais pálidas do que ontem.

Se ela realmente tinha uma lesão interna como pensava, então isso significava recolher mais do seu sangue na contusão salpicada de várias cores e carnuda embaixo da atadura elástica.

— Está pronta para eu trocar seu curativo?

Se eu chorasse ao ver, me odiaria para sempre. Se eu hesitasse de qualquer forma...

Quando me sentei ao lado dela na cama, ela levantou a mão para aconchegar meu rosto.

— Como você está querida?

Meu lábio inferior quase tremeu. Quanto eu queria conversar com minha mãe, dizer a ela todas as coisas que estavam passando pela minha cabeça.

Ouvi mais de uma dúzia de vozes. Se eu dormir, pesadelos me atormentam. Estamos nas últimas de nosso estoque de comida. Inclusive agora, eu estava tremendo pelo esforço de não abandonar seu quarto e correr lá pra fora, para gritar ao vento de frustração. Nosso cavalo está morrendo de fome. Você está ficando pior.

Você está morrendo?

Em vez disso eu disse.

— Como estou indo? Ótima. Hoje é dia de sopa de ervilha. — Meu desempenho não enganou a ninguém, mas estava determinada a vender este peixe. — Então vamos ver o que temos aqui. — Espalhei seu braço pelos meus ombros, ajudando-a gentilmente a se sentar enquanto afofava os travesseiros atrás dela.

A transpiração perolou seu rosto — pelo esforço de não gritar de dor? Éramos ambas atrizes em nossos papéis. E pior, nós duas sabíamos disso.



Comecei a desenrolar o curativo, encontrei o material úmido de suor. Todas as manhãs, eu trocava seu curativo. Desde que ela foi atacada.

Uma semana atrás, ela cavalgou até o nosso falecido vizinho para checar o nível. Uma de nossas bombas de água estava cuspidando areia, soando como um canudo no fundo de um milk-shake. Então ela decidiu investigar, saindo sozinha de manhã cedo quando eu estava dormindo. Na nota que ela deixou, assinalou que Allegra mal podia carregá-la, muito menos nós duas, e me garantiu que nenhum Saqueador estaria fora na luz do dia.

Desde que ela tivesse o sal e fizesse isto antes de pôr do sol, estaria segura.

Nenhuma de nós viu um Saqueador, exceto em meus desenhos. No início fiquei petrificada que eles nos invadissem, mas meses se passaram sem sinal deles. Então não fiquei *histérica* quando achei sua nota.

Para me manter ocupada, fiz uma limpeza completa na casa. Não suportava as cinzas que se acumulavam em cima de tudo, ficaria doente se me deixasse pensar que poderia estar respirando os restos cremados de alguém.

Enquanto estava trabalhando, mamãe estava a quilômetros de distância — deparando-se com três Saqueadores na casa de bomba.

Duas daquelas coisas estavam lambendo um poço. O outro estava de pé entre ela e a porta. Ele golpeou o sal que ela tinha na mão, então ela o empurrou, enfrentando-o debaixo do sol, eles dois caindo pelos degraus de cimento abaixo...

Agora enquanto desvendava a primeira camada da atadura, me lembrei de como escutei sua história, abismada por sua coragem. A velha Karen durona fez isto em casa — sem uma única maldita mordida dos Saqueadores, só duas costelas contundidas.

Ou pelo menos era o que pensávamos.

Segunda camada da atadura. Como uma idiota, me perguntei se o ataque não poderia ser uma coisa boa, um catalisador para sacudi-la de volta ao seu modo corajoso.

Terceira camada. Esta tarefa estava me testando de maneiras que eu não estava preparada.

De onde veio este pensamento? *Que vergonha, Evie.*

Envergonhe-se.

Camada final. *Não se atreva a ofegar com a visão. Não respire fundo. Calma. Tente agir como se estivesse melhor.*

Revelei. Apertei meus lábios com firmeza para conter a onda de vômito em minha boca. *Engula de volta, sua covarde estúpida com suas estúpidas mãos trêmulas.*

O ferimento estava medonho.

A princípio o dano foi apenas um aglomerado de contusões. Então ele amoleceu. Agora parecia esticado, um saco de sangue prestes a estourar. Como um tumor crescendo do seu lado.

A bandagem não estava fazendo nada além de *me* fazer sentir melhor — permitindo-me pensar que eu estava fazendo diferença.

— Ele está... melhor hoje. — botei pra fora. — Realmente acho que sim. — Com os joelhos bambos, cruzei com o jarro antigo e a bacia — aquelas que anteriormente usávamos como típicas peças decorativas. Agora de volta ao serviço.



Enquanto eu molhava um pano para limpar sua pele, levei um tempo para me recompor, olhando o reflexo no espelho do seu quarto.

Este espaço também era uma sombra de si mesma. A decoração borgonha e creme, as tapeçarias de seda cara penduradas na parede, e a renda de sua cama de dossel agora estavam todas desbotadas, as cores esmaecidas.

Apesar de me esforçar bastante, as cinzas continuavam a invadir ali dentro, embebendo tudo que possuíamos. Camada por camada, aquelas cinzas estavam apagando o que nós uma vez conhecemos, apagando quem nós éramos.

Afastei meu olhar fixo, encontrando os olhos de mamãe. Oh Deus, ela estava me observando quando estava com a guarda baixa! *Que vergonha, Evie.*

Será que vislumbrou a impotente frustração agitando dentro de mim? É claro — seus olhos estavam brilhando com lágrimas não derramadas. Mas ela não disse nada, fazendo seu papel.

— Vamos te limpar. — eu disse brilhantemente, determinada a *não* ser impotente. Porque esta não era apenas outra maneira de dizer *inútil*?

Exatamente como aquele menino Cajun uma vez me descreveu. *Bonne à rien.* Boa pra nada.

Enquanto lavava o tronco da minha mãe, percebi que ele tinha razão. Eu não sabia cozinhar, costurar, consertar ou caçar as pragas e serpentes que sobreviveram. Eu era uma caseira desajeitada e ineficiente.

Nunca na história da humanidade existiu um momento melhor para não ser *inútil*.

Mas eu não seria por muito tempo...

Tão logo terminei de limpar sua parte de cima e arrumá-la o melhor que podia, eu disse.

— Mãe, vou sair para encontrar um médico para você hoje. — Poderia muito bem ter dito que acharia uma conexão com a internet. Ou um arco-íris. — Se andar rápido, posso ir até o condado vizinho antes do pôr do sol.

A mera ideia de encabeçar para longe deste lugar, lá fora no mundo, fez uma excitação me atravessar. Então me senti culpada. Como podia estar excitada por deixar minha mãe?

Eu estava tão desesperada para fugir da miséria de Haven House?

Toda vez que tinha aquela vontade irresistível de partir, temia que lá no fundo eu realmente pudesse ser uma covarde.

O que mais poderia ser? Algo *tinha* começado no fim, no fim do mundo?

O que eu não daria por uma resposta! Desde que parei de tomar meus remédios, comecei a me lembrar mais sobre aquele último passeio com vovó. Mas aqueles minúsculos flashes de memória nunca eram suficientes para fazer sentido.

Recordei que ela me pediu para pegar seu baralho de Tarô da sua bolsa, olhar para os Principais Arcanos. Lembrei-me do cheiro da bolsa dela — jujubas e creme para as mãos de gardênia. Enquanto embaralhava as cartas, elas pareciam tão grandes...

— Quais são as chances de existir um médico, Evie? — mamãe perguntou. — E mesmo se houver, o doutor nunca terá o que é necessário para me curar. Seja realista. — sua voz estava ainda mais fraca do que ontem? — E seu plano para andar *rápido*? Uma semana atrás Allegra estava prestes a cair só de caminhar até o vizinho. Agora não chegará nem no limite da propriedade.



Minha mãe achava que eu ficaria de braços cruzados e faria palavras cruzadas com ela? A última vez que fiquei de braços cruzados não funcionou muito bem para nós.

E se eu pudesse de alguma forma usar minhas visões para salvar nossos amigos e entes queridos...?

Inferno, a única coisa positiva sobre as vozes era que elas me impediram de reviver o passado, no que poderia ter sido. Mais de uma dúzia de crianças falavam na minha cabeça em vários momentos, tão em código quanto Matthew sempre fazia. Esta manhã enquanto elas discutiam eu trouxe o café da manhã da mamãe (sabendo que ela os afastaria), eles esbravejaram:

— *Esmagar você com o Peso dos Pecados.*

— *Vermelha de dentes e garras!*

— *Nós amaremos você. Do nosso próprio jeito.*

— Evie! — minha mãe disse. — Quero que se vista bem legal e leve uma cesta de latas para o Sr. Abernathy.

O ex-agente de controle animal do condado?

— *Uma cesta.* O que você acha que somos... ricas? — O porão cheio de latas que supostamente deveria durar anos? Fomos reduzidas a semanas, já estávamos racionando ao ponto da fome constante.

— *Faça isto por mim querida. Alivie minhas preocupações.*

Em um tom falsamente horrorizado, eu disse.

— *Minha mãe está me empurrando para um chefe de carrocinha de cachorro cinquentão.*

— *Ele só tem trinta anos ou algo assim. E é um viúvo agora.*

— *Você está falando sério?* — Minha mãe, antes tão independente, agora queria que eu me jogasse à mercê de um homem.

A mulher que lutou com a rede dos velhos amigos fazendeiros — e os dominara — planejava oferecer sua filha.

Não grite; leve na brincadeira.

— Então por que parar com uma cesta de latas, mãe? Não acha que aparecendo com uma cunhada de quatorze anos a reboque seria mais apropriado?

— *Ele é uma das últimas pessoas em Sterling, querida.*

Lá fora, os ventos que apareciam diariamente estavam começando suas atividades, atirando-se nas janelas trancadas, balançando Haven House até que esta rangia e gemia.

Quando o vento suscitou as cinzas, obscurecendo o sol, a temperatura caiu. Ocupei-me esticando outro cobertor por cima dela.

— Então talvez *você* devesse sair com Abernathy.

— Tenho quarenta e um anos e atualmente sem nenhuma condição de fazer bonito com os rapazes. Evie, e se algo acontecesse comigo? O que você faria? — Desde o ataque ela tem me perguntado isso. — Não tem ninguém aqui para cuidar de você, ninguém para te proteger. Isso não sai da minha cabeça, pensar em você sozinha aqui.

— *Pedi pra você parar de falar assim.* Alguns dias atrás, você me disse que ficaria boa. Agora está agindo como se eu estivesse prestes a instituir a teoria de Darwin ou lançar você em um iceberg ou algo parecido.



Ela suspirou, e imediatamente começou a tossir. Assim que se estabilizou, dei a ela um copo de água, fazendo uma nota mental para ir até a bomba assim que houvesse uma calmaria nos ventos.

— Oh, Evie. O que você faria? — Ela perguntou novamente.

Eu encontrei o olhar dela, disposta a fazê-la acreditar em minhas palavras:

— Isso não acontecerá, mãe. — Assim que deixasse este quarto, marcharia até o celeiro. Se Allegra aguentasse uma sela, eu montaria até um médico. — Por que não se concentra em melhorar e deixa as preocupações para mim? — Beijei-a na testa. — Vou lá fora terminar minha armadilha estúpida.

Esta era uma mentira válida. Entretanto ninguém jamais ultrapassou — ou até mesmo visitou — Haven desde o Flash, estive preocupada com a segurança de nossa casa, em manter mamãe segura.

Sua expressão ficou cautelosa.

— Evie, isto é tão perigoso, e você está... você está...

— Com todos os dedos polegares? Até eu posso seguir um guia de viagem com fotos.

— Mas, e a tempestade?

As cinzas eram repugnantes, mas manejáveis. Arrastei minha sempre presente bandana do pescoço pra cima do meu rosto, então fiz um gesto com o dedo imitando uma arma, como um bandido. Mamãe sorriu, mas não riu.

— Descanse um pouco. — eu disse a ela. — Estarei de volta trazendo seu almoço.

— Não esqueça seu sal. — ela disse fracamente.

Meu sorriso desapareceu no instante que fiquei sozinha. Estávamos sem comida, sem sorte, sem tempo.

De volta ao meu quarto, coloquei meus enormes óculos de sol de treinador e um capuz, então preendi minha espingarda nas costas. Entre aquilo e o sal em meus bolsos, eu estava preparada para os caras ruins em potencial — e os Saqueadores.

Sal deveria repelir os zumbis — se acreditássemos nos poucos vagabundos de olhos assombrados que passaram por Sterling. Eles também disseram que a praga chegou ao Norte, incêndios ininterruptos assolavam o oeste, escravos governavam as grandes cidades no Sul, e canibais assumiram o comando do litoral leste.

Ouvir histórias como aquelas me fizeram agradecer estar aqui, segura em Haven — até que sofri a esmagadora sensação que deveria estar em outro lugar, fazendo qualquer outra coisa.

Mas o que poderia ser mais importante que tomar conta da minha mãe...?

Assim que abri a veneziana que cobria minha janela do furacão, soltei a escada de incêndio, observando enquanto caía ao lado da casa.

Esta janela era nossa única entrada. Logo no início cobri todas as portas com madeira, meticulosamente pregando as venezianas no primeiro andar.

Fechei a janela atrás de mim, então desci a escada balançando rodopiando nas cinzas, como eu fazia nas malditas aulas de ginástica. O chão coberto de fuligem rangeu quando pulei.

Imediatamente tive que me inclinar no vento ou seria atirada longe.



A única coisa constante sobre os novos padrões climáticos? Nunca chovia. Na maior parte do dia tínhamos vendavais. E depois que as tempestades diminuía, o céu azul sem nuvens e aquele sol escaldante retornavam.

À noite havia perfeita quietude sem o tagarelar dos insetos, sem folhas sussurrando ou galhos balançando. Um silêncio miserável.

A menos que um tremor soasse em algum lugar ao longe.

Quando passei pelo que restava dos outrora poderosos carvalhos de Haven — agora esqueletos pretos retorcidos com seus galhos nus como dedos — diminuí a velocidade para correr as mãos num tronco ruindo.

Como sempre, senti uma pontada; eles deram suas vidas nos protegendo.

Aquela última noite de chuva antes do Flash saturou as velhas tábuas sedentas de Haven e o celeiro. Entre isso e a cobertura dos carvalhos, as estruturas foram poupadas do fogo dos céus — porém a maioria dos edifícios de madeira do condado queimou até o chão.

Era quase uma bênção que não pudesse ver mais do que alguns metros na minha frente. Pelo menos em torno da casa tínhamos a *aparência* de árvores. Mas os campos...

Minhas seis milhões de canas, destruídas totalmente. Ouvi um som, surpresa ao descobrir que era um grito suave — de meus próprios lábios.

No celeiro, abri as portas duplas só o suficiente para me espremer entre elas sem o vento capturá-las.

No interior, puxei minha bandana pra baixo, marchando até a baia de Allegra. Deus me ajudasse, eu só a selaria, e então estaríamos fora.

Não vi meu cavalo em sua baia — não até que estava bem diante dela, porque ela estava deitada de lado, as costelas sobressaindo até pior do que imaginei. Sua respiração estava ofegante.

Ela mal podia erguer suas pálpebras, mas tentou, querendo me reconhecer.

Será que ela se perguntou por que eu nunca mais trouxe suas maçãs? Ela estava assustada? Como eu poderia deixá-la sofrer mais?

Seus olhos expressivos reviraram para trás e ela desmaiou. Sem Allegra; sem médico para mamãe.

A tristeza e a frustração brotando dentro de mim tinha que ter uma saída. Joguei a cabeça pra trás e gritei com toda a força dos meus pulmões.

Eu gritei. E gritei.

Quando minha garganta queimava como fogo, finalmente parei, sufocando as vozes.

— Vamos, então! É a sua vez! — Eu me empurrei rodando em círculos. — Ainda sobrou um pouco de mim para atormentar. Não seja tímido.

Três vozes diferentes coagiram, todas falando ao mesmo tempo:

— *Olhos para os céus, rapazes, eu golpeio de cima!*

— *Eu te observo como um falcão.*

— *Farei um banquete com seus ossos!*

Eu reconheci o silvo rouco de Ogen. Descobri que pelo menos algumas das vozes pertenciam a personagens com quem eu tive visões.



Lembrei-me do menino alado que vislumbrei na noite da minha festa. Talvez fosse ele quem estava dizendo, *eu te observo como um falcão*.

E cara de aparência elétrica e provocante? Aqueles dardos de relâmpagos eram dele? Talvez fosse dele aquela voz com sotaque irlandês dizendo, *Olhos para os céus, rapazes*.

Eu já tinha visto aqueles garotos e o arqueiro de cara borrada à espreita. Agora eles estavam na minha cabeça entre muitos outros. Poderia algumas daquelas crianças possivelmente ser reais?

Meninos com asas e dardos relâmpagos. Criaturas com chifres como Ogen. Morte...

Antes do Flash, nunca fui louca. Depois? Eu estava numa ladeira escorregadia e eles continuavam empurrando, empurrando, até que eu estava prestes a cair.

Soltei minha arma, coloquei minhas costas contra a parede, e deslizei pra baixo, batendo minha cabeça contra a madeira. Repetidas vezes.

Sempre me perguntei por que as crianças fizeram aquilo no CLC — parecia como se estivessem *machucados* — mas agora eu sabia por que. Aquela dor me distraía da minha miséria.

No entanto, a dor não adiantou nada com aquelas vozes. Elas fervilhavam como vespas na minha cabeça.

— *Nós vamos te amar... Banquete de seus ossos.... Eu ataco por cima!*

— Matthew! — chamei. — Aceito a enxaqueca. Apenas venha aqui. Por favor?

Naturalmente minha atitude mudou em relação a ele, em relação a todas as visões. Eu ansiava por suas visitas agora. Durante sua mais recente, ele me explicou. *"Ele sofre quando ajuda"*.

Eu tinha alguma ideia do que aquilo queria dizer? Não, mas simplesmente gostava que Matthew estivesse perto.

Outra vez ele apareceu só para me informar sombriamente.

— Você é a única amiga que eu já tive.

Quando ele não veio desta vez, fiquei decepcionada, ordenando a mim mesma para me concentrar e bloquear aquelas vozes. Pense sobre o que fazer!

Mamãe uma vez perguntou se nós comeríamos Allegra se as coisas ficassem desesperadas o suficiente. Pensei que a pergunta melhor seria, *Como pode Evie olhar nos olhos de seu cavalo, atirar nele, então cortá-lo em pedaços?*

Eu estava prestes a descobrir.

Se Allegra não podia ser usada para transporte, então seria... comida. Mamãe melhoraria com mais nutrição; ela com certeza não podia piorar.

Essa era a única coisa que podia fazer para ajudá-la.

Destrinchar minha gentil Allegra.

Com um grito, deixei meu rosto cair em minhas mãos, os olhos se enchendo de lágrimas. Logo estava soluçando mais do que no dia depois do Flash, quando suspeitei pela primeira vez que a maioria das pessoas na terra estavam mortas.

Dor cortou minha cabeça. Lágrimas encharcaram meu rosto — e minha *testa*?

Olhei pra baixo, sangue fluía de minhas palmas.

— Merda! — cortei minha testa com minhas garras afiadas como navalha, e agora o sangue escorria pelo meu rosto. Gotejava do meu queixo, encharcando minha bandana.



Deixando um rastro vermelho atrás de mim, procurei ao redor por algo que não estivesse coberto de pó para secar as feridas, mas não podia ver através do sangue.

Freneticamente enxuguei meus olhos, cega pela cascata. Ferimentos no couro cabeludo sangravam muito, e agora eu tinha *dez* deles!

Não achando nenhuma bandagem improvisada, puxei minha bandana encharcada pra cima do meu rosto inteiro, apertando a costura agrupada no topo na linha dos cortes.

Congelei quando ouvi um som sussurrante à minha direita. Então outro à minha esquerda. Senti movimento ao meu redor, mas estava muito apavorada para fugir, para puxar minha venda encharcada de sangue.

Tremendo, fui baixando minha mão em direção a minha arma, tateando o chão molhado — e senti alguma criatura se apertando contra minha palma.

Um rato! *Vários* ratos? Gritei, saltando para longe, caindo de costas enquanto arrancava minha bandana. Os ratos me comeriam viva neste celeiro!

Passei um braço por cima dos olhos. Finalmente podia ver...

Meu queixo caiu, soltei a respiração de uma só vez. Finalmente, fui capaz de murmurar.

— Oh meu Deus!

Eu estava olhando para... *plantas*.

Brotos verdes estavam crescendo na poeira ao meu redor. Onde quer que meu sangue atingisse, aveia antiga ou sementes, elas brotaram.

Levantei-me cautelosamente. Passou tanto tempo desde que estive perto de uma planta viva; quase me convenci que estive alucinando sobre minha conexão com elas.

As vozes tentaram tocar o sino de Evie então, mas eu estava tão fascinada com minha nova descoberta, que por alguns breves instantes pude diminuir o volume.

Enquanto media minha sanidade mental, as plantas se estenderam em direção a um eixo obscuro de luz. Isto era *real*? De maneira hesitante, toquei uma haste com outra gota de sangue.

Ela disparou mais alto, as muda amadurecendo em segundos. “*Vida em seu próprio sangue*”. A Morte dissera. Minha mente não estava absorvendo as possibilidades. Eu precisava...

— Mais semente.

Fui em direção a casa, correndo contra o vento. Quando cheguei na cozinha, minhas garras retraíram e minha cabeça parou de sangrar, já se curando.

Dentro da despensa saqueei uma caixa cheia de pacotes de sementes. Mamãe e eu as coletamos, pensando em plantarmos comida para nós mesmas.

Nada jamais nos foi tomado. Nem de *ninguém* que tivéssemos ouvido falar.

Mas agora...

Meus pensamentos corriam tão rápido quanto meus batimentos cardíacos. Havia uma área atrás do celeiro onde o telhado desabou, criando um espaço a céu aberto. Nós tínhamos a intenção de consertá-lo, temendo que chuva desabasse dentro.

Nenhuma chuva jamais veio. Só sol, poeira e cinzas. Mas eu podia semear ali.

Enchi os bolsos do meu jeans com os pacotes. Se mamãe tivesse comida suficiente — *boa* comida — então ela melhoraria. Sim, claro! Ela não estava se curando como devia porque estava fraca e com fome.



Meu olhar estreitado virou em direção ao celeiro. Eu podia consertar isto. Podia até reparar nosso cavalo, em seguida partir para encontrar um médico.

Sem comida, sem sorte e sem tempo? Eu poderia tirar partido desta sorte, cultivar novos alimentos e ganhar tempo.

Com nada além de uma lâmina de barbear.

Afinal, de quanto sangue uma menina poderia precisar?



Capítulo 16

DIA 220 DEPOIS DO FALL

Pensei ter ouvido uma moto.

Naquela manhã os ventos estavam quietos.

Sem folhas, carros, nem barulho de animais, o som agora era carregado de uma forma diferente.

Seria possível? Eu me perguntava enquanto saía da casa, fraca pela perda de sangue. Desde a minha descoberta semana passada, vinha plantando de maneira... agressiva.

Aquele som de moto agitou memórias de uma vida anterior, um tempo de conforto e plenitude que parecia ter acontecido há mil anos.

Eu quase podia fechar os olhos, ouvir aquele barulho e fingir que ainda vivia aquela existência.

Quase. O cheiro amargo de cinzas e as vozes estridentes em minha mente tornava difícil fingir.

Está só delirando, Evie. Não havia moto alguma — não mais do que aviões no céu.

Sim, delirando. Infelizmente, esse era o risco ocupacional de ser uma fazendeira sangrenta. Especialmente uma com uma safra tão farta quanto a minha.

Creditei que os efeitos colaterais da sangria de ontem tinham diminuído. Aparentemente, não tinham se estava imaginando fragmentos do passado.

Mas sinceramente, o que era mais um som imaginário? *Junte-se ao coro, berre junto com as vozes!*

Andei com dificuldade até o celeiro, determinada a começar a trabalhar. O céu estava claro no momento. Aquele azul uniforme lá em cima deveria me parecer belo, mas parecia que estava tentando de todas as maneiras compensar a falta de verde.

Para mim, aquele céu azul parecia um sorriso forçado...

Lembrei-me de Brandon uma vez dizendo que seus pensamentos se repetiam entre eu e o futebol.

Agora a minha *vida* era uma *playlist* repetindo três faixas miseráveis.

Faixa Um. De manhã, eu enfaixava as costelas de mamãe. Podia estar me enganando, mas não achava que estivesse *pior*. Ainda assim os pensamentos dela pareciam enevoados, e ela dormia o tempo inteiro.

Depois de deixá-la confortável, me dirigia para o celeiro para ouvir a Faixa Dois antes do almoço. Minhas novas mudas pareciam emudecer as vozes, apoiando a minha sanidade por preciosas horas — ainda assim aquilo vinha com um preço.

Faixa Três. Quando estava sozinha em minha cama à noite, aquelas vozes *explodiam*. Como se minhas adoradas plantas só as tivessem forçado para dentro de uma garrafa de refrigerante que mais tarde seria sacudida até que a tampa explodisse.

Até eu sentir vontade de arrancar meus cabelos.



Se de algum modo, se conseguisse dormir em meio ao barulho, era recompensada com as cenas realistas da bruxa vermelha...

Apenas minutos atrás, tinha completado a Faixa Um. Havia deixado mamãe cochilando depois de um ataque de choro. Dela, não meu.

Quanto mais sua saúde piorava, mais emocional ela ficava.

— Por que eu não... ouvi? — ofegou. — Vovó me disse que você era especial, e eu ri dela. Por que não acreditei nela — nem em você... as duas pessoas que mais amava no mundo?

Embora me perguntasse isso com frequência, tentei tranquilizá-la, dizendo-lhe que tudo iria ficar bem agora.

Depois do ataque, soube que não poderia revelar meu novo talento. Por dias, debati o assunto, mas como ela iria se sentir confrontada com mais provas de como eu era “especial”?

Mais choro, mais ataques de tosse?

Minha sinceridade seria como um tapa na cara da mulher que tinha me despachado para o *Última Chance*. Então decidi ficar calada.

Se ficasse meio desligada, conseguia lhe dar alguns pedaços suculentos de melão e de morangos. Ontem pela manhã ela murmurou.

— Isso deve ser um sonho.

Outras vezes, simplesmente fazia pickles com os vegetais e lhe dizia que os tinha encontrado em jarras no depósito ou na casa de um vizinho.

Eu sabia como fazer comida em conserva? Inferno, não. Mas sabia como comer as conservas de uma jarra, e depois colocar os novos vegetais no soro.

Nas portas do celeiro, abri o cadeado. Não, não tínhamos visitantes nem invasores por aqui; contudo, fiquei paranoica o suficiente com o conteúdo precioso do nosso celeiro para trancá-lo.

Dentro, Allegra relinchou com um pouco mais de energia. Ao menos estava de pé. Depois de uma falta de apetite inicial, ela tinha se tornado o recipiente satisfeito das várias cascas de melão.

— Ei, garota. — Corri minha palma pelo seu pescoço, tocando o nariz com o dela. Esperaria mais dois dias antes de arriscar uma viagem com ela.

Cedo demais e poderia mata-la, eliminando qualquer esperança de encontrar um médico. Tarde demais e...

Nem pense nisso, Evie.

Nos fundos, me abaixei sob o telhado desmoronado para entrar no meu jardim, tirando a jaqueta. Depois de enrolar a manga do suéter, tirei meu pacote de lâminas de barbear do bolso do jeans, desencaixando-a do cabo.

Respirei fundo, então passei a lâmina pela a veia grossa que ia até meu cotovelo. *Se ao menos os médicos em Atlanta pudessem me ver agora!*

Ah, mas todos aqueles charlatões convencidos agora provavelmente viraram cinzas.

Como se acendesse o fogo, usava meu sangue para brotar sementes de cenoura e batata. Derramava gotas sobre as sementes, observando quando caules finos brotavam milho para mim.

Mesmo assim, cedo demais, uma tontura e um frio de congelar os ossos me abateram. Agora entendia porque os personagens dos filmes prestes a morrerem sempre sussurravam —



Frio, muito... frio — quando sangravam até a morte. O calor corporal se esvaía juntamente com o sangue.

Suspirei quando minha pele começou a se curar. Embora minha mão tremesse, reabri aquela veia tenra com outra fatia de lâmina, estremecendo de dor.

Enquanto o sangue escorria, lutei para manter os olhos abertos. O celeiro começou a girar e aquele frio se intensificou.

O delírio *devia* estar se apoderando de mim, porque ouvi aquela moto imaginária roncando o motor pela estrada de conchas de Haven.

Não era imaginária? Meu primeiro pensamento: O Cajun tinha... sobrevivido?

De vez em quando, pensei nele, na maior parte das vezes para amaldiçoá-lo por ter levado o celular da Mel — mesmo se tivesse começado a me perguntar se haveria alguma possibilidade de trazê-la de volta a Haven e até o porão a tempo.

Eu o culpava pela morte dela?

Sempre que imaginava Mel em seu carro incinerado, sim.

Doía menos do que me culpar pelos meus erros — por não *fazer* minha mãe enxergar a verdade, por não acreditar na minha própria sanidade, por não alertar as pessoas.

Por não dizer.

— Inferno, Mel, vai passar a noite *aqui*.

A moto estava se aproximando. Não importava quem fosse, precisava me recuperar e preparar minha arma. Limpei meu braço com um pano, e baixei a manga.

Com a arma na mão, consegui sair com dificuldade, trancando o celeiro às minhas costas.

O motoqueiro me viu e fez uma parada, inclinando o capacete.

Ele usava uma jaqueta preta de couro, jeans velho e botas. Um arco com uma aparência sinistra estava pendurado em suas costas.

Reconheci sua forma, a expansão larga dos seus ombros. Meus lábios se abriram em choque. *Jackson Deveaux*.

Ele estava vivo.

Cambaleei, como se o chão tremesse sob os meus pés. Então franzi o cenho. O chão *tinha* estremeado brevemente.

Ele estacionou, desligou o motor.

Quando tirou o capacete, vi que seu cabelo negro como a noite estava mais comprido, seu rosto não tão bronzeado quanto antes. Seus olhos ainda eram daquele cinza vívido, mas tinham círculos escuros sob eles.

Ele parecia exausto. E havia uma dureza em suas feições que antes não estavam lá.

Não sabia como me sentia ao vê-lo outra vez. Na minha mente, ele era um vilão. Mas também era meu antigo colega de escola — por mais que a duração tenha sido curta. Eu não tinha ansiado em ver alguém da minha idade? Aquele alguém estava *ali* realmente, fisicamente.

Precisava tanto assim conversar com alguém que aguentaria até a presença de Jackson?

Nós nos olhamos por vários instantes. Ele se demorou me avaliando, do mesmo modo que fez quando me viu pela primeira vez.



Como eu estava diferente agora. Meu visual foi de líder de torcida bem-cuidada para um pedaço apocalíptico desastroso. Minhas roupas estavam rasgadas e manchadas de ferrugem, meu cabelo uma juba. Devo ter ficado tão pálida quanto a morte.

Na voz grossa que lembrava tão claramente, ele murmurou.

— *De'pouille*.

Fiquei rígida. *De'pouille* significava quase que terrível em Cajun. Ele iria aparecer ali para me insultar? Depois do nosso último encontro?

Como se eu já não tivesse o bastante com o que lidar!

— Deveria saber que tinha sobrevivido.

Ele desmontou da moto e depois se escorou nela.

— E por que isso, Evangeline?

— Répteis e vermes se deram muito bem.

Eu soava como se estivesse *chapada*. Me sacudi internamente, me forçando a abrir mais as pálpebras.

— Vejo que nada mudou com você. A mesma inutilidade sulina.

— E nada mudou com você. Continua mal educado e sem classe.

— Você parece um *cagou*. Pálida no rosto. Pegou a praga, foi?

Não, só estava fazendo uma jardinagem. Ela me custa sangue, suor e lágrimas. Quase engasguei, mas pressionei as costas da mão nos lábios. Após um longo tempo, disse.

— O que você quer?

— Estou indo para o Texas. Parei aqui para trocar umas coisas. — Ele baixou o zíper da jaqueta, e então tirou a velha garrafa do bolso. — Um pessoal em Sterling disse que vocês têm comida armazenada. Parece que você e a sua mãe estão bem por aqui.

Bem? O que isso queria dizer? Não conseguia pensar. Mesmo no sol, estava com tanto frio que os meus dentes quase batiam.

— Do que está falando?

— Você sabia o que ia acontecer, não sabia? Tenho certeza que se prepararam para isso. É por isso que ainda têm comida.

— Preparada? — Minha tontura aumentou. — Se ainda temos comida é porque saímos catando coisas por aí enquanto os outros estavam rezando. — Os ventos estavam soprando outra vez, piorando meu frio.

— Você desenhou o Flash, em detalhes. O que teve? Visões dele? Sonhos? É isso que fazia na aula todos os dias.

Só Jackson mesmo para se ressentir de algo que não tinha me ajudado de modo algum.

Ele estreitou os olhos.

— Não era de se estranhar que quisesse aquele caderno de volta — era um maldito manual para o apocalipse. Vi os Saqueadores nos seus desenhos antes de vê-los na vida real. Vi o sol brilhando à noite em uma daquelas páginas antes que acontecesse. Obrigado pelo alerta.

— Oh, como se fosse acreditar em mim! Nem eu acreditei que meus desenhos eram verdadeiros! — gritei a frustração da última semana, dos últimos meses, borbulhando. — *Eu* achei que era louca! E todos que sabiam sobre os desenhos pensavam a mesma coisa!



Quando ele pareceu impassível, desaparei.

— Deixe eu lhe dizer o quanto estava preparada. Estava tão preparada que o meu namorado e a sua família viraram pilhas de cinzas. Todos os nossos amigos foram destruídos. E Mel — minha voz falhou, mas eu continuei — ela era uma irmã para mim e morreu sozinha, a pouco menos de três milhas da minha casa!

Seu olhar endurecido suavizou um pouco, até que eu disse.

— Eu culpo você pela morte dela!

— O que diabos eu fiz?

— Quando vi a luz, comecei a perceber o que estava acontecendo, que as coisas que tinha visto pareciam ser reais. Quis ligar para Mel e lhe dizer que voltasse para cá. Mas ela não tinha *um celular*!

— Não fui eu que roubei o telefone dela.

— Você só me distraiu enquanto Lionel roubava.

— Se ele roubou, então já pagou por isso. Está tão morto quanto ela.

— Você tem a mesma culpa.

Segurei a minha testa, me recusando a discutir mais. Jackson não valia o meu tempo. A menos...

— Passou por algum médico — qualquer tipo de médico — no caminho para cá?

— Por que quer saber? Está doente? Ou a sua *mère*? Eles disseram algo na cidade.

— Apenas me responda! Pode trazer um médico aqui? Temos coisas de valor, coisas que valeriam a viagem.

— *Non*. Isso não é... não é possível.

Cambaleando, disse a ele.

— Essa é a única coisa que negocio, Jackson. Se um médico é impossível, vá embora.

— Você não sabe o que tenho a oferecer.

— Não há nada que eu queira — ou precise — a não ser um médico.

— E quanto ao que eu preciso? Talvez simplesmente *entre* e pegue o que quero.

O medo me sacudiu. Ele não podia se aproximar da minha mãe. Estávamos tão vulneráveis! Destravei a pistola.

Ele bebeu um gole da garrafa de maneira casual.

— Sabe ao menos como disparar essa coisa, hein?

Deus, ele me enfurecia!

— Lhe disse para ir embora! — Levantei a pistola.

Ele colocou a garrafa no bolso, se levantando da moto.

— Não aponte isso para mim. — disse entredentes, aproximando-se de mim.

Ao se aproximar, tinha aquela expressão nos olhos. A ameaçadora que tinha dado àquele homem bêbado.

A que prometia dor.

Alarme soou. O que me deixou ainda mais louca. Tinha uma arma carregada apontada para a cabeça dele! Ele não sabia que eu não conseguia atirar nem na parede do celeiro.

— Nossa Jackson! Acho que a bonequinha tem dentes.



Ele se moveu tão rápido que era um borrão, derrubando o barril para o lado. O mais leve toque e o gatilho da pistola foi puxado, me jogando para trás que nem uma mula. Eu o vi tentar me amparar — tarde demais — então senti minha cabeça bater no chão.

Minha visão estava vacilando quando ele se agachou ao meu lado, sentindo minha cabeça.

— Você vai viver, sua *cooyôn*. Agora, não está feliz por termos nos entendido?

Meus olhos rolaram. Escuridão.



Capítulo 17

A bruxa vermelha estava em cima de um palco erguido supervisionando uma multidão de figuras opacas.

Aldeões. Eles se encolhiam perante ela. A agressão chiava em suas veias enquanto os olhava. Ela destruiria todos eles, cada um, sua fúria incomensurável.

Levantando seus dedos com garras de espinhos para um céu claro matutino, ordenou as plantas próximas que soltassem seus espinhos. Com um grito, ela desatou um tornado deles.

Como um enxame de abelhas, a tempestade desceu sobre suas presas. As pessoas se empurravam, passando por cima dos caídos para fugirem, mas nenhum conseguiu.

Os espinhos afiados como lâminas entraram em seus rostos, arrancando suas feições, narizes e lábios. Pedacinho por terrível pedacinho, aqueles espinhos rasgavam as suas peles, esfolando a carne dos seus corpos. Sangue jorrava, cartilagens cobriam o chão.

O escalpo de uma mulher foi arrancado; sua bela cabeleira negra voando pelo vento...

A tempestade da bruxa os cortava mais a fundo. Mesmo sem a maior parte de suas peles, as pessoas conseguiram sobreviver surpreendentemente uma boa quantidade de tempo — o que ela particularmente apreciou.

Enquanto gargalhava de prazer, eles se arrastavam sem sair do lugar, atolados nas poças fundas de restos...

Acordei na minha cama, fechando os olhos com a quantidade de luz no quarto, arrepios ainda correndo por mim devido ao meu último pesadelo.

Meu olhar se concentrou num trio de velas. Três velas? Nunca desperdiçaria tanto assim.

Encolhi-me toda quando vi um perfil borrado de uma pessoa. Lentamente, meus olhos se ajustaram.

Jackson estava *no meu quarto!* Um garoto nunca entrou no meu quarto — muito menos *aquele*.

Ele ainda tinha o arco atado ao ombro. Em sua mão? Mais uma vela.

Enquanto tentava me livrar dos resquícios daquele sonho e me situar direito — como cheguei na cama? Por que ele estava aqui dentro? — Fingi dormir, observando-o enquanto ele bisbilhotava as coisas como se fosse o dono do lugar.

Ele olhou para as nuvens de tempestade que pintei na parede, entrou no closet e remexeu nele, então saiu para ver os meus troféus de dança e fotos de recitais. Ele mexeu num monte de cadernos de desenho — todos em branco.

Desenhar me interessava pouco naqueles dias. As vozes tornavam impossível que eu ficasse quieta. E além do mais, meu cérebro já estava num estado que não tinha reparo.

Como se não conseguisse se conter, ele se voltou para as paredes pintadas, segurando a vela para traçar as nuvens com os dedos. A luz vacilante iluminou uma cicatriz pavorosa em seu braço.



Tinha testemunhado como aquele garoto poderia ser brutal — ele quase tinha matado o homem com uma surra na minha frente. Ainda assim, agora ele estava tocando a minha pintura com gentileza, quase que com *reverência*.

Senti-me como uma espiã. Como se esse fosse um momento do qual nunca deveria compartilhar. Parecia... algo íntimo. Quando ele tocou a cana, jurei que podia senti-lo se doendo por aquela plantação, por aquela chuva prestes a cair.

Ele baixou as mãos de modo abrupto.

Sem se virar, ele disse.

— Então é aqui que Evangeline Greene cresceu.

— O que está fazendo no meu quarto? Como cheguei na cama?

Ele finalmente me encarou, mas ignorou as minhas perguntas.

— Aquele seu closet não é muito grande, não é?

Ruborizei lembrando que ele nem sequer tinha um quarto próprio.

Ele abriu a primeira gaveta da minha penteadeira.

— Quantos laços e bibelôs uma garota pode ter? — Com as sobrancelhas erguidas, ele levantou um sutiã rosa da *Victoria's Secret* da gaveta seguinte. — Eu lembro com amor desse aqui.

Rangendo os dentes, eu disse.

— Solte antes que se queime.

— Oh, vai me queimar mesmo. — Ele deu um risinho, mas soltou o sutiã de volta na gaveta.

— Como consegue usar tanta coisa assim? Eu não sei se iria querer tanto. Deve dar um trabalhão só ter que lembrar onde tudo está.

Lembrei-me da casa dele, de suas posses escassas, seus poucos livros — aquela cópia surrada de *Robinson Crusoe* no sofá que dormia...

— Era ainda mais rica do que pensava.

Rica? Por que ele tocou naquele assunto? Então lembro que ele era um ladrão — e que tinha me dito na cara dura que roubaria as nossas provisões!

— Onde está a minha mãe?

— Bebendo o chá que fiz para ela e lendo uma das últimas edições do jornal do leste.

— Se você machuca-la ou angustia-la de alguma forma farei com que pague por isso.

— Machucá-la? Quando a encontrei, ela estava tentando descer a escada, morta de medo por ouvir aquele tiro idiota que você deu.

— Oh, Deus!

— Não se preocupe. Eu consegui subir com você a escadinha da sua casa da árvore e salvei o dia. — Ele cerrou o cenho. — Você pesa muito menos do que eu pensava. De qualquer forma, expliquei para ela que você atirou em mim acidentalmente — o que não a surpreendeu — então lhe mostrei que você tinha desmaiado, e estava mole que nem um espaguete.

— Mãe! — chamei. Assim que joguei o cobertor para correr até o quarto dela, ela respondeu.

— Aqui, querida. — Ela soava perfeitamente bem, ainda *melhor* do que antes.



Meu alívio foi curto quando vi Jackson espiando minhas pernas expostas. Com um ofego, puxei o cobertor de volta. Por que não estava mais de botas e jeans? Eu as tinha tirado? Ou foi Jackson? Ele não se atreveria...

Oh, mas se atreveria sim. Bem baixo, eu chiei.

— Você tirou a minha roupa?

Ele me deu um olhar entediado.

— Parcialmente.

Com o olhar vagando pelo quarto, exigi.

— Onde está a minha pistola?

— Eu a escondi para que não matasse um inocente com ela. Pode ter sido esperta com a escada e com os ganchos nas portas, mas você não é uma mulher de boa pontaria.

Enquanto pensava no insulto mais cruel e mordaz que poderia dar, ele fechou a porta do meu quarto. Arregalei os olhos.

— O que está fazendo?

Ao invés de me responder, ele tirou o arco das costas de maneira casual, e então sentou ao meu lado na cama, as costas contra a cabeceira.

E não havia nada que pudesse fazer a respeito. Endureci, me afastando para a extremidade do colchão. Ele parecia ainda maior do que me lembrava, tomando conta de um espaço grande demais da cama.

— Sabe, nunca machucaria a sua *mé*re. Ela nunca me fez nada. Diferente da sua filha sem coração.

O que fez para ele? Foi ele quem tinha roubado de mim e dos meus amigos, que tinha berrado comigo na chuva.

— *Non*, Karen e eu tivemos uma conversa boa e demorada.

— *Karen*? — Ele estava tratando a minha mãe pelo primeiro nome? Por quanto tempo apaguei? — Ela não deixaria você vagar pela nossa casa sem mais nem menos! — Então notei que o cabelo dele estava molhado, que a sua camiseta preta e jeans surrado estavam limpos. Então acrescentou. — E se deixou, não devia ter feito isso. Ela não conhece você.

— Eu expliquei que você e eu éramos parceiros em história na escola. — Com um sorriso maldoso, ele adicionou. — Disse a ela que até estive na minha casa — e que conheceu a minha mãe.

Engoli em seco ao lembrar-se daquela noite, do jeito que a voz dele se encheu de raiva só em mencioná-la. Ele parecia me desafiar a dizer algo a respeito.

Quando não disse, ele continuou.

— Depois disso, Karen aceitou muito bem minha presença aqui.

Apertei o cobertor.

— Não vou me desculpar por ir na sua casa aquela noite. Não tinha o direito de pegar o meu caderno.

— Não gosto de enigmas sem solução. Você não me mostraria os seus desenhos, então eu pedi a Lionel que os pegasse emprestado.

— Considerando o conteúdo do caderno, pode entender porque o queria de volta.



— Há quanto tempo você tem visões?

Sua pergunta direta me perturbou.

— Eu não... não sou... Como pode falar disso com tanta calma?

— Eu tinha um primo que conseguia ler o futuro em grãos de café. Minha avó conseguia prever furacões com um mês de antecedência.

Parecia que todos na Louisiana conheciam alguém com uma “visão”.

— Não vou discutir isso com você.

— Não tem importância. Sua mãe me explicou algumas coisas.

Ela disse a ele que minha avó era uma fanática por cartas de Tarô que achava que eu seria a salvação do mundo? *Que trabalho terrível eu estava fazendo, Vovó!*

— O que exatamente a minha mãe explicou?

— Que você deveria ser doce, encantadora e engraçada. — Ele me prendeu com o olhar. — Não vejo nada disso.

— Precisa ir embora de Haven. Agora.

E se ele viu o que tinha no celeiro?

— Não é bem-vindo aqui.

Ele sorriu.

— Karen discorda.

— Duvido que ela o recebesse bem se eu dissesse que me despiu.

— Talvez ela me recebesse apenas *parcialmente* bem.

Espertalhão.

— Então, agora é hora de nós dois conversarmos, Evangeline. Eu não vim aqui somente para negociar. Vim para avisá-la.

— Sobre o quê?

— Há uma leva de homens vindo nessa direção e eles chegarão em um ou dois dias. Um exército. Mais de três mil.

— E daí? Isso é ótimo. — Então o meu coração deu um salto. — Eles devem ter médicos!

— Estou vendo a máquina girar, mas não vai funcionar como você está pensando. Não com o Exército do Sudeste.

— Como sabe?

— Eu estive na milícia da Louisiana.

— Então vamos ver se entendi certo. Você se juntou à milícia. Ainda deve ter coisas a fazer por lá. Mesmo assim você está aqui. Isso não o torna um desertor?

Ele assentiu sem vergonha.

— Quando a minha unidade foi tomada por aquele exército enorme, nos vimos com um novo general e um novo objetivo.

— Que era?

Em uma voz sem tom algum, ele disse.

— O alistamento involuntário de mulheres.

— Eu não entendo. Para serem treinadas como soldados... — Eu paro de falar devido à sua expressão. Os olhos dele tinham aquele olhar cansado, traindo a sua encenação de cara durão.



O que poderia afetar um garoto tão forte como aquele?

O impensável me ocorreu quando ele murmurou.

— Como soldados não.

— Entendo. — O que Jackson havia testemunhado pelo caminho?

— Não há quem as liberte, quem as defenda. Aquele exército continua absorvendo toda unidade militar que cruza o seu caminho, tomando o controle delas. O Texas deve ser o próximo lugar no caminho deles. Ninguém sabe por que estão marchando para lá, mas eu acho que se alguém pode impedir esses homens são os texanos. Estou a caminho para alertar as milícias de lá. — Então ele franziu o cenho. — Não viu nada disso nas suas visões?

— Pare de falar nelas como se fossem... como se fossem...

— Como se fossem verdadeiras? — Finalmente, ele disse. — Eu saí na frente das tropas, mas eles estão no meu encalce. Acamparam ao norte de Sterling. Se não houver tempestades, podem chegar aqui amanhã mesmo. Eles vão levar você e sua mãe se não forem embora.

— Por que deveria acreditar em você? Eles podem estar vindo para nos salvar. Esperamos por isso desde o Flash.

— Eles estão vindo Evie. Eu juro. — Ele levantou uma corrente em volta do pescoço, puxando um rosário preto de debaixo da camiseta. As contas brilharam na luz das velas. A cruz incomum era pequena, mas cheia de adornos. — E eu juro por Deus que vai querer que nunca tivessem posto os olhos em você.

Eu quase... acreditei nele. Vagamente notei que já tinha visto aquele rosário, então perguntei.

— Contou a minha mãe sobre isso? — Ele assentiu. — O que ela disse?

Ele olhou para as juntas dos dedos, passando um dedo sobre uma cicatriz.

— Que a decisão de ficar ou partir era sua.

E se eu decidisse partir de uma vez por todas? *Ir embora! Sair para o mundo, enfim!*

Como sempre, contive esse impulso, a culpa me inundando.

E por que a decisão deveria caber a mim? Nunca achei que desejaria tanto assim alguma espécie de autoridade!

— Ainda que a sua história seja verdade, não posso viajar com ela. Ela está ferida, e nós só temos um — pessimamente nutrido — cavalo. Como posso leva-la para longe de um exército?

— Podia pedir a minha ajuda. Ou é muito orgulhosa?

— Eu faria qualquer coisa para mantê-la a salvo. — Encontrei seu olhar. — Aquele exército terá médicos, até mesmo um *cirurgião*. Um que poderia estar no nosso caminho neste momento. Não vou arriscar a vida dela fugindo da única pessoa que poderia ajuda-la.

— Não está ouvindo o que eu disse Evie.

— Você é quem não está *me* ouvindo. — disparo em um tom baixo e furioso. — Eu disse *qualquer coisa*.

De repente entendi o que tinha feito a minha mãe fazer tudo o que fosse preciso para me deixar bem no ano passado. Tudo que havia pensado era em como o CLC foi terrível para mim. Não tinha considerado o quanto deve ter sido agonizante para ela largar a filha ali, deixando-a para trás.



— Você diz *qualquer coisa* — porque não sabe o que isso significa com essa gente. — Ele parecia estar prestes a discutir mais, mas o que quer que tenha visto em minha expressão lhe fez pensar melhor. Murmurou. — *Tête dure*. — Cabeça-dura. — Vamos conversar depois do jantar, sim?

— Jantar?

— Trouxe carne de crocodilo. Vai derreter na sua boca.

Fiquei calada. Aquela seria a primeira carne que teríamos desde que Allegra matou com os cascos uma rara cobra cascavel dois meses atrás. Talvez se mamãe comesse proteína, isso lhe ajudaria a sarar!

Como se pudesse ler a minha mente, ele disse.

— Sua *mère* precisa de uma boa refeição.

Preparar. Apontar. Atirar. Na mosca.

Então lembro que o porão parecia uma dispensa para o Dia de Ação de Graças. Ele encontraria todos os meus suprimentos? Tinha desejado fazer uma conserva com o que havia sobrado, para que não fossem tão óbvios.

— Isso mesmo, Evie. Acho que com todos aqueles *vegetais frescos* devíamos fazer uma sopa.

Merda! Levantei o queixo, sem dizer nada. Ele contaria a mamãe? *Tinha* contado?

— E lá no celeiro achei várias mudas. Mudas de verdade, vivas e tementes a Deus. Quer explicar isso? Venho quebrando a cabeça tentando decifrar esse enigma a tarde inteira.

— Você invadiu o nosso celeiro?

— Depois de ter trancado as portas bem na minha frente? — Ele me deu aquele dar de ombros Cajun. — Já devia saber a essa altura que se Evie Greene tem algo que não quer que eu descubra, vou bolar um jeito de descobrir.

— Contou a minha mãe sobre elas?

— Eu saquei que ela não sabia e fiquei de bico calado.

— Isso só a deixaria mais angustiada.

— Pois a *mim* não. Então me diga sobre essas suas mudas. Pintou elas nas paredes — você as atrai de terras que não foram cultivadas? Talvez tenha outros talentos além de ver o futuro?

— Pare de falar nisso!

— Não contou a mais ninguém sobre o que havia no seu celeiro?

— Claro que não!

Ele encontrou meus olhos, os dele escuros e intensos.

— *Nunca* diga a ninguém. Nem pode imaginar o que as pessoas fariam por essas mudas. Ouviu-me?

Arrepios deslizaram pela minha espinha.

— Ninguém exceto você, é isso?

— Eu preciso saber como você faz para que aquelas plantas cresçam Evangeline.

Estreitei os olhos.



— Com sininhos de prata e conchinhas do mar²⁶. — *Correntes de sangue, sonhos esquisitos e donzelas zonzas, um atrás do outro.*

Os cantos dos lábios dele se curvaram.

— Você e os seus segredos. Ah, *peekôn*, justo quando achei que tinha solucionado um mistério ao seu respeito, já aparece outro. Eu vou descobrir algum dia. *Engarde, cher*. Considere-se avisada.

²⁶ Rima popular do Inglês: *Silver bells e cockleshells*.



Capítulo 18

— Não posso acreditar que o tenha recebido de braços abertos na nossa casa sem mais nem menos. Sem nem falar comigo? — Exigi enquanto trançava o cabelo da mamãe.

Ela queria “parecer apresentável” para o nosso primeiro jantar cozido há séculos, e para a nossa primeira companhia desde o Flash.

Também implorou que me arrumasse, para que mostrasse respeito pelo esforço que Jackson estava fazendo — desde que ele recusou todas as ofertas dela de ajuda de minha parte.

Tinha zombado, até que ela finalmente disse.

— Arrume-se, Evie. Ou desça lá e insista em ser de alguma utilidade.

Uma verdadeira ordem da mamãe? Tinha escolhido o pior dos males, arrastando uma das poucas roupas que ainda me serviam, um vestido Nanette Lepore junto com uma sandália de salto grosso. Até usei meus brincos de diamante e uma camada de *gloss*.

Com uma dor no coração, coloquei o colar que Brand me deu na noite anterior à sua morte.

— Como poderia conversar com você a respeito de Jack? — Perguntou mamãe agora. — Você estava desmaiada.

— E você não suspeitou que poderia ter sido ele quem me machucou?

— Honestamente, Evie, a explicação dele fez todo sentido. Estou surpresa que ainda não tenha dado um tiro no próprio pé a essa altura. Além do mais, tenho um bom pressentimento com relação a ele.

— O que disse a ele sobre mim? — Terminei sua trança, arrumando uma mechinha aqui e ali.

— Que você é especial. Que tem um propósito nesse mundo. E que vai precisar de apoio para pô-lo em prática.

Não era uma revelação *tão* ruim. Que mãe nãoalaria aquilo da própria filha?

— Por favor, não diga a ele mais nada sobre nós, sobre as nossas coisas. Ele não é o garoto bonzinho que você acha que é. Ele não é como Brandon.

Pensei na última vez que tinha visto meu primeiro e único namorado, lembrando do seu sorriso quando foi lutar pelo meu bem, me salvando de ser apanhada. Devia ter lhe dito que o amava — ao invés de falar “*Você é o melhor*”.

E era por causa do Cajun que eu nunca mais conseguiria falar com Brandon.

— Não seja dura com Jack, querida. Ele até disse que vai consertar o meu carro esta noite. Imagine isso. — Ela suspirou. — Ter um carro.

Mais cedo, mamãe e eu tínhamos conversado sobre ir para a Carolina do Norte buscar a vovó. Tinha lhe perguntado.

— Acha mesmo que ela ainda está viva?

Mamãe chorou.

— *Preciso achar.*

Três coisas tinham nos mantido ali: a falta de um veículo, nossa espera para que a ordem fosse restaurada, e as fontes próximas de água.



Os poços estavam diminuindo, e aparentemente, ordem não era algo que estava perto de ocorrer. Mas o carro poderia acontecer.

— Acredita no que Jackson falou sobre a milícia?

Ela assentiu.

— Se há tão poucas mulheres sobreviventes, e se esses homens realmente acreditam que nunca mais haverá outro governo... Evie, pessoas sem esperança no futuro podem ser muito perigosas. — Ela pausou, parecendo pensar no modo exato de transmitir suas palavras seguintes. — Eu sei que é difícil para você entender, mas as coisas *podem* piorar para nós, para qualquer pessoa que tiver sobrevivido.

— Mas eles provavelmente terão algum médico que poderia curá-la.

Ela sacudiu a cabeça.

— E eles a casariam com um velho qualquer. Se tiver sorte.

— Você estava tentando armar para mim com o controlador de animais!

— Até Jack chegar. Ele é tão considerado. Sem mencionar lindo! Você olhou para os ombros dele? E aquele sorriso atrevido? — Sempre tinha pensado nele como um sorriso de zombaria. — Ele é forte, tem recursos e é inteligente. Pode cuidar de você.

E quanto a você?

— Se eu tiver que casar com um velho para fazer com que fique bem — *para salvar a sua vida* — então essa é a minha decisão.

Esqueça Evie.

— Por que você tem que se sacrificar por mim, mas eu não posso fazer o mesmo?

— Porque eu sou a sua mãe.

— Acha que não faria o que fosse preciso para lhe arrumar um médico?

— É precisamente disso que tenho medo. — Ela começou a tossir, o que só sedimentou a minha determinação.

— Por que não vemos como se sente de manhã? — Disse, me perguntando se a sua lateral poderia ficar mais enrugada, mais escura à noite. — Podemos decidir então. — Eu já tinha decidido. Pensei que ela discutiria mais, mas ela deixou para lá.

— De todas as formas, *precisamos* de Jack. — Ao ver a minha expressão estupefata, ela acrescentou. — Podia fazer com que ficasse conosco, se fosse gentil com ele.

— Eu admito que ele é útil. Mas tudo dentro de mim diz para não confiar nele. — Ele tinha mentido para mim, roubado de mim e me feito de idiota.

— Isso é uma pena. Porque pedi a ele que tomasse conta de você, se algo acontecesse comigo.

Fiquei imóvel.

— Não fez isso. Acabou de conhecê-lo!

— Como eu disse, tenho bons pressentimentos quanto a ele. E ele me disse que consideraria o meu pedido! Ele gosta de você Evie. Ele não teria vindo aqui para nos avisar se não gostasse. Agora, prometa que vai tentar se dar bem com ele.

Abri a boca para argumentar, mas ela começou a tossir com mais força do que antes. Me apressei a esfregar suas costas, dizendo.



— Ok, ok, eu prometo que vou tentar.

Assim que seu ataque parou, lhe dei um copo d'água.

— Vou ver se ele precisa de ajuda.

A expressão dela se iluminou, aliviando a tensão no seu rosto pálido.

— Obrigada, querida.

Ainda resmungando mentalmente, desci a escadaria sombreada. De repente, as vozes ficaram altas. Oh, e agora havia mais uma no coro, a de uma garota.

— *Contemple Aquela que Traz a Dúvida.*

— Argh! — Disparo baixinho. — O que isso quer *dizer*? Me deixe em paz!

— Fala sozinha? — disse Jackson. Ele havia parado no seu caminho escada acima com uma bandeja — para que mamãe não tivesse que descer.

O que era... atencioso de sua parte.

Ele subiu até o degrau abaixo do meu e murmurou naquela voz grossa.

— Um, um, Evangeline. Arrumou-se tão linda assim para mim?

Risque o *atencioso*.

— Difícilmente.

Quando ele apenas ficou me olhando, estreitei os olhos.

— Há quanto tempo está aqui?

— O suficiente para saber que você está determinada a quebrar a promessa que acabou de fazer. Agora, seja educada, querida.

Você não reconhecia educação nem se ela mordesse o seu traseiro. Com um sorriso falso e um tom alegre, eu disse.

— Nossa, Jackson, mal posso esperar pelo jantar! Vou pegar os pratos!

Mas ele me bloqueou, descansando a bandeja num degrau. Seus olhos pareciam brilhar nas luzes fracas, sua expressão determinada.

Ele pressionou uma palma na parede ao lado da minha cabeça, chegando perto — do mesmo modo que fez todos aqueles meses atrás quando quase me beijou. Quando ganhava tempo para Lionel.

Lembrei-me do quanto fui estúpida naquela noite. Lembrei da excitação — e da atração — que havia sentido. Na época ele era lindo. Agora era mais que lindo; estava ainda mais desviado?

— Maldição, *cher*, você ainda cheira que nem uma flor. Faz tanto tempo que vi uma flor que quase havia esquecido como elas cheiravam. — Ele pegou uma mecha do meu cabelo, esfregando-a entre o indicador e o polegar.

— Se arrumou e colocou algum perfume caro? O velho Jack aqui pressente uma armadilha. Considere-me cativado.

— Qual é a sua farsa? Por que realmente está aqui?

— Talvez eu não seja o cara malvado que você supõe.

— Isso é exatamente o que um cara mau diria. — Eu o empurrei, mas ele agarrou meu braço.

— Me escute Evie. E me deixe lhe dizer como essa noite vai prosseguir.

Abri a boca perante o seu tom condescendente.



— Como ousa...

Ele me interrompeu.

— Nós vamos ter um excelente jantar, o melhor que possa pensar em deixa-lo, com você sendo tão doce quanto um *ange*. Depois que comermos, você, eu e a sua *mère* vamos fazer o *veiller* — passar a noite conversando — até ela ir dormir. Então você vai me dar uma resposta a respeito de amanhã, e eu vou colocar as mãos na massa. Porque eu *vou* embora daqui antes que aquela milícia chegue. *Comprends?*

— Eu... eu... — Meu rosto começou a pulsar. Oh, não, não. *Agora não!* Não na frente do olhar afiado dele!

Uma dor forte assolou minha cabeça. A escada e Jackson começaram a desaparecer. Quanto mais lutava contra a visão, pior minha cabeça latejava.

Tentei me afastar, conseguir um pouco de privacidade, mas ele segurou meu braço.

— Evie? Qual é o problema?

— Jackson. — sussurrei, agora segurando desesperadamente nele. — Por favor, não deixe que... — Minhas pernas cederam, e eu o estava agarrando, agarrando.

Mas ele sumiu. Tudo desapareceu.

Estava do lado de fora em uma noite congelante, de pé em um nevoeiro de fumaça, com os meus olhos queimando e meu nariz escorrendo. Podia ouvir homens gritando em terror ao meu redor, mas não podia ver por quê.

Quando explosões sacudiram a terra sob os meus pés, o pânico se instalou, e o pavor. Eu tinha pessoas queridas ali naquele caos, mas não conseguia chegar nelas, não podia fazer nada para protegê-las.

Até que *ela* apareceu. A garota com o arco.

Embora não conseguisse ver suas feições, observei quando se moveu pela fumaça como um fantasma. Ela era gloriosa, uma deusa. Puxou a corda do arco, mirando...

Em mim.

— Não! — gritei. — Espere!

Sem hesitar, ela disparou a flecha. Tive tempo de fechar os olhos. E de abri-los com hesitação. Ela acertou um homem sem rosto na garganta, um homem que queria me ferir, que queria machucar meus entes queridos.

Quando se virou para mim, sua pele estava incandescente, mas com um quê de vermelho, como a lua cheia após o equinócio outonal.

— Desculpe. — murmurei. — Eu não sabia.

Ela deu uma risada amarga.

— Você nunca sabe. A Arqueira *sempre* deixa uma flecha em seu estoque para você; interrompa meu disparo outra vez e a mandarei diretamente a você.

Reconheci sua voz. Ela era “Aquele que Traz a Dúvida”...

— *Evie, bébé*, — disse Jackson com suavidade, me trazendo de volta. — *Estou aqui*.

Pisquei, e mais uma vez. Quando a visão clareou, o encontrei me olhando. Estava em seus braços fortes, no chão da base da escada. Ele tinha um guardanapo pressionado no meu nariz. Estava sangrando?



Não podia aguentar aquilo por mais tempo. Muito mais noites disso, e eu acabaria *dentro* de uma daquelas visões da arqueira.

— Você teve uma visão, não foi?

Murmurei quando entendi.

— Nunca vai parar. — Estava condenada como minha mãe estava se não conseguisse ajuda para ela. E minha avó era a única que saberia do que eu precisava.

Avancei lentamente para longe de Jackson, mas ele não me soltou.

— Me diga o que viu. Foi sobre amanhã? O exército?

— Não. Ele não faz sentido. — Quem era aquela garota? Uma aliada ou uma inimiga? Ela ao menos existia? Empurrei o peito dele, tomando o guardanapo para segurá-lo no meu nariz. — Por favor, me solte. *Agora*, Jackson!

— Vai aonde? — disparou ele.

Igualando o seu tom, eu disse.

— Vou jantar. — Quando finalmente me soltou, andei a passos vacilantes até a cozinha.

Parte de mim queria descartar a Arqueira como imaginária. Ainda assim as minhas outras visões tinham se realizado. Antes do Flash, dei ouvidos a todo mundo menos a mim mesma. Ignorei o que conseguia lembrar dos ensinamentos da minha vó, mesmo depois de ter começado a acreditar neles.

Agora eu confiaria nos *meus* instintos — e eles diziam que aquela Arqueira estava por aí, no mesmo mundo que eu.

O que significava que todas as vozes pertenciam a garotos de verdade.

Garotas com pele vermelha ofuscante, garotos que podiam voar. Por que não? Eu podia germinar plantas com o meu sangue e controlar os seus movimentos com a mente.

Matthew era real, também estava em algum lugar. Meu amigo. Um dia o encontraria.

Mas e o resto daqueles garotos...? Meus instintos também diziam que poderia me fazer bem evita-los.

Quando mamãe terminou sua porção de sopa, uma esperança cresceu dentro de mim.

Na última semana, ela mal comeu, mas claramente o seu apetite voltou. Talvez *estivesse* se curando.

— Jack, isso está absolutamente delicioso.

Merecidamente para ele, estava mesmo. Não tinha economizado em nada, cozinhando uma refeição incrível, carregando uma mesa e cadeiras para comermos com a mamãe, me fazendo usar nossa melhor porcelana e cristais.

Quando peguei três louças e copos, ele franziu o cenho.

— Qual é riquinha? Eu *sei* que essas não são as melhores que vocês têm.

Tinha me sentido desconfortável com o número de velas que ele havia acendido — mas aquelas chamas tremeluzentes cintilavam o cristal e lutava contra as cinzas, pintando o ambiente com uma espécie de pincel.



Até as bochechas da mamãe aparentavam ter uma cor.

— Muito obrigada. — ela disse a ele. — Ou acho que deveria dizer *merci*.

Com um sorriso “atrevido” ele disse.

— *Derien, cher*. — Não foi nada, querida.

Ela riu. Estava meio bêbada?

Provavelmente.

Para o meu assombro, ofereceu a ele livre acesso ao nosso armário de bebidas — contanto que ele fizesse seu chá de jantar no estilo “Irlandês”. Com uma mão pesada, ele dosou sua xicara de chá com uma garrafa de um uísque caro, então encheu uma taça *Baccarat* de uísque com soda para si.

A noite inteira ele a havia indulgido, enquanto fiquei uma pilha de nervos, imaginando qual era o jogo dele, me perguntando o que ele pensava da minha perda de consciência mais cedo.

Mas se isso fosse o que custasse para aliviar a tensão no rosto de mamãe, então eu seguiria aquele jogo. Por enquanto.

— Jack, sabia que Evie fala Francês fluentemente?

Ele escorou as costas na cadeira, parecendo convencido.

— De fato, eu sabia sim.

Ela me perguntou.

— O jantar não estava maravilhoso, querida?

Forcei outro sorriso. Mamãe não era a única que havia terminado seu jantar. Ao invés de elogiar Jackson e inflar seu ego, perguntei.

— Quem lhe ensinou a cozinhar?

Ele disse entredentes.

— *Nécessité*.

Mamãe entendeu a repentina tensão e disse.

— Talvez possa ensinar a Evie?

Com o risinho devidamente de volta ao lugar, ele respondeu.

— Algo me diz que ela não consegue nem cozinhar um ovo.

Mamãe sorriu, mas foi rápida em dizer.

— Nossa Evie aprende rápido.

Nossa Evie? *Tentando fazer com que ele crie um sentimento de posse sobre mim, mãe?*

Quando ele apenas encolheu os ombros evasivamente, ela disse.

— Você cruzou com alguns garotos da sua idade quando esteve na milícia?

— Só outros garotos.

Então a nossa Evie é uma espécie de raridade.

Ele sorriu com os lábios no copo.

— Oh, ela é isso sim.

— Ela não está linda hoje, Jack?

— Mamãe! — Me sentia no site *match.com* — Eu vou lavar os pratos.

— Isso pode esperar. Querida, devíamos ver suas fotos quando era bebê! Oh, e o seu primeiro recital de dança!



Aquela noite nunca acabaria?

— Estão todas no *pen drive*. Ficamos sem papel, lembra? — O que queria dizer que elas estavam completamente inacessíveis, juntamente com os meus e-books e e-mails. Até se tivéssemos um gerador, poucos equipamentos eletrônicos funcionariam depois do apocalipse. Maldita tecnologia.

— Eu salvei as impressões. Elas estão no quarto de costura.

Estava prestes a implorar a ela que não me torturasse—nem Jackson—daquele jeito, mas ela começou a tossir no guardanapo.

Quando seu rosto ficou um vermelho vivo, eu sem saber o que fazer, esfreguei as suas costas. Quando sua tosse finalmente passou, ela parecia... assustada. Ela tentou esconder, mas eu vi sangue, chamativo no seu guardanapo branco.

Olhei para Jackson. Embora seu rosto não tivesse expressão, podia ter jurado que um músculo se contraía em sua mandíbula.



Capítulo 19

— Quer um gole? — Jackson me ofereceu sua garrafa enquanto o observava trabalhar debaixo do capô do Mercedes.

Olhei em volta, correndo nervosamente meus dedos no sal no bolso do meu moletom com capuz. Essa era uma das minhas primeiras vezes fora de casa durante a noite desde o Flash. O silêncio era tão completamente de outro mundo que cada som que fazíamos era ampliado, como se estivéssemos em um auditório.

— Pegue a garrafa, Evie. Parece que você precisa de um pouco.

Meu coração estava doendo pela minha mãe.

Olhei para a janela dela, para a luz da vela que vacilava e era visível pela cortina. Poderia ler com clareza na parede. Ela acreditava que morreria — e logo.

Mais cedo, quando tinha lhe ajudado a se aprontar para dormir, ela ficou sentimental, segurando com força a minha mão.

Disse-me que meu pai ficaria muito orgulhoso de mim. Fez-me prometer que se algo lhe acontecesse eu encontraria a minha avó.

Em outras palavras, mamãe não acreditou em *mim* quando lhe disse que faria com que melhorasse.

Aceitei a garrafa de Jackson.

— Por que diabos não? — Quando enxuguei a boca da garrafa com a manga, ele fechou a cara.

— Jesus Cristo, Evie. Você ia me deixar te beijar naquela noite no engenho, mas não bebe de algo que encostei a boca?

— Eu *não* ia deixar você me beijar! E por que trouxe esse assunto à tona? Não acha que ele deveria estar na prateleira dos assuntos já esquecidos?

Ele voltou a sua tarefa.

— Não é todo dia que um garoto de Basin fica com uma líder de torcida de Sterling. Eu teria sido uma lenda maior do que já era.

— Uau. Quer dizer que tinha um motivo a mais do que só me enganar?

O Cajun deu de ombros.

Rolando os olhos, eu bebi, apertando os lábios contra a ardência.

— Está preocupado com os Bagmen?

Ele me olhou de debaixo do capô.

— Nada é mais rápido que eu.

Mesmo agora aquele arco descansava por perto. Notei que ele nunca o deixava fora de alcance.

Quando segurei a garrafa para ele, disse.

— Segure enquanto termino isso.

— Realmente acha que consegue consertar?

— Eu trabalhava nos caminhões da milícia. Não é difícil se você sabe o que está fazendo.



— E você sabe?

— *Ouais*. — Sim. — Então, sua *mé*re lhe mandou aqui para tratar bem o garoto Cajun?

Isso era exatamente o que havia acontecido. Justo antes de me juntar a ele aqui fora, ela tinha me dado uma ordem rara: — Convença Jack a gostar de você. — Ela me perguntou. — Pode imaginar como eu ficaria aliviada de saber que você estaria com um garoto forte e capaz como ele? *Precisamos* dele, Evie. Por favor, pelo bem de nós duas? Arrume o quarto de hóspedes para ele. Vá ajudá-lo com o carro.

Eu não tinha vontade de deixá-la.

— Não quer que eu fique? — Quando ela sacudiu a cabeça, me despedi lhe dando um beijo de boa noite. — Vou fazer com que fique melhor. Você vai ver.

— Deixe a vela acesa, querida.

— Eu te amo. — Mas quando saí para me juntar a Jackson, ainda não tinha ficado convencida de que poderia deixar o passado no lugar em que ele pertencia.

Tinha decidido finalmente pedir uma trégua por uma razão. Ele tinha olhado pacientemente para cada uma das minhas fotos de quando era bebê. Enquanto mamãe ficou exaltada passando de cada imagem minha banguela. — *Olha esse sorriso!* — Jackson prestou atenção zelosamente, embora aquilo deva ter sido terrível para ele.

Ele subiu um degrau na minha avaliação.

E eu concluí que, se ele estivesse ali para nos roubar, não teria se dado a tamanho trabalho.

Com esse pensamento em mente, tomei outro gole — esse não queimou tanto — então disse.

— Mamãe gosta muito de você. Ela queria que eu estendesse o convite para que fique conosco. Pelo tempo que você quiser.

As mãos deles pararam.

— Estou surpreso por de fato estender esse convite.

— Eu já arrumei a cama em um dos quartos de hóspedes. — Quando ele meramente levantou as sobancelhas, eu disse.

— O que foi?

— Inferno, Evangeline, achei que fosse me fazer dormir no celeiro hoje.

— Por que faria isso?

— Porque ainda pensa em mim como *um ajudante*. — Com a atenção de volta ao carro, murmurou.

— Provavelmente sempre vai pensar.

Ele estava errado. Não pensava nele daquela forma; pensava nele como um criminoso endurecido pela vida. Ainda mais, nunca iria querê-lo no celeiro perto das minhas mudas outra vez.

— Tanto faz Jackson, faça como quiser.

— Eu não vou estar aqui quando o exército aparecer. — Ele apontou para mim com um alicate. — Conte com isso. Não sugiro que vocês duas também fiquem por perto.

— Por que tem tanta certeza que eles virão aqui?

— A Casa Haven é o maior prédio ainda de pé nesta área — e um dos mais antigos.



— Por que isso tem importância?

— Poços e bombas de moinhos de vento. Não precisam de eletricidade para conseguir água.

O general vem seguindo um guia de campo em todas as fazendas do Sul, e ele sempre vai às antigas com os poços mais velhos. Quantos vocês têm? Dois ou três?

— Cinco, — admiti.

— Oh, sim. — Ele segurou a testa, manchando-a de óleo. — Eles virão pra cá.

— Tenho muita dificuldade em acreditar que exista essa multidão de três mil soldados, e que todos eles sejam maus.

— Necessariamente, eles não são. Mas aquele general é, e seus dois filhos também. E se não seguir as ordens deles, é executado.

— Ou se torna um deserto.

— Precisa deixar de usar essa palavra, Evie. Está começando a ferir os meus sentimentos. Não tem importância, se ficar por aqui logo vai descobrir por que eu *desertei*.

— Se eu pudesse mover mamãe e se consertasse esse carro, eu partiria. Sairia ao amanhecer para encontrar um médico, então iríamos para a Carolina do Norte nos reunir com a minha avó.

— O que a faz pensar que a velha vovó está viva? Ela provavelmente não está.

— Simplesmente sei que está. — Como mamãe disse, *tinha* que acreditar naquilo. A alternativa — nunca entender todos os mistérios que me rodeavam — era intolerável. Não ter sossego das vozes...?

Impedi-me de estremecer em tempo.

Sem mencionar nunca mais ver a minha avó. Quanto mais lembrava dela, mais a amava. Conseguia lembrar dos seus olhos — eles eram de um marrom brilhante, a cor igual ao do estriamento mais escuro de uma casca de noz. A pele ao redor deles enrugava quando ela sorria. Ela tinha sorrido bastante. Costumava cantarolar o tempo inteiro, também, especialmente quando jogava com o seu baralho gasto de Tarô.

— Você *sabe* que ela está viva? — perguntou ele. — Como em uma visão?

— Eu não saio por aí vendo o futuro, Jackson. E na maior parte do tempo, as coisas que eu vejo não fazem sentido algum.

— Me fale sobre elas.

— Não há padrão de quando acontecem. Elas são... dolorosas. — disse na maior meia verdade do ano. — Parecem ser enfiadas na minha cabeça.

— Está pronta para me contar o que viu hoje mais cedo?

Não, Jackson. Não, não estou. Então ignorei a pergunta.

— Tenho visões repetidas com um garoto que não fala sobre nada que faça muito sentido para mim. Eu levo broncas dele, que também poderia muito bem estar falando em outra língua. — E ainda assim eu sinto um laço tão forte com ele. — Em qualquer caso, muito das coisas que vejo nunca se concretizam. — Mas, apenas espere...

— Talvez simplesmente não tenha acontecido *ainda*.

Perceptivo Jackson. Mudando o assunto, disse.

— Como é na estrada? Como é de verdade?

Ele exalou, me permitindo afastá-lo da conversa sobre as minhas visões.



— Do lado de fora das cidades, pode passar dias sem ver nenhuma outra alma viva. Na verdade é melhor nem ver. Sobraram dois tipos de pessoas: aquelas que não querem ter nada a ver com você e aquelas que querem te machucar — os homens de preto.

— E dentro das cidades?

— Montes de corpos. Mais sobreviventes estão morrendo agora, e os velhos não estão se decompondo como deveriam naturalmente, só se amontoam.

Estremeci com a imagem mental.

— Todos os lugares estão queimados como Sterling?

— Não há uma maldita coisa verde, se é o que está perguntando. Tudo está coberto de cinzas, mas nem todo lugar está queimado. Algumas cidades parecem listradas das linhas de chamas que alcançaram o chão. *C'est surprenant*. — É um mistério. — Coisa com o dedo de Deus no meio.

Ante a minha expressão confusa, ele disse.

— Uma casa fica de pé enquanto a do lado queima até o fim. Nenhum motivo nem razão, como quando um furacão ataca.

Ele fechou o capô. Depois de limpar as mãos na calça, recolheu seu arco e subiu no assento do motorista, colocando o arco no colo.

— Pule pra dentro.

Quando me juntei a ele dentro do carro, ele disse.

— Você nunca vai conseguir chegar à Carolina do Norte, Evie. Isso é ir direto para dentro da barriga da fera.

— Por que diz isso? Por causa dos Bagmen?

Ele encontrou meu olhar.

— Talvez nunca precise descobrir. Me peça com jeito e eu posso leva-las ao Texas.

Deus, os olhos dele eram mesmo de tirar o fôlego. Enquanto os fito, me permito imaginar o que seria deixá-lo levar eu e mamãe para o oeste. Ela já gostava muito dele.

Outra coisa que notei? As vozes ficavam muito mais caladas quando ele estava por perto. Supus que elas diminuíssem quando havia mais pessoas por perto para me distrair.

Eu admiti de mal grado que poderia não ser *tão horrível* tê-lo por perto.

— Por que nos ajudaria desse jeito?

— Sua *mère* foi gentil comigo.

— Tem que haver mais nisso.

Mais cedo, disse a mamãe.

— Jackson não ficaria por aqui a não ser que tivesse um objetivo.

Ela tinha me dado um sorriso doce.

— O “objetivo” dele? Provavelmente é você ser uma garota bonita e ele um garoto de dezoito anos.

Ele realmente gostava de mim dessa forma?

— Tenho minhas razões. Isso é tudo o que precisa saber por enquanto.

— Não é bom o bastante. Nessa hora amanhã, ela poderia estar sob os cuidados de um médico de verdade.



Ele hesitou, agarrando o volante, claramente lutando com uma decisão. Estendendo os dedos para a garrafa, ele disse.

— Clotile sobreviveu ao Flash.

Aquilo foi uma surpresa.

— Como? — passei o uísque para ele. — E por falar nisso, como você sobreviveu?

Ele tocou o braço inconscientemente.

— Isso não parava de sangrar. Não conseguia pilotar a moto. Então Clotile me levou a um médico clandestino na outra comunidade, ele tinha um consultório num porão.

Numa virada do destino, aquele bêbado salvou tanto a vida de Jackson quanto a de Clotile.

— Depois do Flash, Clotile e eu seguimos outro sobrevivente de Basin, um reservista, para nos juntarmos à sua companhia. Ele nos convenceu a servirmos nossos compatriotas e toda aquela besteira. Mas o que mais nós tínhamos a fazer? Além do mais, ele descobriu como fazer seu carro funcionar, e nós estávamos ansiosos por deixar toda aquela área devastada para trás. Embora Clotile fosse uma ótima atiradora, os reservistas a meteram na cozinha e eu nos campos, caçando Bagmen.

— Você os *matava*?

— Durante o dia, os exterminávamos em seus esconderijos. À noite, nós patrulhávamos os hospedeiros. Eu matei centenas. — Estreitei meus olhos, mas ele disse.

— É verdade. Se nunca mais visse outro Bagman...

Ele deu uma sacudida forte com a cabeça, então continuou

— Clotile e eu tínhamos abrigo e comida, então passamos alguns meses assim. Foi bom ficar ocupado, evitar pensar em... — ele olhou para além de mim — evitar remoer as coisas. De qualquer forma, duas semanas atrás, esse exército enorme chegou liderado pelo General Milovnici. Dando-nos a escolha de nos juntarmos ou morrermos, o líder da minha unidade entregou a cadeia de comando a Milovnici. Achei que o general era esquisito, mas os seus dois filhos eram acima da média.

— Como assim?

— Vincent e Violet são gêmeos mais ou menos da sua idade, com aqueles olhos ausentes, como os de um peixe morto. Eles se vestem parecido, falam parecido, e até têm uma tatuagem igual — um desenho meio gótico — na mão.

— *Nós vamos amá-la. Do nosso jeito.*

Lutei para bloquear a voz desgarrada. Maldição, estava tudo tão quieto.

— Mas o que sei sobre política? — disse Jackson. — Um general era tão ruim quanto o seguinte, eu supus. Não tinha um cão naquela briga, então segui as minhas ordens e saí para patrulhar. Quando voltei, passei pelo resto do comboio do exército — a unidade de *prisioneiros*. Procurei por todas mulheres e meninas, cada uma delas. Corri atrás de Clotile, mas eles já a haviam levado.

— Para o general?

— Não. É aí que fica... *étrange*. Os gêmeos estavam com ela. — Jackson agarrou o volante de novo. — Encontrei a barraca deles e distraí os guardas que vigiavam do lado de fora, mas havia muitos — eles me cercaram e meteram o cabo de um rifle na minha cara. Quando acordei na



manhã seguinte, estava sendo arrastado da cela para um pelotão de fuzilamento. — Ele se virou para mim. — Vê, a razão para não haver prisioneiros homens é porque eles executam qualquer homem que se rebelar. Eles fazem isso na frente de todos, mantêm os homens na linha.

— Então, o que aconteceu? — Perguntei sem fôlego.

— Recebi um sinal de uns dois parceiros. Eles iam me ajudar. Então lá estava eu, lutando com os dois guardas que me seguravam quando vi Clotile correndo da barraca dos gêmeos com uma pistola na mão. Ela tinha lutado com eles para escapar. — Com a voz baixa, ele disse. — Mas, Evie, eles a tinham surrado muito durante a noite. Sangue saía do nariz dela, dos ouvidos, os lábios estavam rachados. O braço esquerdo estava mole ao lado do corpo. Os olhos dela estavam... estavam desesperados.

Ele pareceu fugir daquela imagem.

— Agora, Clotile, era muito experiente. Já tinha visto muita coisa, mas o que quer que tenha acontecido naquela barraca tinha lhe deixado traumatizada.

Do nosso jeito, do nosso jeito.

— Ela abriu fogo nos dois guardas que me seguravam. Aqueles covardes fugiram. Então eu fiquei livre, só tinha que chegar até ela e nos tirar dali...

— E depois? — Estendi a mão e toquei seu braço, roçando naquela fatídica cicatriz.

— Ela fez que não com a cabeça para mim, acenando para que eu fugisse com os meus amigos. Eu lhe dei o olhar que aquilo merecia e continuei indo até ela. Então os gêmeos saíram mancando da barraca. Ela olhou por cima do ombro e os viu, então encontrou os meus olhos. Meu coração caiu no estômago — sabia o que ela iria fazer. Estava gritando com ela, para que só esperasse um pouco, para que me desse tempo de chegar *até* ela. Ela... aquela maldita garota, li os seus lábios quando disse, *Sinto muito*. — Ele engoliu em seco. — Então ela estourou os miolos.

Esqueci-me de respirar. Ver um ente querido cometer suicídio?

— Eu às vezes me pergunto o que lhe fez fazer aquilo. Foi só para salvar a minha pele sem valor? Ou porque ela não poderia viver com o que quer que aqueles dois façam com ela? — Ele sacudiu a cabeça em confusão. — Uma garota *Católica*. Tirando a própria vida?

Quando ele finalmente me encarou, parecia surpreso por eu estar prestes a chorar.

— Não chore, — disparou, ficando nitidamente desconfortável. — Não queria lhe contar isso. Só não sabia mais o que fazer para lhe convencer. — Em um tom brusco, ele disse. — Eu não gosto de lágrimas.

— Não posso evitar. — Ficamos sentados em silêncio até eu recuperar o controle das minhas emoções. — Por que é tão importante para você me convencer? Quem sou eu pra você?

Outro gole demorado.

— Conheci pessoas de todos os lugares, alguns do Canadá e até da América do Sul. De todo o leste até os campos queimados da Califórnia. E há algumas coisas com que todos concordam — *nada* cresce em lugar algum. E não há chuva. Não acho que ainda existam oceanos.

— *O quê?*

— Evaporação do Flash. Aconteceu em mais do que apenas rios e lagos. O Golfo do México é um deserto até onde se consegue ver. — Enquanto fiquei digerindo aquela notícia terrível, ele disse. — Depois que Clotile morreu, parei de fingir que havia algo pelo qual valia a pena continuar.



— Jackson.

— *Non*, me deixe terminar. Decidi ir para o oeste para ver se havia algumas milícias que poderiam derrubar o general. Queria dar um tiro nele, no seu filho e filha também. — disse Jackson, a fúria quieta em sua voz me perturbando. Ele estava falando em matar três pessoas como se falasse em matar três mosquitos. — Sabia que morreria tentando, mas não ligava. Então resolvi que passaria na fazenda onde essa *belle fille* que frequentava a mesma escola que eu morava e que solucionaria um último mistério.

— Mistério?

— An-hã. Nos últimos seis meses eu vi tudo no seu caderno de desenho se tornar realidade. Tinha que saber por quê.

— Você e os seus enigmas. — disse distraidamente. — Por que achou que eu ainda estaria viva, quando a maioria das garotas morreu?

— Eu sabia. — Quando levantei as sobrancelhas, ele disse de má vontade. — Tinha formas de saber.

Antes que pudesse investigar mais, ele continuou.

— Mas nunca imaginei o que encontraria quando cheguei aqui. Numa província atrasada da Louisiana, existe essa garotinha frágil escondendo *mudas* em um celeiro. — Jackson sustentou meu olhar. — Me amaldiçoarei antes que o general ponha suas mãos nelas.

— Quando eles virão?

— Se estiver claro amanhã, o primeiro comboio de caminhões vai chegar aqui no máximo ao meio-dia. Por que não acredita em mim?

— Não importa se acredito ou não. Não posso sair com a minha mãe! Ela sente dores terríveis só em levantar da cama — como vou fazer com que desça a escada? E se machuca-la ainda mais? Poderia mata-la! — Lutando para falar em um tom firme, perguntei. — O que faria se fosse a sua mãe?

Tinha assumido que a mãe dele havia morrido quando Jackson e Clotile estavam no médico... Ele enrijeceu ao meu lado.

— Não quero falar sobre ela. — Ele conseguia falar sobre o horror que tinha abatido Clotile, mas não sobre o que quer que havia acontecido com a mãe?

O destino dela poderia ter sido pior?

— Ok, então. Não vou mencionar o assunto outra vez.

— E se eu prometer encontrar um médico no Texas para a sua *mère*?

Se alguém tivesse me dito ontem que em pouco tempo eu consideraria aquilo — confiar a vida da minha mãe nas mãos de Jackson Deveaux — teria rido.

— Posso *pensar* nisso até de manhã?

— Para quê?

Ele compartilhou sua agonizante história comigo. Eu podia ao menos ser sincera sobre o motivo da minha hesitação.

— Não estou acostumada a tomar decisões desse tipo. — admiti. — Mamãe basicamente tratou sozinha de todas as coisas complicadas que ocorreram em noventa e cinco por cento da



minha vida. Ainda estou engatinhando aqui, e Deus sabe que não posso me dar ao luxo de errar nisso. Nada me importa mais do que ela. Nada.

— Evie.

— Ela pode melhorar agora que se alimentou tão bem.

Ele exalou após prender o fôlego, mas aquele músculo em sua bochecha se contraía outra vez.

— Vamos falar pela manhã. Cedo. Até lá, vou encher esse carro de mantimentos, preparado para dar o fora bem rápido.

— Que suprimentos?

— Vou encher todo recipiente que encontrar com combustível ou água. Vou atrás de armas e algumas ferramentas. E é melhor que arrume as suas coisas, fique pronta para partir. Só para garantir. — adicionou, mas sabia que ele não tinha dúvida em sua mente de que nós partiríamos.

— Está muito confiante que vai conseguir que esse carro funcione, então?

Ele assentiu.

— Agora, o que vamos fazer com as mudas?

Eu desviei o olhar.

— Fazer? Nós?

— Quando o exército encontrá-las, aquele general vai querer saber tudo sobre elas. Se estiver aqui, ele vai lhe entregar aos gêmeos para que lhe torturem até que revele tudo. Se não estiver aqui, mandará homens atrás de você. De um jeito ou de outro, ele vai conseguir as respostas. Isso é algo que quer que ele descubra?

Deus amado, não. Se aquele homem fosse tão ruim quanto Jackson dizia, ele provavelmente me drenaria diariamente. Estremeci.

— Evangeline, maldição, me fale sobre elas, e eu lhe ajudo. Como fez aquilo? Vodú? Mágica? Algum experimento secreto do governo? — Quando eu continuei calada, ele disse com os dentes cerrados. — Qual é? Depois de tudo que eu lhe disse? — Ele fez um som de frustração. — Então ao menos me responda uma coisa: Se eu levar aquela caixa de sementes da sua dispensa, elas poderão germinar outra vez?

Eu poderia ao menos responder àquilo, certo? Mordi o lábio. Mamãe achava que podíamos confiar nele. *Corra o risco, Evie.* Nós precisamos dele.

Então por que ainda desconfiava tanto dele assim? Era por causa da nossa história, ou por ele ser tão diferente de mim, do pessoal com quem havia crescido?

— Você mesmo disse que era mil vezes pior do que todos diziam. Agiu como se quisesse me beijar para que seus amigos pudessem me roubar e roubar meus amigos. Como posso confiar em você?

Ele deu um olhar incrédulo.

— Acha que essa era a única razão para querer te beijar? Não sabe muito sobre garotos. Eu teria te levado para a cama aquela noite numa velocidade tão grande que a deixaria tonta. — Outro gole.

Minha respiração ficou rápida.

— C-como eu disse antes, vou te dar uma resposta pela manhã. Pode ser um assunto aberto á discussão.



Quando ergueu as sobrancelhas, eu disse.

— Tudo isso assumindo que você pode consertar o nosso carro.

— *Já está consertado, peekôn.*

Prendi o fôlego quando ele apertou o botão de partida. Quando o motor ganhou vida na quietude da noite, olhei outra vez para o quarto da mamãe.

Imaginei que estava na cama, prestes a dormir, sorrindo sonhadoramente ao ouvir aquele som.



Capítulo 20

DIA 221 DEPOIS DO FLASH

Eu me levantei ao amanhecer, totalmente acordada.

Estava muito ligada para estar de ressaca, apesar de Jackson e eu nos sentarmos no carro, passando seu frasco de bebida de um para o outro enquanto eu carregava meu iPod. Ele acreditava que os eletrônicos que escaparam do golpe direto do Flash não chegaram a fritar:

— Como algumas pessoas. — Ele estava certo sobre meu iPod.

Mas quando perguntou sobre as plantações novamente, calmamente agradei pelo jantar e fui pra cama...

Agora eu deslizava para a janela, olhando lá pra fora para a tempestade de poeira matutina — uma uivante. O que significava que aqueles homens se atrasariam e eu poderia segurar Jackson um pouco mais de tempo. Talvez mamãe estivesse melhor, bem o suficiente para evacuar.

Despejei água do meu cântaro na pia tampada, escovando às pressas meus dentes e cabelo. Depois de vestir um jeans, um casaco com capuz e minha habitual bandana ao redor do pescoço, deixei o quarto.

No corredor, desacelerei. Jackson estava sentado no topo dos degraus, abrindo seu frasco. Ele não parecia ter dormido, ainda tinha sua besta jogada por cima das costas, sua própria bandana suja de fuligem.

Franzi o cenho quando fechou o frasco sem tomar um gole. Apenas o olhava fixamente em suas mãos.

A inquietude caiu sobre mim, como se eu fosse um animal pressentindo uma tempestade. *Pressão. O perigo vindo.*

— Evangeline, sua *mère* se foi.

Estreitei os olhos.

— Só um cretino como você brincar com algo assim.

— Ela faleceu durante a noite.

Mesmo sentindo como se um tornado estivesse se fechando sobre meu peito, explodi.

— Isto não é engraçado! Deus, você não mudou nem um pouco!

— Ela se foi. — ele murmurou novamente.

— Não. — O medo cresceu enquanto eu estudava seu rosto cansado. — Você está *mentindo*. — apontei meu dedo pra ele. — Não!

Ele apenas olhou fixamente para mim. Quando o mundo começou a girar, me arremessei corredor abaixo, escorando-me no batente da porta do quarto dela enquanto resvalava para dentro.

Um olhar e eu soube que ela se foi. Seu rosto estava verdadeiramente em paz. Pela primeira vez desde o Flash.

Um som miserável escorregou pelos meus lábios. *Ela se foi. Minha mãe está...*

Morta.



Atordoada, dei um passo mais perto da cama, percebendo que ela segurava uma foto em uma mão fantasmagoricamente branca.

Lembrei-me da foto. Era dela, de mim e vovó na frente de Haven em uma Páscoa. Eu estava de pé entre elas, exibindo orgulhosamente uma cesta cheia de ovos. As azaleias estavam floridas, deslumbrantemente arrojadas na cor. O ar cheirava a cana nova, gardênia e uma maré cheia ao longe.

Agora, como fiz mil vezes antes, sentei-me ao lado da minha mãe em sua cama para conversar.

— Você não faria isto. — Mal reconheci minha voz. — Não me deixaria sozinha assim.

Quando ela não respondeu, um soluço se libertou, então outro. Desmoronei em cima dela, descansando meu rosto no seu peito.

Estava tranquila. Quieta.

As lágrimas caíram e foram absorvidas pela gola da sua camisola.

— *Volte, mamãe.* — sussurrei, rezando pra que eu ouvisse uma gaguejante pulsação vir à vida ou senti-la respirar.

Quieta.

— Precisamos ir. — disse Jackson atrás de mim.

Deixar minha mãe?

— Evie, não há nenhuma razão para você ficar agora.

Levantei-me instável, estreitando meu olhar embaçado nele.

— Ela estava melhorando. E então você apareceu e quis que a gente partisse... — Enxugando meus olhos, eu exigi. — O que você fez com ela?

Ele não disse nada, sua expressão fechada.

— *O que você fez?* — Eu voei nele, esmurrando seu tórax.

— Eu não fiz nada! — Ele ficou ali, deixando-me bater nele. — Entrei esta manhã e ela estava assim. — Finalmente ele pegou meus pulsos. — Ela estava com algum ferimento interno.

Nós suspeitamos disse, mas...

— Como *você* podia saber isto?

— Acha que eu não tive costelas chutadas o suficiente para conhecer um dano interno? Rastejando para um hospital no domingo pela manhã?

— M-mas ela estava se recuperando! E agora... agora ela está... *m-morta.* — solucei aquela palavra.

— Ela estava morrendo há dias. E sabia! Estava me pedindo promessas ontem à noite por uma razão.

Alguma parte distante e racional minha sabia que ele estava certo. Sua lesão não poderia ter começado pior. Recordei aquelas perguntas dos *se*. Ela tentou tanto conseguir que Jackson gostasse de mim — e quisesse tomar conta de mim. E ela me fez prometer também.

Porque sabia que estava correndo contra o tempo.

Com ninguém para culpar, minha raiva me abandonou. Minhas pernas cederam e eu caí no chão.



Jackson só... olhou fixamente para mim, como se nunca tivesse visto tristeza. Em vez de me confortar, ele disse.

— Você vai partir daqui comigo nos próximos dez minutos. — Então ele andou a passos largos para o armário de joias da minha mãe e começou a enfiar as joias nos bolsos.

Minha mãe estava deitada morta e ele saqueando seus pertences.

— O que está *errado* com você? — Eu chorei. — Mostre algum respeito!

Ele se virou para mim, fazendo-me levantar com um puxão.

— Eu pretendo. Salvando o traseiro de sua filha. Vamos precisar de coisas para negociar. Simplesmente me deixe ser o cara mau que saqueia joias de mulher morta, sim? Vou sujar minhas mãos, assim você não terá que sujar as suas. — Ele me arrastou pra dentro do meu quarto, esquadrinhando a área. — Droga, Evie! Você não empacotou suas coisas?

Não estive a ponto de empacotar minhas coisas, mas não por minha mãe, e eu não queria acordá-la.

Será que já estava morta?

Ele irrompeu pelo meu armário, arrastando uma mala.

— Roupas aqui. *Agora!*

— Eu não p-posso deixar minha mãe assim! Temos que e-enterrá-la.

Ele fez uma careta como se eu tivesse dito algo absurdo. Então foi trabalhar sozinho nas minhas joias, broches, furtando relíquias de família e pérolas.

— Você tem qualquer outra coisa de valor nesta casa?

Confusão.

— E-eu não...

— Barras de ouro, relógios de corda, quaisquer armas que não vi na noite passada?

Eu só podia olhar fixamente para ele.

Xingando-me em francês, ele arrancou uma gaveta de roupas pra fora, esvaziando seu conteúdo em minha bolsa antes de ocupar outra gaveta.

Sem uma palavra, eu o observei encher minha mala, então forçá-la para fechar.

Com a bagagem em uma mão, a parte superior do meu braço na outra, ele começou a me arrastar degraus abaixo.

Mas ele não entendia. Eu nunca deixaria minha mãe como ela estava.

— Ajude-me com ela, Jackson.

— Nós não temos *tempo* para fazer o certo por ela. Tenho outras coisas para cuidar.

— Por favor, Jack.

— Aqueles homens estão chegando. Assim que os ventos morrerem, você vai ouvir os as armas dos batedores no ar, e então o maldito exército inteiro começará a triturar adiante. Eles vão levá-la, e não haverá porra nenhuma que eu possa fazer sobre isto.

Aos pés da escada, eu batia nele.

— Não vou deixá-la aqui assim! Principalmente não se eles forem tão maus quanto você diz.

Seus olhos dardejaram.

— Você irá comigo se eu enterrá-la?



Quando acenei com a cabeça, ele empurrou sua bandana para cima de sua boca e nariz, arrancou a braçadeira da porta da frente, então mergulhou na ventania.

Conforme ele corria para o celeiro, eu o seguia em silêncio, cobrindo meu próprio rosto.

Ele saiu com uma pá e pensei que cavaria ali mesmo, mas ele achou um lugar embaixo do moinho de vento, onde uma vez foi o jardim de rosa da vovó.

Depois de remover sua besta, ele apunhalou aquela pá na terra. A cinza estourou, rodopiando nos ventos.

Enquanto cavava mais fundo, ele me criticou em francês, dizendo que eu era mais problemas do que valia. Que não podíamos nos dar ao luxo de enterrar nossos entes queridos, que se eu não ficasse mais forte não sobreviveria lá fora.

Sentindo-me desconectada da realidade como estive durante aqueles últimos dias na escola, afundei abaixo, assentindo vagamente enquanto ele me xingava e cavava.

Logo sua testa estava porejada de suor, escorrendo até molhar o pano acima do seu rosto. Justamente enquanto eu me perguntava se suas mãos estavam ficando com bolhas do cabo da pá, ele ajustou seu aperto.

A impressão da palma ensanguentada agora manchava a madeira. Suas novas bolhas viriam assim?

— Esta é a coisa mais *coo-yôn*²⁷ que eu já fiz. — Ele parecia impulsionado, *doido* para que isto fosse feito. Ele aumentou o ritmo até que o sangue corria livremente cabo abaixo.

Mesmo assim... os ventos cessaram.

Cinza caía sobre nós como neve. Ambos estreitamos os olhos para cima. Aos poucos, o céu ficou de um azul sem fim. Um sorriso forçado.

Estávamos sem tempo. Aqueles homens estariam aqui logo.

Um tiro ecoou ao longe, então outro e mais outro.

— Porra! — Jackson arrancou sua bandana. — Eles estão vindo.

— A que distância estão?

— Não muito longe de nós. Evie, não posso fazer o que é certo pela sua mãe. Se for muito superficial... — sua voz foi diminuindo, então ele soltou. — Droga, não posso fazer o que é certo por ela. — Do modo como ele estava agindo, você acharia que ele nunca falhou em nada em sua vida. — Ela não ia querer que você ficasse.

— E-eu sei. — Não tínhamos escolha, senão deixá-la para trás.

Mais armas ecoaram, seguidas por gritos desordeiros. O que soou como um desfile de caminhões estava roncando em nossa estrada. Estremeci quando ouvi um *grito* de mulher — depois risos masculinos.

Soube naquele momento que tudo que Jackson me disse era verdade.

— Eles realmente são tão maus quanto você diz?

Um aceno rápido com a cabeça.

Pensei na pobre Clotile. Pensei em todas as meninas lá fora em perigo por causa deste exército. E soube o que eu tinha que fazer.

²⁷ Coo-yôn é estúpido em cajun.



— Volto logo!

— Não! Você não pode... — O que quer que ele tenha visto em minha expressão o fez erguer dois dedos ensanguentados. — Dois minutos, Evie.

Esquivei-me pra dentro de casa, subindo as escadas. No meu quarto, agarrei minha mochila, meu pen drive de memórias e o colar que Brandon me deu. Por alguma razão, Jackson o ignorou.

Ao sair, olhei para o meu quarto, para meus troféus e pinturas, guardando-os na memória.

No quarto da minha mãe, sentei ao lado dela pela última vez. Peguei o retrato que ela segurava, então tomei sua mão, alisando-a contra minha bochecha, por cima das minhas lágrimas.

— Eu te juro. V-vou até a vovó. Vou descobrir por que tudo deu errado. E vou fazer tudo que puder para consertar isto. — com um sussurro. — *E-eu amo você, mamãe.* — dei um beijo de adeus, pressionando meus lábios na sua testa.

Deixá-la para trás foi a coisa mais difícil que já tive que fazer.

Daqui a instantes, eu sabia que faria algo pior.

Jackson me encontrou na porta da frente com um brilho perigoso em seus olhos e um isqueiro oferecido na palma da sua mão andrajosa.

Senti cheiro de gasolina, ouvi Allegra trotando em um refúgio longe do celeiro, relinchando com nervosismo.

O momento começou a parecer como um sonho, como se eu estivesse fora do meu corpo. Uma névoa caiu sobre mim.

— Eles não podem ver aquelas colheitas, Evie. Eles virão atrás de você, vão te seguir. Não vão parar. As colheitas têm que queimar, ainda que sejam as últimas na face da terra.

— A gasolina está... em toda parte? — Olhei fixamente para o seu rosto, para o impressionante cinza de seus olhos ferozes.

Ele assentiu.

— Esta é a *minha* casa, Jackson. A única que eu conheci. — Ela tinha séculos de história, tantos sonhos perdidos quanto encontrados. — Não vou deixar isto assim. Me entregue este isqueiro.

Ele envolveu minha nuca, juntando nossas testas.

— Sei que esta é sua casa, *ange*, mas só me escute...

— Não, escute você! — A fúria deixava minha voz baixa, minhas palavras como um sibilo. Afastei-me dele. — Eles não podem *tê-la*. — Eu não queria aqueles séculos contaminados por estes assassinos, não queria que eles vissem minha mãe tão vulnerável. Eles não chegariam a tocar em nossas posses ou estuprar mulheres na minha cama.

Não podia permitir que Haven abrigasse aquele exército, ajudar a tornar aquela força ainda mais poderosa do que já era.

Eu já tinha planejado queimar minha casa completamente com minha mãe dentro. Jackson estava apenas um passo à minha frente.

— Agora. Dê-me o isqueiro.

Seus olhos se arregalaram, então se estreitaram em mim. Ele me lançou um olhar, como se nós finalmente tivéssemos chegado na mesma página. Quando me entregou, ele murmurou.

— *Ma bonne fille.* — Minha boa menina.



Acendi o isqueiro e uma chama dançou; ele tomou minha mão livre na sua, preparando-se para correr.

Com a batida do meu coração trovejando em meus ouvidos e meu sangue correndo pelas minhas veias, sussurrei.

— Jackson, posso fazê-las crescerem novamente...

Larguei o isqueiro.



Capítulo 21

Uma vez que nos livramos do fogo e de qualquer possível batedor da milícia, Jackson se dirigiu para o dique do condado, estacionando na subida.

Saí do carro, protegendo meu olhar contra o sol. Com esta vantagem, eu podia ver a fumaça ondulando por cima de Haven.

A pira funerária da minha mãe.

Jackson murmurou atrás de mim.

— Ela está em um lugar melhor. — E isso foi tudo que ele disse sobre o assunto.

Nisto, eu acreditei nele completamente.

Enquanto eu olhava acima do horizonte perdido — no atoleiro de cinzas que costumava ser um pântano bayou, nas planícies de fuligem que outrora foram campos verdejantes, nas chamas furiosas subindo de Haven — ponderei que ela *tinha* que estar.

— *A Imperatriz está no jogo.*

Despertei com as vozes sussurrando esta frase inúmeras vezes. Contudo, agora estes personagens soavam diferentes, mais alertas, talvez até mesmo com um toque menos presunçoso?

Pisquei abrindo meus olhos inchados, desorientada. Estava anoitecendo, os ventos estavam calmos, e Jackson tinha acabado de estacionar... em um estaleiro?

— Onde estamos? — Eu realmente dormi o dia inteiro?

— Não tão longe quanto eu gostaria de estar. Ainda na Louisiana.

— Por que estamos em um estaleiro? — Um que estava às margens de um pântano seco. — As pessoas se esquecem de saquear os barcos em um cais seco. Vamos passar a noite aqui. — Enquanto saía do carro, ele preparou sua besta. Claramente sabia o que estava fazendo com aquela arma, estava tão confortável com ela como eu uma vez estive dando uma cambalhota de costas.

Gostaria de saber quem o ensinou a atirar. *Nécessité?*

Antes que eu pudesse desafivelar meu cinto de segurança e sair, ele estava na minha porta.

— Cole em mim como uma sombra. — ele ordenou.

Embora tenha me eriçado como o seu tom, segui-o conforme ele adentrava mais fundo no quintal.

— Gosto da aparência daquele bem ali. — Ele assinalou um barco de metal enorme de pesca de camarão levantado em uma estrutura para reparação, sua pintura descascada.

— O que ele tem de tão especial?

— Ele tem uma escada para alcançar o interior, e só há um modo de entrar ou sair. Seguro como um tambor. Bom dinheiro diz que haverá comida enlatada na cozinha.



Em minutos nós achamos uma escada e estávamos subindo para o barco. Ele agarrou meu braço, puxando-me a bordo, então arrastei a escada para cima atrás de nós.

Enquanto atravessávamos o convés, velhos camarões, caranguejos e conchas de ostra estalavam embaixo de nossas botas, mas o som parecia agradar a Jackson.

Do lado de dentro havia uma cabine espaçosa do capitão e três cabines menores, com as camas dos beliches já feitas. Pelo menos não teríamos que dormir no mesmo quarto.

Depois de procurar por cada centímetro do barco, voltamos para a cozinha. Jackson enraizou ao redor, contente com o que encontrou: latas de sopa, caixas lacradas de bolachas, pacotes de garrafas de água, sacos de carne seca e uma garrafa de rum Capitão Morgan.

— Sabia que este aqui era uma beleza assim que o vi. Eu tenho uma sensação para estas coisas. Agora, não me entenda mal... nenhum lugar é cem por cento seguro. Você sempre precisa estar em guarda.

Fiz um som de reconhecimento.

— Tenho certeza que isto não é exatamente o que você está acostumada — até onde os barcos vão — mas é tudo a mesma coisa.

O último barco em que estive foi dos Radcliffes, um iate de sete milhões chamado *Horas Faturáveis*.

Quando a torneira da cozinha realmente produziu água, Jackson explicou.

— Dos tanques. Você não pode beber, mas pode tomar um banho.

— Banho? — Eu me animei um pouco.

— *Ouais*²⁸. Você abre duas latas para nós, e eu irei pegar sua mochila.

Atordoada, fui lendo o sortimento de comida, imaginando o que ele gostaria. Havia pelo menos uma dúzia de latas de sopa. Parecida um golpe de sorte, mas eu sabia por experiência própria que eu precisava de cerca de mil e quinhentas calorias por dia para manter meu peso. Selecionei uma lata de sopa de minestrone, estremecendo com a quantidade de caloria. Duzentas.

Podia apenas imaginar quanto um garoto como Jackson precisaria. Nós queimaríamos isso — e todos os suprimentos que ele limpou de Haven — antes da semana acabar.

Assim que ele retornou depois de despejar minha mala no colchão de espuma da cabine maior, eu me cortei na borda de uma lata.

— Ecat, menina. — Ele agarrou minha mão. — Você está sangrando.

— Vou ficar bem!

— Deixe-me ver. — Ele levantou meu dedo, metendo-o em sua boca como se eu fosse uma criança. Puxei minha mão de volta, girando em direção à cabine.

Ele murmurou.

— Droga Evie, faça o que quiser. — Então, mais alto: — Lembre-se, não beba dessa água. E guarde um pouco pra mim.

Jack instalou uma lanterna no banheiro, então fui capaz de procurar no armário de remédios por um Band-Aid para esconder meu corte já curado. Achei um entre um frasco de aspirina, pacotes de estimulantes, e uma caixa de aparência antiga de preservativos.

²⁸ Ouais é o equivalente ao sim.



Tirei minhas roupas imundas, entrando no box apertado de fibra de vidro. O ralo estava coberto com frasquinhos de xampu e lascas de sabonete Irish Spring.

Debaixo do jato insignificante de água morna, me esfreguei o mais rápido que pude. Mas eu estava coberta de cinzas, cheirando a fuligem.

Porque Haven queimou até o chão hoje.

Isso foi há apenas algumas horas antes? Parecia que foi há uma semana.

Minha mãe morreu hoje.

Pressionei um dos lados do meu rosto contra o box, lutando para não chorar. Temia que se eu comesse, não iria parar...

O chuveiro começou a desaparecer, pontos pretos piscando diante de meus olhos.

— Não, não, não! Outro não. — Sussurrei desesperadamente, empurrando a base das palmas das minhas mãos nas têmporas, conforme minha dor de cabeça aumentava.

Sangue escorria do meu nariz, gotejando sobre os frasquinhos de xampu. Baixei o olhar, cravando-o nas gritantes gotas escarlates.

Ping, ping, ping...

— Eles sabem, Imperatriz. — disse Matthew.

Eu me achatei contra a fibra de vidro do box. Ele estava aqui! No banheiro comigo.

Dei um salto ao redor, dando-lhe as costas, olhando por cima do ombro. Mas ele parecia não ter nenhum interesse em minha nudez.

— A Imperatriz está em jogo. — disse ele. — Os Arcanos sentem isto, como um distúrbio na Força.

— *Star Wars*, Matthew? Sério?

— Você é um alvo. *Leve-a antes que ela fique muito poderosa*, é o que sussurram as cartas más. Mas você falou tão alto que eles pensaram que queria atraí-los para sua fazenda. — Ele bateu na sua têmpora. — Cuidado com as iscas.

Suas palavras esporearam uma lembrança do meu último dia com vovó: “*Odeio tirar você de casa, querida*”, ela me dissera enquanto levava sua Blazer pra fora da interestadual. “*Somente o mais corajoso — ou o mais tolo — Arcano alguma vez iria para Haven, a casa da grande Imperatriz...*”.

— Eu falei alto? O que isso quer dizer? — Eu não estava apenas recebendo vozes, mas também *transmitindo*?

Matthew franziu o cenho.

— *Ninguém* fala tão alto quanto você. Eles respondem mais alto, provocando.

— As vozes são dos personagens que eu vi, não é? O arqueiro, o menino voador. Morte. Ele assentiu.

— Arcanos Maiores.

As cartas trunfos do Tarô.

— Como suas vozes podem estar na minha cabeça? Sou algum tipo de clarividente?

— *Clairaudiência*. Todos os Arcanos tem uma chamada. Como os pássaros. Sou louco como uma raposa.

Tanto faz, garoto.



— O que eles me ouvem dizer? Como posso falar mais suave?

Em um tom condescendente, ele respondeu.

— A voz interior, Evie.

Comprimindo minha testa, irritada pelo duplo sentido — que não me disse nada.

— Por que eles querem me incitar? O que fiz a eles?

— Você é uma Arcana.

— E-eu não entendo. E eu... não posso fazer muito mais destas “coisas” de Arcana!

— Continuarei te enviando visões. — Ele tocou em seu nariz, murmurando. — Ping, ping, ping. Você tem que aprender.

— *Enviando* para mim? Está me dizendo que não estou... *prevendo* sozinha?

— Eu envio visões a você.

— Ou talvez eu esteja enganada, e estou imaginando você me dizendo isto neste exato momento. Talvez você nem mesmo seja real!

Ele revirou os olhos.

— Nããão. Eu te envio visões. Não o *seu* poder de Arcana. Eu, eu, eu.

Então agora eu não era nem mesmo psíquica?

— Todos os Arcanos têm poderes?

— Vastos. Sobre-humanos.

Meus olhos se estreitaram quando uma suspeita surgiu.

— Você está me enviando aqueles pesadelos também? Porque estou até aqui com eles!

— Nunca pesadelos! Imperatriz, estamos ficando para trás. Encontre-me.

Estava planejando encontrá-lo eventualmente.

— Mas tenho que chegar até minha avó. Onde você está afinal?

— Encontre-me antes que a Morte encontre você.

— Ou o quê?

Ele puxou sua cabeça para trás, como se fosse óbvio.

— Ou ele vai... *tocar* você. Seu poder. Você é a carta que a Morte cobiça.

Estremeci, lembrando o Ceifeiro pairando sobre mim, agarrando-me com suas mãos nuas.

— Por que me cobiça? Eu não entendo. — Mas Matthew desapareceu.

E toda a água tinha se esgotado.

— Droga! — Jackson me pediu tão pouco — fazer sopa e poupar água. Falhei nas duas tarefas simples.

Nauseada pela culpa, voltei para a cabine. Sua mochila agora estava deitada na cama ao lado da minha mala. Certamente ele não estava esperando que ficássemos no mesmo quarto?

Eu tinha acabado de me trocar quando ele abriu a porta da cabine sem bater, passando pelo limiar levando canecas de sopa na mão.

Seu olhar me percorreu, da minha camiseta até minha saia de ginásio que fui forçada a vestir. Seu modo de embalar deixou muito a desejar.

Meu guarda-roupa agora consistia em um total de uma calça jeans e um moletom com capuz — ambos que eu estive usando — cerca de dez fitas de cabelo, mais roupa íntima que eu poderia vestir em toda a vida, sutiãs que mal cobriam, roupas de ginástica e um par de meias descasadas.



Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, então pensou melhor. *Cedo demais, Jackson, muito cedo.*

Depois de me entregar uma caneca surpreendentemente quente, ele se sentou na escrivaninha embutida da cabine para tomar um gole da sua. Senti uma pontada ao ver que ele teve que envolver suas mãos feridas em tiras de pano. Ele estava coberto de cinzas e areia de cavar.

Ele tentou tanto me ajudar com minha mãe...

— Este é um momento tão bom quanto outro qualquer para conversar sobre os próximos dias. — ele disse.

Fui mais pra baixo na beirada da cama diante dele.

— Ok.

— Acabei fazendo algumas... garantias para sua mãe. Mantê-las é muito vago, por isso tenho certeza que posso sacudi-las fora sem ir diretamente para o inferno. Minha preocupação é que você fez promessas para ela.

— Fiz.

Ele murmurou um palavrão.

— Talvez chegar até sua avó?

— Essa é uma delas.

— Deixe-me explicar o panorama para você, *peekôn*. Entre nós e a Carolina do Norte tem Saqueadores, ramos de milícias e seitas apocalípticas... que estão se sentindo poderosamente virtuosas nesses dias. Os traficantes de escravos controlam as cidades...

— Os traficantes de escravos são reais? — Nós ouvimos rumores...

— *Ouais*. Eles agrupam pessoas para cavar poços, como escravos numa mina de ouro. — Ante meu olhar confuso, ele disse. — Se pegassem alguém como eu, eles me acorrentariam em uma pedreira cheia de cinzas com uma picareta ou me empurrariam em uma mina, e não me deixariam sair até que eu atingisse um lençol freático. Claro, se eles capturassem você... seria diferente. Mesmos com os canibais.

— C-canibais? — Novamente, ouvi boatos.

Quando ele concordou, tentei imaginar como se pareceriam os canibais americanos nesses dias modernos, continuava imaginando-os vestindo partes do corpo com um colar. Talvez carregassem varas ensanguentadas...

Apesar dessas ameaças me gelarem até os ossos, eu ainda disse.

— Vou partir para Outer Banks amanhã.

— Você pode não ter um monte de habilidades, mas parece uma teimosa de mão cheia. Não há nenhuma maneira de conversar com você sobre isto, não é?

— Sem chance. — Não tinha escolha. Além da promessa feita à minha mãe, tinha que resolver este mistério dos Arcanos. *Porque isso nunca iria parar.* — Se você está determinado a ir ao Texas, vou com você até que encontre outro carro para consertar.

— Você me entendeu mal. — Presa em uma situação ruim. — Se deixar você ir sozinha, é como se já estivesse morta. — Abri minha boca para discutir, mas ele passou por cima de mim, dizendo. — Qual é menina? Você não tem meios de se proteger.



Tive uma vez. Costumava ter soldados em cada esquina me vigiando. Abaixei meu olhar para minha caneca, lembrando em estado de choque da minha cana e daqueles valentes carvalhos. Eles se foram para sempre.

Assim como a minha mãe.

— Olhe para mim, Evie. Está certa que quer ir por este caminho?

— Estou. — E eu tinha certeza que estaria em melhor situação com ele. — Você vai... você vai me ajudar?

— *Mas* é claro. — ele disse solenemente. — Levarei você até lá. *Mas* eu tenho condições.

— Claro que tem.

— Você me conta seus segredos. Preciso saber como fez para crescer aquelas plantas. Tenho que saber como você fará isto novamente.

Talvez eu devesse motivá-lo?

— Vou contar tudo que você quiser saber... assim que eu chegar na minha avó.

Ele hesitou antes de dizer.

— *D'accord*. — Concordo.

Meu alívio foi tingido com suspeita.

— Você não gosta de mim. Nunca fomos amigos.

Ele também não negou.

— Nós poderíamos muito bem ser estranhos Jackson. No entanto, você está disposto a viajar comigo, arriscando sua vida?

— Estranhos? Isto é relativo, não é? Você me conhece melhor do que qualquer um vivo. E eu te conheço melhor do que qualquer um, exceto sua avó.

Porque mamãe se foi.

— Droga, Evie, não há ninguém além de você. Ninguém pra falar Cajun, ninguém que se lembre do bayou, como ele cheira ou como o sol...

— Costumava fluir pelo musgo e agulhas do cipreste?

— *Exactement*.

— Então estamos de acordo.

Com uma expressão ilegível, ele disse.

— *Bien*. Agora, há dois caminhos que podemos ir. O Exército do Sudeste varreu da Carolina do Sul até a Louisiana — nós podemos regressar na trilha deles, atravessando Atlanta. As estradas principais estarão limpas de destroços, e haverá menos Saqueadores. Vendo pelo lado negativo, as tropas terão limpado os postos de gasolina e supermercados locais. Temos uma boa provisão de água de Haven — se nós racionarmos — mas combustível e comida serão escassos. E abastecendo totalmente sua luz do dia.

Este soou menos que o ideal.

— Qual o segundo caminho?

— Poderíamos ir para o norte pelo Tennessee, então cortar para o leste. Vamos perder a trilha deles, mas nos arriscar entre Saqueadores e estradas bloqueadas.

Fiquei surpresa — e impressionada — pelo conhecimento dele.

— O que você sugere?



— Regressar. A viagem vai demorar mais tempo, e vai haver escassez, mas acho que será mais segura.

Demorar mais tempo? Agora que eu estava a caminho de encontrar vovó, a impaciência queimava dentro em mim.

— De quanto tempo estamos falando?

— Eu dirigi o dia inteiro — e nós fizemos todos os noventa e seis quilômetros através dos vendavais. A visibilidade era mais ou menos um metro e meio. Levaremos semanas para chegar até lá.

Meus lábios se abriram.

— Vamos parar antes do anoitecer todos os dias? Os ventos se acalmam de noite... eu podia dirigir um turno.

— Saqueadores vagueiam de noite, e nós não.

— Certamente se estivermos em um carro, eles não podem nos pegar.

— Se fosse só eu... mas com você... — Ele esfregou uma mão enfaixada sobre sua boca, parecendo como se ele tivesse acabado de entender a enorme responsabilidade que assumiu. A responsabilidade por outra pessoa. — Você já viu um Saqueador? Que não seja em suas visões?

Hesitei, então sacudi minha cabeça.

— Quando nós os caçamos, saíamos em grupos de dez, treinados e armados até os dentes. Você e eu? Não podemos arriscar nos encontrar com eles. Especialmente não em números. Se qualquer coisa me acontecer na estrada, você já era. Nada de opções sobre isto.

— Consegui sobreviver desde o Flash sem você.

— Você estava escondida longe, com comida, água e um abrigo forte. Há confusão lá fora. As pessoas enlouqueceram.

— Acho difícil de acreditar que tudo de bom acabou de cair no esquecimento tão depressa. — Decência, moralidade. — Faz apenas sete meses. As pessoas não teriam recorrido ao canibalismo já.

— Não-há-comida, Evie. — Ele se levantou, recuperando o frasco de seu bolso. — Mesmo com tão poucas pessoas que restaram, os supermercados foram limpos em dias. Não existe nenhum cultivo, praticamente nenhum animal. A maior parte de um ano é bastante tempo para uma nova cadeia alimentar entrar em jogo.

Esfreguei minha testa.

— Cadeia alimentar?

— Os fortes — como as milícias e aquele exército — conseguiram todos os suprimentos e comida. Eles estão no topo. Os ligeiramente menos fortes são os canibais. Próximos ao nível inferior, os fracos estão passando fome. E o fraco sem sorte? Eles são o jantar de alguém. — Ele deu um longo gole, segurando meu olhar. — Então pense bem sobre onde você quer que eu te leve amanhã, *peekôn*.



Tentei dormir no barco silencioso.

Haven House era sempre — *sempre foi* — tão barulhenta. Nunca mais a ouviria ranger e gemer novamente. Nunca mais ouviria a cana sussurrar para eu dormir. Nunca mais ouviria os saltos dos sapatos da minha mãe clicando no piso de mármore.

Até as vozes estavam quietas, como se quisessem que eu experimentasse meu pesar totalmente, potencialmente excruciante.

Ou talvez estivessem quietos porque Jackson estava a poucos metros de mim, dormindo caído sobre aquela escrivaninha. Ele me disse que nós sempre ficaríamos no mesmo quarto na estrada porque, mais uma vez, “nenhum lugar é cem por cento seguro.” Sua besta estava de prontidão.

Eu me senti alternadamente desconfortável e protegida por tê-lo muito perto.

Enquanto estava deitada em uma cama muito macia de espuma em uma cabine muito quieta, revivi o dia. Um trio de memórias foi gravado a fogo na minha mente, e eu sabia que elas nunca seriam esquecidas.

O olhar orgulhoso que Jackson me deu quando deixei cair o isqueiro para queimar totalmente minha casa e cremar minha mãe.

A sensação de sua palma cheia de bolhas quando corremos de mãos dadas das chamas.

Como mamãe parecia em paz na morte.

Lágrimas se reuniram e derramaram — não havia como detê-las. Imaginei seus últimos pensamentos, imaginei-a apertando aquele retrato. Saber que seria sua última noite de vida?

Por que não fiquei com ela?

Se ela não tivesse morrido em seu sono, então eu poderia ter estado lá para segurar sua mão, para vê-la... para vê-la passar por isto.

Enrolando-me de lado, eu soluçava, tentando tanto não fazer um som.

Jackson de repente deu um salto se endireitando.

— Você precisa parar de chorar.

Continuei chorando.

Com um áspero praguejar, ele disse duro.

— Aqui fora não há lugar para isso. Você é muito suave, Evangeline.

Sim, Jackson tinha acabado de começar a reconhecer a responsabilidade pesada que ele assumiu hoje — e agora a realidade estava se assentando. Sentei-me, deslizando o antebraço por cima do meu rosto.

— N-não consigo parar. — Mais cedo ou mais tarde, ele ficaria de saco cheio comigo.

— Sua *mère* morreu na graça. O que mais você poderia querer para ela? Só espero sair disso tão limpo quanto ela.

Chorei ainda mais.

— Droga, Evie! — Suas sobrancelhas se juntaram e seus lábios se apertaram. — Para o inferno com isto. Chore tudo que quiser, mas não tenho que assistir isto! — Pegando seu arco, ele saiu da cabine, batendo a porta.



Olhei fixamente atrás dele, miserável, ouvindo enquanto ele andava a passos largos pelo barco. Mas tão subitamente quanto foi, ele começou a voltar em direção à cabine. Eu o ouvi deslizar pra baixo do lado de fora, sentado encostado na porta. Ele exalou uma rajada de ar.

Continuei a chorar; ele se levantou para andar de um lado para o outro.

O que pareceram horas mais tarde, ele abriu a porta.

— Você sabe o que é PEWS²⁹?

Eu sacudi minha cabeça soturnamente.

— Sistema de Alerta Precoce de Perímetro. É um modo de ouvir os inimigos rastejando em cima de você. Como as conchas quebrando no convés.

— O-okay! — Lágrimas escorriam pelo meu rosto abaixo.

Mas ele não olhava para mim, só começou a andar de um lado para o outro novamente.

— Você pode esmagar lâmpadas do lado de fora da sua porta, qualquer tipo de vidro. Uma escadaria rangendo também funciona. Essa é parte da razão que eu sempre tento rolar casas de dois andares. Quando eu estiver dirigindo, você estará procurando por lugares para passarmos a noite, então mantenha isso em mente.

De maneira hesitante, assenti.

— Agora, Saqueadores podem sentir o cheiro de água a quilômetros de distância, então eles migram para os corpos antigos de...

— Então p-por que estamos em um estaleiro?

— Um atracadouro de barcos é bom demais para deixar passar. Saqueadores são como lobos raivosos — eles podem caçar, mas não conseguem descobrir como usar uma escada. Além disso, cada pernoite tem suas próprias desvantagens. Alguma casa com uma porta aberta? Você tem que se perguntar se um Saqueador entrou lá primeiro, como uma cascavel enrolada em sua bota. Prédios públicos? Você não pode cuspir sem dar de frente com uma saída de incêndio. As saídas de incêndio são iguais a entradas para os Saqueadores.

— V-você sabe muito.

— Eu sei Evie. — disse ele em tom casual. — Sei que os arranhões dos Saqueadores não são contagiosos, mas sua saliva ou sangue te transformarão em um deles em menos de dois dias. Sei que o único modo de matá-los é decapitando-os ou um tiro no cérebro. Eu os vi todos secos e parecendo pó, até você achar que eles devem estar mortos — mas se jogar um balde de água em cima deles, virão rastejando pelo chão para mordê-lo. Sei que eles não são alérgicos ao sol como todo mundo pensa. Eles só não gostam por que resseca sua pele viscosa. Se tiverem incentivo o suficiente, eles enfrentam o sol. Eu os vi do lado de fora ao amanhecer lambendo o orvalho dos carros, ou até mesmo o chão.

Enquanto eu tremia ao imaginar tal visão, ele inclinou sua cabeça para mim.

— Está prestando atenção? Eu aprendi essas coisas, mas paguei por isto. Estou dando a você de graça.

Eu me agarraria a qualquer coisa para ocupar minha cabeça.

— Quero aprender mais.

²⁹ PEWS é a sigla original da tradução acima. Achemos melhor manter o original, caso alguém reconheça tais siglas.



— Tudo bem. — Ele arrastou a mochila para a cama, sentando-se diante de mim. — Agora, isto aqui é minha mochila de fuga. Só coisas críticas e equipamento de sobrevivência. — Ele esvaziou seu conteúdo sobre a coberta, seu porte aparentemente *orgulhoso*?

Meu olhar caiu sobre os pacotes de energéticos e barras de proteína, uma caixa de sal Morton, um canivete suíço, uma escova de dente de viagem, acendedores, esparadrapo, uma lanterna de corda, varas fluorescentes, três minigarrafas de bebida alcoólica e um cantil.

Alguns itens foram mais surpreendentes: um martelinho e um saquinho de pregos, um envelope de fotos que ele não pareceu muito ansioso para me mostrar e uma pistola, guardada em um coldre.

— Vamos transformar sua mochila em uma mochila de fuga também. E a cada noite nós classificaremos nossos recursos. — Ante meu olhar interrogativo, ele disse. — Então sabemos o que teremos que olhar na estrada.

Minhas lágrimas estavam secando.

— Tipo o quê?

— Se seus cadarços conseguem amarrar, passaremos por um cadáver com botas de amarrar decentes.

Engoli em seco. Esta era a minha vida agora.

— Se você tem uma pistola, por que leva apenas arco e flecha?

— Apenas? — Ele ridicularizou. — Esta é uma arma de ferrolho. — Ele agarrou sua arma, mostrando-me um compartimento com um clipe com seis setas pequenas dentro. — É silencioso e as setas são reutilizáveis. Não é tão ótimo contra milicianos, mas perfeito contra os Saqueadores. Além disso, aquela pistola só tem uma bala — eu me seguro nela no caso de ter pouco tempo.

— Ah. Quando consigo minha espingarda de volta?

— Nem tente. — Eu o encarei. — Vou serrar o cano. Carregue-a junto com meu arco para os vilões de chapéus pretos. Mas aqui, vou te ajudar a começar com os suprimentos. — Ele me deu as três minigarrafas.

Ergui minhas sobancelhas.

— Jack Daniels?

Ele encontrou meu olhar.

— É *sempre* bom tê-lo em mãos.

Eu os afastei. Estava muito cansada e emocionalmente exposta para lidar com a sua insinuação.

Mas ele recolheu as garrafas, soltando-as insistentemente no meu colo.

— Não zombe da bebida, Evie. O que mais na terra pode desinfetar, tacar fogo em um inimigo e conseguir que você fique bêbado? Diga-me no que você poderia usar as garrafas vazias?

— Um... vidro para um PEWS?

Os cantos de seus lábios se curvaram levemente.



Capítulo 22

DIA 230 DEPOIS DO FLASH

Profundamente no Mississippi

Eu me sentei no carro estacionado, cercada por cadáveres antigos, assistindo Jackson lutar através de um vendaval. Ele tinha seu arco em prontidão, a espingarda jogada por cima do ombro, e um reservatório plástico de gasolina amarrado no cinto.

Vazio, é claro.

Não conseguimos sair da Louisiana antes de começarmos a correr da fumaça. Isso foi há nove dias. Desde então, ele vinha surrupiando um galão aqui outro ali e substituindo partes do carro. Já tínhamos queimado três pares de limpadores de para-brisa e dois filtros de ar.

Com as paradas constantes — e os implacáveis vendavais — calculamos uma média de menos de trinta e dois quilômetros por dia.

Hoje ele estava recolhendo combustível em uma oficina de conserto de cortador de grama. Pensou que a milícia poderia ter ignorado esta loja.

Certamente eles conseguiram tudo o mais. Exatamente como Jackson predisse, a comida era escassa. Estávamos ficando sem latas. Por sorte, estávamos nos mantendo firmes com a água, às vezes encontrando sobras dentro de aquecedores de água.

Ajoelhando-me no assento com a testa colada no vidro, olhava de soslaio, mantendo um olho em Jackson. A visibilidade era ruim. O carro balançava. Cinza rodopiava por cima dos cadáveres espalhados por toda parte, como areia nas dunas varridas pelo vento.

Quando ele encontrava um corpo no seu caminho, não desviava a direção, simplesmente passava por cima. Passava por cima dos cadáveres também.

A princípio eu pedi a ele para evitá-los. Depois de uns dias, percebi o quanto meu pedido era tolo. Sem muita umidade ou insetos, e poucos pássaros, os corpos duravam mais, acumulando-se com o passar do tempo.

Ele me disse que eles eram piores nas cidades. Nunca imaginaria quantos podiam existir.

Mas ainda estava aliviada por estar aqui na estrada com Jackson. Sentia como se um pouco da pressão dos últimos meses fosse aliviada.

Apesar do pesar pela minha mãe permanecer cru, não era tão debilitante quanto foi no início. Pelo menos agora podia conter as lágrimas. Elas pareciam realmente incomodar Jackson, como se ele as levasse como um insulto pessoal.

Mas então, ele passava a maior parte das horas do dia irritado comigo, de qualquer maneira. Tinha uma pequena pista do por que, incapaz de acompanhar seu humor...

Os ventos aumentaram. Uma árvore de Natal de plástico caída; um secador de roupas enegrecido avançava estrada abaixo. Os escombros golpearam o carro.

Jackson estava lá fora naquela terra devastada, exposto ao perigo. A milícia realmente tinha limpado as estradas, escavando destroços. Eles os empilharam ao lado das estradas, até que as ruas eram como currais. Como rampas de vento mortais.



Quando ele se abaixou ao lado de uma máquina de cortar grama parada no pequeno loteamento, mordisquei meu lábio inferior. Mas Jackson parecia não possuir nenhuma sensação de medo, trabalhando diligentemente em sua tarefa.

Vi enquanto ele enfiava uma mangueira transparente para desviar combustível no tanque do cortador de grama, balançando o tubo. Ele me fez um sinal com os polegares pra cima.

Inteligente, Jackson.

Ele acabou sendo muito diferente de como me lembrava dele na escola. Estava mais endurecido, e tão confiante, que às vezes me esquecia de que era só uns dois anos mais velho que eu.

No entanto, em raras ocasiões, eu via de relance um garoto de dezoito anos de idade.

Alguns aspectos de Jackson permaneciam o mesmo. Ele ainda era perigoso, persuasivo, impossível de ignorar — e *confuso*.

Embora quisesse estar lá fora ajudando, ele sempre recusava. Então me criticava por não carregar meu peso.

Às vezes me sentia como se nunca pudesse ganhar dele. Como se estivesse colocando algo entre nós de propósito. Mas eu não sabia por quê.

Depois de posicionar o recipiente de gasolina ao lado do tanque do cortador de grama, ele abaixou sua bandana, tomando a mangueira entre os dentes. Não perdi sua hesitação ao começar o fluxo. Mesmo sendo hábil o suficiente para não ficar com a boca cheia de gasolina, ele ainda estava respirando a fumaça...

Com o canto do olho, vi um pedaço de folha de metal se ampliando pelo ar em direção a ele, cortando tudo em seu caminho como uma lâmina de barbear gigante. Eu gritei.

— Cuidado! — Ele talvez não pudesse me ouvir.

Ele mergulhou se abaixando por conta própria.

Apertei minhas palmas suadas contra a janela, exalando um suspiro enquanto ele me encarava. Os óculos de sol cobriam seus olhos, mas eu sabia que estávamos compartilhando um olhar de *“puta merda!”*. Então ele voltou ao trabalho.

Outra rajada de vento empurrou o carro. Mais ventos, mais balanço, mais cinzas. Eu o estava perdendo de vista.

Meu coração caiu no chão quando ele desapareceu, engolido pela névoa.

A preocupação me agarrou. Odiava este desamparo! Sem ele à vista, as vozes ameaçaram.

Tentei me ocupar estudando os corpos ao redor do carro. Jackson me disse para prestar atenção aos cadáveres mais recentes porque “eles dão a você o reconhecimento do terreno”.

Ante meu olhar inexpressivo, ele explicou.

— Uma bala entre os olhos significa uma vítima da milícia. Você pode dizer há quanto tempo homens armados passaram por ali. Um corpo que foi espancado ou estrangulado até morrer? Assassinato pela lei da sobrevivência. Pessoas desesperadas estão sucateando atrás de recursos, então você se mantém em movimento. Não havia nenhuma comida por perto. Uma facada nas costas? Coisa interna. Família ou amigos tirando o outro da jogada. Novamente, continue andando.



Eu podia reconhecer as vítimas dos Saqueadores sozinha. Seus rostos foram congelados em horror, seus pescoços atacados. Aparentemente, uma mordida era contagiosa só se sobrevivesse ao ataque.

Eu sempre mantinha o sal no bolso do meu casaco com capuz...

— *Vermelha de dentes e garras!*

— *Farei um banquete dos seus ossos!*

Cerrei minhas mãos em punhos, lutando para conter a chamada dos Arcanos. Custou um esforço exaustivo. Comecei a desejar a presença do Jackson, só pela paz que ele trazia.

Outras crianças sussurraram, essas eram novas:

— *Vou descer sobre você como o anoitecer.*

— *Ai da ensanguentada derrotada!*

Pensei até ter ouvido a voz de Matthew.

— *Louca como uma raposa.*

Então era isso que ele queria dizer; a frase era sua própria chamada. Pensei que ele estava jorrando mais palavras incongruentes.

E então a Morte falou.

— *Venha para mim, Imperatriz. Esperei tanto tempo.* — Eu o reconheci facilmente. Ele sempre falava diretamente comigo, deixando meus nervos destruídos.

Esfreguei meus braços, abraçando-me miseravelmente. Onde estava Jackson? E se ele jamais voltasse? E se houvesse outro pedaço de chapa de metal...?

Eu o ouvi bem ao lado do carro. Transferindo combustível? Então ele jogou o recipiente na parte de trás. Depois de lutar para abrir a porta do lado do motorista, ele mesmo se meteu dentro da abertura e no assento, pouco antes de outra rajada aplinar a porta atrás dele.

— Jackson, estava tão preocupada!

Ele arrancou pra baixo sua bandana manchada de fuligem, recuperando o fôlego.

As vozes desvaneceram para um sussurro, então... se foram. Enquanto corria para abrir um cantil para ele, me perguntei se ele poderia dizer que eu estava tremendo.

— Eu não podia ver você.

Ele demorou situando a escopeta entre seu assento e o console, em seguida deitou seu arco à mão no banco traseiro. Destampou o cantil antes de tomá-lo de mim.

Depois de um profundo gole, enxugou sua boca com a manga.

— Eu mantive *você* à vista. — ele falou em um tom baixo. Estava louco mais uma vez?

— Só estou dizendo que estava preocupada.

— Seu guarda-costas retornou inteiro. Porém você pode querer procurar por um melhor. Só consegui alguns galões. E nenhuma comida.

Ele ligou o motor. Imediatamente, os limpadores de para-brisa raspavam o vidro coberto de areia, como unhas em um quadro negro.

— Alguns galões é incrível! — Estendi uma mão e apertei uma das suas, manchada de gasolina. — Finalmente poderemos ir para o Alabama. E acharemos comida hoje à noite. Tenho um bom pressentimento.

Ele suavizou um pouco, cavando em seu bolso.



— Peguei isso pra você. Pode ajudar com a fome. — Ele me ofereceu um pacote aberto de chiclete com três unidades restantes. A mesma marca que minha avó sempre adorou.

A realização me atingiu. Cada pedaço que eu apreciasse significava que havia um a menos no mundo e nunca mais seria reposto. Encontrei seu olhar.

— Obrigada, Jackson.

Ele deu de ombros desconfortavelmente, a cor ruborizando suas bochechas. Naquele momento, ele parecia muito com um garoto de dezoito anos.

Não pude deixar de sorrir.

— Não é como se estivéssemos comprometidos ou algo parecido. — ele murmurou. — Agora vamos dar o fora daqui. Pensei ter visto uma cortina tremulando em uma casa perto. Estávamos sendo observados.

— Existem pessoas? — Eu gritei. Às vezes, quando procurávamos por suprimentos em restos de casas, eu espiava uma porta se fechando batendo ou uma figura correndo ao longe. Diferente de Jackson, eu não acreditava que todo mundo era do mal. Mas ninguém mostrava seus rostos. — Pessoas vivas?

Ele fez uma cara feia para mim.

— Que é o pior tipo.

Ainda assim, virei minha cabeça ao redor.

— Que porra de fixação é essa em ver outras pessoas? Minha companhia não é suficiente para você?

E mais uma vez, ele foi grosseiro.

— Claro que você é. Só que...

— Antes de ir desejando outra pessoa para conversar, tenha em mente que estamos prestes a nos dirigir para perto de uma cidade grande — em outras palavras, território de traficantes de escravos...

Apesar de ambos odiarmos a ideia de regressar, fomos forçados a refazer nossa rota para chegarmos à interestadual. Jackson pensou que regressar era um erro tático, e percebi uma coisa de TOC nisso.

Nós atravessamos na mesma velocidade passando por cima dos cadáveres — buh-dunk, buh-dunk — e passamos pelo mesmo sinal de estrada pintado com spray. Alguém escreveu *Arrependa-se!* em vermelho. Embaixo disso, outra pessoa pintou em preto *OU O QUÊ?*

Então, de volta à interestadual, o silêncio se estendeu entre nós. Um silêncio agradável. Puxei uma cópia amarelada da *Cosmopolitan* do porta-luvas, mas ao invés disso, foquei minha atenção em Jackson.

Ele estava perdido em pensamentos, segurando o volante com uma mão, distraidamente traçando as cicatrizes em suas juntas com a outra.

Ainda estava chateado por que eu esperava ver outras pessoas? Frustrado por que não encontramos comida hoje?



Como ele podia parecer perdido em pensamentos e inquieto ao mesmo tempo?

Ao longo dos últimos dias, aprendi muitas coisas novas a respeito do meu guarda-costas Cajun, mas tudo que descobri me levou a mais perguntas.

Aprendi que ele podia ficar por longos períodos em silêncio total. Considerando que Brandon foi um livro tão aberto — falava o que vinha na cabeça —, Jackson mantinha seus devaneios pra si mesmo.

O que fazia um garoto da sua idade, um sobrevivente do apocalipse, pensar sobre o curso do dia? Por que ele frequentemente traçava as cicatrizes em suas mãos? Estava lembrando antigas brigas?

Outras vezes, suspeitava que era melhor não saber o que passava em sua cabeça.

Eu deveria apenas apreciar o silêncio. As vozes foram derrotadas, o que significava que eu estava em paz. Pelo menos, por enquanto.

Descansei minha testa na janela, olhando fixamente para os outdoors anunciando coisas que nunca mais poderíamos comprar — uma viagem para o Havaí, um novo computador, remoção de permanente de cabelo em spa. Graças a Deus Mel me fez ir com ela no ano passado quando foi se depilar a laser.

Com o pacote de chiclete na mão, fechei meus olhos. A cada prorrogação das vozes eu podia centrar meus pensamentos, lembrando mais da minha vida antes da clínica. Durante a calmaria de hoje, sentindo o odor doce familiar do chiclete, minha mente foi a deriva para aquele dia fatal com a vovó...

— *Devolverei você para Haven bem antes do seu aniversário de dezesesseis anos.* — disse ela. — *Assim que você for preparada para o seu destino.*

Meu destino? Lascas de chocolate com menta ou manteiga de amendoim.

— *Tem um baralho de Tarô na minha bolsa.* — disse vovó. — *Quero que você olhe para as cartas. Realmente olhe para elas.*

— *Okay.* — *Meti a mão em sua bolsa enorme, passei pela sua loção de gardênia, mas me distraí pelo chiclete...*

— *Evie, o baralho.*

Acenei com a cabeça, puxando as cartas, deslizando algumas pra fora.

— *As cartas mais elegantes são os trunfos, os Arcanos Maiores.*

— *Arca Maiores?*

— *Ar-kay-nah Maiores. Em latim são segredos maiores. Você e eu teremos nossa parte.* — *Ela pareceu toda triste de repente.* — *É o caminho da nossa linhagem.* — *Deixando isso de lado, ela disse.* — *Os detalhes das imagens são importantes. Eles têm que ser lidos como um mapa.*

Vi uma carta com um anjo alado, uma com um velho em um manto e uma com um leão. Umas cartas tinham cachorros nelas.

Fiquei impressionada com a imagem de uma mulher de cabelos loiros com um vestido de papoulas vermelhas. Ela tinha uma coroa sobre sua cabeça com doze estrelas. Atrás dela, colinas verdes e vermelhas rolavam adiante.

Seus braços estavam bem abertos, como se ela quisesse um abraço, mas seu olhar tinha um aspecto malvado.



Vovó mudou de faixa, espiando pra baixo no cartão.

— Esta é você, Evie. Você é a Imperatriz. Um dia você vai controlar todas as coisas que tem raiz ou floresce. Você vai cheirar como elas, e estas reconhecerão seu cheiro.

Eu meio que franzi a testa/meio que sorri para ela. Às vezes vovó dizia as coisas mais estranhas. Então embaralhei outro par de cartas... até que o vi — um cavaleiro em armadura negra sobre um monte branco-cremoso. O pobre cavalo tinha olhos injetados de sangue. Eu adorava cavalos...

— Os detalhes, Evie. — disse vovó numa voz mais dura, verificando seu espelho retrovisor novamente.

Pessoas estavam ajoelhadas diante do cavaleiro, chorando e implorando. Ele levantava algum tipo de vara acima de suas cabeças, e eles estavam assustados.

— Essa da Morte assusta você, não é mesmo, querida? — Vovó perguntou. — Ou talvez você fique realmente zangada quando olha para isso...?

— Evie, está acordada? — Jackson me perguntou.

Pisquei abrindo meus olhos, a memória desaparecendo.

— Sim, o que foi? — Deus, eu mal podia esperar para ver vovó mais uma vez! Por fim, todas as minhas perguntas enlouquecedoras seriam respondidas.

Jackson abriu a boca pra falar. Fechou. Abriu.

— Deixa pra lá. — ele finalmente disse.

Dei de ombros, olhando para fora da janela mais uma vez. Não me escapou que Jackson estava na mesma situação que eu. Uma vez que chegássemos a Outer Banks, ele teria seus enigmas resolvidos também.

Meus segredos estavam deixando-o louco. Ele continuou a me interrogar sobre os cultivos e as visões. Ontem ele disse: “Se vamos fazer isso de ir para a Carolina do Norte e pudermos acampar em algum lugar por um tempo, o que preciso fazer por você? Daí poderia fazer nossas sementes crescerem?”.

— Vou te contar tudo assim que chegarmos na minha avó. Até lá, precisamos procurar por sinos de prata e cogumelos.

Agora ele me perguntou.

— Por que é sempre assim tão calma perto de mim? Você era uma tagarela com outras pessoas.

Tagarela?

— Como pode dizer isto? Você mal me conhecia. — Oh, espere. Exceto pelo fato que ele uma vez possuiu a fonte de todas as coisas de Evie.

O celular de Brandon. Quanto Jackson viu, leu, ouviu?

— De qualquer forma, queria deixar você se concentrar na direção.

— Uh-huh. Você chorou de novo ontem à noite, murmurou algumas coisas dormindo. Com o que você sonha? E se responder “nada de importante” mais uma vez, vou pisar no freio.

— Não me lembro. — Disse. Inclusive enquanto recordava do meu último pesadelo com a bruxa. Todos eles pareciam ser do mesmo dia, quase no mesmo local. Neste aqui, ela estava



viajando pelo campo com um admirador jovem embriagado. Ele a irritou por causa de alguma coisa. Então — *é claro* — ela se decidiu pelo assassinato.

— Venha. Toque. — ela murmurava para ele. Quando ele saiu tropeçando nos seus pés para alcançá-la, ela abriu sua palma e uma flor cresceu — de sua pele. Com uma piscada sensual, ela lhe soprou um beijo através da flor, liberando esporos mortais.

Ele começou a sufocar, caindo aos seus pés. Sua pele inchou até que se abriu em alguns lugares. Furúnculos pútridos brotaram e jorraram. Ela o contemplou alegremente dizendo: *“Como nós plantas ardilosamente atraímos; perfeitamente punimos...”*.

A cada dia, eu a odiava mais. Então franzi as sobrancelhas.

— Jackson, o que você me ouviu murmurar enquanto dormia?

— Você disse, “Venha, toque”. Pensei que era uma boa ideia, até que você acrescentou, “Mas você pagará um preço.” Era sobre o quê?

A admirável artimanha dos espinhos.

— Não posso nem imaginar.

— Mentirosa. — Ele olhou no espelho retrovisor. — O que tenho que fazer pra você confiar em mim, hein?

— Não sei. — Falei honestamente. Queria saber. Quanto eu desejava poder confiar em outra pessoa! Talvez só para ter um amigo novamente. Pelo menos um que estava fisicamente presente.

Mas não precisava dar mais motivos a Jackson para me abandonar. Embora tivesse aceitado as visões facilmente, as vozes que eu ouvia era um assunto completamente diferente. Meus pesadelos repetidos de assassinato a sangue frio...

— Você está sempre procurando por outras pessoas, mas não fala quem você está procurando. — ele disse. — Acho que não valho a pena.

— Talvez eu falasse mais, se você não fosse mau comigo o tempo todo.

— Mau? Quando? Isso é por causa dos óculos de sol?

Meus antigos óculos de treinador tão queridos estavam tão arranhados que eu até podia ver através deles. Eu procurava óculos de aviador — até em um corpo. Repetidas vezes circulava um cadáver esfaqueado — definitivamente em casa — querendo tanto aqueles óculos! Jackson ordenou. “Leve seu traseiro ali, Evangeline, e arranque aqueles! Agora!”

— Sim, *mau*. — insisti. — E quando esqueci minha mochila de fuga *uma vez*? Você explodiu!

— Se eu for te tratar com luvas de pelica, tem que ser por uma boa razão.

Luvas de pelica? Faça-me o favor. Nos primeiros dias da nossa viagem ele foi decente, mas distante. Mas quando o pior da minha tristeza diminuiu, seu mau humor aumentou.

Se ele me encontrasse fungando com tristeza ou não comendo quando tínhamos comida ou sem dormir, ele tomava isto como uma afronta pessoal.

— A cama não é macia o suficiente para você, princesa? — Ele zombava, porém eu nunca reclamava. — A comida não está à sua altura?

Ele especialmente não gostava quando eu estava quieta ou perdida em pensamentos. Embora ele estivesse quase sempre assim.

Recordando todas as vezes que parecia inquieto, percebi que ele simplesmente odiava estar preso dentro de um carro comigo, estando sobrecarregado comigo. Estávamos presos juntos,



assistindo o limpador de para-brisa arranhando, escutando as mesmas músicas no iPod repetidas vezes.

A maior parte das faixas era da lista da Mel. Curiosamente, Jackson não gostava dos raps e remixes intermináveis da Alanis Morissette.

Deus! Sinto tanta falta daquela menina que até dói. Como sinto falta da mamãe...

Ainda ruminando a minha acusação de maldade, Jackson disse.

— Você também não é perfeita, *peekôn*. Você fica toda magoada assim... — ele estalou os dedos — ... e não me diz nada sobre você. É a garota de boca mais fechada que já conheci.

— Por que sempre estou sendo interrogada? Você raramente fala sobre si mesmo desde que estamos na estrada. — Sim, eu tinha segredos, mas ele tinha uma vantagem enorme sobre mim — o celular de Brandon!

— Pergunte qualquer coisa. — Jackson disse, entretanto seu aperto sobre o volante aumentou, como se estivesse se preparando para um soco.

— Okay. Aquele boato de luta no ringue era verdade? Você realmente foi para a prisão? — Neste caso, ele poderia entender um pouco do que foi minha experiência no CLC.

Raiva queimou em sua expressão.

— Você tem que me bater em cada oportunidade.

— Sobre o que você está falando? Perguntei por uma razão.

— Que é para me lembrar do meu lugar!

— Jackson, estou espantada que você possa caminhar em pé com esse peso no seu ombro.

— Que tal perguntar qual é o meu livro favorito ou que aula mais gostei?

— Achei que você gostasse muito de inglês, e pensei que *Robinson Crusoe* era o seu livro favorito.

Numa voz ameaçadoramente baixa, ele disse.

— Às vezes me esqueço que você esteve na minha casa.

— Tudo bem. Vou tentar de novo. Então Jackson, o que planejava fazer depois do segundo grau?

Ele me deslizou um olhar estreitado.

— Abrir uma oficina de desmanche de carros. Roubar carros para vender as peças. Não é isso o que você espera que eu diga?

— Esqueça que eu perguntei.

— O que você ia fazer, então?

— Casar com Brandon, ter um casal de pirralhos ricos, jogar tênis o dia todo. Não é o que você esperava que eu dissesse?

Ele parecia estar estrangulando o volante. Pelo menos suas mãos se curaram. Quando insisti em limpar e colocar curativo neles na semana passada, ele foi rude, mas achei que secretamente gostou de alguém o mimando.

Porque isso era tão raro?

Quando terminei de enfaixá-lo, murmurou.



— Estou surpreso que você não beijou meu machucado para “melhorar”. — Então o fiz, dando um beijo rápido em cada curativo, só para chocá-lo. Ao invés disso, sua voz ficou ainda mais rouca enquanto me chamava. — *Ma belle infirmière*. — Minha bela enfermeira...

Seu humor era tão mutável. Naquela noite ele foi paquerador. Agora estava pensativo, todo tenso.

Parecia que quanto mais eu tentava ser boa para ele, fazê-lo feliz, mais se voltava contra mim.

Silêncio se estendeu entre nós novamente. Até que meu estômago rosnou.

Jackson fez outra cara feia pra mim. Também aprendi que o som da minha fome realmente o incomodava, como se eu o estivesse perturbando por comida.

— Ainda faltam muitas horas pra gente comer, princesa. — Ele sabia que eu odiava quando me chamava assim. — Concordamos em continuar em direção a Atlanta, Evie. E sabíamos que seria duro.

— *Não* estou reclamando. Nunca reclamei.

— Não, mas esse seu estômago está. Eu quase queria que começasse a reclamar comigo. — Suas juntas agora estavam brancas no volante.

— Que bem isso faria?

— É melhor do que você sentada aqui fervendo o dia todo.

— Fervendo? Dificilmente! — Ele não entendia. Eu podia rolar com muitos socos agora que as vozes silenciaram. — Eu estava com um *ótimo* humor antes.

— Besteira! Pra cima de mim? Você está exausta, morrendo de fome e sabe de onde sua próxima refeição está vindo.

— Você não foi decapitado por chapas metálicas e conseguimos um pouco de combustível. Ganhamos!

— Mas nenhuma *comida*. — Os limpadores raspavam mais alto no para-brisa. *Reco, reco, reco....*

Joguei minhas mãos para o alto.

— Tudo bem, você me convenceu. Estou oficialmente de péssimo humor.

— Droga, você não precisa pular as refeições. — Logo no início, ele estava me dando a maior parte, chamando-me de “menina em crescimento”. Enquanto ele explanava:

— Que droga, Evie, não gosto de onde você está indo com isto... — ele fez um gesto para indicar meu tórax — Quero ver onde você vai acabar.

Agora ele murmurou.

— Pensei que eu estaria atirando em alguma coisa. — Na ocasião, vimos um pássaro ou um coelho. — E você não está exatamente contribuindo para a panela.

Não, mas eu podia. Se as coisas realmente ficassem ruins, eu produziria alimentos das sementes lá atrás. Recusando-me a morder a isca, disse.

— Está ficando tarde. — Os ventos iam morrendo à medida que o sol baixava. As cinzas começaram a se instalar, revelando uma lua crescente. — Não deveríamos estar procurando um lugar para passar a noite?



— Precisamos passar por esta área. A gasolina tomou mais tempo do que pensei. — Ele olhou por cima do ombro, então voltou para a estrada, ganhando velocidade. — Estou de saco cheio destas tempestades.

— E os Saqueadores? Você disse que nunca poderíamos dirigir depois do pôr do sol. — Esta tarde cruzamos uma ponte atrás da outra. Se eles correm para os velhos cursos de água à noite...

— Estou mudando a regra, adicionando: a menos que estejamos em território de traficantes de escravos. Temos que ganhar algum tempo de qualquer maneira.

Meu estômago roncou mais insistentemente.

— Dá um jeito nisso, Evie! Não podemos nos arriscar a procurar comida agora. Se qualquer coisa me acontecer, você está ferrada.

— Mais uma vez, não estou discutindo com você sobre comida, não estou reclamando e poderia realmente surpreendê-lo por sobreviver sem você.

— Você não pode caçar ou desentocar suprimentos. Você só suga recursos. Não tem jeito na cozinha...

— Aqui vamos nós novamente. — Não podia negar nada. Eu era terrível na cozinha, não conseguia aquecer uma lata de ravióli sem estragar tudo.

— Você devia terminar todo e cada dia com um “Obrigado, Jack. É ótimo estar viva”. — Outro olhar por cima do ombro, outro aumento de velocidade.

— Claramente, sou apenas um incômodo pra você, uma bola e uma corrente em torno do seu tornozelo. Estou surpresa que não tenha ficado de saco cheio de mim e me largado. Continuo esperando você dizer, “Dane-se” e pular da Carolina do Norte.

— Não gosto de deixar quebra-cabeças sem resolver.

É por que isso que não vou te contar sobre as colheitas até que me leve aonde preciso ir.

— Além disso — ele piscou pra mim com um sorriso voraz —, nem dormi com você ainda. Meus lábios se abriram.

— Você está falando sobre fazer... *sexo, Comigo?*

Eu devia saber que esta conversa surgiria mais cedo ou mais tarde. Parecia que a cada noite juntos, Jackson e eu ficávamos menos confortáveis um com o outro.

Se ele se sentia relativamente seguro conosco durante a noite, dormia sem camisa. Aqueles vislumbres tentadores do seu tórax — eu sempre desviava o olhar — me perturbavam, tornando difícil dormir.

Em outras vezes, eu lançava olhares desconfiados pra cama, enquanto ele lançava olhares famintos para mim.

— É sobre *sexo* que você pensa quando se senta neste carro? — exatamente como eu suspeitava, era melhor não saber.

Sua expressão estava entediada, como se dissesse “Cresça”.

— Por que não pensaria? Sou um homem com sangue nas veias, e você é a única disponível na cidade. Diga-me que não pensa nisso.

Eu pensava. Fantasiei sobre o que poderia ter acontecido na usina de açúcar se tivéssemos nos beijado, se tivéssemos explorado aquela química escaldante entre nós. Então me sentia culpada e fora dos eixos.



— E-eu não vou fazer sexo com você! — finalmente respondi. — Não acredito que você só jogou isto pra fora assim.

Apesar de saber que o mundo era diferente agora, ainda mantinha a ideia ingênua que perder minha virgindade devia ser especial — algo que fiz com meu namorado.

Não algo que fiz somente porque o cara que estava comigo tinha sangue nas veias.

Ele me lançou um olhar conhecedor, com um brilho perverso em seus olhos.

— Então você não nega que pensa nisso?

Eu explodi.

— Essa é a razão principal por que se ofereceu para me ajudar — porque queria me fazer uma de suas *gaiennes*, uma de suas marcas!

— *De bon cœur*. — Sinceramente.

— Toda aquela besteira sobre lembrar do bayou e *Por-que-quem-é-que-vai-falar-Cajun-comigo?* Era só da boca pra fora. Você não podia se importar menos se falássemos a mesma língua ou compartilhássemos uma história!

— Eu te disse a verdade. Não é minha culpa que tudo que venha em uma bonita embalagem loira eu quero levar para a cama...

BUM! BUM! Explosões soaram bem do lado de fora.

O carro perdeu o controle. Ele pisou nos freios, mas corremos em direção a um dique.

Minhas mãos dispararam pra frente para agarrar o painel.

— *Jackson!*



Capítulo 23

— Espere Evie! — Ele gritou, seus braços se esticando enquanto lutava com o volante.

O carro se arrastou pra cima daquele dique lateral — uma rampa nos lançando do chão.

Então... voamos. Jackson desistiu do volante, empurrando o braço pra cima do meu tórax. O motor acelerou conforme rolávamos no ar.

Meus pés estavam acima da minha cabeça. Quando o chão subitamente esmurrou o topo do carro, eu gritei; os airbags armaram.

Ainda despencamos... rolando...

Parada brusca. O carro aterrissou de cabeça pra baixo. As janelas quebraram com o impacto, o metal guinchando pela tensão.

Jackson e eu nos soltamos de nossos cintos de segurança. E soou como se tivéssemos caído sobre outro carro?

Mesmo acima das engrenagens sibilantes, nossas respirações eram altas.

— O-o que aconteceu? — espiei para fora da abertura da janela, desorientada. Estávamos acima do chão, por pelo menos três metros e meio de altura.

Ao mesmo tempo, a faca de caça de Jackson fiscou, apunhalando os airbags.

— Espero que tenha embalado direito sua mochila de fuga. Agora fique quieta.

— Você *não* vai cortar minha cadeira...

Ele cortou meu cinto de segurança.

— Ai! — Caí, abaixando-me no teto do carro.

Então ele cortou seu próprio cinto, virando-se de costas.

— Evie, agarre sua mochila e cale a boca! Você me ouviu?

Voltei atrás, revolvendo até que coloquei as mãos na minha mochila.

— O que está acontecendo?

— Estamos com um montão de problemas. — Ele agarrou sua própria mochila, seu arco e a escopeta, então deslizou pelo buraco da janela. Saltando fora, correu para me ajudar.

Enquanto rastejávamos para nos livrar dos destroços, a ficha caiu. Nós caímos sobre um carro velho. Tudo ao nosso redor era mais veículos destruídos.

Um cemitério de carros.

Imediatamente facho de lanternas começaram a saltar em nossa direção e o que soou como um... cão uivando. Enquanto me maravilhava que um ainda vivia, Jackson levantou a escopeta, armando-a.

Seus lábios estavam finos com fúria. Seu olhar assassino.

— Aquelas pessoas não estão vindo ajudar? — sussurrei. — Talvez e-eles saibam que esta estrada é perigosa.

— Eles não estão vindo ajudar. São traficantes de escravos vindo caçar. Eles estavam só deitados à espera.

Oh meu Deus!



Ele olhou do grupo se aproximando à nossa direita, para as ruínas proibidas de uma floresta à nossa esquerda. Então sua expressão se tornou determinada.

Ele agarrou a parte superior do meu braço e me arrastou em direção à linha escura das árvores. Eu lutava para continuar, mas a lama — a lama real — estava chupando minhas botas. O que significava umidade.

O que significava Saqueadores.

— Jackson, não podemos entrar nessa floresta. — murmurei entre as respirações, olhando por cima do ombro. Os homens estavam ganhando. Na luz irregular, eu podia distinguir alguns deles, caras de meia-idade vestidos com roupas comuns. Nada de algemas preparadas. Eles pareciam tão... *normais*.

— Não é uma floresta. Costumava ser um pântano arborizado.

— E se aquelas pessoas *quiserem* nos ajudar?

— Era uma armadilha. — Com uma mão, Jackson trocou a arma pelo arco, colocando uma seta no lugar. — Uma tira de pregos furou todos os quatro pneus. Estes carros todos foram destruídos de propósito.

— Eles não fariam!

— Oh, sim. Eles podem estar com muito medo para nos seguir. Um velho pântano provavelmente está cheio de saqueadores.

— Esqueça isto! Você não pode me convencer que estaremos em melhor situação lá!

Ele apertou meu braço.

— Aqueles que prepararam a armadilha são traficantes de escravos — na melhor das hipóteses. Pelo menos os Saqueadores costumam ir direito na garganta.

Fiquei boquiaberta, deixando-me levar pra longe das luzes se aproximando, os homens gritando.

Assim que mergulhamos passando a linha das árvores, sons ecoaram ao nosso redor. Ramos estalando. O farfalhar de folhas fuliginosas.

Galhos mortos crepitavam bem à nossa esquerda. Jackson me liberou com um empurrão, girando ao redor com seu arco em riste.

— Corra Evie!

Com um grito, tropecei adiante. Mas videiras chamuscadas se espalharam pelo chão, diminuindo a velocidade da minha retirada.

Embora não tivesse nenhuma ideia para onde estava indo, eu continuava lutando. A lua crescente transmitia raios de luz através das árvores. Sombras oscilavam ao meu redor.

Onde estava Jackson? Nunca estive mais apavorada. Nunca me senti mais vulnerável...

— *Eu observo você como um falcão.*

— *O sangue dirá, sangue correrá.*

— *Não olhe para esta mão, olhe para aquela.*

— Não, não! Cale-se, cale-se! — *Um corte.* Dor queimou em minhas palmas.

Olhei pra baixo, não sabia se ria ou chorava. Meus espinhos cresceram de volta. Olhando fixamente para minhas garras, explodi dentro da clareira, olhando para cima. Três Saqueadores estavam há menos de um metro de mim.



Parei em seco com um ofego. Um permanecia de pé enquanto dois menores rastejavam nas mãos e joelhos, *lambendo* a lama.

Suas cabeças giraram em minha direção.

Eles eram ainda mais horrorosos que em minhas visões. Pus vazava de seus olhos, brilhando ao luar. Suas íris eram tão pálidas quanto creme. E sua pele... ferida e toda enrugada, como sacos de papel amassados — mas tão viscosos.

Sangue e sujeira manchavam suas bocas frouxas, suas roupas esfarrapadas.

O que estava de pé pousou o olhar na minha garganta. Com uma marcha arrastada, balançou em minha direção. Recuei. Ousaria gritar por Jackson? Existiriam mais atrás de mim?

A criatura estava ganhando velocidade. Em pânico, cavei em meu bolso por sal, cortando o forro com uma garra. Meu suprimento de sal começou a chuveirar longe, como areia de uma ampulheta.

Conseguí salvar um punhado. Mirei no Saqueador. Lancei o mais forte que pude.

Os cristais chamuscariam sua pele, cegaria...?

O sal caiu inutilmente no chão bem na frente dele.

Merda! Merda! Meu olhar se arremessou mais uma vez...

Ouvi um som metálico. Uma seta de repente se projetou do olho direito do maior.

Conforme o corpo da criatura desmoronava, uma mão cobriu minha boca por trás. Eu me sacudi com o susto, mas Jackson sussurrou na minha orelha.

— Quieta.

Quando assenti, ele me liberou para soltar mais duas setas, despachando o par restante.

Três monstros caídos como alvos. Vi sua habilidade em lutar, mas nunca o vi atirar.

Quando eu ainda estava olhando fixamente para ele com assombro indisfarçado, ele estava franzindo o cenho para mim.

— Evie, o que tem no seu rosto?

— Eu não sei. Cinzas? Aqueles homens nos seguiram?

Ele piscou os olhos.

— Não. Mas haverá mais Saqueadores até o amanhecer. Preciso daquelas setas. — começou a ir para um daqueles que ele matou, mas murmurou por cima do ombro. — Grude em mim como uma sombra.

Antes, eu me eriçava quando ele me dava essa ordem. Agora sussurrei.

— Sem problema, Jackson.



Capítulo 24

— Você não me disse que tinha um bom pressentimento sobre esta noite? — Jackson murmurou enquanto atirava em outro Saqueador vagabundo.

Depois que ele atirou no primeiro trio, nós nos escondemos de pé numa densa copa de árvores mortas e caídas, protegidos por três lados. Jackson estava guardando o quarto.

— Porra, Evie, que tipo de psíquica é você? — Ele perguntou enquanto se levantava para recolher sua seta.

Posso não ser uma qualquer, a decisão ainda não foi tomada, pensei enquanto corria para ficar logo atrás dele.

Mas hesitei em me aproximar da criatura. De perto era ainda mais revoltante do que em meus desenhos, com sangue seco escorrendo pelo canto da boca e pescoço como uma barba pintada. Sua pele de aparência viscosa emitia um cheiro forte de lodo ao redor dele.

Se constantemente excretavam estas coisas, não era de espantar que sempre estivessem sedentos.

Eu mal podia acreditar que esta coisa era uma pessoa antes. Mas ele vestia calça jeans rasgada, uma camiseta de concerto de rock e uma bota Timberland. Um adolescente.

Agora a seta de Jackson se projetava do seu olho. O Cajun nunca falhava?

— Lembre-se de como ele cheira, menina. — ele me disse.

— Está podre. — Quando era pequena, tive um cachorro que era viciado em rolar em restos de animais mortos. Nenhuma quantidade de xampu podia apagar o cheiro rançoso. Era isso o que eu estava cheirando agora.

— Você agarra a seta e eu moverei o corpo. — ele disse, mas ainda assim hesitei. No tom áspero que escolheu para usar comigo, Jackson explodiu. — Aqui, Evie. *Agora*. Prefiro ir pro inferno a deixar você ter medo de um Saqueador morto.

Deixar-me? Ele foi tão mau por dias só para me... endurecer? Como um sargento me preparando para a guerra?

Ou talvez porque eu o estivesse deixando nervoso.

— Certo. — Me arrastei para frente.

Prendendo a respiração, agarrei a seta pequena, puxando-a pela extremidade, mas ela não saía.

— *Arranque*, princesa.

Com um olhar puxei mais forte, até que ela se soltou com um fluxo borbulhante de vermelho vivo.

Quando empurrei a palma da mão contra minha boca, trabalhando para não vomitar, Jackson disse.

— Este aqui se alimentou recentemente. Caso contrário seria mais calcário.

Eu ainda não podia acreditar que estava cara a cara com estas coisas. Poderia ter sido mordida. Inferno, eu poderia ter morrido no acidente ou ter sido capturada!

Claro, a noite ainda era uma criança...

Quando ele começou a arrastar o cadáver para longe do nosso esconderijo, eu perguntei.



— Por que está fazendo isto?

— Saqueadores bebem dos seus caídos. Não vou convidá-los para um *happy hour*.

Aprendo algo novo de Jackson todo dia.

— Tem certeza que sua pele não é contagiosa?

— Sei que não é comigo. Só pra garantir, não toque nisso não. — Tomando a seta de mim, Jackson a enxugou na sola da sua bota, então a devolveu para o clipe do seu arco.

De volta ao esconderijo da árvore morta, eu disse.

— Se eu for mordida...

— Você terá minha seta no meio do seu cérebro, não se preocupe. — disse ele sem um nanossegundo de vacilação.

— Bem. Bom saber. — Me perguntei se poderia regenerar de uma mordida. *Talvez eu nunca tivesse que descobrir.* — Quando os Saqueadores forem encontrar abrigo, aqueles homens virão atrás de nós?

— Vamos esperar que um vendaval os espante. — disse ele, nunca tirando seu olhar alerta do bosque. — Seu cachorro poderá nos rastrear.

— Eles pareciam pessoas normais. — Eu quase podia imaginá-los sendo parte de uma comunidade no rastro de criminosos, então eu podia parar e dizer: “Eles foram por ali!”

— Jackson, por que eles destruíram todos aqueles carros? — E por que tiveram que destruir o nosso? Bem quando tivemos alguma gasolina no tanque.

Toda nossa água, nossas sementes... se foram.

— Este é um modo fácil de arrumar provisão. — ele disse. — Provavelmente estão querendo mulheres também. Acho que isso é metade do problema.

— O que isto quer dizer?

— Nada.

— Diga-me. — insisti.

— Onde quer que eu vá, encontro *coo-yôns* doidos de pedra. Eu só me choquei com um ou dois personagens sólidos desde o Flash. Você lembra quando me perguntou como tudo ficou ruim tão rápido? Acho que a falta de mulheres é combustível para o fogo.

Revirei meus olhos.

— Ohhh, os homens agora são maus porque eles têm, tipo, “necessidades” masculinas ou alguma outra bobagem?

— Não estou inventando desculpas por eles. Só acho que vocês mulheres civilizam a nós, os homens. Sem vocês por perto, nós... retrocedemos ou algo assim.

Ui. Sua explicação fazia tanto sentido quanto qualquer coisa que eu pudesse apresentar.

— Jackson, acho que você é muito mais esperto do que eu acreditava.

Ele me enfrentou com uma cara feia. Quando percebeu que eu estava falando sério, disse.

— Você me manteria como parceiro agora?

Mais uma vez pensei que isto era algo que ele já deveria ter esquecido. Pelo menos, o suficiente para que não valesse a pena uma menção. Continuando, eu disse.

— *Sans doute.* — Sem dúvida.

Eu podia dizer que o agradei.



— Você devia tentar descansar, *ange*.

Não havia nenhuma chance de dormir.

— Posso te ajudar a vigiar.

Ele deu uma risada suave.

— Eu disse a você... nada consegue cair sobre mim. *Nada*.

— Uau. Se você apenas se sentisse confiante a esse respeito.

— Passei minha vida inteira vigiando meus seis³⁰. — Ante meu franzir de cenho, ele disse. —

Vigiando minhas costas.

Lembrei-me daquele bêbado imprudente na casa de Jackson, uma ameaça vindo do nada. Outros vieram silenciosamente? “Durmo com um olho aberto”. Jackson dissera certa vez.

E seu comentário sobre rastejar para o hospital nas manhãs de domingo depois de ser chutado nas costelas? Apenas assumi que ele estava se referindo a ferimentos de suas noites de sábado selvagens em brigas de bar.

Ou estive falando sobre um tempo antigo em sua vida, quando ele foi um menininho assustado, espancado pelos... *encontros* bêbados da sua mãe?

Talvez fosse por isso que ele traçasse suas cicatrizes. Elas poderiam ser registros de quase perdas ou vitórias suadas. Não era de admirar que pudesse ser tão brutal.

Senti uma pontada de vergonha por tê-lo julgado com relação àquele homem surrado em sua casa. Não mais.

— Evie, deite-se. — Esquadrinhando a escuridão, ele murmurou. — Não tem que ter medo. Estou com você.

Não tenho, não é? Aqui estávamos, na toca dos Saqueadores, e eu não estava apavorada pela minha vida. Jackson mataria qualquer um que se desviasse para muito perto de nós. De fato, eles deviam temê-lo.

Eu estava com o garoto que os monstros deviam temer.

A ideia era libertadora. Estávamos sem carro, com quase zero de suprimentos, recém-saídos de um acidente e presos em um pântano cheio de zumbis sedentos de sangue — e, no entanto, eu estava começando a me sentir otimista.

Desde que ele tivesse aquele arco, talvez nós fôssemos o bicho-papão.

Encolhi os ombros para sair da minha mochila de fuga, maravilhada por quanto eu estava aliviada por tê-la agora. Por causa de Jackson ficar o tempo todo no meu pé, eu ainda tinha meu pen drive, um cantil cheio, minhas joias, outra muda de roupas, algumas pastilhas de energia e muito mais.

Realmente *não* estou assustada. Dá pra acreditar? Se alguma vez houve um tempo para eu estar...

— Talvez você esteja em choque.

— Talvez eu esteja a salvo com você. — Sorrindo suavemente, disse a ele. — Obrigada, Jackson, é ótimo estar viva.

— Espertinha. — ele disse áspero, mas os cantos de seus lábios se curvaram.

³⁰ Refere-se a estar por trás de uma pessoa, aos 6 pontos do relógio. Guardado pelas seis posições.



Enrolando-me sobre as folhas acinzentadas, usando minha mochila como travesseiro, olhei para ele. Sempre o achei fisicamente atraente, mas não tanto quanto garotas como Catherine tinham achado.

Hoje à noite estava começando a ver por que ela suspirava por ele.

O luar iluminava as maçãs do rosto cinzeladas e seu cabelo muito preto. Seus lindos olhos cintilavam. Tinha alguns dias que ele não se barbeava, mas a barba só melhorava sua aparência.

Quando ele virou a cabeça, escutando alguma coisa, admirei seu perfil, seu queixo forte e nariz reto.

Ele era focado e implacável, e vê-lo assim me fez querer suspirar.

Nunca em um milhão de anos podia imaginar que Jackson Deveaux acabaria sendo meu protetor, um refúgio das vozes, e um... amigo.

Se eu não tivesse cuidado, faria algo incrivelmente estúpido, como me apaixonar por ele.

Ele deve ter me notado apreciando-o tão de perto.

— Durma um pouco.

— Estou muito tensa por causa do acidente. Nunca estive em um antes. E você?

— Acidentes de moto o tempo todo. Inferno, você quase me fez cair.

— Eu?

Novamente seus lábios se curvaram num sorriso.

— Naquela primeira manhã que vi você, mal podia tirar os olhos da sua bunda naquele vestidinho. — Ele esfregou uma mão por cima da boca, como se estivesse lembrando a visão até agora.

O que fez minha respiração dar um arranco. Não poderia dizer se eu estava lisonjeada, envergonhada ou excitada.

— Então consegui dar uma espiada no seu rosto. Quase caí num buraco e dei uma cabeçada no guidão. — Ele me atirou um olhar, parecendo como se estivesse arrependido por dizer tanto.

Definitivamente lisonjeada e excitada.

Ele de repente ficou tenso. Em um instante, apontou e disparou com seu arco.

Quando ouvi uma pancada ao longe, engoli em seco.

— Você move o corpo, eu pego a seta.

Ele me ajudou a levantar.

— Agora, Evangeline, sei que você não está prestes a deixar aquela mochila para trás.

Assim que retornamos de nossas tarefas e nos acomodamos de volta novamente, eu disse a ele.

— Jackson, eu quis dizer o que disse mais cedo. Obrigado por me salvar esta noite.

Outro olhar de lado para ver se eu estava falando sério.

— Se quiser realmente me agradecer, conte-me um segredo.

Parte de mim sentia como se eu devesse isto a ele, mas por outro lado...

— Você já sabe muito mais sobre mim do que eu sobre você. Investigou meu quarto, todos os meus pertences... até minha gaveta de calcinhas.

Ele fez um som “humhum” baixinho concordando.

— Fiz isso.



- E você tinha o celular de Brandon. Você mexeu nele?
- Por que eu iria? — Ele murmurou, também não negando.
- Estou envergonhada pelo que você poderia ver e ler. — E ouvir.

Ele só desviou o olhar para a noite, não compartilhando nada do que estava se passando naquela sua cabeça misteriosa. Mas eu podia sentir a tensão saindo dele.

Finalmente disse.

- Você... você realmente queria se amarrar com Radcliffe? Ter filhos e jogar tênis?

— Eu tinha planejado sair de Sterling o mais rápido possível. — disse honestamente. — Ir pra faculdade em Vandy ou a Universidade de Austin.

- Deixar aquele garoto para trás? — Imediatamente o humor de Jackson pareceu melhorar.

- Eu estava saindo, de uma forma ou de outra.

- Então talvez não fosse amor verdadeiro de sua parte, não?

Eu meio que *queria* que tivesse sido. Me senti culpada por não ter sido apaixonada por Brandon, como se não tivesse apreciado o quanto nossas vidas eram boas, pelo menos antes de ter sido mandada embora.

- Não quero mais falar sobre ele.

— Então me diga onde você realmente esteve no verão passado, quando sumiu da face da terra. Você não estava em uma escola especial, estava?

Duas coisas me impressionaram — Jackson era uma das pessoas mais perspicazes que já conheci. E ele estudou cada partícula dos dados naquele telefone.

Com certeza ele notaria que meus torpedos para Brandon foram de incontáveis a zero durante a noite — até que os raros torpedos começaram a chegar ao longo do verão. Nos exatos mesmos dias do mês, ao mesmo tempo.

Embora eu não dissesse a ninguém onde estava, um garoto inteligente podia compreender que eu estive presa em *algum lugar*.

- De jeito nenhum vou falar sobre isto, Jackson. Não até que você divida.

Ele parecia estar ficando inquieto novamente, como se preferisse enfrentar um exército de Saqueadores a falar sobre si mesmo.

— Não temos que fazer isto. — eu assegurei a ele. — Não temos que chegar a conhecer um ao outro — embora estejamos na estrada juntos e podemos morrer amanhã. Assim que chegarmos à Carolina do Norte, contarei a você todos os meus mais profundos e obscuros segredos, e você pode partir ainda um estranho para mim. Se é isso que quer.

Ele exalou uma rajada de ar.

- Pergunte, então. — Ele arrastou seu frasco de sua própria mochila, de prontidão.

Surpreendida por que ele estava cooperando, me sentei.

- O que você realmente queria fazer depois da escola?

— Um parceiro meu trabalhou em uma plataforma de petróleo na costa do México. Oito semanas embarcado. Muito dinheiro. — Me lançou um sorriso triste. — *Nada* de garotas. Eu ia enviar dinheiro para Clotile, e ela cuidaria da minha *mère*. — Num tom mais sombrio, ele acrescentou. — Nós tínhamos tudo planejado.



Um garoto com esperanças, sonhos e um livro de *Espanhol para Iniciantes*. Assim como me perguntei todos aqueles meses atrás, ele *tinha* planejado sair daquele inferno.

— Você disse que Clotile... que ela poderia ser sua irmã. Você sabe quem era seu pai?

— Eu sabia *dele*, mais nada. Só o encontrei uma vez.

— Por quê?

— Estava muito ocupado mimando seu filho legítimo para perder tempo comigo — ou enviar um único centavo para minha *mère*. Disse a ela que ele não admitiria culpa ou alguma besteira.

— Soa como um advogado.

Com um gole pensativo de seu frasco, Jackson murmurou.

— Heh. — palavra cajun para *Huh*. *Você acha?* — Quando aprendi que poderia pregar sua bunda com um processo de paternidade, eu estava mais preocupado em dizer a ele onde enfiar seu dinheiro. — Sua mão apertou ao redor do arco. — Eu sabia quem era meu *père*, mas Clotile só podia restringir para três ou mais. Meu pai fez uma lista curta. Sangue ou não, ela era uma irmã para mim.

— Sinto muito que você a perdeu.

— E seu pai? — Ele perguntou, mudando de assunto.

Outra coisa que aprendi sobre o Cajun? Ele não gostava de emoções confusas. Sua resposta de siga para quase todas as situações tendiam a ser pura raiva, com um lado de ação.

— Nunca conheci meu pai. — disse. — Ele desapareceu quando eu era criança. Entrou no bayou em uma viagem de pesca e nunca voltou.

Jackson parecia que tinha uma opinião sobre isso, mas sabiamente a manteve para si mesmo.

— Terminei agora?

— Por favor, diga-me por que estava em liberdade condicional.

Outro dar de ombros.

— Um de meus ex-padrastos não aceitava *não* como resposta. Ele aterrorizava minha *mère*. E pagou por isto. — O protecionismo feroz em seu olhar era impressionante.

Então Clotile não foi a única mulher com quem ele se importou que foi abusada?

— Eu fiz a ele o que você me viu fazer para aquele outro homem — e mais um pouco.

— *Bagasse?*

Ele assentiu.

— Sabia que seria condenado; não me importei. Ele de alguma maneira se recuperou, mas nunca mais seria capaz de machucar outra mulher.

Enquanto eu me perguntava o que isso significava, Jackson disse.

— Agora podemos voltar para o seu verão longe?

Ele compartilhou tanto comigo que supus que poderia pelo menos lhe contar isto. E eu não desejava falar com alguém sobre estas coisas? Mas não queria que ele me olhasse como aqueles médicos fizeram. Porque em algum momento nos últimos nove dias, a opinião do Jackson sobre mim se tornou importante...

— Você foi para um manicômio, não é?



— P-por que você imaginaria isso?

— Se qualquer outra pessoa visse aquele seu diário, você teria sido enviada para um de verdade.

Eu o encarei.

— Ou talvez você tenha imaginado isso porque viu meus torpedos para Brandon, e juntou as coisas.

— Você me disse que havia uma razão para que me perguntasse sobre eu ir para a prisão. Acho que foi por que você ficou presa também, só que você estava com todos os *fous*. — Lunáticos.

— Ugh! Você é tão babaca!

— *Shh*. — Seu olhar dardejou, o corpo enrijecendo antes que ele gradualmente se acomodasse mais uma vez.

Eu nunca deveria ter me esgueirado em torno deste assunto com ele! Agora pensava que eu era doente mental.

— Você participa das visões ou das vozes?

Eu só sufoquei um ofego.

— O que... como você sabe sobre as vozes? — Por que eu estava me incomodando em esconder *alguma coisa* deste menino?

— Não sou estúpido, Evie. Peguei você falando sozinha. Muitas vezes. Murmurando para alguém deixá-la sozinha ou implorando para se calarem.

— Eu não... não é assim.

— Então como é?

— Por que eu deveria te dizer qualquer coisa? Você só vai zombar de mim novamente. — assinalei, até quando estava quase tremendo com a necessidade de desabafar. — Você vai me chamar de louca.

— Nunca chamei você de louca. Não estou brincando.

Eu ousaria confiar isto a ele? Mordi meu lábio.

— Não estou falando sozinha. Estou falando com outros. Ouço vozes, toneladas delas. Eles todos soam como se fossem garotos da nossa idade.

— Acha que eles são reais? — Ele perguntou num tom neutro.

Suspirei, concordando com a cabeça.

— E sinto como se estivesse conectada a eles de alguma forma. Como se compartilhássemos uma mente colmeia ou algo assim.

— *Pardon?*

— Mente colmeia. Como a forma como as abelhas se comunicam.

— Você está começando a me confundir e desestabilizar, Evangeline. — ele disse, mas estranhamente, não parecia nem um pouco. Nada o perturbava? — O que eles dizem para você?

— Às vezes nada além de falas incoerentes. Às vezes ouço estas frases repetidas várias vezes. Uma garota diz, “Eis o Portador da Dúvida”. Aquele garoto irlandês sempre diz, “Olhos para os céus rapazes, golpeio de cima”. Isso me dá arrepios.



Jackson estudou minha expressão, provavelmente me lendo como um livro, enquanto eu não recolhia nada dele. Ele estaria inclusive mais propenso a cortar suas perdas agora, para abandonar a garota doida?

— Por que você acha que isso está acontecendo?

— Eu não sei. Esta é a razão por que tenho que chegar até minha avó. Ela terá todas as respostas.

— *Ela é psíquica?*

Boa pergunta.

— Honestamente, não sei. Ela poderia ser. — Ou talvez aprendeu todas essas coisas dos Arcanos de sua própria mãe, informações passadas através de gerações.

Vovó não me disse que ela mesma era uma *cronista*? Matthew mencionou algo sobre isto também.

— Se sua avó sabe tanto, então por que diabos ela não te ensinou antes de arrumar as malas e ir para a praia? — Jackson disse. — Deixe-me adivinhar: havia alguma cerimônia secreta de passagem de bastão em seu décimo sexto aniversário que nunca aconteceu...

— Ela foi mandada embora quando eu tinha oito anos. Todo mundo disse que ela era louca. Fui proibida de falar sobre o que ela me ensinou.

— Você *tem* que se lembrar de algo.

— Não o suficiente. Fui proibida até mesmo de pensar nela.

— Ninguém pode controlar o que você pensa. — Jackson disse.

Dei uma risada amarga.

— Ah, mas eles *podem*. — Lembrei-me de estar sentada em uma mesa de metal fria com meu psiquiatra principal. Olhei para baixo, confusa ao ver uma poça de saliva se formando. Mesmo quando administrada tão fortemente — com um bilhão de miligramas de drogas de não-dou-a mínima bombeando em mim — fiquei humilhada ao perceber que a baba estava vindo de mim. Ele perguntou: "*Evie, você entende por que deve rejeitar os ensinamentos da sua avó...?*"

Jackson deslizou seu olhar para mim.

— Eles entram na sua cabeça?

Como dizer a ele que estive drogada em cada polegada da minha vida em uma enfermaria, então hipnotizada até que mal podia me lembrar do meu nome?

Não, não *hipnotizada* — aquilo poderia ter sido benéfico. A hipnose piorava as coisas? Isso era chamado de *lavagem cerebral*.

— Sim. — eu disse simplesmente. *Vamos ver como ele se comporta com aquela resposta.*

Ele deixou isto passar.

— Então, você ouve vozes agora? — Quando finalmente acenei com a cabeça, ele teve uma reação de surpresa. — *Tipo nesse instante?*

— Não olhe para mim como se eu fosse uma aberração, Jackson. Odeio este olhar! — Fechei meus olhos bem apertados, mortificada. O manicômio e seu golpe com o *fous* não ajudou as coisas.

Por que revelei tanto a ele?

Ah sim, porque ele tinha compartilhado comigo. Uma diferença: eu não o julguei.



— Você acabou de ter seus sentimentos feridos novamente? Porra, *cher*, não sei um modo de administrar isto com você.

Abri meus olhos, mas não pude olhar para ele.

— Administrar o quê?

— Estar com uma garota como você. — Agora eu tive que levantar minhas sobrancelhas para ele. — Sim, com suas *aproximações* e seus modos femininos. Você tem mãos macias, e você é... macia. *Mas* eu não acho que você seja uma aberração.

— Como não acharia? — Imaginei qual teria sido a reação de Brandon se fosse ele aqui comigo hoje à noite. Seria capaz de lidar com a minha confissão? Então me lembrei de que provavelmente eu não teria sobrevivido há tanto tempo sem Jackson.

— Olha Evie, vi algumas coisas antes do Flash, coisas que não poderiam ser explicadas. Inferno, ouvi rumores que minha avó era uma *traiteuse*.

Uma espécie de curandeira Cajun.

— Sério?

Ele assentiu.

— Depois do Flash, estou pronto a acreditar em qualquer coisa. Estas vozes me deixam inquieto? Sim. Estou me coçando pra saber o que as causa? *Ouais*. Mas isso não significa que penso menos de você por ouvi-las. — Ele curvou o dedo indicador debaixo do meu queixo, até que nossos olhos se encontraram — e pude ver que ele estava dizendo a verdade. — Só contente por que você me contou um segredo. — Ele inclinou sua cabeça. — Embora você tenha mais mil, *non*?

Muito mais.

Uma daquelas vozes pertencia à Morte em um cavalo pálido, e ele quer me matar. Eu me comunico — clariaudiência — com um garoto louco que me dá hemorragias nasais quando ele acha que não estou escutando o bastante. Quase toda manhã, acordo com o cheiro de sangue e o som de gritos agonizantes.

Meu olhe caiu, e ele abaixou sua mão.

— O que as vozes estão dizendo agora?

— Estão quietos o suficiente para ignorar. — eu disse. — Quando estou perto dos outros, eles se calam. — Eu o perscrutei por baixo de uma mecha de cabelo e admiti. — Mas nunca tanto quanto eles fazem perto de você.

— Evangeline. — ele suspirou. — Nunca vai ser tranquilo com você, não é?

Mesmo temendo que ele ficasse cada vez mais de saco cheio de mim e partisse um dia, respondi honestamente.

— Não.



Capítulo 25

DIA 235 DEPOIS DO FLASH

Profundamente no Mississippi

— Quer que diminua a velocidade? — Jackson gritou acima do ruído dos ventos.

Sacudi minha cabeça, querendo continuar. Deixamos Haven quase duas semanas atrás; eu estava começando a temer que nós nunca sairíamos deste estado.

Com as bandanas por cima de nossos rostos e os óculos de sol no lugar, serpenteamos através de outra cidade deserta, com um vendaval chicoteando ao nosso redor — e tremores embaixo de nossos pés.

Pra nossa sorte, as tempestades se tornaram mais esporádicas e menores, durando apenas uma hora ou duas por dia. Uma bênção, já que permanecíamos sem carro.

Mesmo se Jackson pudesse consertar um veículo, o tanque estaria vazio.

A pé, começamos a ver sobreviventes de faces esqueléticas de vez em quando, espiando por trás das janelas reforçadas. Para grande aborrecimento de Jackson, eu sempre acenava para eles de maneira hesitante. Mas nenhum deles queria nada a ver conosco...

— Fique bem atrás de mim. — disse avançando. Ele sempre andava na frente, bloqueando o vento para mim, insistindo em me colocar atrás dele.

Durante a pior parte das tempestades, eu enfiava meu dedo indicador em uma das presilhas do seu cinto, o que sempre parecia diverti-lo.

Foi o que fiz agora, seguindo em silêncio suas costas largas descendo outra rua “principal”. Durante o dia, Jackson normalmente tinha a escopeta na mão, com seu arco e mochila jogados por cima dos ombros.

Hoje ele também levava algo muito mais excitante...

Sem aviso, minha cabeça começou a latejar. Meu nariz coçou.

Matthew.

Minha bandana estava continuamente ensanguentada do lado de dentro, cortesia de suas aparições. Jackson poderia manter as vozes em cheque, mas Matthew sempre se mostrava.

E a cada visita, eu ficava mais convencida que ele estava, de fato, *enviando-me* visões. Eu não acreditava que fosse clarividente. Era ele quem tinha esse talento.

Agora o sangue começou a gotejar para o meu lábio superior. Estas visões em movimento eram as piores. Aprendi a apenas continuar caminhando, mesmo quando Jackson desaparecia e tudo que eu podia ver ao meu redor era o porão de Matthew.

— *Encontre-me, amiga.*

Fechei meus lábios bem apertados, disposta a não falar alto. *Eu disse a você, tenho que encontrar minha avó primeiro. Onde você está, afinal?*

— *No seu caminho.*

Verdade? Em que cidade você está?

— *Arcana quer dizer segredos; mantenha os nossos.*



Não estou entendendo. Se eu tivesse uma lata de ravióli para cada vez que dissesse a Matthew que...

— Você viu a bruxa vermelha?

Infelizmente, sonho com ela o tempo todo. Ela está viva hoje?

— Ela surge. Está vindo atrás de você. A Imperatriz luta com a bruxa vermelha. Aprenda suas forças e fraquezas.

Você espera que eu a enfrente?

— Evie, você deve estar preparada.

Aparentemente. Deus, por que tolero você?

— Pela mesma razão que tolero você.

Qual é?

— Nós somos amigos.

Assim que ele se foi, furtivamente lavei o sangue com a água do meu cantil. Acabei justamente quando a tempestade diminuiu. Quando as cinzas caíram sobre a cidade, a temperatura começou a subir na rua sem sombra. O cheiro de lixo fervia do chão.

Baixei meu capuz e puxei minha bandana pra baixo, inspecionando a área. Eu podia enxergar bem melhor ao meu redor. Não era necessariamente uma coisa boa.

É claro que havia corpos. Mas era pior que isso...

Por cima do ombro, Jackson murmurou para mim.

— Confusão.

Estava começando a entender sua compulsão para resolver enigmas. A cada poucos metros, um novo mistério zombava de mim.

Um veículo com rodas de aro dezoito estava em cima de uma casa. À minha direita, alguém pregou meticulosamente um vestido de noiva e véu em uma porta da frente. Uma manga suja acenava no vento.

À minha esquerda, um homem morto e um menino estavam posicionados em um jardim, como se estivessem fazendo anjos de neve de cinzas até o fim.

Ao lado de uma caçamba de lixo, alguém pichou: *Olho de um furacão, ouça a si mesmo sacudir...* O que quer que seja.

Eu lutava para atribuir significado às coisas, ler pistas. Mas o pós-flash fazia pouco sentido. Eu me perguntei se Jackson não poderia estar certo, que talvez todos fossem maus agora. Ou pelo menos loucos.

Mais adiante, havia um Saqueador gemendo, acorrentado pelo pescoço a uma geladeira, rastejando no lugar, suas calças apodrecendo. Quem em sua sã consciência pensaria que acorrentar um Saqueador era uma boa ideia?

Sua pele era mais calcária que aqueles que eu vi no pântano, e gemia mais alto.

Jackson parou diante dele, oferecendo-me sua besta.

— Atire.

Sacudi minha cabeça.

— Anda, vai te fazer bem acabar com um.



— Não, Jackson. — Eu achava que o Saqueador precisava viver? Nem um pouco. Mas não queria ser eu a despachá-lo. E se eu... *gostasse* de matá-lo?

A bruxa apreciava matar mais do que qualquer coisa. *Sou completamente pela vida.*

Franzindo o cenho pra mim, Jackson atirou na têmpera, em seguida recuperou sua seta. Ótimo. Ele estava louco novamente.

Mas me surpreendeu um pouco mais tarde, quando tivemos que passar através da fuselagem de um jato gigantesco. Ele pegou minha mão, ajudando-me a subir nos escombros. Fiz uma careta para os corpos ainda presos pelos cintos de segurança, ainda curvados em posição de impacto.

— Inferno na terra, não é? — Ele perguntou enquanto fazíamos a limpeza.

Assenti trêmula.

É a única maneira de descrever isto.

— Sabe, a princípio eu queria que você visse coisas como esta o tempo todo, então se endureceria.

Meu sargento adestrador.

— E agora?

— Agora gostaria que você nunca precisasse ficar mais dura. Mas só está começando a piorar. — disse ele, prosseguindo.

Eu acreditava nisso. Ficaria ainda mais desesperada pelas nossas circunstâncias, se não fosse pelo conhecimento que cada passo nos levava mais perto da Carolina do Norte — isto e minha crescente fascinação por Jackson.

Era incompreensível para mim que o conhecesse na escola e nunca tivesse imaginado o quanto ele poderia ser notável.

Infelizmente, meu fascínio estava deslizando em direção à paixão. Disse a mim mesma que isso nunca funcionaria entre nós — melhor não complicar as coisas.

Então por que fiquei absolutamente emocionada quando Jackson começou a *carregar minha mochila*?

Ontem à noite fomos forçados a ficar em uma biblioteca — uma daquelas com enormes saídas de incêndio — mas pelo menos aquela tinha trancas. Enquanto serpenteávamos pelas pilhas de destroços com sua lanterna de corda, brinquei com ele.

— Você carregou minha mochila hoje. Isso significa que você gosta de mim, Jackson? Hein? Não é isso o que um *namorado* faz?

Seus ombros endureceram ante meu tom.

— Ou talvez eu apenas te ajude, porque caso contrário você me atrasaria.

— Oh. — eu disse, a ponto de me magoar “assim”. Entretanto me perguntava se talvez Jackson me deu um fora porque achei uma brecha em sua armadura manchada.

O que significava que ele *gostava* de mim, e pensava em si mesmo como meu namorado.

O que também explicaria por que ele ficava tão puto sempre que meu estômago roncava. Um garoto como Jackson seria protetor com qualquer menina que ele pensasse que “pertencia” a ele, e frustrado por não poder atender as necessidades dela.



Claro, isto era tudo especulação. O mais provável, como Jackson repetidamente me dizia, era que eu não entendia nada de garotos.

Afinal, por que ele *gostaria* de mim? Eu ainda era a mesma velha Evie, a que ele ridicularizava e amaldiçoava. Eu não era exatamente o recurso crítico da equipe. Na estrada, minhas habilidades consistiam em fazer alvoroço sobre qualquer ferimento que ele sofresse, engolir todas as queixas, e ocasionalmente falar francês com ele; o que parecia relaxá-lo.

Ele me considerava inútil antes do Flash. Quando me viu pela primeira vez posteriormente, me resumiu com uma palavra: *de'pouille*. A palavra cajun para *confusão quente*. Não tinha nenhuma ilusão de que mudei sua opinião sobre mim.

Ainda assim, quando achei uma cópia de *Robinson Crusoe* nas prateleiras da biblioteca, eu a deslizei secretamente na minha mochila para dar a ele mais tarde.

— Atrás de mim, Evie! — Jackson disse num estalo. Ele tinha sua arma apoiada no ombro, apontando em direção a uma casa. Não perguntei, só corri para trás dele.

Um homem de meia-idade estava de pé em uma varanda da frente com seu próprio rifle apontado de volta para nós. Três meninos pré-adolescentes estavam encolhidos atrás dele. Tudo no porte do sujeito dizia, *Continuem andando, estranhos*.

Foi o que fizemos. Jackson aumentando os passos, comigo andando atrás dele. E então o olhar do homem foi da arma de Jackson... para mim, e ali permaneceu.

Imediatamente, a fúria pareceu rolar dentro de Jackson.

— Baixe essa arma, velho, ou vou deixá-lo caído onde está.

O homem não obedeceu. Encarou-o.

Então Jackson cuspiu.

— Seus garotos serão os próximos... e não desperdiçarei balas com eles.

Ao ouvir a ameaça cruel, o homem engoliu em seco e olhou longamente para mim. Finalmente, ele abaixou a arma.

Mantendo-o em sua visão, Jackson me escoltou quarteirão abaixo todo nervoso. Outro. *Limpo*.

Só então me olhou de relance, franzindo o cenho para o meu cabelo solto.

— Comece a procurar por um chapéu... ou uma tesoura.

Cortar meu cabelo? Apesar do calor, encolhi meus ombros de volta em minha jaqueta, puxando o capuz pra cima da minha cabeça.

— Ele realmente pensou em tentar roubar você. — Jackson disse áspero. — Roubar você *de mim*.

Estremeci. Algo me disse que o homem não estava procurando só uma babá.

Ambos caminhamos em silêncio. Jackson ainda estava fervendo, e permaneci no limite. Nós tínhamos acabado de ver o que provavelmente eram os últimos quatro sobreviventes nesta cidade.

Todos homens.

Às vezes eu pensava que estava sendo obstinadamente tola por acreditar que minha avó ainda estivesse viva. Mas então me lembrava de que sobrevivi ao Flash, e minha mãe também. Talvez houvesse algo em nossos genes que nos salvou?



E vovó saberia se abrigar, fazer qualquer preparativo que pudesse.

No fundo do meu coração, acreditava que ela vivia. O que significava que tinha que chegar até ela. Às vezes, nos últimos dias, eu olhava fixamente para o retrato que minha mãe segurava, lutando para recordar mais dos ensinamentos da vovó.

Lentamente, muito lentamente, eu estava juntando as peças daquele último dia com ela. Recordei mais detalhes de todas as cartas que me fez estudar, mas especialmente da Morte.

Contra um fundo escarlate, o Ceifeiro estava vestido naquela armadura preta, a foice na mão, montando seu cavalo pálido. Ele levava uma bandeira preta estampada com uma rosa branca. Suas vítimas — homem, mulher e criança — todos estavam ajoelhados diante dele, com suas mãos unidas num gesto de súplica.

Apesar da imagem ser assustadora, lembrava de ter me fascinado com aquela carta, mais do que todas as outras — inclusive a minha. O que deixou a vovó... *nervosa*?

Quando ela perguntou se aquela carta me dava medo, ou me deixou realmente zangada, sacudi minha cabeça firmemente.

— Ela me deixou triste.

Vovó não gostou nem um pouco daquela resposta.

— Por que você se sente assim, Evie? Ele é um vilão!

— Seu cavalo parece doente, e ele não tem nenhum amigo...

Agora lancei minha mente de volta, buscando por mais. No entanto, parecia que quanto mais eu lutava para me lembrar, mais aquelas memórias fugiam do meu alcance.

Uma coisa que lembrei? A voz da vovó de muito tempo atrás:

— *Às vezes você tem que deixar as coisas acontecerem, Evie.*

Suspeitava que eu estivesse colocando pressão demais sobre mim mesma, bloqueando meus próprios esforços. Mas não sabia como parar...

Jackson disse curto.

— Olha lá, Evie. — Empurrou o queixo em direção a uma moto adiante, caída de lado, sem cinzas.

— Jackson, cuidado.

— O piloto foi pro saco. — Ele assinalou uma fileira seca com indício de sangue e lodo, levando da moto até uma baía escura em um posto de bombeiros. — Eles o arrastaram até ali nas sombras para se alimentar. — Com um dar de ombros, Jackson endireitou a moto em posição vertical, engatando o suporte. — Está com a chave.

Meus olhos corriam de um lado para o outro atrás dos meus óculos escuros.

— Vamos!

— Hum-hum, não sem esta moto. — Ele correu uma palma pelo quadro, tão reverentemente quanto explorava minhas pinturas. — Tem alguma ideia do que é isto?

— Eu deveria me importar?

Como se estivesse falando com uma criança, ele disse.

— É uma *Ducati*.

— E daí?

Sua expressão dizia que eu tinha acabado de blasfemar ou algo assim.



— Esta é a moto pra acabar com todas as motos! — Suas palavras zumbiam com entusiasmo; ele era tão adolescente neste momento, lançando-se em cima de uma moto. — E encontrá-la hoje? É um sinal, Evie. As coisas estão mudando para nós. — Pulou em cima dela, dando partida.

Quando o motor disparou, seus lábios se curvaram.

— Ela está com um tanque quase cheio também.

— Não podemos pôr essa gasolina em um carro?

— Nenhum destes aqui perto está pronto. — Ele vasculhou os compartimentos da moto, jogando fora impiedosamente as lembranças e fotos do morto, para alojar sua própria mochila e arco de fácil acesso. Até tinha um coldre de couro vazio para Jackson guardar a escopeta. — Ajuste perfeito. — Ele virou para mim. — Está pronta?

— Nunca montei em uma moto antes.

— *Pardon?* Não ouvi direito.

— É verdade. Minha mãe nunca deixou. — Franzi o cenho para o pequeno espaço no banco que foi deixado pra mim. — Hum, meu capuz vai sair e não quero cortar meu cabelo.

— Faremos uma exceção para este passeio. Vamos lá. — Quando pisei nela, ele agarrou meu capuz, empurrando-o pra trás da minha cabeça. — Você não está com medo, está?

Como resposta, levantei meu queixo e subi desajeitadamente atrás dele. Nossos corpos agora tinham, tipo uns quarenta pontos de contato. Examinei suas costas, perguntando-me onde eu poria minhas mãos.

Só quando percebi como minha calça jeans se esticava firmemente sobre minhas coxas, vi sua cabeça mergulhar, seu olhar se prender em minha coxa direita, só se movendo para dar uma olhada na minha coxa esquerda.

Ele deixou escapar um som sufocado, então pôs sua grande e bronzeada mão aberta em meu joelho. Inclusive através do jeans, sua palma era escaldante.

— Jackson!

Ele as fechou em punhos, de forma que os nós dos dedos ficaram brancos. A mera ideia que eu o afetava de uma forma tão física fazia minhas respirações ficarem superficiais.

Sem aviso, ele estendeu seu braço para trás e me puxou para ainda mais perto dele, até que eu estava encostada em seu corpo, de um dos meus joelhos para o outro até meu tórax.

Então sua mão mergulhou entre nós! Antes que eu pudesse proferir um protesto, ele agarrou seu frasco do seu bolso traseiro. Enfiando-o em sua bota, ele murmurou.

— Estava ficando no caminho.

Do que?

— É aqui onde você põe seus braços ao meu redor, *cher*.

— Talvez não seja uma boa ideia.

— Evie. Braços. *Agora*.

Revirei os olhos. Depois de hesitar, finalmente estendi meus braços ao redor dele...

Justamente enquanto ele se levantava para soltar o descanso da moto.

Minhas mãos entrelaçadas roçaram nele... *ali*.



Ele prendeu a respiração, seus músculos se enrijeceram de tensão; meu rosto incendiou conforme eu arrancava minhas mãos para trás.

— Se você me tocar assim novamente, Evangeline — começou num tom rouco, caindo no seu banco mais uma vez — no espaço de uma batida do coração, vou tirar você desta moto e colocá-la sobre a superfície horizontal mais próxima. E não serei exigente.

Por cima do meu ofego, ele explicou.

— Estive sob pressão por dias, *bébé*.

Ele deve ter suspeitado que eu estava prestes a sair da moto como se estivesse pegando fogo — suas mãos, tão ásperas e calejadas, capturaram as minhas, deixando-as bem em cima da sua cintura.

— Só assim nos entendemos. — Então acelerou.

Sob pressão? O que exatamente eu deveria fazer com esta informação? Sentei-me rigidamente atrás dele enquanto ganhávamos velocidade pela estrada solitária, atravessando a cidade e além — passando por um playground abandonado, uma igreja com as portas de madeira escancaradas, um campo com restos de gado esbranquiçados.

Mas a cada quilômetro, comecei a relaxar. Notei que sempre que Jackson e eu nos tocávamos, as vozes ficavam em silêncio. Não apenas mudas. *Por quê?*

Suspirei, decidindo ponderar em outra hora. Por enquanto, estava apenas aproveitando o silêncio. E o ar soprando era como estar em um ar condicionado novamente. Tinha um cheiro quase *limpo*. Fechei meus olhos e levantei meu rosto.

— Gosta disso?

Abri os olhos para encontrá-lo me olhando por cima do ombro. Mordi meu lábio e acenei com a cabeça.

Ele me deu aquele empurrão sexy do seu queixo, em seguida trocou a marcha para ir mais rápido.

A adrenalina corria! Adorei a velocidade, a sensação da moto, o jeito que ele podia fazê-la se mover tão facilmente.

Mais rápido!

Ele levantou suas sobrancelhas acima dos seus olhos escuros.

Segure mais apertado.

Assim que travei meus braços ao redor dele, acelerou o motor até que a roda dianteira deixou brevemente o chão. Eu berrei, então lancei minha cabeça para trás e ri.

Quanto tempo se passou desde que ri assim?

Nas esquinas, nós nos inclinávamos juntos. Quando ele abria em uma reta, eu me abaixava com ele.

Mas logo fiquei menos interessada no passeio — e mais no piloto.

Enquanto seu cabelo muito longo chicoteava no vento, peguei vislumbres da pele bronzeada atrás do seu pescoço. Eu me perguntava como seria beijá-lo ali, escovar meus lábios naquela pele lisa.



Jackson era muitas vezes tão rude, tão *grosseiro*, mas tudo aquilo podia ser esquecido quando pensava sobre o quanto ele era quente e forte contra mim. Ou quando me lembrava do quanto ele era corajoso e inteligente.

Mamãe dissera que eu podia encontrar alguém muito pior do que Jackson Deveaux.

Naquele momento, concluí que ela tinha razão.

Como seria tê-lo como meu namorado? Enquanto eu tentava imaginar isto, suspirei, apertando o lado do meu rosto nas suas costas, completamente relaxada contra ele. Logo a exaustão me alcançou. O barulho constante do motor me acalmava. Minhas pálpebras ficaram pesadas.

— Durma se quiser. — Novamente ele cobriu minhas mãos com uma das suas. — Estou com você.

Adorava quando ele dizia isso para mim.

— Tem certeza?

— Vou encontrar um lugar para passarmos a noite. Será como nos bons e velhos tempos.

Apesar de estar curiosa sobre o que Jackson considerava “bons e velhos tempos”, o sono me pegou...



Capítulo 26

Quando acordei, uma lua cheia estava alta no céu e Jackson só agora diminuía a velocidade.

— Não paramos para passar a noite! — Olho em volta. Parecíamos estar em um loteamento rico. — E os Saqueadores?

— Não tem nenhum. — disse ele. — A noite está tão clara, talvez eles achem que seja o sol. Quem vai saber? — Ele soava *bêbado* quando freou a moto. Mas não cheirava a uísque — pelo menos não mais que o normal. — De qualquer modo, a estrada estava limpa.

— A estrada para onde?

Ele chutou o descanso na frente de um intimidante portão de garagem, com lâmpadas de gás *acesas* de cada lado.

— Acho que para *cá*. — disse, coçando a cabeça com um sorriso confuso. — Ei, verifique a segurança do lugar, Evie. As cercas afastarão os Saqueadores descerebrados. — Então ele murmurou. — Só não servirão contra nós.

Quando desmontou da moto, me deixou com frio e chateada.

— Por que essas luzes estariam acesas, Jackson? Isso parece uma armadilha. Que tal passarmos essa?

— Aposto que tem muita comida aí dentro.

Ele já estava colocando o arco entre os dois portões, usando-o como uma alavanca para afastá-los.

— Veja e aprenda, *peekôn*. — Com um clique, a fechadura adornada do centro se partiu e os portões se abriram.

Ele se virou para me pegar pela cintura e me colocar de pé.

— Vamos levar a moto a pé.

Assim que passamos, ele fechou os portões outra vez. Outro clique soou quando se trancaram.

Quando a casa — uma mansão gigantesca de tijolos — apareceu, ele assoviou baixo.

— Porra, Evie, você vai se sentir em casa aqui.

Estreitei os meus olhos para as luzes no jardim.

— Essas luzes são *elétricas*.

— Eles provavelmente têm um gerador a gasolina.

— Um que deve ter sido abastecido recentemente, certo? Este lugar tem que estar ocupado.

Ele nem diminuiu o passo.

— Ou talvez tenhamos sorte. E se o proprietário saiu para conseguir suprimentos e se meteu numa fria? Ele pode ter sido atacado por Saqueadores por aí. Como o piloto dessa moto.

Esfreguei os braços.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso.

— Na última vez que teve um *bom* pressentimento perdemos tudo o que tínhamos, quase viramos escravos e passamos a noite no Pântano dos Saqueadores. Eu vou me arriscar aqui. — disse. — É tarde demais para encontrar outro lugar para ficar de qualquer jeito. Se houver alguém



aqui e se ele for decente, vamos trocar as joias. Se não for decente, vamos tomar o que quisermos. E apagaremos ele.

— Você vai roubar a casa do seu dono?

— Esta casa? — Ele sorriu. — *J'pourrais*. — Pode ser.

Depois de estacionarmos a moto perto da entrada lateral, ele rodeou a casa com o arco em mãos, absorvendo cada detalhe antes de se aproximar das portas duplas.

— Ainda não foi invadida. Continua firmemente trancada.

Com a ponta do arco, bateu em uma das vidraças que flanqueavam a porta, quebrando o vidro. O barulho pareceu assustadoramente alto.

Ao invés de entrar, ele ficou imóvel, inclinando a cabeça. Depois de muito tempo, colocou o braço dentro e abriu a porta, inalando profundamente.

O ar parecia fresco. Nenhum Saqueador por perto?

Com a arma levantada, Jackson finalmente entrou na casa, comigo bem atrás dele.

— Isso é um erro. — sussurrei, tentando lembrar de algo que Matthew havia repetido em todos os seus resmungos e divagações. Estava fazendo cócegas no meu cérebro. — Por que ficar aqui é tão importante para você?

— Porque você vai gostar daqui. Garotas sensíveis como você pertencem a lugares como este.

— Eu preferia o barco de camarão.

— Vou escrever para me lembrar no futuro.

As lâmpadas estavam acesas em uma intensidade baixa, iluminando o interior o suficiente para que nós percorrêssemos a casa ricamente decorada. Parecia à casa de um produtor de cinema de Hollywood. Até *eu* fiquei impressionada com a riqueza.

Cada aposento era ainda mais luxuoso que o anterior.

— Isso parece uma armadilha. — repeti.

— Confie em mim, Evie, esse lugar vai ser uma beleza. Lembra? Eu tenho um faro para essas coisas. E pense. Se há energia e um poço, haverá água quente.

Eu quase gemi com a ideia de um banho quente. Mas quando uma brisa saiu dos ventiladores de teto, ainda disse.

— Por que o seu ocupante é tão esbanjador? Eventualmente, a gasolina *vai* acabar.

— Heh.

— Por que *heh*?

— O combustível já estava em falta antes do Flash. Mas eu aposto que cada ambiente desta mansão era tão frio quanto uma geladeira, mesmo no verão.

— A situação agora é mais *séria*.

— Se achasse que poderia morrer amanhã, por que não desperdiçar? Parte de mim admira o dono daqui.

Às vezes, quando ele dizia coisas assim, eu me lembrava do quanto éramos diferentes. Com éramos fundamentalmente diferentes.

— Temo que concordamos em discordar...



Vasculhamos as duas alas de cima abaixo, encontrando ainda mais maravilhas. Os quartos tinham armários cheios de roupas e sapatos de grife.

A garagem tinha suprimentos de acampamento, equipamentos de sobrevivência da mais avançada tecnologia — e um tanque colossal de gasolina.

Mas nenhum carro.

Na enorme cozinha, Jackson abriu um dos refrigeradores, que surpreendentemente estava bem abastecido com geleias, condimentos e bebidas.

Ele fechou os olhos brevemente ao sentir o ar frio, e então disse.

— Ei, venha aqui. — Me empurrou para a sua frente para que também pudesse sentir, então ficou atrás de mim com a mão no meu ombro.

— Admita, valeu a pena só por sentir a geladeira.

Embora ainda estivesse cismada por estar ali, me lembrei que Jackson era o bicho-papão enquanto possuísse aquele arco. Então também fechei os olhos, e simplesmente ficamos assim por vários minutos.

— Jesus, *long-necks geladas*. Ok, é isso mesmo, estou esperando que três ursos apareçam³¹.

— Ele tirou duas garrafas, tirando as tampas.

Colocando uma cerveja na minha mão, me levou até a maior dispensa que já vi.

— Encontre algo para comermos, mulher.

Eu arqueei uma sobancelha, mas inspecionei os conteúdos, o suficiente para duas pessoas por meses — comidas enlatadas e encaixotadas, caixas e plásticos selados, sucos de frutas. Depois de encher rapidamente minha mochila com barras energéticas — caso tivéssemos que fugir — examinei as prateleiras para escolher o jantar.

Uma jarra de cerejas embebidas em licor encheu minha boca d'água. Peguei-a, como também duas latas de azeitonas pretas, uma caixa de biscoitos *Pirouette* e um saco gigante de salgadinhos *pretzel*, fazendo um piquenique na bancada.

De prato principal, apreciamos os pretzels com cerveja. De sobremesa, Jackson ficou com os biscoitos, enquanto eu ataquei o pote de cerejas. Quando coloquei uma na boca, meus olhos rolaram de prazer.

— Gosta de *cerises*, hein? — Ele se aproximou de mim. — Eu sinto *an envie* por uma cereja. — Um desejo.

Uma indireta Cajun, Jackson?

— Aqui. — Sorri docemente, segurando uma pelo caule para ele. — Aproveite a única cereja que vai conseguir de mim.

— Isso me parece um desafio. — Com um brilho perverso nos olhos, ele a tirou dos meus dedos com os seus dentes retos e brancos.

Perturbada, dei um gole na minha cerveja. Mas ele pressionou o dedo no fundo da garrafa, inclinando-a até que eu terminasse a cerveja que restava com um ofego.

— Está tentando me embebedar?

³¹ Referência ao conto de Cachinhos Dourados e os Três Ursos.



Estava funcionando. Eu sempre fui meio fraca, e agora uma cerveja me deixava deliciosamente embriagada.

— *Sans doute*. — Sem dúvida.

Ok, ele definitivamente estava paquerando comigo. Porque eu era o único jogo disponível e ele estava... no limite? Tinha que estar. *Ainda a mesma Evie de sempre aqui*.

Ele terminou sua cerveja, colocando nela uma dose de sua garrafa.

— Vamos ver o que tem lá fora. — Pegou a travessa de biscoitos com uma das mãos e minha mão livre com a outra, então me levou para uma linha de portas francesas imensas.

Saímos para uma varanda enorme coberta que era como o País das Maravilhas, com gazebos e uma cozinha externa. A lua estava cheia lá em cima, iluminando a área com gentileza, parecendo intocada pelo apocalipse.

Levando-me mais além, ele declarou.

— Estamos em *casa*, Evie Greene...

Ficou calado quando viu uma piscina cintilando sob a luz da lua. Uma piscina *cheia*.

Água. Uma armadilha mortal.

— Cristo. — ele murmurou, virando a cabeça ao redor. — Com lua ou sem, por que não estamos num cardume de Saqueadores?

Puxei sua mão.

— Jackson, nós temos que ir!

— Fique aqui. — Ele caminhou para o lado da piscina, agachando-se para mergulhar um dedo. Depois de provar a água, ele se levantou com uma expressão cheia de ânimo. — A água é salgada, *bébé*.

Sal?

— Então eles seriam repelidos, certo?

Ele assentiu.

— E a água é *aquecida*.

— De onde tudo isso veio?

Colocando o arco em uma cadeira reclinada, ele disse.

— De um poço particular. Como o que você tinha em Haven.

Mas não tínhamos desperdiçado a água *para nadar nela*.

— Jackson, por favor. O dono pode voltar a qualquer minuto!

— Por que alguém ficaria fora a essa hora se fosse voltar para cá? — Jackson tirou as botas. — Achado não é roubado.

— Você não vai entrar!

Em resposta, ele tirou a camiseta, revelando divisões firmes de músculos. Sim, já tinha dado uma olhada nele sem camisa antes — mas aquela era a primeira vez que tinha perdido o fôlego completamente olhando para ele.

Seu rosto e peitoral largo ainda eram bronzeados, os olhos pareciam brilhar com a luz da lua. Mordi o lábio. Logo eu me viraria de costas. Logo, logo...

Quando ele começou a abrir o cinto, os músculos do seu estômago ondularam. Meus joelhos fraquejaram. *Logo, logo*.



Quando ele alcançou o zíper, inclinou a cabeça para trás e encontrou meu olhar. Estava congelada, não podia fazer nada a não ser fitá-lo. Ele levantou as sobrancelhas para mim em desafio, os dedos descendo o zíper devagar.

Um segundo depois que finalmente encontrei a presença de espírito para me virar de costas, ouvi seu cinto bater no chão de azulejos, o barulho da sua calça caindo. Com os olhos arregalados, desapareci.

— Isso é idiotice, Jackson...

No espaço de um segundo, ele puxou a mochila das minhas costas, passou um braço em volta da minha cintura — e nos lançou para dentro da piscina.



Capítulo 27

Emergi, cusbindo e tirando a água do meu rosto.

— Perdeu a cabeça? Argh! *Não* vou nadar pelada com você.

Em um tom escandalizado, Jackson disse.

— *Nadar pelada?* Evangeline e a sua mente suja. — Ele olhou para baixo. Pude ver que ainda estava com uma cueca boxer preta.

— Oh. — Eu soei desapontada? — Ainda assim, não estou me sentindo bem com isso. Devíamos — como é que você diz? — ficar de olho.

— Então você de vez em quando presta atenção no que digo? Quem teria pensado... olhe, não vou deixar nada acontecer com você. Vou ouvir qualquer um chegar com bastante antecedência.

Quando continuei não convencida, ele disse.

— Eu já te falei, ninguém pode ser mais rápido do que eu. Não confia em mim?

Não tinha muita escolha.

— Não podia ter esperado que tirasse minhas botas? — Tirei-as e as meias também, jogando-as perto do arco dele.

— Tem razão. Eu devia ter deixado você tirar a roupa. — Então jogou água no meu rosto.

Cuspi água outra vez, mas ele estava rindo. Não era um sorriso sarcástico — era um sorriso *de verdade*.

Quando olhei para os seus lábios, vi os meus se curvarem em resposta.

Apontei para detrás dele.

— Oh, olhe!

Então joguei água na parte detrás de sua cabeça.

Ele me encarou com os olhos arregalados.

— Agora você provocou! Mexeu com o touro... — Ele me perseguiu do lado mais raso até eu gritar de tanto rir.

Parecia incrível agir outra vez como os adolescentes que éramos. Paquerar e brincar.

As vozes estavam abençoadamente caladas.

Bem antes dele me pegar, mergulhei, nadei em volta dele e puxei seus tornozelos para trás. Ele não podia saber que, em outra vida, eu fui um terror na piscina.

Ele agiu como se eu o tivesse derrubado, afundando que nem uma pedra. Assim que emergiu, parecia surpreso — e alegre — por eu ter me juntado à bagunça.

Nunca vi Jackson agir de maneira tão brincalhona e sorridente antes, nunca o vi sem sua costureira inquietação. Reconheci então que nunca o testemunhei *feliz* até aquele momento.

E, caramba, era bom vê-lo feliz.

— Você está sorrindo.

— Devo estar. — Seu cabelo molhado pingava em cima das suas bochechas. — Este é o melhor dia que tive em muito, muito tempo. — Ele começou a me levar para a borda da piscina, e eu deixei. Gotas de água deslizavam pelo peito largo e tronco duro como uma rocha.



Quis seguir aquelas gotas com os lábios... Ok, então talvez Jackson não fosse o único no limite.

— Humm, melhor dia de todos? — Quando minhas costas bateram na pedra, ele continuou se aproximando até que pude sentir o calor emanando do seu corpo. Tive que inclinar a cabeça para trás para encontrar seu olhar.

Seu sorriso ficou convencido quando ele disse.

— Consegui uma moto nova, uma garota *Jolie* que está a fim de mim e uma mansão para vivermos.

Então eu percebi que tinha um sério problema — crescente à minha conta.

Jackson Deveaux estava quase irresistível daquele jeito.

— A fim de você?

— Eu sei.

— Como?

— Você cheira a madressilvas quando esta gostando do velho Jack.

Oh meu Deus! Assim como me disseram, eu *realmente* cheirava a flores. Não era de se estranhar que todos tinham me elogiado.

— Quando está com raiva — continuou ele — fica com cheiro de rosas. Excitada? A flor de oliveira. Ainda estou descobrindo o resto.

Mesmo enquanto continuava a me espantar com a sua perspicácia, murmurei.

— Isso é ridículo. — Como iria esconder os meus segredos em todo o caminho até a Carolina do Norte?

— É? — Ele se aproximou ainda mais.

— De qualquer maneira, não é como se *você* gostasse de mim.

— *C'est vrai.* — Isso é verdade. — Mas eu sei que tenho pouca escolha por aí.

Olhei para ele com raiva, incapaz de dizer se estava me provocando.

— Derreta o meu coração, Cajun.

Ele estendeu os braços, segurando a borda da piscina com as mãos dos dois lados da minha cabeça, me prendendo.

— O que está fazendo?

— Me preparando para te beijar pela primeira vez.

O coração parou. *Diga alguma coisa, Evie.*

— V-você me disse algo assim na festa, mas as coisas não acabaram muito bem pra mim naquela noite.

— Para mim também não. Deus, como eu queria provar você. — Seu olhar cinza ardente estava preso nos meus lábios.

Eu os umedeci, exatamente como fiz naquela noite.

— Tem ideia de quantas noites pensei em quase ter te beijado? Lembro de todos os detalhes a seu respeito. Não podia dizer se seus olhos eram azuis ou verdes. Seus lábios estavam tão vermelhos... era sexy, mas não conseguia decidir se gostava. Porque aquilo não era você, não de verdade.



Aquele quase-beijo não foi apenas uma armação! Ele sentiu a mesma excitação e atração que eu.

— Evangeline, você é como... como um *peekôn dans ma patte*.

Um espinho na minha pata. Que apropriado. *Acho que essa é a minha natureza, Jackson.*

— E não consigo me livrar dele. — Seus olhos eram completamente hipnotizantes.

Pela primeira vez em meses senti vontade de desenhar — de registrar aquele olhar para sempre.

— Vamos tirar isso, *cher*. — Quando pegou no meu moletom ensopado, me vi levantando os braços para que pudesse tirá-lo, me deixando com a minha regata branca.

Que agora estava transparente. Eu podia muito bem estar sem nada.

Quando ele baixou o olhar, suas pálpebras ficaram pesadas e seu pomo de Adão subiu e desceu. Com uma voz rouca, ele disse.

— Tenha piedade de mim.

Nunca tinham me olhado daquele jeito, nunca tive tamanha certeza de que um garoto estava fitando meu corpo — enquanto imaginava o quanto queria tocá-lo.

Meu rosto e peito coraram de vergonha.

Justo quando estava prestes a afundar na água, ele disse.

— *Non*, me deixe ver. — Seu sotaque estava mais forte. — Esperei *muito* tempo para ver você assim.

— Mas só estamos juntos faz duas semanas.

Ele passou as costas dos dedos no meu rosto, como se eu fosse feita de uma porcelana delicada.

— An-hã. — murmurou quando desceu a cabeça para pressionar gentilmente os lábios nos meus. Os dele eram tão firmes e mornos. Podia sentir o gosto de uísque.

Ele era perfeito... o beijo, *certo*.

Abriu os lábios me incitando a fazer o mesmo. Assim que fiz, acariciou minha língua vagarosamente com a sua... repetidamente. Com movimentos relaxados e perversos.

Energia me encheu, prazer irradiando. Aquilo era viciante — não havia nada parecido com aquilo.

Nossas línguas se emaranhavam, infinitamente, até que não consegui conter um gemido. Queria mais dele. Queria que aquilo nunca acabasse. *Precisava* de mais.

Estava perdendo o controle; por que ele não estava? Seu beijo era sensual, mas deliberado, como se ele tivesse todo o tempo do mundo.

Como se tivesse algo a provar?

Bem quando aquele pensamento surgiu em meu cérebro enevoado, ele se afastou com um sorriso convencido.

— Olha aí. Agora, é sobre isso que eu estava falando. — Ele esfregou o polegar no meu lábio inferior. — Não está rindo agora, você está...

— *Mais*. — Estendi os braços, enfiando os dedos em seu cabelo escuro, apertando, arrastando-o de volta para mim.

Ele disse com voz rouca.



— Evie? — justo antes dos nossos lábios se encontrarem novamente, nossas línguas...

Corri as mãos pelas suas costas, pelos seus músculos contraídos. Não conseguia parar de tocá-lo, nem evitar que meu corpo se movesse contra o seu. Com cada passada das minhas mãos, ele aprofundava o beijo. Então continuei.

E continuei.

Logo eu estava ofegando e ele grunhindo. Suas mãos abertas apertaram minha cintura, descendo para meus quadris que se contorciam. Ele os apertou, e então alcançou minha bunda, me agarrando com os dedos abertos, puxando meu corpo com força para ainda mais perto. Ele estava estremecendo?

Nada mais de controle para nós dois.

Amei os seus grunhidos abandonados, amei que pudesse *senti-los* por estarmos tão colados um no outro.

Como ele havia prometido, estávamos respirando um ao outro — e ainda assim não conseguia me satisfazer.

Para mim, aquela era a virada no jogo, o traçar de uma linha na areia. A vida antes do nosso beijo; a vida depois.

Ele passou os braços fortes ao meu redor, me erguendo, me esmagando contra seu peito sólido. Eu vagamente percebi que meus pés não tocavam mais o chão da piscina.

Ele interrompeu o beijo para beijar meu pescoço, dizendo contra minha pele.

— *Tu me fais tourner la tête! Ton parfum sucré, tes secrets.* — Você me deixa louco! Seu cheiro doce, seus segredos.

Lambidas quentes seguiram.

— Ah, Evie, seu gosto é tão bom quanto o seu cheiro.

Respirei.

— Jackson...

Ele se afastou, me deixando deslizar de volta e ficar em pé sozinha. Sua voz estava áspera quando disse.

— Se quiser que a beije outra vez, me chame de Jack.

Não conseguia pensar. Dei alguma espécie de assentimento.

— *Diga.*

Com a cabeça jogada para trás, sussurrei.

— Jack.

Ele segurou meu rosto com as palmas calejadas, para que o olhasse diretamente nos olhos. Havia algo *possesivo* em sua expressão, algo masculino e... mais antigo que eu não tinha nenhuma ideia de como decifrar — tudo que sabia era que a expressão determinada em seu rosto fez meu coração acelerar.

— Disse que queria mais.

Do beijo dele?

— Deus, sim.

Ele exalou a respiração que prendia.



— *Bien*. — Então me levantou de novo, me aninhando em seus braços. Enquanto subia os degraus da piscina, passou os lábios pelo meu pescoço, me mantendo em uma bruma de êxtase. Ao meu ouvido, disse.

— *T'chauffes mon sang comme personne d'autre*. — Você esquentava o meu sangue como ninguém mais.

Estremeci de prazer, só vagamente me perguntando para onde me levava. E talvez por que tinha parado para recolher sua calça junto com o seu arco sempre presente.

Minhas costas encontraram estofados. Estávamos na varanda?

Uma cadeira reclinada para dois?

Ah, mais beijos! Ele lambeu meu lóbulo, me fazendo gritar, minhas costas arqueando. Aquilo era o *meu zíper*?

Senti-me levantada por um momento, então o ar frio soprou sobre as minhas pernas molhadas, subindo até a minha calcinha.

Ele chiou.

— *Ma belle fille*. — Minha menina linda. Deitou metade sobre mim, metade na cadeira.

Quando ele mexeu em algo no bolso do jeans, murmurei.

— Jack?

Ele se ergueu com um braço, me dando aquele riso de predador, tão sexy que roubou meu raciocínio.

— Vou tomar conta de você, *bébé*. — Ele tirou uma camisinha embalada, segurando-a entre os dentes brancos enquanto esfregava uma mão no meu torso, levantando mais a minha regata.

Tinha uma aparência malandra e perversa e oh-meu-Deus-estava-com-uma-camisinha? Para usar comigo?

— Espere! — Tudo estava indo rápido demais, ficando fora de controle. — O-o que está fazendo? — Não tinha concordado em transar! Empurrei-o.

Ele tinha me amansado para ser a sua próxima *gaienne* — sem uma palavra sobre ser sua namorada. E se aquela camisinha rasgasse? Podia jurar que ela tinha vindo da farmácia do banheiro do barco de camarão. Quem sabia a data de validade daquela embalagem!

Suas sobancelhas se juntaram.

— Qual é o seu problema?

— Eu não vou *transar* com você assim! — E se eu ficar grávida?

Estava com muito mais raiva porque tinha amado beijá-lo, e então ele tinha avançado todas as bases, pulando as principais — avançando as que *nunca* havia experimentado — e ido direto ao *home run*³².

— Por que transar comigo é uma ideia idiota pra você? — ele exigiu, sua expressão irritada.

Empurrei seu peito de novo até ele se afastar.

— Por onde eu começo? — *Sua camisinha do século passado, nossa falta de definição de relacionamento, o fato de pular nas coisas com a velocidade da luz — mesmo que essa seja a minha primeira vez.*

³² Rebatida onde o rebatedor pode circular todas as bases.



Droga, por que tínhamos que parar de nos beijar? Só precisava pensar com clareza.

Mas a raiva dele já estava aumentando.

— Você *disse* que queria mais.

— Dos seus beijos! — Trouxe os joelhos para o peito, passando os braços em volta das pernas. Sem ele colado em mim, estremecia de frio.

Umás duas semanas atrás, disse a mim mesma que guardaria a minha virgindade para o meu namorado, não importa o quanto isso tenha soado ingênuo. Hoje, na moto, imaginei como seria se Jackson fosse o meu namorado.

Havia *algo* entre nós, algo excitante e... inflamável. Então franzi o cenho.

Hoje ele tinha me dito muitas coisas para me deixar saber que estava atraído por mim. Mas não que *gostava* de mim.

Ele não falou que tinha *pouco para escolher por aí?*

Mesmo se não houvesse outras garotas para ele ficar, eu ainda queria que Jackson e eu chegássemos a um consenso sobre o que estava rolando entre nós. Se não tivéssemos algum tipo de entendimento, então dormir junto só complicaria as coisas.

E eu não podia deixar que nada se colocasse no caminho da minha ida a Carolina do Norte.

Então, como abordar o assunto relacionamento?

— Jackson, você sabe que eu nunca... eu nunca fiz isso antes. E eu estava tipo, esperando por algo *mais*. — Dica, dica.

Por sua expressão ele pareceu entender.

— Você *ainda* se acha boa demais para mim. Teria deixado Radcliffe dar a primeira prova, mas eu não?

Ofeguei.

— Não ouse trazer ele para essa conversa! — Outra vez, pensei no quanto Brandon era sortudo e feliz, quantos momentos bons passamos na praia nadando. Sempre rindo...

Aquela época com Brandon tinha sido o *final* dos bons tempos para mim. Antes do apocalipse, antes da Arcana... meus olhos se encheram d'água.

Jackson viu a minha reação.

— Ainda está apaixonada por ele! — Ele pulou de pé, então enfiou as pernas na calça. — Estava pronta para deitar com aquele garoto porque o achava duas vezes mais homem que eu. Mas o que diabos ele fazia além de dirigir um carrão e jogar uma bola? Eu salvei a sua vida!

Também levantei, indo atrás do meu jeans ensopado, colocando as pernas nele com dificuldade.

— Me salvou só para que eu dormisse com você?

— A ideia pode ter passado pela minha cabeça! Inferno, Evie, você é provavelmente a última garota no mundo para mim. *Morreria* se se conformasse?

— Não acredito que tenha dito isso!

Senti-me uma tremenda idiota! Acreditando que tínhamos uma conexão? O garanhão da terra dos Cajun só tinha a intenção de fazer mais uma conquista — e eu era a única disponível. Saí às pressas atrás do meu moletom, então o passei pela cabeça.



— Pode acreditar! — Ele se aproximou de mim. — Lembre-se, eu sou o garoto *cruel* e *sem classe* do lado errado do canal. Isso é tudo que *sempre* serei para você!

Estávamos com os rostos quase encostados, mas eu me recusei a recuar.

— Quando age desse jeito é difícil vê-lo de outra maneira! Graças a Deus que eu tive o bom senso de *não* me envolver mais com você.

— Bom senso? Isso é uma coisa que nunca vão lhe acusar de ter! Se envolver mais comigo é a coisa mais inteligente que poderia fazer. Sou eu que mantenho você viva. *Eu* — bateu no peito nu — lembra? “*Obrigada, jack, é ótimo estar viva*”.

— Admitia, essa é a verdadeira razão por ter se oferecido para me ajudar — porque queria dormir comigo!

— É, eu tinha entendido que você era esnobe, mas não percebi que era uma provocadora terrível!

— Uma *provocadora*? Achou que eu era uma coisa certa porque estamos numa situação terrível? Ou porque toda outra garota com quem estive acabou cedendo? Me diga!

Ele me deu aquele dar de ombros.

— Um pouco de cada.

Queria *estrangulá-lo*!

— Por que tudo tem que ser tão difícil com você? — Ele se virou para esmurrar uma coluna de madeira, balançando a estrutura inteira. Quando me encarou novamente, sua respiração estava pesada, sua mão cheia de cicatrizes sangrando.

— Você vai me deixar louco!

— Bem, então engula isso! Como você disse, eu sou a melhor que existe. Parece que deveria ser mais gentil com a última garota do planeta. Talvez devesse — oh, eu não sei — tentar ser agradável, ou agir como um namorado ou, ou...

— Cortejar você?

— Bem, sim.

— Talvez seja isso que fiz... toda vez que salvei sua pele! E toda noite que fiquei acordado vigiando seu sono! Mas você simplesmente acha que isso tudo seja minha obrigação. Porque é *gâtée*!

— Eu não sou mimada!

— Nunca conheci uma garota tão mimada quanto você — paparicada a vida inteira. Mas essa merda acaba *agora*.

Esfreguei os braços, ensopada e triste nas minhas roupas molhadas. Como tínhamos ido de beijos a uma briga como aquela?

— O que *quer* de mim?

Ele pôs dois dedos na testa, dizendo em um tom estranho.

— Eu posso ter desejado algo de você... mas está claro que nunca vai me dar.

Ainda estávamos falando de sexo?

— Sabe por que minha *mé*re bebia? — perguntou, a voz grave e ríspida. — Porque ela desejava e esperava por coisas que nunca aconteceriam. Eu jurei que nunca faria o mesmo. No



passado, sempre que minha mente vagava na direção errada, eu trancafiava esses pensamentos.

— Ele passou os dedos pelo cabelo. — Tenho que fazer isso agora.

— Eu não *entendo* você.

De repente o que pareceu um ruído sônico explodiu na minha cabeça.

“CONTEMPLATE AQUELA QUE TRAZ A DÚVIDA”

Enquanto tropeçava nos próprios pés, Jackson se precipitou para o seu arco, virando-o e mirando-o para detrás de onde estávamos.

— O-o que foi, Jackson? Tem alguém aqui? — Ele não podia ter ouvido a voz, e eu não tinha detectado nada perto de nós.

Ele levantou o queixo na direção de uma passagem sombreada.

— Ali.

— Como sabe?

Ele disse entredentes.

— Experiência.

Uma garota saiu das sombras, com seu arco levantado.

— Parece que tenho companhia.

Um arco? Sob a luz da lua? Quando a vi completamente, meu queixo caiu.

De pé do outro lado da piscina estava a garota das minhas visões. Embora seu rosto estivesse borrado antes, teria reconhecido aquela figura de jogadora de vôlei de praia em qualquer lugar.

Por uma fração de segundo, uma imagem pareceu ser sobreposta a ela. Eu a vi como aquela arqueira tingida de vermelho, ereta como uma deusa sob a luz da lua.

Engoli em seco. A imagem parecia exatamente com a de uma... carta de Tarô.

Pisquei os olhos. No instante seguinte, ela era só uma adolescente normal. Uma adolescente lindíssima. Sua comprida cabeleira de um loiro platinado brilhava, seus olhos escuros vigilantes.

Ela usava um colete preto, um short cáqui — que exibia pernas do comprimento de milhas — e botas de motoqueira.

Um aljava³³ de couro circulava sua bela coxa, estilo Lara Croft.

— O que vocês dois estão fazendo na minha casa? — Sua voz era exatamente como soava em minha mente. Ela também teve visões comigo?

Ouviu meu chamado Arcana?

Qualquer que fosse...

Tinha acreditado que a Arcana era composta de garotos de verdade. Ela era uma prova inegável de que eles existiam.

Seus olhos brilharam na minha direção — e eles podem ter aumentado levemente de tamanho antes que sua expressão se fechasse, sua atenção de volta a Jackson.

— Perdão. — ele disse, dando uma “checada” nela. — Não achei que havia alguém aqui. — Ele parecia gostar do que via.

E ela *certamente* gostava. Em um tom ronronante, ela disse.

³³ Espécie de coldre ou estojo usado por arqueiros para transportar as flechas.



— Baixo o meu arco se baixar o seu, bonito.

Depois de uma hesitação, ele começou a baixa-lo.

Eu quis gritar, “*Não, eu não confio nela!*”, mas ela tirou a flecha do arco e a colocou na aljava.

Agora que a ameaça imediata havia passado, ela passou o olhar sobre ele, demorando-se no seu peito nu.

— Que Ducati³⁴ linda você tem.

Jackson ergueu os ombros?

— A consegui hoje.

Jogando o cabelo para trás, ela disse.

— Meu nome é Selena Lua.

Agora sabia o nome de uma das vozes. Porque ela estava bem diante de mim. Uma das Arcanas Maiores. O que mais poderia descobrir dela? Tinha que falar com ela em particular...

— Não disse — Jackson murmurou para mim — que esse lugar seria uma *beleza*?

Quando eu fervei de raiva, ele disse para a garota.

— Meu nome é Jackson Deveaux, *você* pode me chamar de Jack. — Ele acenou na minha direção sem consideração. — Esta é Evie.

Com outro olhar breve — e sem nenhum brilho de reconhecimento nos olhos — Selana voltou a olhar para Jackson como se estivesse atraída por um imã.

— Não recebo muitos visitantes. Se quiser, tudo bem para mim que passem a noite aqui.

Aposto que sim.

Jackson se voltou para mim com um sorriso diabólico. Em francês, disse.

— De repente, Evie, você não é mais a última garota no mundo para mim.

³⁴ Fábrica Italiana de motocicletas.



Capítulo 28

O chamado Arcana de Selenia era “Contemple Aquela que Traz a Dúvida.”

No momento, estava imersa em dúvida.

— Aqui, Evie. Toalhas limpas. — Ela colocou uma pilha na pia do banheiro da minha luxuosa suíte de hóspedes. — Há cosméticos e produtos de higiene pessoal nos armários. E há muita água quente, então aproveite!

A minha vida inteira, tinha me dado a todos os trabalhos possíveis para fazer novos amigos. E ali estava outra *garota*. Enfim! Não tinha visto uma em meses, muito menos uma a quem estava ligada de algum modo.

Então por que não gostava dela com intensidade tão absurda?

Mais cedo, quando apertei sua mão, sua voz em minha cabeça foi de extremamente alta para *silenciosa*. Como se estivesse abafada. Talvez eu devesse encontrar cada um dos que falavam, para silenciar cada voz — e preservar a minha sanidade?

A expressão dela não traía nada fora do normal. Na verdade, ela parecia um pouco nervosa por eu fitá-la tanto. Mas tinha um pressentimento muito esquisito de que seu comportamento era falso. Os olhos dela pareciam vazios demais no que dizia respeito a um possível reconhecimento.

Ainda assim, ela nos recebeu de braços abertos em sua casa. Tinha se dado ao trabalho de fazer amizade comigo, tão gentil e generosa quanto poderia ser.

Minhas visões dela não me diziam nada de *definido*. Nelas, ela havia me assustado, mas também salvado as pessoas que amava.

Comecei a suspeitar que minha antipatia era baseada em... ciúmes insignificantes — porque as atenções de Jackson tinham se concentrado de uma hora para outra na Selenia de pernas belíssimas.

Agora ele estava com o ombro escorado na parede do banheiro, me ignorando completamente, bebendo outra cerveja enquanto Selenia conversava sobre o quanto era ótimo ter companhia. Ela ficou sozinha desde o Flash e estava quase ficando louca de tanto isolamento.

— Uma ocasião assim pede um churrasco. — falou, claramente empolgando Jackson. — Estive caçando mais cedo, peguei duas codornas hoje, preparem-se para um banquete.

— Obrigada, Selenia. — eu disse. — E obrigada pelas roupas. — Ela me deixou vasculhar seu closet e escolher “as roupas que quisesse”.

— De nada, flor. Agora, vamos, bonitão. Vamos ver o seu quarto.

Na estrada, eu e Jackson nunca tínhamos nos separado.

— O quarto dele?

Dando a ele outro olhar admirador, ela ronronou as palavras.

— Ele vai apreciar a melhor vista de uma suíte... na minha ala da casa.

— Ficarei sozinha aqui?

Jackson ainda não tinha me olhado.



— Não se preocupe. — Selana deu uma risada, batendo o quadril no meu. — Já varri a floresta ao lado dos Sugadores. Muitos alvos para praticar. — Ela piscou para Jackson; ele sorriu. — Também fiz linhas de sal em volta da casa. E também tenho sensores de movimento.

Uau! Uma super-heroína habitual. Em Haven, tinha conseguido bloquear as portas da frente.

— Me diga se precisar de mais alguma coisa. — ela disse. — Vamos jantar na varanda em uma hora.

Abri os lábios para dizer algo a Jackson — algo que o fizesse ficar — mas ele apenas me deu aquela levantada curta do queixo e então seguiu Selena para *a ala deles* na mansão.

Tanto que ele insistiu para que sempre dormíssemos juntos no mesmo lugar.

Assim que eles se foram, as vozes voltaram a cochichar. Lutei para moderá-las, dizendo a mim mesma que *nada* poderia arruinar meu primeiro banho de verdade desde o Flash.

Errado.

Debaixo da água quente, minhas bochechas arderam onde a barba nascendo de Jackson roçou na minha pele, me lembrando do quanto a minha noite decaiu.

Com certeza ele não podia transferir o interesse de uma garota para outra assim sem mais nem menos. Tínhamos *algo* entre nós, certo? *Isso diz a garota com tão pouca experiência com garotos.*

Depois de ter tomado banho e secado o cabelo, vesti uma minissaia jeans escura — que quase batia nos meus joelhos, mas era apertada no bumbum — e uma regata vermelha mais do que reveladora. Decidi ficar descalça. Nenhum dos sapatos de Selena serviram e me recusava a colocar minhas botas molhadas. Além do mais, *era* uma refeição à beira da piscina.

Olhei-me no espelho, meu humor melhorando. *Nada mal, Greene.* Meus olhos pareciam iluminados, meu cabelo limpo e brilhoso. O top modelava meu peito, o que Jackson com certeza apreciaria.

Aquilo não tinha acabado. Um último olhar e desci as escadas.

Lá fora na varanda, Selena e Jackson bebiam cerveja e grelhavam as codornas — enquanto discutiam *tensões de corda de arcos.*

Ao invés de anunciar a minha presença, decidi observá-los das sombras, colhendo informações sobre Selena.

Meu humor azedou mais uma vez quando vi seu look devorador de homens: uma blusa colada ao corpo com os ombros à mostra de alta-costura, uma microminissaia e saltos de dez centímetros. Seus olhos dançavam quando olhava para Jackson.

Com o rosto barbeado e suas roupas novas — uma camiseta preta, jeans rasgados e botas — ele parecia ainda mais lindo que o normal.

Ela riu de algo que ele disse, passando os dedos pela cicatriz em seu braço, não tendo ideia do que ela significava para ele — para *mim...*

Outra piada, outra risada, outra rodada de cervejas.

Outro roçar de dedos. Ela parecia aproveitar cada oportunidade de tocá-lo.

Ele *deixava*. Só uma hora atrás, estava tentando dormir comigo. Agora estava se embebedando com aquela garota estranha sob a luz da lua.

A Que Traz a Dúvida? Oh, mas ela trouxe mesmo.



Evidentemente ele não a *via* como uma terrível provocadora. E ela o cobria de atenções. Por que não cobriria? Jackson era lindo, forte e um protetor incrível.

Não que a Lara Croft precisasse de ajuda no departamento proteção. Seu arco longo estava de pé bem ao lado do de Jackson, os dois a fácil alcance.

Que fantástico.

Ela nem ao menos sabia como ele beijava bem.

Jackson parecia prestar atenção a cada palavra que ela dizia quando a conversa passou para os roncos dos motores de motos e jogos de rodas.

Jogos. De. Rodas.

Como Selena podia saber de tudo isso? Era como se eles falassem uma língua estrangeira que eu nunca conseguiria aprender.

Meu coração afundou quando ela bebeu da cerveja dele, e então devolveu a garrafa, como se eles fossem um casal.

Lá em Haven, limpei a garrafa dele com a manga.

Sua atração por mim realmente foi só pela falta de escolha. Gostou de mim devido à *nécessité*. Como prontamente admitiu. *Mas se lhe fosse dada uma escolha...*

Ele nunca iria querer deixar aquele reino de cerveja, eletricidade e arqueiras de belas pernas. E eu precisava dele para chegar até a vovó.

Só para chegar até ela. Por nenhum motivo mais.

Nenhum.

Talvez não devesse me abater e deixar que o tivesse assim tão facilmente. Lembrei o quanto era possessiva em relação a Brandon. Pensei no que Mel diria:

— *Deixe de ser uma fresca e vá pegar seu brinquedo de volta. O que você é? Carne moída?*

Selena perguntou a ele.

— Pode dizer “*voltarmos lá*” de novo?

Ele obedeceu. Com seu sotaque aquilo soava diferente.

— Cajun é tããã sexy, J.D.

J.D.? Ok, aquele era o fim da picada!

Andei até a varanda, sorriso falso no lugar.

— O jantar está com um cheiro delicioso.

O olhar de Jackson me varreu. Pensei detectar uma aprovação em sua expressão, mas depois ele desviou os olhos como se mal suportasse me olhar.

— Bem na hora, Evie. — disse Selena. — Já tenho tudo pronto.

Eu olho para a mesa externa, imaculadamente posta com uma boa prataria e guardanapos de linho. Pratos cobertos emitiam fumaças com aromas de dar água na boca.

— Temos codorna, aspargos e risoto de cogumelos. Torta quente de maçã de sobremesa.

Sorri fracamente. *Martha Stewart ligou querendo seu posto de volta.*

— Posso ajudar?

Jackson bufou. E Selena bateu no seu peito de maneira brincalhona, como se ele fosse o seu namorado travesso.

Com isso, a raiva inicial que sentia se transformou num *vou cortar essa vadia*.



Não, não, não. Tinha que pensar naquilo de maneira racional! Ela podia me ajudar a descobrir mais sobre os Arcanos.

Mas também, a ajuda de Jackson era fundamental para que chegasse até a vovó, para que descobrisse *tudo*, e eu estava perdendo ele.

Sempre educada, Selena abriu uma cerveja suave para mim.

— Tome.

A última coisa que precisava era perder o controle, mas tomei um gole por educação.

— Saúde.

— Vocês se sentem. J.D., você aqui. — Ela apontou para a cadeira bem ao seu lado, o que me deixou do outro lado da mesa, sozinha.

Quando eles começaram a comer, Jackson *grunhiu* na primeira mordida. *E ela também sabe cozinhar.*

Minha boca estava cheia d'água, mas eu estava nervosa demais. Continuei imaginando o quão perigosa — e solitária — a estrada seria sem ele.

Aquela era a única razão por eu estar com vontade de chorar. *Não* porque ele tinha me dito que tomaria conta de mim, fazendo isso soar como uma promessa.

— Não está com fome? — Selena me perguntou.

— Não se preocupe com ela. — Jackson serviu-se de mais risoto. — *Plus pour nous.* — Mais para nós.

Parecia que ele não estava mais preocupado em fazer uma garota atingir o maior número existente de sutiã. Porque tinha *parado de pensar nisso...*

Durante o jantar, fiquei sabendo de todas as coisas que J.D. e Lara Croft tinham em comum. Pensei em sugerir outro jogo com bebidas: Dê um gole toda vez que Selena disser a Jackson.

— Fala sério! Eu também!

Eles amavam caçar e pescar. Os dois praticavam arco e flecha desde crianças. Selena modestamente admitiu que tinha treinado para as Olimpíadas nessa modalidade antes do Flash.

Jackson parecia muito mais impressionado com isso do que com os meus troféus de dança.

Ela e Jackson logo fariam dezenove. Assim que percebeu que eu era mais do que dois anos mais nova, Selena começou a falar num tom condescendente, como se eu fosse a vela irritante e forçada do casal.

— Oh, não, J.D., eu dei uma cerveja a ela! — Tinha gritado, dando uma cotovelada nele.

— Devíamos pegar de volta?

Não pedi a cerveja. Agora eu a desafiava a pegá-la.

Maravilha das maravilhas, Selena também corria de moto, até correu contra garotos.

Na verdade, ela disse a Jackson alegremente.

— Corria tanto todo final de semana que a minha família conseguiu pra mim meu próprio tanque de gasolina tamanho industrial. Ainda está na metade. Ei, podíamos correr amanhã, se o clima continuar assim. Não vai acreditar nas trilhas em que posso te levar, J.D.

Era como se Selena tivesse sido feita na fábrica exclusivamente para ele. Qualquer esperança que eu tinha de manter sua atenção morreu.



Eu não ligava — *não mesmo*. Mesmo se ele gostasse de mim, eu não tinha nada a lhe oferecer e também não iria querer um motoqueiro Cajun ladrão. Ainda mais um bêbado.

Embora não tivesse terminado a cerveja, ele e Selena trituravam as deles.

Como se sentisse meus olhos nela, Selena me encarou.

— Se não gosta da codorna, posso fazer outra coisa para você. Tenho um armário cheio de latas, comidas congeladas, e vegetais em conserva. É só me dizer, querida.

Querida? Ninguém me chamava assim a não ser a minha mãe. Pensando em mamãe, me forcei a ser educada.

— Você é muito gentil. Mas eu estou cheia. — Me virei para Jackson. — Posso falar com você depois que terminarmos de comer?

— Sobre o quê?

— A viagem de amanhã.

Ele estreitou os olhos.

— *Non*. Não há nada do que falar.

Meu rosto esquentou devido ao seu tom indiferente.

Selena piscou os olhos em confusão.

— A viagem de amanhã? Para onde vão?

Jackson não tinha contado a ela? Eu me senti como se não pudesse evitar dar uma resposta.

— Carolina do Norte.

— J.D. me disse que vocês podiam ficar por um tempo.

— J.D. disse?

Ele meramente levantou as sobrancelhas para mim, sua expressão dizendo, *O que vai fazer a respeito?*

Comecei a compreender que eu estava mesmo prestes a ficar por conta própria.

— Então, o que há na Carolina do Norte, Evie? — Selena quis saber.

— Tenho família lá. Uma avó.

— Bem, não tem que ir tão rápido. Eu amaria a companhia, mesmo por alguns dias. E é realmente seguro aqui — nenhum Saqueador, nenhum tipo de milícia. — Ela tocou o braço de Jackson pela milésima vez. — Ainda há o que se fazer por aqui. Nós três podíamos fazer uma limpeza.

— Evie? *Caçar?* — Ele deu uma risada zombeteira, e, Deus, como doeu. — Ela não sabe atirar, não, não sabe fazer muita coisa. — Ele estalou os dedos de maneira embriagada. — oh, espere, ela é especialista em olhar pros outros por cima do nariz.

Enquanto fico ali sentada, queimando de humilhação, o olhar de Selena ia e voltava entre eu e Jackson.

Fiz um esforço para ser agradável.

E olhe só como aquilo deu certo. Não podia competir com a garota enviada dos céus que amava tudo o que ele amava, que conseguia falar como uma expert sobre todas as coisas pelas quais era apaixonado.

Então o que eu tinha a perder?



— Também sou boa em *guardar segredos*. — murmurei para ele com um sorriso sereno. — Aparentemente, isso deixa alguns caras malucos. — *Ela atira; ela marca um ponto*.

O olhar de desprezo dele aumentou.

— Segredos não esquentam uma cama à noite.

Já chega.

— Se vai agir como um idiota, J.D., eu vou dormir. — Para Selenia, eu disse — Obrigada pelo jantar. Desculpe por não poder ser uma companhia melhor. Mas aproveite esse aqui, esse cara tem *muita classe*. Um verdadeiro cavalheiro.

Quando levei o meu prato para a pia da cozinha, ouvi Selenia rir abafado de algo que Jackson disse. Ele estava contando alguma história sobre a minha falta de jeito? Sobre a minha falta de noção?

Deprimida, vou para o meu quarto, vendo com indiferença as fotos da família pelo corredor.

Selenia não estava em *nenhuma* delas. Não vi nenhuma foto dela atirando aquele arco em um torneio, nem orgulhosamente correndo numa pista de motocross.

Estranho.

De volta ao meu quarto, achei uma folhas de impressora e uma caneta em uma das gavetas da escrivaninha. Estava me coçando para desenhar Jackson quando ele me olhou na piscina, seu rosto iluminado pela lua.

Doía muito desenhá-lo; doía muito não fazê-lo. Tinha acabado de pegar a caneta com a mão tremente quando uma batida soou na porta.

Como queria que fosse ele!

Tê-lo dormindo no mesmo quarto que eu, como tínhamos feito por semanas.

Mas ele nunca teria batido.

— Entre.

Selenia entrou, visivelmente embriagada. Igual a uma Fulana do Canal.

— Ei, Evie, podemos ter uma conversa de mulheres? — Ao invés de sentar ao pé da cama, protocolo padrão para papos entre garotas, ela vai até a penteadeira, checando sua cabeleira quase na altura da cintura no espelho.

— Claro. Tem algo que também quero falar com você.

— Oh? E o que é?

— Hoje mais cedo quando nos conhecemos, parecia que já me conhecia? Já?

Ela me olhou pelo espelho com uma expressão indulgente.

— Hum, não. Quando teríamos nos conhecido?

— É que pareceu...

— Eu fiquei surpresa por ver uma *garota*, Evie. Você é a primeira mulher que vi depois do Flash. Não há mais garotas.

Aquilo fazia todo sentido. Então por que eu tinha a sensação de que ela estava mentindo?

— Sobre o que queria falar comigo?

— Queria me certificar que você e Jackson não estão juntos.

— Como é que é?



— Às vezes os garotos falam para outras garotas que estão solteiros e coisas do tipo... bem, sabe como é, namorada. Queria confirmar com você.

Tentei fazer meu tom soar casual.

— O que ele disse da gente?

— Perguntei se vocês eram exclusivos e ele disse enfaticamente que não.

Fui tão ingênua! Quando ele me disse que ia *cuidar de mim*, tinha dito em *outro* sentido — aquele normalmente acompanhado de gestos vulgares com a mão ou com um mexer de sobrancelhas.

Claro, sabia que Jackson era um conquistador, mas imaginei de forma estúpida que havia algo especial entre nós. Ele só queria transar.

Mesmo pós-apocalipse, as coisas *continuavam* as mesmas.

Enquanto Selenia olhava seu reflexo, apertando as bochechas para que ganhassem cor e puxando a blusa para mostrar mais decote, percebi que as chances dele eram promissoras.

Provavelmente usaria aquela camisinha naquela mesma noite. Meu rosto ficou quente por lágrimas não derramadas. Não querendo nada mais do que me livrar logo dela — por enquanto — disse.

— Ele está certo, Selenia. Não existe nenhum RE³⁵ entre nós.

— Oh, graças a Deus! — ela disse com uma expiração de alívio. — Eu gosto *mesmo* dele, Evie. Nunca esperei conhecer um cara. Aqui. Com você. Muito menos que ele fosse um par tão perfeito para mim. — Em um tom mais brando, ela disse. — Eu sempre pensei que ficaria sozinha para sempre. Nunca esperei... *ele*.

Pela primeira vez, sinto que ela está sendo sincera. E isso me fez me perguntar: Ela esperava por *mim*?

Parecendo sair dos próprios pensamentos, ela adotou uma postura enérgica.

— Vou dizer a ele que você foi tão enfática quanto ele e tirar qualquer mal entendido do caminho. Vejo você de manhã!

Sim, pela manhã, investigaria mais aquela garota. Por enquanto planejava me engasgar em lágrimas e vozes.

³⁵ Relacionamento Exclusivo.



Capítulo 29

DIA 236 DEPOIS DO FLASH

— *Preciso falar com você...*

Na manhã seguinte, ouvi Matthew na minha cabeça, poucos segundos depois de acordar. Estava grogue e com os olhos inchados, bocejando depois do meu sono interrompido.

— Matthew, não vai acreditar nisso, mas um dos Arcanos está aqui, *Aquela que Traz a Dúvida*.

— *La luna. Ela é a Carta da Lua. A Arqueira...*

Então, se todo Arcano tinha poderes supernaturais, o dela era a o arco e flecha? *O comitê Olímpico desaprova o uso de aumentadores de desempenho, Selenia*. Ou costumava desaprovar.

— Encontrá-la foi louco. — disse a Matthew. — Eu ouvi seu chamado tão claramente, e então puf, a voz dela em minha mente se calou. E quando nos vimos pela primeira vez, vi algo aparecer na frente dela, como uma foto.

— *Tableu. Uma carta. É como nos reconhecemos. Mas, Evie...*

— Eu sabia. Ouvi a voz dela por meses, e agora estou em sua casa? Isso é esquisito demais. — Estiquei os braços acima da cabeça, surpresa pela minha dor de cabeça não estar pior.

A dor era tolerável — mesmo que ele soasse muito mais alto do que o normal. Eu havia cortado um pouco da distância entre nós?

— Então a Lua é boa? Ou má, como Ogen? — Queria que Matthew dissesse que ela era que nem El Diablo, ou pior que ele! Seria forçada a levar Jackson para longe dela.

— *Boa ou má?* — Matthew soava confuso pela minha pergunta. — *Ela é a Lua. Mas, Imperatriz, precisamos conversar...*

— O que foi? — Esfregando os olhos, joguei as pernas do lado da cama e fico de pé.

A cama desapareceu atrás de mim.

— Matthew?

Eu não estava mais no quarto de hóspedes de Selenia. Me vi na sala de jogos do porão de Matthew, mas a água subia em volta das nossas pernas. Sua calça cáqui e camisa de manga longa de botões estavam ensopadas. Ele tremia de frio.

Uma luz brilhava em uma parede próxima, me permitindo enxergá-lo com clareza. Seu rosto e cabelo estavam pingando, suas sobrelanceiras juntas.

Sabia que suas feições eram calmas e que tinha olhos castanhos profundos. Mas agora podia ver manchas mais claras em seus olhos, conseguia avaliar a força de seu físico delgado. Ele era quase tão alto quanto Jackson.

— Por que está aqui em baixo e de onde toda essa água está vindo?

Obviamente, ainda havia grandes reservas de água pelo mundo — só tínhamos que encontrar uma.

E então *protegê-la*.

— Tremores. — disse ele. — Canos estouraram. Torre de água.



— Então o lugar inteiro pode inundar? — Quando ele assentiu, eu disse. — Matthew, você tem que deixar esse porão imediatamente!

Ele continuou imóvel, como um cão que foi ordenado a permanecer sentado no meio de uma rodovia movimentada.

— Não posso. — Ele parecia tão patético, tão perdido, seus grandes olhos castanhos movendo-se com rapidez.

— Sim, você pode! Saia *agora*. — ordenei, desejando poder sacudir os seus ombros. O sentimento protetor que sentia por ele me assustou.

Sacos de sementes flutuaram e passaram pelas nossas pernas quando a água subiu gradualmente.

— Não posso. — repetiu. — Minha mãe me trancou aqui.

— Por que ela faria isso com você? Ela *sabe* que o porão está inundando?

Ele assentiu. Como ela podia condená-lo a se afogar?

— A mãe sabe o que é o melhor para o Matthew. — Ele esfregou as palmas nos braços. — A mãe sabe que eu não devia ficar no carro. Não devia ter consertado o motor. Matthew malvado, malvado!

— Não entendo o que está dizendo! Garoto, *preste atenção*. Tem alguma janela? Tem que haver um jeito de sair! Você é forte... Vá arrombar a porta!

— O relógio parou. Não é preciso ver o futuro para saber disso.

— O que isso quer dizer? Tipo, você vai morrer? — A ideia me abalou. Eu tinha esse amigo em algum lugar no mundo esperando por mim. Agora eu ia perdê-lo?

— A mãe morreu. Vou segui-la.

Não, ele não pode morrer!

— Eu vou atrás de você! Onde você está? — *Por favor, esteja perto para que possa alcançá-lo a tempo...*

Ele me deu um sorriso triste.

— Sempre estive no seu caminho.

— A visão vacilou, então mudou para um tempo antes do Flash.

Ele estava em um pátio, em um churrasco com outros garotos, mas eles não falavam com ele. Então ele saía vagando, andando completamente sozinho quando uma *rocha* explodiu a certa distância.

— Rocha? Ou, meu Deus! Você está em Houston! Ou... ou na *Flórida*! — Justo quando comecei a desaparecer, vi uma estrada de terra montanhosa marcada com sulcos com madeira. Montanhosa?

Então vejo claramente a camiseta que ele usava. CAMPO ESPACIAL DE HUNTSVILLE.

— Huntsville! No Alabama? — Só mais um estado.

Mas bem ao norte.

— Matthew, há quanto tempo começou a inundar?

— Algumas horas. — Então, mais ou menos um pé a cada duas horas. Talvez?

Podia chegar a Huntsville a tempo — se conseguisse convencer Jackson a me levar e os ventos cooperassem.



— Estou indo atrás de você, garoto. Aguenta firme!

Assim que a visão morreu, me apressei a me vestir com outras roupas emprestadas — um jeans apertado demais no meu traseiro e uma camiseta comprida demais. Coloquei as botas depois de calçar um par de meias imaculadamente brancas.

Minutos depois, descia a escada correndo com a minha mochila sempre preparada.

Encontrei Jackson na cozinha, sem camisa, usando apenas o seu novo jeans. Estava sentado com a cabeça nas mãos na mesa de café da manhã, enquanto Selena — vestida em um robe curto de seda — preparava ovos mexidos para eles de modo feliz.

Ela serviu a ele um copo grande de alguma bebida de laranja, e então colocou uma dose generosa de vodka. Ele aceitou a bebida sem dizer uma palavra, consumindo metade do copo com um só gole.

Quando ela esfregou as juntas do indicador no cabelo dele, percebi que provavelmente estava testemunhando a manhã pós-sexo deles. E sentia vontade de vomitar.

Aquela cena doméstica varreu qualquer esperança de que Jackson não tinha dormido com ela. Ele achou uma garota que “se conformava”. E eu sabia que ele nunca deixaria esse Shangri-la³⁶ de caça, comida gourmet e sexo.

Não pela ex-líder de torcida irritante que não conseguia nem esquentar a sopa.

A que sempre tornava as coisas tão difíceis para ele. A terrível provocadora.

Mas pelo bem de Matthew, ainda tentaria conseguir a ajuda de Jackson. *Mesmo que ele não me escolhesse.*

Esperando conseguir evitar as lágrimas, assumo um ar alegre.

— Bom dia, gente.

Ele passou o braço na boca. Em um tom homicida, disse.

— Aonde vai, Evangeline?

— Para o mesmo lugar que sempre venho indo, Jackson. — *Só preciso dar uma paradinha rápida para salvar a vida de um garoto.*

Selena sentou no balcão e cruzou suas pernas longas, sem se preocupar quando seu robe se abriu até a parte de cima das coxas. Mas ei, Jackson já tinha visto todos os seus dotes, certo?

— Evie, eu falei com J.D. ontem à noite — e vocês são mais do que bem-vindos para ficarem aqui pelo tempo que queiram. Tipo, até de forma permanente.

Eles tinham conversado, e estavam estendendo o convite. Minhas garras coçaram — como se estivessem despertando.

— Obrigada pela oferta, mas eu tenho que ir.

— Realmente deixaria toda essa comida e água para trás? — Ela perguntou. — A eletricidade e a segurança?

Sim, a mansão dela era perfeita. Perfeita *demais*. Um lugar como aquele poderia tentar uma garota a desistir de sua missão se não tivesse cuidado.

— A Carolina do Norte é um território de canibais e de praga. — ela continuou. — Qual é a pressa? — Ela parecia bem determinada em querer ir até o fundo daquilo.

³⁶ Paraíso.



Jackson não tinha lhe contado os detalhes? Não durante a farra da cerveja de ontem à noite, nem durante a — como é que se chama — *conversa de travesseiro*?

Tinha que admitir que estava surpresa.

— Como eu disse ontem à noite, vou me juntar à minha avó lá. Meu lugar é com ela.

Selena deu um gole da bebida de Jackson.

— Por que acreditaria que ainda está viva? Odeio dizer isso, mas ela provavelmente não está, sabe?

Jackson levantou as mãos.

— Exatamente o que eu disse a ela!

— Tem que haver mais nisso do que uma vovó desaparecida. — disse Selena. — Ela nunca iria querer que sacrificasse a segurança que poderia encontrar aqui só para localizá-la. Tudo o que há lá é morte e mais morte.

— *A água está subindo!* — Matthew gritou, fazendo minha cabeça pulsar.

Lutando para me concentrar, murmurei.

— Ela *está* viva.

A carranca de Jackson aumentou.

— Não vai nem considerar ficar aqui? Nem ao menos por alguns dias?

Dias? Meu temperamento se incendiou. Eu nem tinha *horas*!

— Você sabe que eu tenho obrigações. Eu cumpro as *minhas* promessas. — Mordi a língua assim que disse isso.

— Ohhh. — disse Selena — Isso é por causa da discussão que tiveram ontem à noite? Sem ofensa, querida, mas parece totalmente precipitado da sua parte sair correndo desse jeito.

Ela fez soar como se eu estivesse indo embora de birra. Enquanto me comandava a controlar meu temperamento, o pensamento mais estranho me veio: *Ela está me alfinetando para que eu justifique a minha partida, então eu revelaria porque ela era tão importante.*

Mas por que ele se importaria? E se ela fosse ardilosa, isso significava automaticamente que era perigosa?

Mesmo se estivesse tentada a argumentar com Jackson o que estava em jogo, eu temia que lhe contasse.

— Obrigada pela sua preocupação, Selena, mas eu vou indo. — Encarei Jackson. — Você vai comigo?

Ele estreitou os olhos.

— Ela disse que você pode ficar.

Calma. Respire, Evie.

— Então é aqui que nos... separamos?

— Estou bem aqui.

Não chore, não chore. Engolindo meu orgulho, eu disse.

— Ok, mas, por favor, pode me levar até onde metade do tanque nos leve, para que possa voltar?

Ele cruzou os braços.

— *Non.* — respondeu, estudando a minha expressão.



De algum modo me forcei a me virar para Selena e articulei as palavras:

— Posso, por favor, pegar a sua moto emprestada se jurar trazê-la de volta? — *Como se eu soubesse pilotar uma.*

— Docinho, pegue o que mais precisar, qualquer coisa. Mas ela é o meu único meio de transporte.

Com um sentimento terrível, eu percebo que aqueles dois não vão me ajudar de modo algum. Estavam felizes por me verem sair por aquela porta, para que enfrentasse a estrada sozinha.

O que significava que só estava perdendo o meu tempo. O tempo precioso de Matthew.

— Ok, então, eu preciso ir.

Ontem Jackson achou uma moto na estrada. Talvez pudesse achar um carro? A droga de um teletransportador?

— Oh, eu quase esqueci.

Abrindo a mochila, tirei aquela cópia de *Robinson Crusoe* e joguei-a no balcão.

— *Bonne chance*, Jackson.

Justo antes de eu me virar em direção a porta as sobrancelhas dele se juntaram e aquele músculo pulsou em sua mandíbula.

Selena disse.

— Evie, ao menos nos deixe lhe arrumar uns suprimentos e algumas coisas de acampamento.

Meus ombros enrijeceram, mas eu continuei. Do lado de fora, murmurei, “Nos deixe lhe arrumar?” *Eu já peguei todas as suas barras energéticas, vadia.*

Vou correndo até o fim da entrada, dizendo a mim mesma que não tinha tempo para chorar por Jackson. O medo de Matthew era palpável, sua voz ficando mais e mais alta até apagar as outras. Talvez fosse por ele estar tão próximo de mim?

Ou era porque estava aprendendo a me concentrar em apenas uma por vez?

Quando acionei os portões de entrada para que abrissem, imaginei Jackson correndo atrás de mim, implorando perdão. Mas saí da propriedade para a rua sozinha.

Ele nem disse adeus.

Precisava chegar a um posto de gasolina, pegar um mapa do Alabama, e então esperar por um milagre na forma de um carro funcionando. Merda. Provavelmente devia ter pedido a minha pistola de volta. Mas tinha me acostumado com Jackson manejando as armas, e nunca aprendi a atirar mesmo.

Minhas garras seriam o suficiente para me proteger? Se eu pudesse fazer com que emitissem chamadas?

Na hora que cheguei à primeira encruzilhada, senti uma leve brisa.

Temendo os ventos vindouros, fiquei no meio da interseção, tentando adivinhar que direção devia tomar.

Esfreguei minhas têmporas latejantes. Precisava ir para o norte. Que ficava para *onde* exatamente?



Quatro escolhas possíveis. Estava totalmente perdida, nada surpreendente considerando o meu senso de direção — como também o fato de estar dormindo quando chegamos ali à noite.

Olho para o sol como se pudesse determinar meu caminho pela sua posição. Aposto que Selenia podia.

Ei, Matthew, vou precisar de ajuda aqui.

Outra vez eu tenho aquela visão da rocha, acompanhada por uma nova onda de dor.

Não, não... preciso de ajuda para sair desse loteamento!

Estava começando a entrar em pânico, me ordenando a escolher uma maldita direção, qualquer uma. Tinha acabado de virar para a direita quando Jackson veio caminhando da esquina com aquele modo de andar ameaçador. Tinha vestido uma camiseta branca, do avesso; suas botas não estavam amarradas.

A pistola estava amarrada aleatoriamente em volta do seu ombro. Ele não perdeu tempo em me insultar.

— Você é uma idiota, Evangeline Greene!

E eu pensando nele implorando o meu perdão. Por entre os dentes, perguntei.

— Jackson, não acho que tenha vindo aqui por ter mudado de ideia? Sobre me levar por meio tanque? — Era um tiro no escuro, mas...

— Vim aqui para ver se você era *coo-yôn* o bastante para ir embora sozinha. Nem ao menos sabe para onde fica a Carolina do Norte!

Não tinha tempo pra isso!

— Achei que devia seguir para o *Norte*. — Continuei andando.

— Então por que está indo para o *Oeste*?

Voltei correndo para a interseção e mudei de direção, mas ele começou a rir.

— Agora, está indo para o Sul, *peekôn*.

Dei um giro de cento e oitenta graus.

— Agora sim. — disse ele, me seguindo quando aumentei a velocidade.

— Norte! Acho que aquele ditado é verdade: Mesmo um porco cego consegue achar uma trufa de vez em quando.

Ooh! Olhei com raiva por cima do ombro, mas continuei. Ótimo. Os ventos estavam aumentando.

— Por que está tão determinada a partir?

— Não é só para cortar o seu barato. — disparei de volta. — Eu lhe disse desde o começo que tinha que fazer isso. E agora você deixou claro que quer ficar aqui indefinidamente.

— *Água! Subindo!* — A urgência de Matthew era como um gongo soando pela minha mente. Quase não resisti à vontade de segurar a testa.

— O que quer, Jackson? O que mais há a dizer? Eu pedi a sua ajuda e você recusou!

— E aí você simplesmente deu o fora. — Em uma voz baixa, ele disse. — É tão fácil *assim* me deixar para trás?

— Você está falando sério? — disparei. — Depois de ontem à noite? — No mesmo momento, me arrependi de ter dito aquilo.

O que ele e Selenia fizeram não era da minha conta.



— Porra, Evie! — Ele me alcançou com a cara fechada. — O que há de tão errado assim em tentar dormir com você? Você age como se eu fosse um idiota só de considerar a possibilidade!

— *Imperatriz!* — Não conseguia pensar, apressando ainda mais o passo.

Mas Jackson me acompanhava.

— Sou bom o bastante para ser uma companhia de viagem, para vadiar, mas não para transar? Você pode tirar a garota de Sterling, mas...

— Não é isso... Não é algo que eu simplesmente vá jogar fora com um garoto como você.

Ele ficou imóvel. Não pude evitar olhar por cima do ombro outra vez.

Ele tinha apertado os punhos até os tendões do seu pescoço ficarem tensos.

— Como eu? — Ele jogou a cabeça para trás e urrou para os céus antes de me encarar. — *O que há de tão errado comigo?*

Ele se jogou para frente, segurando meu braço.

— É por que eu não tinha dinheiro? É isso? Por causa de onde eu vim? Desde o primeiro dia que nos conhecemos você me olha por cima do nariz. Riu de mim, mexeu com a minha cabeça.

— Dinheiro? — Como começamos a falar *disso*? Todo conceito de dinheiro estava desaparecendo da minha mente, tendo tanto significado para mim como ingressos de cinema e sites de busca.

Minhas têmporas estavam doendo, o vento me bombardeando, assim como a confusão. Quando eu tinha estragado a cabeça dele?

— Do que está falando? — Puxei meu braço, voltando a andar.

Ele me seguiu.

— Na escola, você me tratava como se eu fosse algo que precisava para poder passar a sola das botas!

Não me importei em esconder a minha perplexidade.

— Eu sempre fui legal com todos. *Todos*. Nós apenas começamos com o pé esquerdo. E as coisas só pioraram depois.

Diminuí o passo quando cheguei a outra interseção. Todas as mansões por ali tinham portões, todas pareciam similares. Eu estava me metendo mais naquele bairro? Virei á direita de novo.

Assim como Jackson.

— Me diga que você nunca pensou na diferença do modo como fui criado — e do modo como você foi. Ou no que viu na minha casa naquela última noite!

— Oh, eu penso nisso. E me arrependo de julgar você por surrar aquele homem. Ou ao menos me arrependia antes de você agir como um imbecil! Por que está trazendo o passado para essa conversa, afinal?

— Porque você disse um *garoto como eu!*

— Sim, um garoto egoísta como você.

— Egoísta? Está me *chamando* de egoísta?

— Na piscina, achei que estava me perguntando se eu queria beijar mais... e então a próxima coisa que vejo é uma *camisinha*? Você não estava nem aí se fiquei apavorada por você ter avançado *todas* as bases que eu achava que existiam, nem nervosa com a sua proteção que



parecia tão primitiva, nem... nem pronta para ir tão rápido daquele jeito! No geral, não esperava que se declarasse, tipo, seu amor eterno por mim nem nada. Mas para a minha primeira vez tinha esperado mais que “as escolhas são poucas por aí”.

Ele jogou a cabeça para trás, parecendo perturbado.

— Por que não me disse nada disso?

— Eu comecei! Mas você ficou todo nervoso — como se estivesse dando choque — e fiquei com raiva por ter parado de fazer coisas... coisas que eu tinha... gostado *de verdade*. — Deus, aquilo era vergonhoso! — Nada disso importa de qualquer forma. Olhando para trás eu fico feliz que tenha sido do jeito que foi.

— E por que isso, hein?

— Eu não quero ficar com um garoto que consegue me substituir em um piscar de olhos com uma garota estranha da qual ele não sabe nada a respeito! — Embora estivesse gritando com ele, sua raiva parecia diminuir cada vez mais.

— Essas são as únicas razões? — perguntou em voz alta por causa dos ventos.

Gritei.

— Não é o bastante?

Outra interseção?

— *IMPERATRIZ!*...

Estremeci de dor dessa vez, pegando outra vez á direita.

— E como ousa me chamar de péssima provocadora, Jackson? *Você* que é o provocador. Achei que as coisas estavam ótimas até você me puxar o tapete! Então nós dois estávamos esperando por algo impossível.

Jackson e eu estávamos lado a lado, sem fôlego, encarando um ao outro. Então ele simplesmente assentiu.

— *Concordando?* — Quase berrei a palavra. — Você está conc... Argh! Não *entendo* você!

— Só entendi o seu lado, *cher*. — Parecia que toda a sua raiva tinha evaporado.

Enquanto a minha tinha alcançado novas alturas.

— Você já conseguiu o que queria vindo aqui. Já confirmou que eu sou uma *coo-yôn*. Não tem mais por que ficar comigo!

Ele não disse nada, só correu na minha frente, andando para trás, bloqueando o vento com as costas. Todo considerado.

Estava *me* deixando louca!

— Não consigo lidar com os seus humores! Não devia voltar lá e brincar de casinha com a Selenia? — Com um sentimento pesado em meu estômago, percebi que tinha virado tanto à direita que deveria ter voltado a casa dela.

— Bem. — Ele esfregou o queixo. — Nunca achei que veria isso.

— Veria... *o quê?*

— O dia em que Evangeline Greene teria ciúmes do velho Jack.

— Não estou com ciúmes!

Ele riu.



— Seus olhos estão verdes de *jalousie*. É um sentimento terrível, não é? Como ele te rasga por dentro.

— Parece que você fala por experiência própria. — Ele não disse nada, só continuou me olhando.

— Não interessa, não poderia me importar menos com quem você fica.

— *IMPERATRIZ, IMPERATRIZ, IMPERATRIZ!*...

Tropecei, as palmas bateram no chão antes de me endireitar. Ok, aquela *doeu*. Meus olhos lacrimejaram e meu nariz começou a escorrer.

Jackson se lançou para frente para segurar o meu braço.

— Evie! — De repente, ele estava tirando a camiseta, dobrando-a de todo jeito para colocá-la no meu rosto. — Seu nariz está sangrando, *bébé*.

— Oh. — Segurei a camiseta no nariz, odiando o quanto o cheiro dele me confortava.

— Outra visão? — Suas sobrancelhas estavam próximas em preocupação. — Então é por isso que está com tanta pressa?

Deixei meu olhar cair para o seu peito, fitando o seu rosário, lembrando de onde o tinha visto antes. Sua mãe o usava, na noite do Flash. Ele o levava no pescoço para se lembrar dela?

— Por que deveria te contar alguma coisa?

Minha voz estava grossa.

— Porque se me disser a verdade, posso leva-la onde quer que precise ir.

A verdade? Vasculhei os arredores por qualquer alternativa — E vi aquele familiar portão cheio de adornos. Estava outra vez na casa de Selena.

Merda! De volta a onde comecei.

— Pode confiar em mim. — Ele me puxou mais perto.

— Mas não confio *nela*, Jackson.

Deveria revelar que ela era uma das vozes? Que tinha visões perturbadoras com ela? Lembrei-me do comentário misterioso de Matthew: *Arcana quer dizer segredos; guarde os nossos*. Ele tinha me alertado para ficar de bico calado para os que não eram Arcana? Jackson era a única pessoa não Arcana que eu conhecia no mundo inteiro. De qualquer modo...

— Se te contar algo, você pode acabar dizendo a ela.

— Acho que ela é confiável.

Quis gritar.

— Claro que acha! Porque dormiu com ela! — Mas mordi a língua. Sem ele, nunca sairia daquela vizinhança — muito menos chegaria até Matthew a tempo.

— Evie, não contarei nada a ela que não queira que conte. Não contei nada mais do que tive que contar.

Então ele *não tinha* revelado nada sobre as minhas visões nem sobre a minha avó.

Não vendo outra alternativa a não ser confiar nele *um pouco* daquilo, disse.

— Lembra do garoto que vejo às vezes, o que me dá lições? Ele não está longe daqui. E está me chamando. Muito alto. Jackson, eu o vi preso em um porão inundado. Ele vai se afogar muito em breve. E tenho o pressentimento que... que não vou viver por muito tempo sem a ajuda dele.

Quando Jackson não respondeu, acrescentei.



— Eu simplesmente sei que é imperativo que eu chegue até ele hoje.

— Acha que vai morrer se não encontrar um garoto que nunca conheceu? E acha que pode acha-lo?

Ajustei a camiseta no meu nariz e levantei o queixo.

Jackson me deu um aceno decisivo.

— Está bem.

— Como é?

— Viu como foi fácil? No futuro, só me *diga* o que precisa, e veremos como as coisas se arrumam, certo?

Desviei os olhos. *Posso precisar de você. Mais do que como um guarda-costas.*

— Por que vai comigo? Eu sei que você quer ficar aqui com ela. — *Negue, por favor, negue.*

Ele não negou.

— Você e eu começamos essa coisa. Acho que devíamos termina-la. Além do mais, planejo pedir a Selenia para vir junto.

— *O quê?* — Ela iria. Não tinha dúvidas de que seguiria Jackson a qualquer lugar.

Ele começou a me levar de volta a mansão.

— Você não é a única que sabe guardar segredos. E por que eu não a convidaria — já que você não está nem aí para com quem eu fico...?



Capítulo 30

Centenas de Saqueadores. Todos em um único lugar.

— *Nom de Dieu.* — murmurou Jackson descendo o descanso da Ducati. Tínhamos acabado de subir uma elevação para chegar à área ao redor da casa de Matthew, uma casa em estilo de rancho situada num vale mais abaixo.

E encontramos uma horda de zumbis proliferando ao redor dela.

Selena estacionou atrás da gente.

Naturalmente, ela se dispôs a viajar.

Tirou o seu capacete azul-metálico, sacudindo seu cabelo comprido.

— O que vocês estão olhando, gente?

Quando ela conseguiu ver o enxame, assobiou baixo.

A lua quase cheia estava alta no céu. Quase meia-noite. Levei uma eternidade para localizar Matthew.

Assim que chegamos perto do centro espacial, ouvi sua voz, e conduzi Jackson para mais perto. Às vezes virávamos e dirigíamos por uma milha antes que eu percebesse que a voz de Matthew ficava mais fraca. Então éramos forçados a voltar. Os ventos — embora nem de perto tão ruins como de costume — não ajudaram.

Jackson disse a Selena que tínhamos que fazer uma parada a caminho da Carolina do Norte, e a garota não disse nada sobre o nosso interrompido progresso. Ela parecia confiar implicitamente em Jackson — enquanto eu na mesma situação, provavelmente estaria gritando.

— É aqui a nossa “parada”? — Selena perguntou com uma pitada de divertimento.

Ela não conseguia sentir a proximidade de Matthew nem ouvir seus gritos? Ou ela estava novamente só sondando informações?

— Tem um garoto aí dentro. — disse Jackson. — Alguém que Evie tem que ver.

Os olhos dela se iluminaram.

— Um garoto para a Evie?

— Não é isso. — digo às pressas. — Eu nunca nem cheguei a conhecê-lo.

Ela ajustou o arco por cima do ombro, abrindo a tampa do seu porta-flecha.

— O que vocês acham que os Saqueadores ali embaixo querem?

Estavam mortos de sede, batendo as mãos contra a porta, das janelas fechadas com tábuas.

— Tem que ter água lá dentro. — disse Jackson, me jogando um olhar. — Talvez uma inundação.

— *Ficando sem tempo, Imperatriz.* — A voz de Matthew soava clara com a nossa proximidade, mas podia dizer que ele estava enfraquecendo. — Ele está preso lá dentro. Temos que salvá-lo.

— Vamos esperar até amanhecer, até os Saqueadores fugirem para se esconder. — disse Jackson.

Considerando o frenesi deles, Matthew morreria em breve — com ou sem água.



— Eles vão entrar antes disso. — Eles já estavam quase abrindo a porta da garagem. — Temos que ir agora!

Ele deu uma risada áspera.

— Nem em um milhão de anos, Evangeline.

Quando Selenia saiu da moto, dirigindo-se para a beira do morro, ele murmurou para mim.

— Você não mencionou nada sobre Saqueadores.

— Eu não *sabia* sobre eles! Mas eu sei que ele vai se afogar logo.

Selenia disse.

— Não vejo luzes nem movimento. — Voltando a se juntar a nós, ela perguntou. — Tem certeza que tem alguém em casa? — Mas outra vez eu tive a sensação de que ela já sabia a resposta.

Jackson disse suavemente.

— Bem antes de parar atrás de nós, vimos um sinal de lanterna. — Ele mentiria por minha causa? Cheguei mais perto dele.

— Então, vamos lá salvá-lo. — disse Selenia. Nós dois a olhamos com surpresa. Ela estava... concordando comigo? Imediatamente, tentei entendê-la. Ela devia saber que um Arcana estava lá dentro, devia acreditar que Matthew se provaria valioso para ela de algum modo.

Selenia tirou o arco do ombro.

— Planeja viver para sempre, J.D.?

— Achei que pensávamos do mesmo modo sobre várias coisas. — ele disse a ela. — Tipo sobreviver ser o mais importante. Descermos para lá é o oposto de sobrevivência. É suicídio.

— Se vocês bolarem um plano, estou dentro. — Quando ele a olhou desacreditando, ela encolheu os ombros. — Talvez não possa suportar a ideia de um garoto, no escuro, achando que está contando os seus últimos minutos de vida. Ele deve estar molhando as calças.

Jackson se virou para mim outra vez.

— Evie, qual é!

Cruzei os braços.

— Com ou sem você, Jackson.

Ele apertou os dentes, passando os dedos pelo cabelo.

— Jack Deveaux *jamaís* vai discutir com duas mulheres. Sempre acabo perdendo. — Ele andou de um lado para o outro. — Se tiver alguma ideia agora, Evangeline, é hora de dizer.

Eu olhei para a estrutura. Apenas um andar com cobertura de vinil. Com uma aparência antiga.

— Eu tenho uma, mas você vai zombar de mim.

— *Sans doute*. Mas vamos ouvir de todo jeito.



— A ideia *coo-yôn* mais esrtúpida! — disparou Jackson quando ele acelerou na pista na nosso novo e apropriado furgão, um antigo *Econoline*³⁷. — Arriscar a minha pele por um estranho! Ele estava lívido com aquilo, mas ao menos estava cooperando.

Tínhamos encontrado o furgão numa encruzilhada próxima. Enquanto Jackson fazia os reparos às pressas, disse.

— Se eu realmente fizer isso antes de voltar a mim, não há razão para que vá comigo, Evie. Nem você, Selena.

— Você vai precisar de um arco extra.

Selena tocou o próprio arco com orgulho.

— Vou precisar que fique aqui e tome conta de Evie.

Quando rolei os olhos, Selena jogou o cabelo por cima do ombro de maneira desafiadora.

— Me poupe, J.D., eu vou com você. O que significa que Evie também vai.

Quando ele abriu a boca para protestar, eu disse.

— Parece que o velho Jack vai discutir com duas mulheres...

Tínhamos passado um pouco de gasolina das motos, escondido as mesmas para pegá-las depois, e então nos dirigido outra vez para a casa de Matthew.

Agora Jackson virava o volante, acelerando pela ladeira da estrada de terra que guiava até a casa. Os sulcos altos na terra sacudiam tanto o furgão que meus dentes batiam.

— Devagar, J.D.. — Protestou Selena do banco de trás. — Não tem cinto de segurança aqui, *lembre disso*.

Jackson esteve determinado em me assegurar para aquela aventura. Tinha encontrado os meus olhos e puxado o meu cinto de segurança para testá-lo. Ao mesmo tempo, Selena começou a reclamar que só havia cintos nos bancos da frente.

Agora ele disse.

— Quero que se lembre disso, *peekôn*. Está bem segura?

Assenti.

— Bagmen à frente.

Nós já tínhamos passado pelos nômades, a multidão deles se avolumando cada vez mais.

Ele não tentou desviar deles. O primeiro que atingimos deu um grito gutural quando rolou por cima do capô e foi arremessado ao ar. O segundo deve não ter se alimentado recentemente; seu corpo explodiu em pedaços de poeira, sujando o para-brisa.

Quando a casa apareceu... ainda não diminuímos a marcha.

— Crianças, não façam isso em casa. — murmurou Jackson, sua expressão séria. Ele não sentia medo? Ao invés disso, parecia como se a casa houvesse lhe insultado de maneira pessoal e ele estava prestes a fazê-la pagar por isso.

Engoli em seco. Quando a parede exterior a que nos dirigimos se aproximou mais, de repente duvidei daquele plano, não desejando nada mais do que abortá-lo.

Tarde demais.

Impacto. Batemos naquela parede.

³⁷ Van da Ford.



Atravessamos a parede. Pedacos de madeira e de revestimentos caíram no capô quando Jackson pisou nos freios.

Com a metade dentro da casa, o furgão parou com um solavanco. Meu corpo foi jogado para frente, o cinto espremendo o ar dos meus pulmões.

Enquanto lutei para respirar, abri os olhos. Um farol permanecia intacto, dando um brilho opaco a uma sala de estar. Pó de gesso esfumava o ar, mas ainda pude ver o carpete e a mobília antigos. E caixas de papelão — estavam em todo lugar, empilhadas bem alto encostadas em todas as paredes, tudo amontoado.

O estilo rural-retrô se encontra com um colecionador.

— Evie! Você está bem?

Quando meu fôlego retornou, dei um sinal positivo com o polegar.

— Selena?

Ela assentiu de forma determinada enquanto preparava o arco.

Embora a metade de trás do furgão fechasse o buraco que tínhamos acabado de fazer, selando os Saqueadores do lado de fora, eles já tinham começado a bater nas janelas traseiras, gemendo de sede.

Não teríamos muito tempo.

Jackson recolheu seu próprio arco, colocando a bolsa no ombro.

— Então, vamos nessa. — Deixando o motor ligado, saímos para dentro da casa. — Onde está esse *coo-yôn goan*, Evie?

— Tem que estar no porão.

— Onde fica?

Com todas aquelas caixas, não conseguia ver uma porta. E com todo o barulho — os gemidos dos Saqueadores sacudindo o furgão, o motor ainda rodando no confinamento da sala — mal podia ouvir sua voz na minha cabeça.

Quando mordi o lábio, lutando para me concentrar, Selena me empurrou do caminho.

— J.D., vou pela direita. Você esquerda. Encontro vocês dois logo depois. — Ela acendeu a mini lanterna pendurada em seu cinto, e então desapareceu.

Jackson também levantou uma lanterna, arco a postos.

— Vamos, Evie. — disse, adicionando. — E, *peekôn* ...

— Como uma sombra. — terminei por ele. Ele me levou adiante, seguindo um caminho por entre massas de caixas. Algumas delas se empilhavam tão alto que parecia que cairiam por cima de nós.

Passamos pelo quarto de um garoto, decorado com um tema espacial.

A lanterna de Jackson mostrou um papel de parede retratando a galáxia e delicadas réplicas dos planetas penduradas no teto. Pôsteres de ônibus espaciais enfeitavam as paredes. Computadores e consoles de videogames com uma aparência de serem top de linha estavam primorosamente organizados.

Jackson deu uma risada áspera.

— Nunca estive na casa de um nerd.

A voz de Matthew ainda estava ficando mais fraca, me enchendo de medo.



Selena voltou, deslizando detrás da gente.

— Tem uma mulher morta num carro na garagem. O carro está sem gasolina. A ignição ligada. Ela está morta a, no máximo, dois dias.

Suicídio? O que aconteceu aqui?

Jackson não se abalou com o suicídio, ao invés disso perguntou.

— Quem diabos consertou o carro dela?

Selena deu de ombros.

— Encontrei o caminho para o porão. Tem água correndo para lá.

Jackson encontrou o meu olhar. Nós dois sabíamos que a minha visão estava se tornando realidade.

— Selena, mostre para nós!

Com um assentimento, ela saiu pelo caminho cheio de caixas.

Jackson e eu a seguimos até uma porta indefinida no topo da escada para o porão. Uma escuridão completa nos saudou. Tirando dois bastões luminosos da sua bolsa, ele os dobrou e jogou escada abaixo. Eles caíram na água.

Do brilho fantasmagórico verde que emitiam, pudemos ver que a escada levava até um corredor estreito com duas portas. A água se derramava pela abertura no topo de uma delas, saindo de sua fechadura antiga como de uma garrafa...

Selena disse.

— Ali é bem fundo.

Jackson se virou para mim.

— A não ser que esse garoto tenha guelras, ele não vai estar vivo.

— Oh, Deus! — Não ouvia mais Matthew em minha mente. Silêncio. — Por favor, você tem que tirá-lo de lá!

— Ficou louca?

— *Por favor, Jack!*

— Porra, garota. — Um palavrão sujo seguiu quando ele empurrou a bolsa no meu peito, e então jogou seu arco para Selena. — Quero que se lembrem. — murmurou, passando por nós para descer os degraus, quatro por vez.

Nós seguimos.

— Consegue derrubá-la? — gritei.

Ele andou com a água na altura do joelho para avaliar a porta. Então agitou a faca que sempre carregava na mão.

— É carvalho maciço. — disse Selena. — Não tem como furá-lo.

— Não vou fazer isso. — Ele enxugou água do rosto. — Vocês duas subam a escada de volta. *Agora.*

Enquanto Selena e eu subíamos os degraus, ele trabalhava a lâmina no espaço entre a maçaneta e o marco da porta. Seus músculos ondularam quando a enfiava, até que só o cabo era visível.

Então ele se afastou para a parede, preparando-se, e chutou a faca de lado. Uma vez. E outra...



A porta explodiu para fora. Um mar de água cobriu Jackson; um corpo mole veio com a corrente, como se o porão o tivesse cuspidos.

— Jackson! — gritei.

Ele subiu à superfície e segurou o garoto pálido, puxando-o de graus acima.

— Ele está vivo? — perguntei, estreitando os olhos quando o “*tableau*” de Matthew apareceu sobre ele — um jovem sorridente carregando uma mochila e uma rosa branca. Ele tinha seu olhar vazio elevado para um sol incandescente, prestes a descer um morro, um pequeno cão mordiscando seus calcanhares.

Sacudi a cabeça e a imagem desapareceu. Não queria ver a carta de Matthew; queria vê-lo a salvo!

Jackson sentiu o pescoço do garoto, então colocou uma mão sobre a sua boca.

— Respirando. Apenas desmaiado.

Minhas pernas quase cederam.

Selena disse:

— A água ainda está subindo, J.D.

Jackson deu um aceno curto, colocando o garoto em cima do ombro numa posição de resgate de bombeiro. Quando ele subiu mais a escada, me maravilhei com a sua força.

— Ei você! Vamos logo. — disparou para mim. — Ainda não saímos dessa.

Quando voltamos para o furgão, os Bagmen a sacudiam com tanta força que dava para ver os amortecedores.

Entrar nela foi como entrar num barco em mar bravo, mas conseguimos abrir a porta lateral.

Engatinhei pelo chão na traseira, indicando para que Jackson colocasse o corpo ali com gentileza.

Ele o derrubou que nem uma carcaça de crocodilo, com a atenção já em outras coisas enquanto avaliava a situação.

— Eles são muitos atrás de nós e estamos presos aqui dentro. — ele disse. — Fiquei aqui. Vou deixar que entrem.

— O quê? — Selena e eu gritamos ao mesmo tempo, mas ele já tinha fechado a porta lateral e saído, caminhando em volta das caixas.

Pouco tempo depois, eu ouvi o que parecia uma porta sendo derrubada. Um assobio forte se seguiu.

Gradualmente, o furgão foi parando de balançar. Então Jackson veio correndo, uma fila de Saqueadores o perseguindo. Ele esbarrou em algumas caixas, derrubando outras de propósito para conter as criaturas.

Selena se inclinou para fora do carro para lhe dar cobertura, mas todos os Saqueadores pararam na entrada do porão, atraídos pelo chamado inegável daquela água...

Assim que Jackson pulou no furgão, colocou-a em marcha ré e acelerou. Os pneus cantaram. O cheiro de borracha queimada encheu o ar.

E então... disparamos para trás em alta velocidade, derrubando qualquer Saqueador desgarrado no caminho.



Parte da casa desabou atrás da gente. Mas havia abertura suficiente para que os recém-chegados entrassem.

Nenhum deles perseguiu o furgão. Quando olhei para as janelas traseiras, os vi começarem a se juntar naquela abertura, como formigas andando para trás.

Assim que voltamos a estrada de terra, Selenia gritou.

— Conseguimos!

Os olhos de Jackson dançavam com animação.

— Inferno, sim! — Ele bateu a mão na que ela levantou.

Com o desastre evitado, aninhei a cabeça do garoto no meu colo.

— Vamos pegar as motos, J.D., e então abrir aquela quinta para comemorar!

Ela ligou o seu iPod e colocou uma música industrial irritante para tocar.

Sorrindo, Jackson olhou para mim pelo retrovisor.

Disse sem emitir som, *Muito obrigada*.

Ele encolheu os ombros, seu comportamento brusco, e então desviou o olhar.

Olhei para o rosto de Matthew, assustada com a devastadora ternura que já sentia por ele — como se tivesse achado um irmão há muito tempo perdido.

Algo chamou minha atenção para o seu braço. A manga da sua camisa de botões de lã tinha subido, revelando um bracelete prateado de alerta médico circulando seu pulso. Estava gravado com a palavra AUTISTA e um número de contato emergencial.

Por alguma razão, não queria que Selenia nem Jackson vissem isso, não queria que o julgassem. Sussurrei para Matthew.

— Não vai mais precisar disso.

Desci a mão para tirá-lo; assim que a minha pele entrou em contato com a dele, uma visão surgiu com suavidade dentro da minha mente, agitando-se na minha consciência como um véu atirado ao vento.

O furgão desapareceu. Me achei na casa do garoto assistindo o desenrolar de uma cena.

Bem antes do anoitecer, a casa começou a estremecer. Então um estouro metálico ensurdecedor, como se a tampa de um poço tivesse explodido. Água correu pelas escadas. Não demorou muito para que os Saqueadores corressem para o pátio, batendo na casa.

O garoto estava naquela sala de estar assustadora da década de vinte ou trinta sozinho. Esperando.

Embora fosse muito alto, e no mínimo da minha idade, parecia jovem e perdido entre todas aquelas caixas empilhadas.

Horas se passaram, e ainda assim ele esperava.

O pátio agora estava cheio de zumbis.

Quando uma morena de meia-idade finalmente saiu do seu quarto, ele encontrou o seu olhar, sem se importar em esconder suas emoções. *Vulnerável. Implorando*.

— Matthew. — ela disse em uma voz alta, ajustando o terninho de saia que usava. — por que não vai checar o cano? Ver se consegue consertar o vazamento? Vou assegurar a garagem.

Seus olhos cheios de sentimentos escureceram.

— Sim, mãe. — disse, arrastando os pés escada abaixo e para dentro do porão inundado.



Assim que andou pela água na altura dos pés para encontrar o cano que explodiu — um enorme que nunca poderia *consertar* — ouviu a mulher murmurar do corredor do porão — A mãe sabe o que é melhor, filho.

Quando a água continuou a subir, ele a encarou. Sua expressão era de partir o coração.

Mas não uma de surpresa.

Nem mesmo quando ela forçou a porta a se fechar detrás dela e o prendeu ali dentro para que se afogasse...



Capítulo 31

— Dá um tapa nesse menino para acordá-lo. — Jackson me disse.

Tínhamos acabado de arrombar uma mansão de quatro quartos para passar a noite. Depois de pesquisar o local, Jackson retornou ao furgão para transportar um Matthew ainda inconsciente para uma das camas gêmeas de solteiro no quarto de hóspedes.

— Quero saber como ele conseguiu se meter naquela situação difícil. — Encostou seu ombro na parede, tomando o quinto drink que ele e Selena estouraram para celebrar nossa missão de resgate bem sucedida.

Sentei-me ao lado de Matthew, sacudindo seu ombro. Em seguida mais forte.

Nada.

— Ele acordará logo. — Selena estalou seus dedos para a garrafa. — Vamos, JD, tem um alvo para dardos no andar de baixo.

Jackson assentiu.

— Evie, vamos deixá-lo um instante.

— Não quero que ele acorde e não saiba onde está. — Não depois do dia que teve. *A mãe sabia o que era melhor.* Eu tremia. — Podem ir e jogar...

— *Minha amiga veio por mim.*

Meu olhar dardejou para baixo. O sussurro de Matthew foi... *em voz alta?* Depois de tanto tempo ouvindo sua voz na minha cabeça, soou tão rico, tão autêntico.

Ele estava acordado, seus olhos abertos. Totalmente familiar para mim.

Disparando na posição vertical, ele me puxou inesperadamente para dentro de seus braços para me segurar bem perto, sua respiração estremecendo, como se ele estivesse sentindo dor por me ver.

Sobre o ombro do Matthew, vi o cenho franzido de Jackson se transformar em uma cara feia.

Em um tom irritado, Selena disse.

— Pensei que você nos disse que nunca conheceu este garoto.

— E-eu não conheço.

— Imperatriz. — Matthew suspirou contra o meu cabelo.

Enrijeci, desejando que ele não tivesse dito aquilo em voz alta.

— Por que você a chamou assim? — Jackson exigiu, enquanto Selena inclinava a cabeça com curiosidade.

Matthew se afastou de mim para enfrentá-lo.

— Por que você *não* chama?

Eu não podia dizer se seu tom era desafiador ou simplesmente perplexo. Aparentemente nem Jackson podia.

— Diga-nos seu nome.

—Matthew Mat Zero Matto. — Com um olhar astuto, ele disse. — A Imperatriz sabe meu nome.



Jackson perguntou.

— De onde vem a água na sua casa?

— Uma tubulação. — Então explicou para Jackson. — Água viaja em tubulações.

Jackson se empurrou do seu lugar encostado na parede, claramente atingindo seu limite de paciência.

— Você bateu a cabeça ou algo parecido, rapaz?

— Jackson, por favor.

Outra cara feia do Cajun. Então ele murmurou para Selena.

— Ele é mais lento que o Natal.

— O Natal — Matthew começou grandiosamente — é... lento.

Numa voz alta, Selena enunciou a ele.

— Eu sou Sah-lee-nah Loo-ah. Este é Jackson Dah-voh.

Em um tom aborrecido, Matthew disse.

— Dee-vee-oh e Lua. — Ele deu as costas a eles sem interesse para olhar para mim. — Você veio por mim.

— Nós fizemos, Matthew. — eu disse. — Foi Jackson quem te libertou do porão. Selena desempenhou um papel importante também.

Deu de ombros.

— O único *coo-yôn* no mundo que podia se afogar depois do Flash. — Jackson disse áspero. — E você me deve uma faca de caça, garoto.

— Vamos, JD. — disse Selena — Deixemos estas duas crianças loucas se pegarem. Aposto com você outro drink que embalei que posso te vencer nos dardos.

Menina esperta, embalando uísque — para o garoto apelidado depois disto. *Boa jogada, venerada inimiga.*

Jackson olhou de Matthew para mim, não parecendo muito convencido.

Impulsos guerreavam dentro de mim: minha curiosidade precisava fazer perguntas a Matthew em particular, e meu ciúme precisava separar Jackson de Selena, descobrir o que aconteceu entre eles na noite passada.

A curiosidade venceu.

— Vão se divertir. — eu disse. — Ficaremos bem. Acho que poderei conversar com ele melhor sozinha.

Selena começou a arrastar Jackson para longe.

— Grite se precisar de qualquer coisa. Estarei escutando. — ele acrescentou sombriamente para benefício de Matthew. Então em francês murmurou para mim. — Precisamos conversar. Hoje à noite.

— Oh meu Pai! Você é sexy — Selena gritou — quando fala francês! — E então eles se foram.

Vagaranha! Jackson estava certo — o ciúme te rasgava por dentro.

Deixei meu rosto inexpressivo antes de enfrentar Matthew novamente.

Ei, garoto, você precisa ser um pouco mais agradável com aqueles dois. Infelizmente, estamos meio que dependentes deles.



Ele gargalhou com isso.

— Você pode caçar? Ou atirar?

— Tive um estilingue uma vez!

— Okay, então, também não posso. Mas os dois caçam. Eles vão nos alimentar e proteger.

Então, sério, *vamos* ter que contar com eles.

Ele sorriu.

— A imperatriz tem senso de humor desta vez. — Uma coisa era ser chamada de Imperatriz na minha cabeça, outra bem diferente era ser chamada na vida real.

Matthew realmente estava aqui. Comigo.

— Obrigada pelas visões garoto. — Esta era uma frase que nunca pensei que diria. — Você salvou minha vida no Flash.

Ele assentiu gravemente.

— *Sou* um salvador.

— Mas eu *não poderia* ter sido uma. Quero dizer, eu não podia ter impedido o Flash, certo?

Ele deu uma gargalhada.

— Isto é conversa de maluco.

Culpa abrandando...

— Matthew, exatamente o quanto você é psíquico?

— Tão psíquico quanto outro psíquico deveria ser chamado Mattics.

Sorri com excitação correndo através de mim.

— O que você pode ver?

Ele olhou para o teto, seus olhos ficando vagos.

— As duas últimas borboletas monarca estão a milhares de milhas de distância e voam pra longe uma da outra. Um menino de skate diante do velho Lago Michigan. A próxima carta está perto. Não olhe para *esta* mão...

— Olhe para *aquela*. — eu terminei. — Sei disso. Quando você ouve as vozes, elas se acalmam sempre que você faz contato?

— Não as quero quietas. Dee-vee-oh as tornam calmas para você. Sempre que ajuda, ele sente dor.

— Você quer desenvolver isto? — Ele me deu um sorriso largo. Aparentemente não. — Então você pode enviar suas visões para qualquer um? E pode espalhá-las através do toque?

Seu cabelo estava secando, agora caía encantadoramente sobre sua testa.

— Mensagens.

— Você as enviou para outros Arcanos?

Ele pareceu insultado. Como se eu o acusasse de estar me traindo.

— *Você* é minha amiga e aliada.

— Então por que me enviou visões de *Selena*? O que aquilo no bosque significa?

— Significa? — Ele perguntou num tom confuso. — Está na hora de dormir?

— Humm, não é bem assim. Diga-me uma coisa, Selena é boa como a gente ou má... como a Morte?

— Ela é a Lua. — ele disse com naturalidade.



Obviamente este tema era um beco sem saída. Levantei um novo.

— Você pode ver minha avó?

— *Tarasova*. — Matthew murmurou.

Exatamente como ela se descreveu para mim.

— Ela está bem? — Nada. — Nós estamos a caminho para encontrá-la. Ela tem todas as respostas.

— Você tem perguntas correspondentes.

Certamente ele me diria se ela não tivesse sobrevivido — já que estávamos indo para lá?

— Se você é psíquico e eu posso controlar as plantas, quais são alguns dos outros poderes Arcanos?

— Vastos.

— Somos geneticamente alterados ou algo assim? Como conseguimos nossos poderes?

— Nascemos com eles.

Okay.

— Selenia tem outras habilidades além de seu arco-e-flecha? — Outra além de sempre parecer perfeita, correr de moto e cozinhar como uma *Chefe de cozinha*? — Ela sabe o que nós somos? Ela é *literalmente* a Portadora da Dúvida? E quantos Arcanos existem? Por que aquela visão da Morte foi mais realista do que todas as outras?

Em vez de responder a qualquer uma das minhas perguntas, Matthew bocejou extensamente, seus olhos menos clarividentes e — mais sonolentos, de um castanho juvenil.

Embora eu queimasse por respostas, senti que empurrá-lo em qualquer assunto ajudaria tanto quanto foi empurrar minhas próprias memórias. Em outras palavras, nem um pouco.

Às vezes você tem que deixar as coisas acontecerem. Mas eu tinha que saber uma coisa.

— Quando você foi trancafiado mais cedo, tive uma visão de você hoje. Não pareceu surpreso quando sua mãe o trancou. Você viu o seu futuro?

— Não o meu. Nunca o meu. O dela.

Ele só podia ver o futuro dos *outros*?

— Você não quis... Humm... intervir no dela? — Talvez para impedi-la de tentar assassinar seu filho e cometer suicídio?

Ela teria explodido sob o stress? Ou quis poupá-lo de uma morte horrível com os Saqueadores — com um afogamento ao invés disso? Por que ela apenas não o levou com ela no carro?

Então me lembrei; Matthew já tinha me contado. Ela sabia que ele não *ficaria* no carro.

— Não teria me importado com ela. Não por muito tempo. — Com os olhos brilhando, ele sussurrou. — Eu vejo *longe*, Evie.

Então ela teria morrido em seguida? Ou talvez seu destino tivesse sido pior?

Mesmo enquanto eu debatia se havia um destino pior que a morte, me perguntava como Matthew lidou com o fato de tomar estas decisões excruciantes pelos outros.

Pobre menino. Estendi a mão adiante para alisar o cabelo de sua testa, como minha própria mãe costumava fazer comigo. Como eu podia sentir este carinho por ele tão rapidamente?

Entretanto, nós nos conhecíamos há meses.



Ele piscou para mim com infinita confiança.

— Acreditei que você faria isto a tempo. — Outro bocejo.

Observá-lo bocejar era o equivalente a assistir um filhote de cachorro cochilando — era a coisa mais fofa que já vi. *Eu veria um filhotinho de novo?*

— Por que não tenta dormir? Amanhã teremos horas para conversar.

— Não me deixe.

— Não vou, eu prometo.

Suas pálpebras ficaram mais pesadas.

— Isso começa comigo... e termina com ele.

— Termina com quem, Matthew?

Ele já flutuava para o sono.

Fui para a outra cama gêmea e deitei, refletindo sobre o dia agitado. Claro que Selena queria vir com a gente: “Porra, JD, eu podia ter um pouco de aventura.” Ela tinha seu equipamento de sobrevivência, roupas de alta *performance* e comida de alto teor de energia empacotados em minutos. *Vadia.*

Pelo menos ela deixou de remexer nos nossos sacos de dormir e comida rápida.

E ela certamente foi um igual na jornada, lidando com sua própria moto como um dublê profissional. Na verdade, ela queria que eu fosse com ela — sem dúvida para me impedir de grudar em Jackson como um lençol secando.

Mas em um tom que não admitia discussão, Jackson disse.

— Evie está comigo.

Recuperei sua atenção de Selena? Eu não podia decidir! Em alguns momentos, enquanto acelerávamos para o norte, meus pensamentos se voltaram para a noite anterior, mas então eu me lembrava que a vida de Matthew estava em jogo, e me sentia envergonhada.

Agora eu podia meditar o quanto quisesse. Vamos aos fatos: ontem à noite, Jackson estava bêbado e puto comigo. Ela deu em cima dele. Esta manhã, quando Jackson me conduziu de volta para a mansão, Selena agiu de forma indignada, como uma namorada rejeitada.

Três possibilidades. Um, eles foram incríveis juntos e seriam novamente hoje à noite. Dois, eles ficaram juntos, mas agora Jackson se arrependeu. Ou três, ele manteve suas mãos para ele mesmo, e Selena estava psicótica-ciumenta por nada.

Eu tinha que saber. Ainda que nada do que fizeram ou disseram me convencesse que eles eram um casal, também não fizeram nada para me permitir descartar esta possibilidade.

— Imperatriz? — Matthew disse, despertando.

— Você teve um pesadelo, garoto? Está com fome? Nós temos comida.

Olhando-me intensamente, ele se ergueu — então subiu na cama comigo.

— Uau! O que você está fazendo?

Ele tomou minha mão e a cobriu com as suas. Imediatamente relaxei.

Estar com ele assim parecia normal, natural. *Familiar.*

— Eles jogam Evie.

— Quem? — Me senti morna e incapaz de manter os olhos abertos.

A última coisa que ouvi:



— Os Arcanos.

Capítulo 32

Matthew e eu estávamos na beira de um grande campo carbonizado. Acima de nós, relâmpagos um atrás do outro cortavam um céu pintado de preto.

Ele ainda estava segurando minha mão na sua, permitindo que eu experimentasse sua previsão. Esta cena era ainda mais vibrante do que aquelas que ele me enviou no caminho até aqui. De fato, era *perfeitamente* real. Como ele podia separar a realidade de uma visão?

Ele sussurrou na minha cabeça.

— *Bater ou perder.*

Pelos seus pensamentos, eu sabia que estávamos aqui em segredo para observar uma batalha dos Arcanos — uma que estava acontecendo neste exato momento, em algum lugar no mundo.

Havia cinco Arcanos, divididos em duas pequenas alianças. Por esta razão, esta se aproximava de sua conclusão.

Matthew previu quem ganharia?

Ele sacudiu sua cabeça.

— *Fluxos futuros são como ondas... ou remoinhos. Nem sempre é possível ver. Mas aposto que ele ganha.* — Matthew apontou para o campo, para o macho alto e encorpado andando a passos largos através da terra coberta de fuligem, uma espada em cada mão. — *Morte.*

Exatamente como me lembrava dele em Haven, o Ceifeiro vestia uma armadura completa preta e um elmo com luz brilhando atrás da grade.

Ele era aterrorizante, e tão claramente à vontade com aquelas espadas. Um perfeito assassino.

Eu tinha realmente alguma vez olhado para aquela carta e sentido pena dele?

Ao redor dele, dardos de relâmpagos explodiam, cuspidos eletricidade. Ao longe, o faiscante contorno da forma de um garoto brilhou na noite.

— Olhos para os céus, rapazes! — Ele berrava, enquanto as lanças desciam cada vez mais rápidas.

Justamente quando eu estava me perguntando qual era o seu nome, Matthew sussurrou.

— *Joules. Mestre da Eletricidade. A Carta da Torre.*

Raios estavam impactando ao redor da Morte, mas ele não alterou seu curso, nem mesmo se curvando durante a luta. Ocasionalmente desviava uma lança com uma de suas espadas.

Avistei seu alvo — uma menina de cabelos pretos que parecia muito mais nova do que eu. Ela estava mancando através daquela paisagem estéril, arrastando uma perna, lutando para escapar dele.



Eu temia que fosse uma causa perdida. Embora ela tivesse armas — uma lâmina parecendo um tridente em cada mão — ele usava armadura. Não achei que ela pudesse perfurá-la, a menos que pudesse alcançar a abertura do elmo.

E seu corpo já tinha sido danificado de algum modo. Espiei as veias pretas bifurcando sobre sua pele de cor oliva. Elas ficavam cada vez mais grossas até que se cruzaram em grandes manchas.

— *Toque da Morte.* — Matthew explicou.

Sem fôlego e choramingando, ela se torcia para manter o Ceifeiro à vista.

— *A Carta da Temperança.* — Matthew sussurrou. — *Calanthe. Ela empunha o Peso dos Pecados.*

Ela tropeçou, perdendo o equilíbrio, desabando de costas. Uma nuvem de cinzas subiu, fazendo um halo em seu corpo...

Uma lâmina tridente veio voando da fuligem, girando sobre si mesma, diretamente para o elmo da Morte.

Com um movimento de seu pulso, ele rebateu a lâmina longe com sua espada. Como um mosquito.

Assim que a cinza assentou, pude ver que a expressão dela era de terror absoluto — esta menina sabia que estava prestes a morrer.

Quando aqueles dardos choveram ainda com mais força e números ao redor da Morte, percebi que Joules estava tentando salvá-la. Estava arremessando lanças correndo — porque uma besta com chifres o perseguia.

Reconheci a criatura espreitando. *Ogen, El Diablo* — a Carta do Diabo. Aliado repulsivo da Morte.

Entretanto, o corpo de Ogen agora estava se transformando, expandindo — primeiro em um ogro colossal, em seguida em um gigante. Sua força bruta era inacreditável.

Joules continuou sua saraivada enlouquecida, recuando de Ogen. Se aquela criatura agarrasse o garoto...

A Morte girou suas espadas ao redor dele, desviando os raios com uma velocidade incrível. Ele estava andando a passos largos por um chuva de relâmpagos — e seu comportamento parecia entediado.

Pouco antes da Morte alcançar Calanthe, uma mancha indistinta mergulhou de cima como um cometa. Um garoto voador! Eu o vi antes, com suas roupas fora-de-moda e majestosas asas negras. Eu o *ouvi* antes também: *Observe você como um falcão.*

Através dos pensamentos de Matthew, descobri que ele era Gabriel, A Carta do Julgamento. Também conhecido como o arcanjo, seu *Modus operandis* era pairar acima da batalha, escolhendo o momento perfeito para atacar. Então mergulharia, aumentando sua velocidade como um míssil, estabilizando-se um pouco acima do chão.

Agora ele estava despencando tão rápido que deslocava o ar com um assobio.

Com seu primeiro voo rasante, bateu no elmo da Morte, jogando-o longe. Imediatamente, Calanthe lançou sua lâmina restante no rosto do Ceifeiro — como se tivesse planejado.

Mas ele se esquivou com facilidade. Quanto ele podia ser rápido?



Queria ver o rosto da Morte, mas as cinzas rodopiaram ao redor, obscurecendo-o. Seu longo cabelo loiro platinado escondia suas feições também.

Perdendo um pouco a velocidade, Gabriel curvou suas costas, músculos e tendões repuxando enquanto fazia um *looping* com seu corpo no ar mais uma vez. Sua velocidade ainda era um assobio estridente quando fez seu segundo ataque.

Mas o Ceifeiro era muito rápido, até para o arcanjo. Suas espadas faiscaram, cortando uma sedosa asa negra, enviando o garoto adernando pelo céu noturno.

Ouvi Joules gritando — berrando com Ogen? Sem mais dardos atacando repentinamente a Morte; nada para salvar a garota agora.

Nós podíamos ajudá-la?

Matthew sussurrou.

— *Nós não estamos aqui, Imperatriz.*

Então podíamos apenas assistir enquanto a Morte tomava sua vida. Com sua armadura, voltado de costas para mim, ele assomou sobre Calanthe. Quando ela começou a implorar por clemência, ele deu uma curta sacudida de sua cabeça, e ela foi se calando.

Com um grito fraco, ela levantou uma mão, como se para esgrimir algum tipo de poder contra ele.

— *Esmague-o.* — Matthew murmurou. — *Peso dos Pecados.*

Uma névoa irrompeu em torno dela, ondas de energia parecendo fluir dela, bombardeando a Morte.

Ele riu.

— Eu teria que considerar meus atos pecaminosos para você ter poder sobre mim, Calanthe. — Ele cortou o braço dela com uma de suas espadas, enquanto seu outro braço arqueava ao redor do pescoço. *Fatiou.*

Afastei o olhar, meus olhos se enchendo de lágrimas.

Matthew apertou minha mão.

Ela não o teme mais.

Do outro lado do campo, Joules uivou de tristeza, recuando enquanto Ogen o perseguia.

Deixando a Morte solitária em sua matança.

Quando ele girou em direção ao corcel de olhos vermelhos, não muito longe do nosso local secreto, vislumbrei a face da Morte pela primeira vez.

A surpresa me balançou. A Morte era o garoto mais bonito que já tinha imaginado.

Parecia não ter mais do que vinte anos, era alto, tinha ombros largos e um rosto de tirar o fôlego. Algumas pessoas poderiam descrever suas feições como *nobres*. Seus olhos reluziam como... estrelas.

Como alguém tão mal podia parecer tão divino?

Ele meteu seu elmo golpeado no arção da sela, e exalou fortemente. Cada linha em sua postura gritava *cansaço*.

E então ficou imóvel, esticando seu pescoço para olhar diretamente para Matthew.

— Estive perto o suficiente para sentir seu olhar fixo, Bobo. — Sua voz era áspera como uma lixa. — Você permitiu que ela me visse no jogo? Talvez eu não mate você *por último*, afinal.



Em seguida sua atenção se voltou para mim.

— Não se preocupe, Imperatriz, Matto lembra de suas dívidas. Ele vai mostrar você para mim também. — Seu sotaque parecia ser do leste europeu, ou talvez russo? — Assistirei todas as suas batalhas e descobrirei seus truques ardilosos. Depois desta noite, vou sussurrar em sua mente mais livremente do que qualquer um dos Arcanos.

Fiquei sem palavras, ainda impressionada com seu rosto.

O que pareceu tomá-lo de surpresa.

— Você é *fraca*? Nosso jogo não é divertido se você for fraca. Você tem coração fraco e falta de coragem?

Matthew apertou minha mão, levando-me a coaxar.

— Não. — Parecia uma pergunta.

A Morte estreitou aqueles olhos reluzentes.

— Esperei anos intermináveis para batalhar com você novamente. Não vai me enfrentar?

Enfrentá-lo? Como eu deveria “batalhar” com ele?

Atrás dele, aquele campo poderia muito bem ter sido uma paisagem lunar por todas as plantas que não floresceram. Eu deveria atacar um cavaleiro de armadura com minhas garras de espinho?

Tal como ele disse uma vez, eu *tinha* vida em meu sangue. Mas ainda que tivesse tempo de cultivar sementes, plantas de jardim não poderiam resistir àquelas espadas.

Quanto sangue precisaria para transformar uma bolota em um aliado formidável?

— Lembre-se, Imperatriz. — disse ele. — A morte sempre vence a vida. Pode levar tempo, mas ganharei *sempre*. — Enquanto montava naquele poderoso corcel, ele me prendeu com seu olhar hipnótico. — Quando seu sangue banhar minha espada, vou bebê-lo só para zombar de você...

Acordei com um ofego, de volta à mansão.

Matthew parecia grogue, lento ao sair de sua visão.

— Que diabos, garoto?! — Nós não só testemunhamos um assassinato, nós conversamos com o assassino! — Acorde. — Eu sacudi seu ombro. Ele parecia cem vezes mais exausto do que antes de dormir. — Por que a Morte espera que *eu* o enfrente?

Ele passou a mão por cima da testa.

— Antigas batalhas devem ser lutadas, as marcas ganharam, as cartas más derrotadas.

Meus sentidos estavam em alerta máximo depois daquela visão perturbadora, nunca tive tão pouca paciência. Esforçando-me para manter um tom uniforme, eu disse.

— *Por que* eles devem ser combatidos? Talvez nós tenhamos... oh, não sei... bastante em nossos pratos depois do Flash!

— As batalhas começam no Final. — ele disse mais uma vez.

— O Flash marcou o início? — Bem quando as vozes chegaram ao pico. O apocalipse teria despertado os Arcanos? Engoli em seco. Ou *vice-versa*? — O que causou o Flash, Matthew?

— O Sol.

Suspirei com alívio. Okay, uma labareda de sol fazia sentido. Então me lembrei...

— Não há uma Carta do Sol?



Um dar de ombros.

Paciência, Evie.

— O Sol é bom ou ruim?

— O Sol é uma estrela.

E não havia uma Carta de Estrela também? *Continuando...*

— Como a Morte nos viu?

— Antigo. Conhece minha espiada.

— O quanto ele é antigo?

— *Muito mesmo.*

— Matthew! — Eu me levantei, andando de um lado para o outro.

— Vinte e um séculos ou mais.

— Vinte e um! Ele é imortal?

Outro dar de ombros.

— Só não foi morto por um tempo.

Eu andava pra frente e pra trás.

— Mas ele conhece você. Você tem... a idade dele?

Com um revirar de seus olhos, Matthew me informou.

— Eu tenho *dezesseis* anos.

Paciência!

— Então me diga quando vocês dois se conheceram.

— Vinte e um séculos atrás.

Apertei a ponte do meu nariz.

— Você está me matando, garoto.

Ele se levantou de um salto, apertando meus ombros.

— Nunca matarei você!

— É só um modo de falar, Matthew. — Escapuli de seu aperto.

— Oh. — Ele afundou de volta na cama. — Estive vendo os jogos, o passado. Vi a Morte. De certa forma, eu sou sábio. — ele disse, olhando para o nada.

— Louco como uma raposa. — murmurei. — Okay, então vamos dizer que tenho que lutar em algum tipo de “antiga batalha” sobrenatural. Qual é o propósito? O que conseguiremos se ganharmos?

Minha mente corria enquanto eu imaginava que tipo de prêmio poderia se igualar ao risco. Talvez houvesse um refúgio protegido na terra, um que ainda tivesse chuva e vegetação?

A Morte era algum tipo de cavaleiro do outro mundo; possuía uma fortaleza intocada em algum lugar? Então me lembrei de seu plano de uma escuridão ininterrupta, repleta de ruínas. Não era exatamente onde eu escolheria viver.

Talvez houvesse alguma maneira de voltar no tempo e impedir o apocalipse! Vovó não acreditava que eu iria salvar o mundo? Eu precisava conhecer os desafios.

Meu coração caiu quando Matthew disse.

— Se você ganhar, você consegue... *viver.*



— Então não há modo de melhorar nosso destino? Só mais perigo e preocupação despejados nos meus ombros?

— Perigo! E preocupação!

— Não. Eu *recuso* isso. Não me inscrevi para esta merda! Nunca aceitei entrar. Mas com toda certeza posso optar por cair fora.

— Sem recusa. Você é Arcana. Conheça seus poderes. *Use-os*.

— Nada disso, não tenho nada a ver com esta briga. — assegurei a ele. — Levantarei uma bandeira branca, buscarei uma trégua. *Você* pode me ajudar com a Morte, já que você o conhece.

— Estou no bolso dele, então ele está em meus olhos.

— E isso significa *o quê*?

Matthew assentiu.

— Sem trégua. Sem paz. Ele é a *Morte*. Ele só conhece uma coisa — matar.

— Então vou fugir. — Era assim que seria minha vida de agora em diante? Fugindo de um serial killer de armadura, sempre olhando por cima do ombro, temendo sua abordagem? Quanto tempo eu poderia continuar assim?

Com um calafrio, pensei no elogio fúnebre de Matthew para Calanthe.

Ela não o teme mais...



Capítulo 33

DIA 242 DEPOIS DO FLASH

Fronteira do Alabama com o Tennessee

— Não estou gostando disso. — Jackson murmurou, apertando o volante do furgão, estreitando os olhos para enxergar a estrada. Só que agora ele não estava perscrutando através de uma tempestade de cinzas...

Neblina nos cobria. As montanhas flanqueando a interestadual estavam banhadas nela.

Não via neblina desde antes do Flash. Infelizmente, esta não foi a única mudança climática que estávamos combatendo. Nos últimos seis dias desde que resgatamos Matthew, as temperaturas caíram para quase zero.

As ventanias ficaram menos frequentes, mas quando nos atingiam, eram ferozes.

Ventos cortantes do extremo Sul — em maio? Ver nossas respirações condensarem colocava a todos no limite. Por tudo que sabíamos, a terra inteira estava prestes a congelar em uma nova era do gelo.

Eu só tinha meu casaco com capuz, Jackson uma jaqueta de couro fino, e Matthew? Um saco de dormir. Selena, é claro, tinha todas as suas roupas para todos os climas.

De sua posição na escopeta, ela estudou nosso mapa.

— Estamos indo no caminho certo, JD. Talvez a neblina esteja te perturbando.

Todo dia, Jackson e Selena sentavam-se na frente, lançando Matthew e eu no banco de trás com suas motos. Como bagagem.

Matthew atualmente estava deitado em um saco de dormir no chão, assobiando a música tema de *Star Wars*, completamente alheio à nossa inquietação.

— O tanque está sacudindo. — disse Jackson. — Esse mapa não mostra nenhuma cidade por quilômetros. Aqui era área rural.

— O mapa é antigo. — disse Selena. — Pode haver shoppings logo adiante. E garanto a você que acharemos mais gasolina do que fizemos nos locais em que já passamos.

Depois do resgate de Matthew, decidimos ir em direção norte no Tennessee antes de seguir para o leste até a Carolina do Norte. Regressar para o sul na mesma desolada — e sem gasolina — estrada no Alabama não era uma opção.

Tínhamos apenas algumas poucas barras de energia que restaram. A água estava ficando escassa.

Embora tivéssemos nos desviado oficialmente daquela fileira do grande exército da destruição, ainda não encontramos nenhuma comida nesta área.

O que *encontramos*? Mais Saqueadores. Nós os víamos rastejando ao longo da estrada, estendendo-se para nosso furgão.

— Podemos usar a gasolina das motos. — Selena sugeriu.

Jackson sacudiu sua cabeça.



— Não faríamos nem dezesseis quilômetros nesta coisa. Além disso, precisamos conservar aqueles tanques.

Notei a tensão em seus ombros, o aperto em sua mandíbula. Ele estava sobrecarregado com tanta responsabilidade. Gostaria de poder ajudar de algum modo. Eu não seria capaz — mas Matthew podia.

Enquanto Jackson e Selenia debatiam as rotas, reorganizei nossa caixa de armas e galões de gasolina vazios na parte de trás para que eu pudesse dispor meu saco de dormir ao lado de Matthew. Deixei-me cair ao lado dele, enrolando-me para me esquentar. A parte de trás do furgão era ventilada.

Encaramos um ao outro, sussurrando na distância.

— Matthew, fale comigo. — murmurei. — Estamos indo no caminho certo? Encontraremos comida logo? Dê-me algo que podemos usar.

Jackson e Selenia não faziam nenhuma ideia do tipo de recurso que eles possuíam, ainda tratando-o como um idiota.

Como um bobo.

Matthew me deu um olhar furioso.

— Eles não merecem. — ele estalou baixinho, soando mais como um menino de dezesseis anos do que um visionário. Então ele começou de volta com o tema de *Star Wars*.

Assobiando despreocupadamente.

E lá se foi Selenia, ligando naquele rock industrial barulhento. Ele assobiou mais alto; Selenia aumentou o volume.

Se houvesse mais tensão neste furgão, ele explodiria. Nós quatro estávamos sofrendo um golpe no nosso limite com relação um ao outro.

Jackson tomou uma antipatia instantânea por Matthew, fazendo cara feia sempre que o menino apertava minha mão na dele enquanto caminhávamos, chamando-o de *bon à rien* em cada oportunidade.

Na superfície, Selenia aparentemente ignorava Matthew completamente, mas quando pensava que ninguém estava olhando, estudava o garoto com uma intensidade alarmante.

A visão que Matthew me enviou dela ainda me dava arrepios. Mas ele não parecia temê-la nem um pouco, o que me fazia sentir melhor.

Forcei-me a colocar toda minha preocupação — e ciúme — sobre Jackson e Selenia em segundo plano, concentrando minha atenção em Matthew. Acreditava que ele estava sem cuidados contínuos pela primeira vez em sua vida — e ele estava se esforçando.

Na maioria das vezes, não parecia estar experimentando nossa realidade. Falava sozinho, dando uma risada perdida aqui e ali. Dormia de forma intermitente, sem dúvida sobrecarregado com aquelas suas visões.

Ele me mostrou uma batalha. Nunca pedi para repetir.

Toda vez que pudemos conversar sem Jackson e Selenia escutando, estive investigando sobre os Arcanos. Descobri que o Bobo podia não somente ver o futuro dos outros, mas também seus passados e presentes. Aprendi que existiam muito mais garotos como nós. Mas não qual era o nosso propósito.



Se todos nós estávamos em algum tipo de guerra com alianças e batalhas, então o que começou a briga? Eu sabia que era vida-ou-morte — vi Calanthe ser decapitada — mas outros garotos já morreram?

Joules e Gabriel sobreviveram àquela noite?

Basicamente, Matthew revelou apenas informação suficiente para me fazer querer puxar os cabelos. Uma conversa típica:

— Quantos Arcanos existem?

— Cartas?

— Sim, cartas.

Um aceno firme.

— *Arcana*.

— Okay, então. Então o que veio primeiro — os garotos ou as cartas?

Sua resposta:

— Deuses.

Eu quase podia pensar que ele estava fazendo isto de propósito só para me frustrar, exceto quando ficou exasperado *comigo* — como se estivesse tentando me ensinar uma nova língua e eu vivesse esquecendo como dizer “O”.

Agora estendi a mão para sua testa, alisando para longe aquele tufo de cabelo.

— Matthew, vamos parar este assobio um pouco.

Ele puxou uma respiração mais profunda, sua expressão desafiadora.

— Por mim?

Ele deu um olhar irritado, mas ficou quieto.

Um alívio. Exatamente o que queria. Que ficássemos tão quietos que Jackson e Selena esquecessem que estávamos aqui.

— A Imperatriz teme que Dee-vee-oh e Lua me joguem fora.

— O quê? De jeito nenhum. — Eu poderia ter tido uma breve preocupação uns dias atrás quando ouvi Jackson dizer a Selena.

— Aquele garoto não pode lutar, caçar, vigiar — ou calar a boca. Ele é um recurso que só suga. — *Exatamente como ele me chamava*. — Ele está sempre com fome. Estamos queimando qualquer comida que encontramos.

Selena respondeu.

— Mas Evie gosta tanto dele, JD. Com certeza você pode ver como os sentimentos dela são fortes por ele.

Meu apego a Matthew não era do tipo que ela insinuava — mas eu não podia contradizê-la sem me sair como uma intrometida.

Então Selena acrescentou.

— Por que você não diz a ela que nós o manteremos com a gente, mas só se ela concordar em voltar para minha casa. Caso contrário, seremos forçados a cortar o peso morto.

Selena, você serpenteia nas cinzas.

Jackson disse a ela.

— Pensarei nisso. — Quanta influência ela tinha sobre ele?



Decidindo que não havia nenhuma chance de que os dois ali na frente pudessem nos ouvir acima daquela música, sussurrei.

— Matthew, Selena literalmente pode trazer dúvida?

— Ela é a Lua. — Ele começou a olhar fixamente para uma de suas mãos, girando-a de um lado para o outro, parecendo examinar cada contorno. O que geralmente significava que ele acabou com um assunto.

Perguntei a ele se Jackson esteve com Selena — e recebi a mesma resposta. Eu ainda não podia dizer se eles ficaram. Os dois se davam muito bem, mas nunca demonstraram que algo mais profundo estava rolando.

Pelo menos Jackson não traiu. Selena claramente estava dando mole pra ele.

Ela poderia não ser a única.

Se pudesse descobrir com certeza que ele queria mais de mim, e que não dormiu com nossa constante companheira de viagem, contaria que estava me apaixonando por ele...

Agora Matthew me deu um olhar decepcionado.

— A imperatriz mente sobre eles me jogarem fora.

Suspirei.

— Eu nunca deixaria nada acontecer com você. Se eles te jogarem fora, vou junto.

Eu disse tanta coisa a Jackson. Um grande erro.

Ontem, em um dos raros momentos quando tanto Matthew quanto a grudenta da Selena estiveram fora do alcance da voz, Jackson murmurou bruscamente para mim.

— Você acha que esse garoto pode cuidar de você? Pode te proteger na estrada?

Eu pisquei confusa.

— Uh, ele vai *precisar*? — Então as dúvidas surgiram. — Ohh, estou vendo como é. A tribo se pronunciou. Você e Selena vão aliviar a carga. Você pelo menos vai me avisar para que possamos estar preparados?

Jackson puxou sua cabeça para trás, os músculos de seu maxilar se sobressaindo.

— Acredita que eu abandonaria você?

— Eu poderia ter acidentalmente escutado você e Selena conversando. Você chamou Matthew de um recurso que só suga, disse que estava queimando a comida. — Jackson olharia para Matthew pela ótica do “bem maior”? Especialmente com a influência de Selena e a dúvida por trás?

— Isto é *fato*. — disse Jackson. — Algo que tendo a considerar na hora de tomar uma decisão.

— Como decidir se vai abandoná-lo sozinho?

— E o que você faria se fizesse?

— Iria com ele. — eu disse sem hesitação.

— Você o escolheria acima de mim? — Por um breve instante, pensei ter visto algo feroz e assustadoramente possessivo em seu olhar, então...

Desapareceu. Sua expressão ficou fechada mais uma vez. Ele disse em um tom mordaz.

— Talvez seja isso que eu deveria fazer! Deixar vocês dois fazerem seu próprio caminho, um mais inútil do que o outro. Se eu não tivesse tanta certeza que estaria enviando-a para sua



sepultura, provavelmente tomaria a decisão agora! — Então ele saiu intempestivamente, deixando-me abalada.

Nós não falamos mais do que algumas poucas palavras desde então, embora muitas vezes eu pegasse seu olhar em mim no espelho retrovisor.

Agora eu dizia a Matthew.

— Não quero que se preocupe sobre ser abandonado, ok? Prometa.

— Nós não precisamos deles. — disse ele. — Você precisa de seus aliados.

— Okay, vou jogar. Quem são eles?

— Arsenal!

— *Shhh, garoto.* — Por mais que eu me sentisse como uma irmã mais velha e melhor amiga de Matthew, ele podia me irritar como nenhum outro. Imaginei que era assim que seria com um irmão em uma longa viagem na estrada.

Num tom mais baixo, ele disse.

— Você precisa praticar seus poderes. Phytomanipulação.

Isto era algo novo!

— Isso significa controle das plantas?

— Estou com fome.

Paciência.

— Matthew, se tenho que praticar, você vai ser meu treinador?

— Sim! — Ele disse brilhantemente. — Flexione suas garras de espinho.

De repente, consciente de que outra pessoa sabia sobre eles, fechei minhas mãos em punhos.

— Eu não posso simplesmente forçá-las a sair. — A última vez que apareceram, foi na vizinhança da Selena. — Ou será que *posso*?

Ele deu um longo suspiro de sofrimento.

Foquei a atenção nas minhas unhas, imaginando-as se transformando. Nada aconteceu. Eu me concentrei novamente. Mesmo resultado. Então desisti.

— Você disse que eu tinha outras — *possivelmente mais fáceis* — habilidades? Quais são? Qual é a minha Arcana?

— Não vejo suas garras. — Ele perscrutou minhas mãos, então começou a estudar as dele. *Tópico terminado.*

— Oh, captei. Estamos em um novo sistema de recompensa. — Deitei de volta em um acesso de raiva, olhando fixamente para o teto do furgão.

Talvez eu simplesmente devesse deixar as coisas acontecerem. Poderíamos estar na vovó em menos de duas semanas. Eu poderia esperar até lá para bombardeá-la com todas as minhas perguntas.

O que eu sou? Por que sou assim? Qual o meu propósito?

O mundo pode ser... salvo?

De repente Matthew se sentou de um pulo, seu rosto empalidecendo.

— A morte manda lembranças.



Ao mesmo tempo, Selena diminuiu a música. Vi os olhos de Jackson se estreitarem no espelho retrovisor.

Matthew perguntou.

— Por que não está se preparando para a Morte, Evie? Nós conversamos sobre o que o futuro traz.

Oh, não, não. Como se nossas trocas secretas não fossem suficientes para me deixar maluca, Matthew também gostava de falar sobre suas visões da Morte. Muito. O que me mantinha no limite — Jackson também.

E Jackson nem sabia que Matthew se referia a um homem de verdade, um cavaleiro psicopata que jurou me executar e beber meu sangue.

Nesta manhã Jackson disse a Matthew.

— Você menciona a morte mais uma vez, e vou te chutar pra lá na próxima semana. *Comprende?*

— Já estive lá. — Matthew respondeu. Agora ele me disse. — Você tem que estar preparada para a Morte, Evie.

Jackson disse.

— Eu te avisei, *coo-yôn!*

Selena tocou em seu braço, lançando-lhe um olhar de falso apelo, *Seja-paciente-por-causa-de-Evie*.

Sua personalidade tinha ralado em meus nervos, escalando novas alturas de aborrecimento. Mas como sempre, eu estava cheia de dúvidas sobre ela. Como me ajustar. Eu não sentia que podia confiar nela, mas sentia que poderia ter que... depender dela?

Matthew me perguntou.

— Desta vez será diferente, não é?

Embora eu não tivesse ideia sobre o que ele estava falando, prometi.

— Sim, Matthew. Vamos apenas descansar.

— Você não vai me matar?

Jackson me atirou um olhar no espelho.

Em voz baixa, eu disse.

— Eu nunca machucaria você!

— A Morte não esperará para sempre. — Com um aceno confiante de sua cabeça, ele acrescentou. — Ataque ou será atacada primeiro.

Quando Jackson agarrou o volante com mais força, eu disse.

— Ei, vamos falar sobre outra coisa. Já chegou a ver o ônibus espacial na Flórida? — Nada. — E aqueles Ewoks malvados, heim?

— Estou no bolso da Morte, então ele está nos meus olhos. — Matthew disse novamente. — Ele está vendo você inclusive agora. Você encontrará o Ceifeiro em breve.

— *C'est ça coo-yôn!* — Jackson explodiu. — É isso aí! Já tive o suficiente dessa conversa de maluco...

O motor sacolejou.

Cuspiu. Fez um clunk. Morreu.



Todo mundo ficou em silêncio enquanto Jackson guiava o furgão para fora da estrada — como se outro carro pudesse precisar passar. Depois que nosso ímpeto se arrastou para uma parada, todos nós nos sentamos mudos, até Matthew.

Sem gasolina, teríamos que caminhar. Na névoa fria e crua. Havia apenas uma casa à vista, uma estrutura de tijolo modesta que certamente já tinha sido revirada.

Exatamente como estive nos dias antes da minha mãe morrer. Estávamos na merda, sem sorte — e me sentia como se estivesse indo para o celeiro dar meu grito primordial diário.

Selena posicionou seu lábio de modo a soprar seu cabelo do rosto.

— O que vamos fazer agora, JD?

— Passamos por um acampamento da milícia em um vale, não muito longe lá atrás. Eles terão gasolina.

Eu não vi nada. Claro, estive tentado manter Matthew quieto.

— Como você sabe que é uma milícia?

— Várias grandes fogueiras. Eu os vi até através da neblina. Eles não têm medo que outros possam localizá-los, o que significa que é um grupo armado. — Ele saiu do furgão, imediatamente dobrando seu queixo e puxando sua jaqueta bem ao redor dele.

Eu o segui, aspirando um fôlego chocado. A temperatura caiu ainda mais desde esta manhã.

— Odeio este frio. — ele murmurou.

Apesar de nenhum de nós estarmos acostumado a estas temperaturas, pelo menos estive esquiando com Mel e sua família a cada pausa de inverno.

Jackson nunca conheceu um frio como esse, nunca esteve fora da Louisiana. Quando Selena perguntou a ele qual era a sua estação de esqui favorita, ele compartilhou um olhar divertido comigo no retrovisor.

— Não conheceria neve nem se ela batesse no meu rosto. — ele disse. — Sou garoto do Bayou, nascido e criado...

Depois que Selena e Matthew saíram, Jackson disse.

— Vamos parar naquela casa para passar a noite, invadiremos o acampamento de manhã.

— Como nós vamos roubar gasolina deles? — perguntei.

— Nós? — Jackson levantou suas sobancelhas. — Nós não vamos fazer nada. Você vai se sentar em algum lugar seguro. Assim que os Saqueadores começarem a escassear ao amanhecer, Selena e eu montaremos em nossas motos e chegaremos mais perto.

Ela deu um largo sorriso.

Eu olhei para ele com raiva, sentindo-me tão inútil como sempre, envergonhada de minha inaptidão, especialmente comparada a ela.

Sempre que Jackson chamava Matthew de *bon à rien*, bom-para-nada, só me lembrava de todas as vezes que ele me chamou do mesmo jeito.

Uma bonequinha imprestável sem dentes.



Capítulo 34

Levantei ofegando, em choque com o pesadelo ainda fresco em minha memória. Quando pisquei abrindo os olhos, minhas garras estavam estendidas, cintilando na luz fraca da lua que fluía através de uma janela suja.

Ao meu lado, Selenia e Matthew dormiam. Mais cedo, nós três colocamos os sacos de dormir ao redor uma lareira fria — não nos atrevemos a acender um fogo — então dividimos uma barra energética. Enquanto tentamos dormir, Jackson começou a vigiar em um quarto adjacente.

Olhei fixamente para minhas garras embaixo enquanto me lembrava do sonho. A bruxa foi cercada por figuras sombrias, queimando com aquela agressividade, aquela compulsão esmagadora de matá-los.

Então ela rodopiou no lugar até que seu cabelo vermelho estivesse coberto de folhas girando ao redor da cabeça, emitindo algo no ar. *Esporos?* Assim que ela parou no lugar, assegurou às suas vítimas.

— *Não há nenhuma vergonha na rendição.*

Esperava que os aldeões a sufocassem, contorcendo-se como seu jovem admirador fez. Até quando dormia, eu me preparava para mais imagens horripilantes manchando meu cérebro.

Em vez disso, suas vítimas caíam no chão com suspiros felizes, aconchegando-se em um campo gramado aquecido pelo sol.

Onde estava o osso fraturado? Os pedaços de carne? Os gritos agudos? As pessoas simplesmente foram dormir.

No entanto, eles *nunca* acordariam.

Experimentar este sonho era quase pior do que os mais horríveis. Suas maldades sutis me assombravam. Não houve um único grito agudo — porque nenhuma única alma estava consciente o suficiente para lutar por sua vida...

Quando minhas garras começaram a retroceder, mexi meus dedos, observando o jogo de luz sobre os espinhos. Percebi que eu estava me acostumando a elas. A visão não me chocava mais. De fato, eu me sentia... entorpecida.

Eu estava gradualmente me tornando mais parecida com ela. As habilidades que uma vez considerei um dom, agora parecia mais como uma maldição.

Quando minhas unhas voltaram ao normal, eu me levantei, buscando Jackson. Buscando conforto. Só precisava estar mais perto dele, sabia que isso faria com que me sentisse melhor.

No próximo quarto, fiquei balançada ao encontrá-lo dormindo em seu horário de vigia, sentado ereto em um banco de janela almofadado.

Uma de suas longas pernas estava dobrada, sua besta equilibrada precariamente no joelho, sua outra perna esticada na frente dele. Descansava a cabeça encostada na janela. Alguma vez já o vi dormir?

Não. Porque ele estava cuidando de mim todas as noites. Bem, com exceção daquele dia com Selenia. Eu ainda não tinha certeza onde ele dormiu então.

Ele tinha olheiras e sua sobrancelha estava arqueada com preocupação. Tanta responsabilidade. Senti uma pontada. Não é de admirar que beba tanto.



Subi no banco, ajoelhando diante dele, e alisei com as costas dos meus dedos sua bochecha. Ainda assim, ele não despertou. Devia estar exausto.

Senti ternura jorrando por este garoto — meu protetor de mulheres boca-suja que bebia demais.

Suspirei. Ele era meu protetor? Será que poderia preferir *bonne à rien* acima da impecável Selena? Por mais que odiasse admitir, ela lhe convinha melhor. De fato, não via como alguém poderia servir melhor do que ela.

Se descobrisse que eles fizeram sexo, *ainda iria querê-lo?*

Tantas perguntas rodavam entre nós, tantos segredos. Estava envolvida em algum tipo de batalha que eu não queria participar, me tornei um alvo marcado por causa das habilidades que nunca pedi e não sabia como controlar, e Jackson era a única coisa na minha vida que me fazia sentir *sã*, fazia-me *querer* lutar por um futuro.

Inclinando a cabeça, esfreguei levemente meu polegar sobre seu lábio inferior, lembrando-me do nosso beijo. O que eu não daria para voltar àquela noite, explicar meus temores a ele, pedir para ir mais devagar.

— Ei. — ele murmurou de repente. Seus olhos estavam entreabertos, um sorriso preguiçoso começando na curva de seus lábios. — Agora, é assim que eu gosto de acordar, *peekôn*.

Se eu pensava que feliz e sorridente era uma boa aparência para ele, um Jackson sonolento carregava meu coração.

Ele afastou a besta, então enrolou um braço ao meu redor para me arrastar ao seu peito. Quando relaxei a seu encontro, ele colocou os joelhos nos meus dois lados.

Contra o meu cabelo, murmurou rouco.

— *Madressilvas*. Está gostando do velho Jack agora?

— Sim. — respondi honestamente, deleitando-me em seu calor, seus braços fortes ao meu redor. Eu queria me enterrar ainda mais perto dele.

— Ah, *bébé*, sinto como se não tivesse visto você em semanas.

— Eu sei, eu também.

Ele emoldurou meu rosto, encontrando meu olhar.

— Se soubesse que acordaria deste jeito, teria ido dormir mais cedo. — Então ele enrijeceu. — Espere. Por que eu estava *adormecido*?

Levantou-se, fazendo com que eu rolasse antes dele pegar meu braço e me acomodar no banco.

— Que porra é essa?! Adormeci no meu turno de vigia?

Selena se mexeu no quarto ao lado, mas não despertou.

— Jackson, você não tem descansado nada por dias. Semanas, até. Você desmaiou.

— E *você* conseguiu cair sobre mim? — Ele pegou o arco, esquadrinhando o lado de fora das janelas. A área devia estar limpa, porque ele baixou a arma. — Poderíamos ter sido cercados por Saqueadores. Não sei o que aconteceu. Isto nunca aconteceu.

— Ninguém pode ficar tanto tempo com tão pouco sono.

— Consegui no passado. — Ele afundou de volta no banco, olhando pra fora. — Que bom trabalho tenho feito cuidando de você.



— Você *tem*! Devo minha vida a você.

— Quanto tempo posso mantê-la segura? É só vai ficar cada vez pior. Estamos indo a lugares onde as pessoas viviam da terra e caçavam, onde não havia um Walmart em cada esquina com corredores de lata para conviver. Eles estão morrendo de fome, Evie. Desesperados.

A nova cadeia alimentar...

— Estarei levando você diretamente pra dentro do perigo, e poderia ser por nada. Você tem que estar se perguntando se sua avó ainda está viva.

— Ela está.

— Por que você soa tão confiante sobre ela? Teve mais visões, não é? Droga, por que não me contou? — Em um tom mal humorado, ele acrescentou. — Aposto que contou ao *coo-yôn*.

Como responder a isso?

— É como se vocês dois se comunicassem de algum modo que não consigo entender. — Ele exalou forte. — Eu tenho que aceitar isto. — Então suas sobrancelhas se arquearam juntas. — Por que esse menino está sempre falando sobre o futuro? Você disse que ele estava te ensinando... Por que ele estaria ensinando uma vidente como você?

Comecei a puxar um novo buraco na minha calça jeans.

— Ele é... como você? Pode ver o futuro?

Embora eu não pudesse contar a Jackson meus segredos perturbadores, não podia mais mentir para ele.

— Eu não tenho visões do futuro, Jackson. Não sou vidente. — Mas também não podia contar a ele os segredos de Matthew.

Jackson me deu um olhar desapontado.

— Vi seus desenhos. Observei você ter hemorragias nasais.

Mordi a parte de baixo do meu lábio, olhando pra fora através da vidraça com insulfin.

Quando olhei de volta, ele tinha aquele olhar analítico em seu rosto. *Uh-oh*.

— No dia que salvamos aquele garoto, você me disse que achava que não estaria viva por muito tempo sem a ajuda dele. Ele não é comum, não é? — Quando finalmente sacudi minha cabeça, Jackson acrescentou em um murmúrio. — Eu meio que esperava que ele fosse.

— Ele é apenas... diferente.

— Quando você vai ser clara comigo? O que ele é para você?

— Comecei a vê-lo um pouco antes do Flash. Nós *nos* comunicamos de forma diferente. Ele é uma das vozes que ouço.

— Ei. Você não teve uma hemorragia nasal uma única vez desde que pegamos aquele garoto.

Engoli em seco, desconfortável para onde isso estava indo.

— Isto é como aqueles quebra-cabeças que costumávamos fazer na escola. Se algumas coisas forem verdadeiras e outras falsas, você pode descobrir uma solução. Se você não me contou nenhuma mentira hoje à noite...

— Eu não disse!

—... então eu posso descobrir a verdade. Um. Você disse que não pode ver o futuro, mas não respondeu quando perguntei se aquele *coo-yôn* podia. Dois. Por alguma razão, você pensa



que a ajuda dele pode proteger sua vida. Três. Você uma vez me disse que suas visões pareciam que estavam sendo empurradas pra dentro da sua cabeça. Talvez por que fossem?

Astuto e perceptivo Jackson.

O entendimento iluminou sua expressão.

— Você esteve cultivando plantas de alguma maneira, e ele esteve vendo o futuro? Faz sentido.

Eu só olhava fixamente para ele.

— Ele enviou aquelas visões para proteger você?

Por que me preocupar em negar?

— Ele tentou me preparar para o Flash. Eu mal o escutava.

Jackson ficou tenso.

— Então por que ele continua falando sobre você morrendo, Evangeline?

Oh cara!

— Quando ele fala sobre eu encontrando a Morte, não significa o que você pensa. É mais como se eu devesse estar preparada para enfrentar um grande mal ou algo nesse estilo. Sei que parece estranho, mas ele considera a Morte uma... pessoa. Alguém que pode ser derrotado.

Um pouco da tensão saiu dos ombros de Jackson. A ideia de enfrentar um adversário era algo com que ele podia lidar.

— Então vocês dois tem dons. — seu rosto caiu. — *É por isso* que gostam tanto um do outro.

— Não é assim com Matthew e eu. Ele não me vê por esse prisma.

— Ele é um garoto de dezesseis anos Evie. Ele vê você apenas por *um* prisma! Confie em mim nisto, *cher*.

— Bem, eu olho para ele como um irmão.

— Como eu fiz com Clotile? — Perguntou, e pensei que ele estava prendendo sua respiração.

— Exatamente. Ele é um irmão caçula para mim.

Jackson fechou seus olhos por alguns instantes. Por causa da lembrança de Clotile? Ou de alívio pelas minhas palavras? Ambos?

Ele acreditou realmente que estava interessada em Matthew? Eu só podia imaginar tudo que Selena disse a ele quando eu não estava por perto. *Vadia disseminadora de dúvidas*.

Jackson encontrou meu olhar.

— Consegui algo para você. — Ele alcançou sua mochila que estava perto, mergulhou a mão ali dentro, então pegou uma garrafa de Sprite.

Meus lábios se abriram quando ele me entregou.

— Sabia que era o meu favorito? — Ele poderia muito bem me presentear com uma joia de valor inestimável. Exatamente como o chiclete, cada vez que bebêssemos um refrigerante ou comêssemos uma barra de chocolate, haveria uma delícia a menos no mundo, nunca seria repostado.

— Claro. Vi você em cinco períodos de almoço. Fui guardando para quando você pudesse apreciar... sozinha.

Abri a tampinha, dando-a de volta para ele.



— Nós vamos dividir isto.

— Ah, você vai beber depois de mim?

Minhas bochechas ficaram vermelhas.

— Algumas vezes posso ser imatura, Jackson. Eu sei que nem sempre é fácil ser paciente comigo.

Quando passamos a garrafa entre nós, ele ficou sério novamente.

— Eu não poderei continuar andando cegamente daqui pra frente. E há muito mais do que você está me dizendo. Por que não confia em mim? É por causa das coisas que fiz na escola?

Arcana significa segredos.

— Não é você, Jackson, sou eu.

Ele fez uma careta para aquilo, sobre me questionar mais, mas o sol começou a se levantar.

— Tenho que sair para trabalhar. — ele disse. — Eu ia deixar Selenia aqui como guarda, mas seu arco atira melhor de longe, e preciso dela como cobertura. Não posso entrar e sair de um acampamento cheio de soldados sem ela.

— Eu entendo.

— Não precisa se preocupar com os Saqueadores hoje. E que merda, o *coo-yôn* provavelmente pode ver algumas ameaças vindo, hein?

— Não se preocupe comigo. Só, por favor, tenha cuidado. — Apesar de saber que era corajoso e cheio de recursos, não queria que fosse por temer o perigo que ele estava prestes a entrar. — Quero que você volte, okay?

— Eu quase posso acreditar que você realmente se importa comigo.

— Eu realmente me importo!

— Por que tem um guarda-costas para te proteger.

— Você é mais do que isso para mim. — eu disse calmamente. — E você tem que saber disso... Por que está agindo como se não soubesse?

— Então prove. — Ele chegou mais perto, até que nossos rostos estavam a centímetros de distância. — Conte-me seus segredos.

Deus, eu adorava quando ele olhava para mim assim, com seus olhos tão estáveis e... *afetuosos?*

— Confie em mim, *ma belle*. Você pode fazer isto?

Ma belle significava “minha linda”, mas também “minha namorada”. Então o que Jackson queria dizer com isso?

Nesse instante, feixes brilhantes de luz do sol bateram em nós através da janela, como... sol de *inverno*.

O feitiço estava quebrado entre nós. Jackson voltou ao modo inquieto habitual, sua mente em sua futura tarefa.

— Só pense nisso, Evie. Conversaremos quando eu voltar.

Despertamos Selenia e Matthew, ambos grogues e de péssimo humor. Eu estava muito nervosa para me importar.

Jackson considerava a casa muito simples, um alho, então camuflamos o furgão na estrada para que Matthew e eu nos escondêssemos dentro.



Antes de Selena e Jackson partirem, ele agarrou no antebraço de Matthew, dizendo a ele naquele tom de aço.

— Fique aqui e *cuide* de Evie. Ganhe seu sustento pelo menos uma vez. Se você vir uma chance de matar ou morrer por ela hoje, então *pegue-a*.

Quando Matthew apenas olhou fixamente para ele, Jackson se estendeu para a caixa de arma e retirou um facão embainhado, entregando-o para o garoto.

Matthew riu e o deixou cair.

Os punhos do Jackson se fecharam, seu temperamento de prontidão.

Mas Selena disse depressa.

— Eles estarão escondidos aqui, JD. Estarão bem.

Jackson girou para mim.

— *On parle quand j 'reviens*. — Conversaremos quando eu voltar.

— *Prends soin de toi*. — eu respondi. Cuide-se.

Selena não gostou nem um pouco desta troca.

— Ei, bonitão, não precisamos levar as duas motos. Desperdício de gasolina.

Quando Jackson concordou com um dar de ombros e montou, Selena atirou seu arco por cima do ombro e pulou atrás dele. Com prazer exagerado, ela envolveu os braços ao redor do seu tronco, apertando suas pernas longas nas dele.

Meu lugar. Era onde *eu* pertencia. Minhas garras cresceram lentamente, ameaçadoramente, e me senti bem. Eu as dobrei em minhas palmas para que ninguém pudesse ver, mas Matthew deu uma risadinha atrás de mim.

Por cima de seu ombro, Selena me lançou uma expressão triunfante. E quando deitou sua cabeça nas costas dele, eu estava certa que ele podia senti-la sorrindo contra ele.



Capítulo 35

— Você está pronto para me dizer se Jackson estará seguro lá embaixo? — perguntei a Matthew enquanto esperávamos no furgão, enfiados em nossos sacos de dormir para nos aquecer. A neblina estava assentada, gelando-me até os ossos.

— Você vai vê-lo novamente. — Quando dei um suspiro de alívio ele disse. — Você pensa demais nele.

Diga-me algo que eu não sei, Matto. E isso foi *antes* de Jackson me chamar de *ma belle*.

Ser a namorada de Jackson Deveaux... Eu estava tonta pela possibilidade, com muito medo de ter esperança.

Então mordisquei meu lábio enquanto a dúvida rastejava pra dentro de mim. *E quanto à guerra Arcana, Selena, Morte, a bruxa vermelha?*

— Quando Dee-vee-oh te ajuda, ele machuca você.

— Você me disse isso antes, mas não o que isso *quer dizer*. — Nenhuma resposta. — Ele salvou minha vida... e a sua. Ele nos protegeu. Ele me ensinou sobre os Saqueadores e a procurar comida. — Nada. — Matthew, eu me sinto mais forte perto dele.

— Pratique com suas garras. — ele disse. — *Isso* fará você se sentir mais forte.

— Não sei como fazê-las aparecerem, porque alguém não quer me dizer. — Agora estavam na base da emoção e incontroláveis.

— Como é que a bruxa vermelha flexiona suas garras?

Eu o olhei com irritação.

— E por falar em coisas asquerosas que me repelem, quanto tempo vou sofrer esses pesadelos? Você pode olhar para o futuro? *Por que* eu a vejo?

Embora não tivesse nenhum interesse em lutar com a Morte, estava quase tentada a enfrentar a bruxa. Então os pesadelos terminariam — de uma forma ou de outra.

— Matthew?

Ele começou a olhar fixamente para uma de suas mãos. Assunto encerrado.

Então fiz a mesma pergunta que vinha fazendo há dias.

— Você, por favor, pode apenas me dizer se Jackson e Selena ficaram juntos?

— Você descobrirá em breve. — ele respondeu num tom irritado.

Desconcertantes respostas do rei do enigma!

— Você está pensando nele e ainda nem ouviu a carta. — disse Matthew.

— Que carta? — perguntei, começando a preparar nosso almoço. Em outras palavras, retirei uma barra energética esmagada do meu bolso para dividir com ele. Meu estômago já estava rosnando por ela.

— Perto. Não olhe para *esta* mão. Mas você não pode ouvi-lo por causa de Dee-vee-oh.

— Por que eu ia *querer* ouvir as vozes? Não conheço esta nova carta, não sinto uma ligação com nenhum deles além de você. *Odeio* as vozes.

— Então você vai morrer com seus sussurros se regozijando em seu ouvido.

— Matthew, isso foi... duro. — E assustador. Era em momentos como este que eu percebia o quanto realmente sabia pouco sobre este garoto.



— A Morte está esperando por você. — ele disse pela enésima vez.

— Então ele vai esperar pra caramba! — Eu disparei. A mera menção daquele cavaleiro me tirava do sério. — A Morte instruiu aqueles outros Arcanos, e eles eram fortes, unidos. Até mesmo comprometidos um com o outro. — acrescentei, lembrando o uivo de tristeza de Joules. — Eu nunca vou enfrentá-lo. Tire isto da sua cabeça, porque jamais acontecerá. *Nunca*.

Silêncio gemia entre nós, o frio se infiltrando no furgão.

Lamentando meu tom com ele, soquei abaixo minha irritação e mudei de assunto.

— Se teremos frio e neblina, talvez realmente possamos ter um pouco de chuva também.

Matthew se endireitou num pulo, seus olhos selvagens.

— Não, não, não! Nunca diga isso! Retire o que disse! — Ele apertou meu ombro, apertando *forte*.

— Retiro o que eu disse! Você está me machucando!

— Você não quer chuva! — Seu olhar dardejou. Sua expressão horrorizada. — A chuva é *pior*.

— Como isso pode ser?

Ele gritou.

— *PIOR!* — sua voz ecoou no confinamento do furgão, fazendo meus ouvidos doerem. — Para você. Para nós! Porém não pode ser interrompido. — Ele me soltou, parecendo ferido, seu rosto estampado de cor. — Por que você esperaria pelo inferno, Evie?

— E-eu sinto muito. — Essa foi a primeira vez que ele me assustou. Continuava pensando nele como uma criança, e ele era, de certa forma. Mas também era volátil, e tão forte quanto um homem maduro. — O que a chuva faz Matthew? — A precipitação ainda era possível? Com certeza, se havia a neblina...

— Mudanças no jogo. Não a nosso favor. — ele sussurrou. — Nós crescemos muito fracos. Eles crescem fortes.

— Quem?

— Todos os nossos inimigos riem *agora*. Mas uma vez que o sol se esconda? Você nunca conheceu o terror, não como aquele que você terá quando as chuvas vierem.

Eu tremia de frio — e de medo.

— Eu preciso de mais de uma explicação. Matthew, preciso que esclareça estas coisas para mim.

— Você não está pronta. Você escuta mal. Nós nos sentamos dentro deste furgão... porque *você escuta mal!* Estamos para trás, com a chuva no horizonte.

— Ok, ok, mas estou pronta para escutar melhor agora. Diga-me o que deveríamos estar fazendo. O que *você* acha que deveríamos fazer? Eu quero saber.

— Muito tarde. Nossa captura começa logo.

— C-captura?

— Precisamos da carta na gaiola.

Olhando de relance pelo para-brisa, eu perguntei.

— Do que você está falando... — Minhas palavras foram diminuindo até cessar, meu coração saindo pela boca.



Na névoa flutuante, um grupo desorganizado de milicianos — todos armados até os dentes — chegavam cada vez mais perto.

Como um grupo de caça.

— Matthew, siga-me agora. — sussurrei enquanto amarrava minha mochila com correia e rastejava para as portas do fundo do furgão. — Agarre o facão. Precisamos escapar, em silêncio. — Abri uma fresta da porta, estremecendo enquanto as dobradiças gemiam...

Três espingardas foram apontadas no meu rosto.

— Olha o que nós achamos. — o líder dos homens que nos capturaram anunciou enquanto empurrava a mim e a Matthew pela multidão em seu acampamento.

Na longa jornada até aqui, eu tinha determinado que ele era um desafio dentário e tinha o odor realçado. Aparentemente, este acampamento inteiro era assim.

Estes milicianos eram o que Jackson chamaria *cou rouge*³⁸.

Isso porque eles estavam seriamente vermelhos no pescoço.

Durante nossa captura, Matthew nem sequer lutou. De fato, enquanto eles prendiam meus pulsos com aquelas amarras de fecho de plástico, ele colocou suas mãos pra trás, tornando isto mais fácil para eles.

Eu não *queria* que ele resistisse — nós fomos cercados por rifles apontados — mas talvez ele pudesse ter fingido desagrado?

Nós fomos sequestrados, nosso furgão saqueado, *minha* mochila saqueada. O líder roubou todas as minhas joias e garrafas de uísque, jogando fora o resto.

Agora, enquanto o chefe dos *cou rouge* nos manobrava pelo acampamento, mantive meus olhos abertos procurando por Jackson e Selena — e tentando ignorar o modo como os homens ficavam de pé enquanto eu passava, cobiçando-me com olhos lascivos.

Eles todos pareciam ter equipamento de inverno, embora muitos dos seus casacos tinham o que parecia buracos de bala. Eu franzi o cenho. Alguns ensanguentados — frequentemente nas costas

Meu queixo caiu quando entendi. Os buracos de bala vieram de onde eles mataram a tiros suas vítimas, em seguida, os despojando de suas roupas.

— Ela cheira bem o suficiente para comer. — um homem disse enquanto agarrava sua virilha.

Estremeci com repulsa, tão tentada a experimentar minhas garras. Elas podiam fatiar com facilidade aquelas amarras. Matthew uma vez me disse que elas podiam cortar até metal.

Mas e depois? Estes homens tinham armas. Eu era uma corredora lenta, e nunca deixaria Matthew para trás.

Provavelmente acabaria me cortando, de qualquer maneira. E o que faria se a grama morta brotasse verde debaixo das gotas do meu sangue?

³⁸ Cou rouge é caipira em cajun.



Cou rouge marchou conosco passando por numerosos trailers com seus geradores zumbindo, dezenas de tendas e veículos de todos os tipos. Fogueiras de churrasco abundavam, com homens grelhando o que pareciam pequenos mamíferos. Apesar das circunstâncias, o cheiro de carne grelhada encheu minha boca de água.

Também vi garrafas plásticas com gasolina em toda parte. Decidi que esta milícia era rica em combustível — mesmo antes de ver um *petroleiro* de verdade. Eles o guardavam no centro do acampamento como um ídolo de ouro.

E isso não era tudo. Próximo ao petroleiro estava uma cisterna levantada, seus lados de ferro gotejando. *Repleta de água.*

Cou rouge parou diante de uma cela improvisada, uma gaiola feita de engradados de madeira de embalagens pregados juntos. Somente um garoto estava ali dentro. Pelo menos Jackson e Selenia permaneciam livres.

Empurrando Matthew e eu para dentro, Cou rouge trancou a porta e postou três guardas.

— Não deixe este lugar. — ordenou a eles. — Por nenhuma razão.

O outro prisioneiro tinha em torno da nossa idade, com sardas no nariz, um queixo pontudo e de cabelos loiros acinzentados. *Este garoto era a carta na gaiola que eu deveria estar escutando? Quem nós precisávamos achar? Ele parecia tão comum.*

— Tudo em cima. — ele disse ligeiramente enquanto nos sentávamos no chão cinzento e frio. — O nome é Finneas. Pode me chamar de Finn... — a voz dele foi diminuindo enquanto olhava fixamente para mim, então para Matthew.

Ele estava vendo nossos quadros vivos; eu sabia por que estava vendo o seu. Por uma fração de segundo, Finn estava vestido em uma túnica vermelha, segurando uma varinha para o céu enquanto apontava para o chão com sua outra mão. Em uma mesa diante dele estava um pentagrama, um cálice, uma espada e uma vara. Um mar de rosas e lírios cresciam aos seus pés, vinhas se arrastando em cima.

— *Não olhe para esta mão, olhe para aquela.* — Então sua chamada ficou em silêncio. Ele estava ouvindo a nossa?

Aquele garoto era associado com plantas de alguma forma? A carta do Matthew também tinha uma flor nela, uma rosa branca!

Claro, a carta da Morte tinha — um emblema na bandeira preta que ele carregava.

Enquanto eu estava piscando, recuperando meu foco, Finn disse.

— Uau. Acho que acabei de ter um flashback ácido. — Ele soava como se fosse de uma praia em Cali.

— E-eu sou Evie. Este é Matthew. — Eu o indiquei com uma leve inclinação do meu queixo. Matthew encontrou seu olhar e disse.

— Carta. Arcana. Segredos. Carta.

— Tanto faz, cara.

— Humm, Finn, não pude deixar de notar que você parece realmente tranquilo.

Matthew também parecia não estar afetado pela nossa situação. Ele começou a inspecionar os grãos de cereais em uma das placas.

— Eu sou tranquilo, loirinha.



- Mesmo que estes homens provavelmente sejam traficantes de escravos ou canibais?
- Não, associação dos proprietários que não deu certo.

Franzi o cenho ante seu tom irreverente.

- O que eles querem conosco?
- Vão usar a mim e ao seu companheiro esquisito aqui como diversão de cisterna.
- Não estou entendendo.
- Isca de saqueadores. O bosque ao redor está repleto de saqueadores. Ao entardecer, eles

avançam naquela cisterna numa grande onda rastejante — a menos que carne viva corra passando por eles e os distraia. Então os caipiras os abatem. Ah, e enquanto estamos lá fora correndo por nossas vidas, você vai se casar com, tipo, *todos* dessa milícia. *Mazel tov*.

O pavor tomou conta de mim — por ambos, Matthew e eu mesma.

- Q-quantos soldados existem?

— Centenas.

— *Centenas?* — Mesmo que Jackson conseguisse descobrir o que aconteceu conosco, eu não sabia se *poderíamos* ser resgatados.

— Eles só estão esperando pelo anoitecer. Então você está ferrada, irmã. Há apenas outra menina no acampamento inteiro. Mas ela é a filha do caipira chefe, então eles a consideram fora dos limites, tipo uma situação de Smurfette. — Ele exalou, sorrindo para as ripas do teto da gaiola. — Aquela ali tem um corpo que sobe à sua cabeça que nem fumaça... mas poucos dentes. Ainda assim, eu faria Hickette³⁹ com uma bandeira em cima do seu rosto.

- Desculpe-me?

Matthew riu.

- Faça com ela por seu país.

— Matthew! — Eu gritei, franzindo o cenho para ele. Pensava nele como sendo mais... inocente.

Finn riu com ele, os dois se tornaram amigos aparentemente rápido.

Ugh. Adolescentes! Jackson me disse que eu não os entendia. Percebi então que provavelmente nunca entenderia.

- Você dois estão brincando, e não se preocupando com tudo isso.

— Uma loira quente acabou de cair em um cenário de *Caged Heat*⁴⁰ comigo. — Finn sacudiu suas sobancelhas. — Uma loira *pretensiosa*... Com *todos* os seus dentes. Como meus primos caipiras Flash-fritos costumavam dizer, “estou feliz como um porco na merda”.

Associação das plantas ou não, este garoto presunçoso estava me dando nos nervos.

Quando ele relaxou de volta contra o lado da gaiola, eu disse.

- Você provavelmente tem alguém vindo te salvar?
- Posso sair daqui a qualquer momento.
- Sério?

³⁹ Hickette é a referência a um filme de terror onde uma cidade de caipiras lenhadores massacram os visitantes.

⁴⁰ Caged heat é um filme hot. Faz referência a uma jaula.



— Eu só os deixei me capturarem para que pudesse chegar perto daquela filha. Sou um mágico, gostosa. Sair de amarras é o que eu faço.

— *O Mágico*. — disse Matthew.

O peito de Finn estufou.

— Droga, com certeza, cara.

Se ele era um Arcano, então tinha poderes de algum tipo. Ainda assim, eu não podia engolir sua total falta de preocupação.

— Bem, temos amigos que estão vindo nos buscar. — eu disse a ele baixinho, minhas palavras cheias de garantia. — Nós seremos salvos logo.

Mas o tempo foi passando. Uma hora. Outra.

Para o entretenimento da tarde, alguns soldados instalaram a prática de tiro ao alvo perto — três Saqueadores gemendo empalados em estacas. Um saqueador parecia recém-transformado, não tinha pernas, e o outro não tinha braços.

Os soldados abriram fogo e os Saqueadores se contorceram e gorgolejaram. Os pedaços de pele viscosa se desprenderam dos alvos, estatelando-se próximo à gaiola, sujando o ar.

Mantive meus braços acima da minha cabeça para bloquear o som dos tiros, os gemidos...

No final da tarde, me peguei me perguntando por que Jackson e Selena — dois sobreviventes de coração duro — arriscariam seus pescoços com uma chance de merda para resgatar seu par de pesos mortos?

O quanto era forte a influência de Selena sobre Jackson?

Por mais que eu quisesse acreditar em nosso salvamento, minha situação atual — congelando, amontoada em uma jaula, morrendo de fome — não estava impulsionando meu otimismo.

Muito menos minha *futura* situação.

E Matthew não diria nada para ajudar. Ele não entendia o que estava para acontecer conosco?

Ao pôr do sol eu estava nadando em dúvida. Por que Jackson e Selena simplesmente não fugiriam juntos e seriam felizes, sem toda a luta, sem todo o perigo? Quantas vezes Jackson me disse que eu era mais problemas do que eu valia?

Gostaria de saber como eu me recuperaria se me abandonasse de verdade aqui.

Eu me perguntava como me sentiria se ele fosse morto tentando me salvar destes milicianos ignorantes.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Naquele momento, cheguei ao meu limite de medo e confusão e... e pessoas. Eu estava enjoada delas! Enjoada do perigo espreitando em cada esquina.

— *Todo mundo é mal agora?* — Eu murmurei para ninguém.

Tive esse estranho desejo de enfiar meus dedos na sujeira e senti-la... *criar raízes*. E se eu pudesse tocar a terra e torná-la um soldado em prontidão? Eu nem sequer teria que ser mais uma menina, só uma parte de algo muito maior.

Se eu me rendesse, não haveria mais preocupação com Jackson, sem mais medo de enfrentar a bruxa vermelha — ou a Morte.



Um puxão tão sedutor... tão atraente quanto uma fruta madura. Olhei para o chão coberto de fuligem com contemplação.

Então senti vergonha. O que mamãe pensaria de mim agora? A mulher que atacou um Saqueador nunca se renderia assim.

— Sim, todo mundo é completamente mal agora. — disse Finn, sacudindo-me de meus pensamentos. — O que fez você perder o memorando? Pedacos de merda. Praticamente geral, na minha experiência. Todos malvados, o tempo todo. Mas não *eu*. — Em tom de apresentador, ele suspirou. — Eu sou *travesso*...

Virei-me para Matthew.

— Mais uma vez, a qualquer hora que sinta como se pudesse contribuir, por favor, faça. Nós precisamos bolar nossa própria fuga.

Ele assentiu vitoriosamente.

— Cartas.

— Sim, Matthew, mas você realmente precisa... — Um lamento soou perto do bosque. Eu me endireitei. — O que foi isto?

— Saqueadores nos portões, baby. — disse Finn, a excitação faiscando em seus olhos cor de avelã. — está quase na hora do show. Eu só vi isto antes à distância...

De repente a terra tremeu, uma explosão balançou o acampamento. Eu gritei. A explosão ensurdecedora foi tão forte que meus dentes se chocaram um no outro.

Pedacos de escombros choveram pelas frestas da gaiola. A fumaça espiralou. Homens gritavam de todas as direções, vociferando ordens para os incêndios serem apagados.

Matthew bocejou enquanto uma explosão ainda maior se seguiu.

Quando ouvimos um furioso *whoosh* daquela cisterna gigante tombando, compartilhei um olhar atordoado com Finn.

Saqueadores em número. Uma cisterna de água.

— Seremos invadidos. — ele disse. — Uma bela distração corajosa. Seu povo é quem fez a desordem?

O caos irrompeu entre a milícia.

— Sim. Nosso povo.



Capítulo 36

Fumaça e névoa cobriam o ar até mal conseguirmos enxergar a mais de um metro e meio.

Mas podíamos ouvir soldados em pânico ao nosso redor, lutando para proteger o seu acampamento. Então ouvimos um grito estrangulado:

— Invasão de Saqueadores! — Eles passaram pelas defesas da milícia.

Tiros soaram, homens gritaram... e saqueadores gemiam enquanto enchiam o acampamento. O trio de guardas na nossa frente se mexeu de maneira nervosa, as armas tinindo em suas mãos trementes.

— Evie! — Jackson?

— Estou aqui! — Ele tinha vindo atrás de mim!

A ponta de uma flecha de repete atravessou as costas de um guarda. Afoguei um grito quando ele desmoronou, debatendo-se no chão.

A flecha de Jackson.

Os dois guardas que restaram ficaram assustados, os rifles de prontidão, mas eles não conseguiam ver o inimigo para conseguir lutar contra ele.

Outra flecha atravessou o pescoço de um segundo guarda; ele se virou na nossa direção, tocando a garganta em perplexidade antes de se afogar no próprio sangue. O terceiro guarda foi esperto... e fugiu.

Então espiei Jackson com os olhos apertados em meio à fumaça, vindo com determinação para a nossa jaula. Ele empurrou os soldados de lado, batendo neles com uma das pontas do arco.

Derrapou bem na minha frente, verificando meu corpo, atrás de ferimentos.

— *Bébé*, você está bem?

Assenti sem falar nada.

— Vou tirar você daqui.

— A porta tem um cadeado, Jackson.

— *Putain*. — Mas isso não o impediu.

Ele jogou seu pulso poderoso para trás e esmurrou as tábuas, várias e várias vezes, estraçalhando-as para chegar até mim. Lascas e sangue voaram.

Olhei para trás dele e consegui ver aquele terceiro guarda voltando. Bem quando estava a ponto de gritar, Jackson berrou.

— Selena, minhas costas!

A ponta de uma flecha comprida emergiu do peito daquele guarda. Ele caiu de cara no chão quando Selena apareceu correndo. Minha visão tinha se concretizado. *Com toda certeza, ela salvou alguém que eu... amava.*

— Vamos, J.D.! — ela gritou. — Vai explodir!

O que ia explodir?

Algo maior do que as explosões que já soavam e estremeciam a terra?



Enquanto Jackson libertava Matthew e eu, Finneas olhava para Selenia de boca aberta — provavelmente por testemunhar o seu *tableau*, possivelmente porque ela era linda demais de qualquer modo.

— *Outra* garota? Olá, coisa linda. — Embora estivéssemos rodeados por uma guerra, Finn se demorou fazendo uma análise corporal dela. — Cara. Está *chovendo* gostosa hoje. Foda-se a filha banguela... eu vou com vocês, pessoal.

Suas amarras caíram. Sem dúvida tinha se libertado delas.

Jackson agarrou o meu braço, e nós começamos a correr de volta em direção ao furgão. Era o que eu achava.

Quando passamos pelo pior da luta, notei que havia várias flechas em chamas naquele tanque de gasolina. Uma *bomba* que era apenas questão de tempo para que fosse detonada.

— Vamos, Evie! — Jackson me puxava; o resto do nosso grupo já estava na nossa frente. — Você tem que ser mais rápida que isso!

— Estou tentando!

Ele tinha desacelerado, provavelmente para me jogar por cima do ombro, quando um soldado emergiu de um banco de fumaça — com um rifle apontado para o rosto de Jackson.

Era Cou Rouge, o que me capturou. Ele não estava a mais do que poucos metros de distância — e tinha Jackson na mira.

— Se afaste dela, com muita calma e gentileza, e nós vamos deixar que vá embora.

Jackson não mostrou medo algum.

— Não vai rolar.

— Só queremos a garota.

— Bem, agora isso é um problema. — disse Jackson entredentes. — Porque eu acabei de *pegá-la*.

Cou Rouge encolheu os ombros.

— Fique à vontade. — Seu dedo se apertou no gatilho.

Oh Deus amado! Ele estava prestes a *atirar*, e Jackson não poderia evitar, *eu* não poderia fazer nada.

O homem puxou o gatilho. *Clique*.

Nada. *Clique*. Nada.

Descarregada?

Cou Rouge olhou para a própria arma de boca aberta, e depois para Jackson, para a expressão assustadora no rosto do garoto.

A mesma expressão que eu tinha visto aquela noite em sua casa, a que prometia sofrimento; agora parecia multiplicada por mil.

Estava vendo o quanto Jackson iria *saborear* a dor que prometia causar.

Cou Rouge gemeu bem antes de Jackson se arremessar para frente, um dos seus punhos brutais entrando em contato com a mandíbula do homem.

O homem caiu com um único golpe, débil. Mas Jackson o puxou de pé novamente, surrando-o mais, aparentando nem pensar de tanta fúria.



— Só quer a garota? — Outro murro despedaçou o nariz do soldado. — A pior coisa que poderia ter dito!

— Jackson! — Gritei. — Por favor, vamos embora!

O rosto do homem ficou irreconhecível, sem forma, e ainda assim Jackson o surrava. Eu não testemunhava uma briga, ou um resgate. Contemplava uma *punição*.

Uma sentença.

Quando Matthew correu de forma casual de volta até onde eu estava, segurando meu braço, Jackson gritou.

— Tire ela daqui! Vou logo atrás.

— Venha com a gente, por favor! — Gritei quando Matthew me forçou para longe. — Nãoooo, Matthew! Vá agarrá-lo!

Matthew riu quando eu disse aquilo, e então me puxou mais.

— Volte, volte!

Ele continuou a me levar por entre um campo minado de explosões, brigas e Saqueadores, me manobrando em diferentes direções.

Uma vez me puxou para trás de encontro ao seu peito — exatamente quando uma bala passou, nos perdendo por centímetros.

Alguns segundos depois, ele espalmou a minha cabeça, me empurrando ate que caísse de joelhos, e eu ouvi alguma espécie de projétil passar por cima de mim.

Percebi que ele via um emaranhado de presente e futuro, uma teia de ocorrências visíveis apenas para ele.

Como se ele próprio fosse o destino...

Ainda assim, implorei que voltasse para Jackson — até ver soldados nos perseguindo.

Quando avistamos Selena no começo da floresta queimada, dúzias de homens da milícia estavam na nossa trilha, gritando para os seus companheiros “*Peguem a garota!*”.

Selena os interceptou, com dois rifles posicionados nas laterais do corpo. Ela disparou contra eles, permitindo que Matthew e eu mergulássemos em uma trincheira ali perto, para nos protegermos.

Vários disparos ecoaram acima das nossas cabeças, e então, pararam abruptamente. Pelos gritos deles, parecia que os nossos perseguidores tinham percebido que Selena era *mulher*, e ordenaram que o fogo cessasse.

Selena não seguiu aquela ordem.

Quando eles se posicionaram em uma vala oposta à nossa, ela esvaziou os cartuchos das armas em cima deles. Então caiu na trincheira conosco.

Enquanto os soldados decidiam o que fazer — eles não podiam arriscar *duas* mulheres nos atacando — Selena disparou.

— Onde diabos J.D. está? Porra. Havia *uma* pessoa que eu queria ver saindo desse acampamento. E não era nenhum de vocês dois.

Gritei.

— Ele não quis vir com a gente!



— E você aceitou? Eu o teria *feito* vir comigo! Você não é boa o bastante... — Ela parou de falar, sua atenção presa a algo além do nosso refúgio provisório.

Virei-me para ver Flinn caminhando na frente dos soldados para pular para onde estávamos.

— Ei.

Encontrei a voz primeiro.

— Você simplesmente... passou andando por eles?

Com um ar convencido, ele limpou um ombro, e então o outro.

— Eu disse que era um mágico. — Então, para Selena, ele disse, — Finn é o meu nome. Levar vocês de volta ao meu cafofo é o plano. Só me avise quando se cansar desse empasse aqui, porque eu posso realmente mudar de canal.

Selena não parecia nem de perto tão chocada quanto eu. Ela meramente tocou em seu arco e disse.

— Eu também posso.

— Acha que pode derrubar mais deles do que eu? — Finn bufou. — Apostado.

Eu devia apontar o óbvio ali?

— Garoto, você não tem uma *arma*.

Ele me acariciou debaixo do queixo.

— Não se preocupe, peitinhos de mel, eu me viro.

Com um rolar de olhos, Selena se levantou, a corda do seu arco cantando.

Finn a seguiu, e começou a... *sussurrar* para os soldados?

O som dos disparos do arco de Selena era estranho. Na fumaça e na confusão, eu espiei por cima do sulco e a vi atirar as flechas a uma velocidade impossível.

Uma velocidade *supernatural*.

Sua pele brilhava com aquele tom tingido de vermelho — como a lua cheia após o equinócio outonal.

Ao lado dela, Finn levantava as mãos, cantando baixo em uma língua que nunca tinha ouvido. Suas exalações pareciam abrasadoras, como se ele estivesse difundindo o ar com calor. Percebi um *poder*, e ele o direcionava aos nossos atacantes.

Os atiradores a quem se dirigia caíram ao chão, parecendo tão chocados quanto eu, porque os soldados ao lado deles agora se pareciam com Saqueadores.

Os homens começaram a atirar nos seus *próprios companheiros*.

De algum modo, Finn fazia com que aqueles homens tivessem a aparência dos seus inimigos.

E sua habilidade aparentava ser a coisa mais natural do mundo. Eu *precisava* testemunhar aquilo, precisava alcançar as lembranças que pareciam estarem prestes a surgirem.

Enquanto Selena destruía os que se dispersaram, um por um, ela piscou para Finn; ele retribuiu o sorriso.

Eles aceitavam os seus poderes, e aceitavam prontamente tais habilidades nos outros.

— Arcanos. — murmurou Matthew no meu ouvido.

— *Sim*. — respirei. — Isso é real? Não é outra visão?

— Real.



Eu possuía habilidades. Aqueles três garotos também. Matthew tinha sua visão do futuro em tempo real, Selenia podia correr e atirar como uma deusa da caça, Finneas podia criar ilusões.

E eu? Senti o cheiro do meu aroma de rosa impregnando o ar — tão gostoso que era quase intoxicante. Baixei os olhos e vi que as minhas garras tinham aparecido.

Matthew me olhou de um jeito aliviado.

— Espinhos.

— Posso ajudar Jackson, lutar com ele!

Ele sacudiu a cabeça com firmeza.

— Você não ataca. Você *espera*. Você *atrai*.

Atrair?

Venha, toque, mas vai ter que pagar um preço. Lembrei do admirador inebriado da bruxa. Ela o atraiu.

A incrível tortuosidade das raízes que um dia tinha admirado? Aquela malícia também me pertencia?

Ouvi um galho quebrar atrás de nós e me virei rapidamente.

Matthew estava fitando a extremidade de um rifle, o cano a poucos centímetros do seu rosto.

Levantei os olhos para o soldado bajulador que o empunhava. Não ousei pensar que também estaria sem balas. Ele ia me capturar e matar Matthew. Precisava impedi-lo!

— Atrair, Imperatriz. — sussurrou Matthew.

E então... foi o que eu *fiz*.

Levantei uma mão delicada e estremecida para o homem, a palma para cima. Uma frágil flor-de-lótus desabrochou diretamente da minha pele, bem na frente do seu olhar fixo. Soprei-lhe um beijo por entre as pétalas... e o seu rifle caiu, abandonado.

Porque o soldado agarrou o pescoço, o rosto em um vermelho vivo por conta dos esporos obstruindo a sua garganta e bloqueando a entrada de ar nos seus pulmões.

Enquanto ele se debatia no chão, sem defesa, a flor-de-lótus desapareceu; minhas garras cresceram e se afiaram — mas agora elas gotejavam como agulhas hipodérmicas.

— Veneno. — Matthew sorriu. — Letal.

Fiquei de boca aberta. Dez espinhos agindo como dez agulhas?

— Espete-o.

Pelo mais breve instante me perguntei se seria *prazeroso* enfiá-las na pele de alguém.

Não!

— N-não posso! Matthew, nunca poderia ser como ela.

— Você luta contra ela, você vai enfrentá-la. Você precisa.

Descer ao nível dela? Temia que me transformasse literalmente no meu pior pesadelo, me perdendo para sempre.

— Matthew, e se eu não conseguir voltar...?

Selenia se aproximou com raiva nos olhos e disparou uma flecha em um dos olhos arregalados e desacreditados do soldado.

O tanque explodiu, sacudindo o mundo inteiro como uma explosão atômica.



Capítulo 37

Quando percebemos que Jackson não estava no lugar onde deveria se encontrar com Selena, Matthew me abraçou com o corpo rígido.

Não pode estar morto, não pode estar morto.

Mas se tivesse sido pego naquela explosão, como poderia ter sobrevivido?

Contive um soluço quando Finn perguntou.

— Então, o que fazemos agora?

— Esperamos por Jackson. — eu disse, rapidamente. — Ou voltamos para buscá-lo.

— Isso é culpa sua! — Disparou Selena para mim. — Deus, pode desligar esse cheiro?

— Cale a boca e me deixe pensar!

Com as pálpebras semicerradas, Finn disse.

— Não sei, não. Eu gosto muito do cheiro dela. — Quando ele levantou uma mecha do meu cabelo e inalou, Selena rolou os olhos.

— Então, o que rola com vocês, gente? — ele perguntou ainda me cheirando. — São tipo os Superamigos?

Matthew disse.

— Cartas. Cartas! *Cartas*. Cartas...

— Parem, por favor. — Me afastei dos dois garotos. — Só me deixem pensar! Finn, pode voltar ao acampamento ou me disfarçar?

Selena zombou.

— Eles vão *sentir* o seu cheiro, lojinha de horrores. Ainda não acredito que você o deixou para trás!

Nem eu conseguia acreditar.

— Por que não deixamos as culpas para depois. Agora temos que ACHAR O JACK!

— *Evie?*

Virei às pressas.

Emergindo da fumaça, Jackson se aproximava a tropeções na minha direção, coberto de cinzas e areia, suas roupas manchadas de sangue.

Uma de suas panturrilhas tinha uma queimadura séria.

Dei um grito de alívio e corri para ele, querendo ajuda-lo, mas seu olhar furioso fez os meus passos vacilarem.

— Jackson?

Ainda estremeendo devido à briga, ele apenas levantou um dedo, me avisando para que ficasse longe.

Tão volátil. Tinha acabado de matar um homem usando apenas as próprias mãos?

Finn quebrou a tensão. — Ok, agora que a gangue está toda aqui, vamos começar o caminho de volta até o meu esconderijo totalmente seguro.



Uma hora depois, soubemos que Jackson não concordava com Finn a respeito da segurança do seu cafofo.

Era um bangalô, isolado em uma floresta negra, de frente para o que costumava ser um lago. Um imã de Saqueadores.

Mas Finn jurou que ninguém iria nos importunar ali — Da mesma forma como não veriam as nossas pegadas e não conseguiriam segui-las até lá.

Selena, Matthew e eu sabíamos que Finn nos disfarçava. Jackson não. Tinha mancado junto, o arco a postos, cercando a área. Ninguém, nem mesmo Selena, ousou se aproximar dele. Mantivemos distância, concordando em não discutir as nossas novas descobertas na frente de Jackson...

Na porta da frente, ele disse.

— Não prega as janelas por aqui, garoto? — Entrou com cautela, acenando para que eu ficasse bem atrás dele. Matthew me seguia.

Lá dentro, olhei menos para as janelas e mais para a quantidade de produtos do *Sam's Club*⁴¹ armazenados ali.

Sim, aparentemente, aquela milícia era rica. Finn havia tirado absoluta vantagem de suas habilidades.

Mercadorias se empilhavam quase até o teto: baterias, caixas de barras de chocolate, lanternas a querosene *Coleman*, galões de água, cereais.

Selena observou com zombaria.

— Parece com a velha casa da sua mãe, Matt.

Matthew apertou o meu ombro, me impedindo de atacar a cara da outra garota com as unhas. Até Jackson franziu o cenho para o que ela disse.

— Não há necessidade de pregar as janelas. — Finn disse a Jackson enquanto pegava três troncos *Duraflame*⁴² — de uma pilha enorme deles. Os colocou em uma lareira dentro da parede de pedras enfeitada com chifres de animais mortos acima de uma abóboda rústica.

Jackson o olhou com desconfiança.

— E ninguém consegue ver a fumaça, também?

— Sério cara Cajun. Estamos camuflados aqui. Fiquei semanas nessa cabana furtando aquela milícia.

Quando o fogo começou a afastar o frio lá dentro, atacamos a comida de Finn, pegando potes de frutas em conserva, *Doritos*, e latas de *Chef Boyardee*,⁴³ em frente à lareira.

Menos Jackson. Com cinzas e sangue ainda marcando seu corpo inteiro, ele remexeu nos suprimentos até encontrar uma garrafa barata de uísque.

Com o arco nas costas e a garrafa firme em uma mão, ele mancou até um banco de frente ao fogo, afundando-se nele. Sentou com os cotovelos nos joelhos, fitando as chamas e bebendo com vontade enquanto terminávamos de nos abastecer.

⁴¹ Clube de compras do grupo [Walmart](https://www.walmart.com), presente em vários países.

⁴² Marca que confecciona madeira com serragem ou parafina para fogueiras.

⁴³ Marca que fabrica massas enlatadas.



Reuni uma seleção de comida para ele, mas se recusou com uma sacudida forte da cabeça, preferindo beber mais. Então, encarou Flinn com os olhos injetados de sangue.

— Como conseguiu entrar e sair com tudo isso?

Finn encolheu os ombros.

— Doce. Criança. Até saí com uma das caminhonetes deles. Está lá atrás. — Quando Jackson pareceu não acreditar, Finn disse. — O que posso dizer? Eu sou esperto. Enchi aquele *Tahoe*⁴⁴ de gasolina e ele está prontinho para me levar de volta a Cali. Mas foi tão fácil explorar aqueles caras que acho que fiquei com preguiça. Além do mais, gosto de pregar peças neles — na verdade é mais uma *compulsão*. Sem mencionar aquela ereção excruciante por Hickette.

Olhando de maneira significativa para Selenia, ele adicionou.

— Nunca mais vou baixar meu nível assim de novo.

Parecendo não se abater pela personalidade *brincalhona* de Finn, Jackson bebeu da garrafa.

— Alguém quer me explicar por que aqueles soldados estavam atirando um contra o outro?

Jackson viu aquilo? Olhei para Finneas, contando com ele para que tivesse uma resposta pronta.

Ele disse sem demora.

— Procriação consanguínea?

Deus, aquela noite devia estar sendo terrível para Jackson. Provavelmente nada fazia sentido para ele, quebra-cabeças a torto e a direito, e todos escondíamos as peças dele.

— Esteve ao norte daqui, garoto?

— Sim. Por todas as Carolinas. E *não* vou voltar.

— É para lá que estamos indo.

Jackson devia estar começando a sentir o efeito do uísque porque seu sotaque soava muito forte.

— Para Outer Banks⁴⁵.

— Péssima ideia, Cajun. Tem três maneiras de chegar lá saindo daqui, cada uma pior que a outra. Ou você pode prender o fôlego ao atravessar as colônias de praga, passar pela Slaverville⁴⁶ ou pegar a rota da montanha. — Algo brilhou em sua expressão, algo sombrio, que parecia fora de lugar em seu rosto tão alegre. — É ali que os canibais gostam de se entocar.

— Você os viu? — Perguntei.

— Oh, sim. E é, tipo, totalmente pior do que podem imaginar. A dieta regrada de *Homo sapiens* deles fode mesmo com a mente dos caras. E os canibais mineiros da Carolina do Norte? Esses são os piores! Cara. Eles nem *assam*.

Selenia disse.

— Outer Banks parecem fazer cada vez menos parte do meu futuro.

— Claro que vamos sentir a sua falta Selenia. — Eu disse, com doçura e desprezo.

Quando Jackson se ergueu de modo vacilante, favorecendo a perna boa, levantei para ajudá-lo.

⁴⁴ Carro da Chevrolet.

⁴⁵ Longa sequência de estreitas ilhas em forma de barreira ao largo da costa da Carolina do Norte.

⁴⁶ Vila dos donos de escravos.



— Temos que enfaixar a sua queimadura. — Nenhuma resposta. — Jackson? Por favor, coma alguma coisa. — Ele me olhou com raiva. — Qual é o problema com você?

— Eu mesmo me faço essa pergunta. — Sem outra palavra, ele pegou a garrafa e o arco e saiu mancando para a varanda.

Mais do que claramente querendo ficar sozinho.

Decidindo deixá-lo por hora, voltei para me sentar com os demais.

Quando só os quatro Arcanos estavam presentes, Finn perguntou.

— Então, há quanto tempo vocês sabem que são diferentes?

Em um tom desinteressado, Selena disse. — Já faz um tempo.

Matthew respondeu.

— Diferente?

Eu respondi.

— Hum. Só descobri recentemente. — Todos estávamos hesitantes em oferecer mais, todos de guarda.

— Então, o que eu quero mesmo saber é *como*. E *por quê*. — Finn olhou para cada um de nós. — Merda. Esperava que vocês pudessem me dizer alguma coisa.

Selena sacudiu a cabeça.

— Eu não sei de nada. Pergunte ao Matthew. Do jeito que evitou aquelas balas, ele deve ser um clarividente.

Matthew disse.

— Mate as cartas más.

Cartas más. Ele dizia bastante aquilo.

Talvez a guerra dos Arcanos fosse simplesmente uma questão do bem contra o mal.

Enquanto olhava para aquele grupo, me perguntava se talvez *tivéssemos* que permanecer juntos, como uma mão de cartas — jogando com as nossas forças e diminuindo as nossas fraquezas. Como testemunhei naquela batalha de Arcanos.

Matthew disse que o meu destino era lutar com a Morte. Jurei nunca enfrentar o Anjo da Morte; iria reconsiderar a minha decisão se tivesse apoio?

Inferno. Não. A Morte e Ogen tinham sido invencíveis juntos.

Então eu notei que todos os olhos estavam em mim.

— Eu não sei muito mais do que vocês, gente. Mas sei que estamos conectados com o Tarô de alguma forma. — perguntei a Finn — Já viu um baralho de Tarô?

— Já. Me deu calafrios. Peguei e soltei na mesma hora.

Eu assenti, conhecendo aquela sensação.

Bem, exceto pelo fato de que eu, aparentemente, amava olhar a carta da Morte de boca aberta quando era pequena.

— As cartas principais são os Arcanos Maiores, os chefões do baralho. Eles nos representam. Eu acho. Eu sou a Imperatriz, Selena é a Lua, Matthew é o Louco. E você é o Mago. Também existem outros garotos.

Finn murmurou.

— Ra-di-cal.



Então, ele iniciou uma leva de perguntas.

Como tínhamos conseguido os nossos poderes, o que devíamos fazer com eles, como acharíamos os outros garotos?

— Eu queria saber. — disse com um olhar para Matthew. — Mas não sei. Mas acho que a minha avó sabe.

— *Tarasova*. — disse Matthew em um tom admirado. — A Senhora do Tarô, mulher sábia, a narradora.

O que foi que ele me disse uma vez?

“Preste atenção nos laços familiares, nos outros membros que narram à história. Eles sabem de tudo!”

Na história da minha família, isso queria dizer que a minha vó sabia de tudo?

Selena me olhou com raiva.

— Era esse o motivo de tanta urgência para alcançar a vovó! Você queria passar a perna na gente. Por que ela saberia de algo afinal? — Outra vez eu tive o pressentimento de que ela sabia exatamente do que a minha avó saberia.

— Eu não quis *passar a perna* em você, Selena! Eu queria entender as minhas habilidades, a minha vida, o mundo. — Precisava chegar até a minha avó com mais urgência do que nunca. Lembrei-me daquele impulso perturbador na gaiola da milícia: *de não ser garota alguma...*

Aquele chamado para me render, para ficar *dormente*, me assustava tanto quanto a minha habilidade de machucar aquele soldado com a flor-de-lótus.

— E daí? Nós temos habilidades. — Disse Selena acenando com indiferença. — Por que acha que precisa haver uma razão por trás disso, mais do que há razão para o Flash ter acontecido?

Joguei a cabeça para trás.

— Está... está *brincando*? Tem que sentir que alguma força está agindo e nos colocando no caminho um do outro. Não sente que isso está apenas começando?

Matthew pegou um copo de frutas em conserva e passou para mim, como um prêmio. *Evie ganha um docinho*.

— E quais são mesmo as suas habilidades exatamente? — perguntou Selena. — Tudo que eu vi foram umas garras feias e deformadas — que coisa útil! Oh, e você tem um cheiro bom. Grande coisa! Aqueles soldados poderiam nos achar seguindo o seu cheiro.

Eu a *odiava*! Quando as minhas garras cresceram, coçando para entrarem em contato com os seus olhos, Matthew se colocou entre nós duas. — Você está cheia até a borda hoje. — ele me disse. — Não seria nem mesmo justo.

Selena sorriu.

— Isso é verdade...

— Não seria justo com *você*. — disse Matthew, o que calou a boca dela. — Arqueira em um lugar fechado? Contra veneno?

— Ela é *venenosa*? — gritou Selena em um tom horrorizado.

Um tom horrorizado *dissimulado*. Todos os meus instintos gritavam que Selena já sabia sobre aquilo — que ela sabia mais sobre mim e todos os Arcanos do que eu sequer podia imaginar.



E se Selena tivesse uma espécie de livro-guia ou a sua própria sábia Tarasova, uma que não tinha sido internada? Selena podia ter total controle sobre os seus poderes, podia tê-los praticado a vida inteira.

Sua habilidade com o arco era incomparável.

Que outras habilidades ela possuía?

Lembrei-me do comportamento estranho de Jackson quando chegamos à sua casa, de como a lua estava brilhante, parecendo nos chamar.

Cuidado com as *iscas*. Talvez Selena conseguisse manipular a luz da lua do jeito que eu fazia com as plantas. Ela a usou para me atrair para a sua casa naquela primeira noite — sem saber que eu estaria com Jackson? Disse.

— *Nunca esperei conhecer um cara. Aqui. Com você... simplesmente nunca esperei que ele aparecesse.*

— Veneno? — Flinn se afastou de mim, mas disse com empolgação. — Sério?

— Minhas, é, *garras* têm veneno. — Quando ele levantou as sobrancelhas, eu as exibi. Todos os dez espinhos mortais.

— Isso é muito irado! Ei, precisamos bolar uns nomes de super-heróis. Só pensem na ideia por enquanto, amadureçam por um tempo e me digam. — ele disse. — Ei, vocês já ouviram... vozes?

Eu grunhi.

— O tempo todo. Achei que ia enlouquecer.

— *Caaara.* — ele disse concordando. — E antes do Flash, todo tipo de coisa doida acontecia comigo. Eu comecei a falar essa língua esquisita. E as coisas começaram a se transformar — mas só na minha frente. Via o meu gato caminhando no teto, via lava saindo da torneira. O pior? Estava com uma garota e de repente ela tinha a cara do meu professor da academia! — Ele estremeceu.

E eu achava que tinha passado pelo pior.

Matthew e Finn também tinham sofrido.

— O que os seus pais pensaram? — perguntei, imaginando se Finn também havia sido internado.

— Meu pai não conseguiu lidar com o meu “comportamento instável”, então me empurrou para a minha mãe. Mesmo resultado. Estavam prestes a me colocar uma camisa de força — ou, pior, me mandar para uma escola militar — quando ela teve a brilhante ideia de me mandar de Malibu para a Carolina do Norte, para que eu aprendesse a agir como uma pessoa normal com os meus primos do interior.

Então Matthew e eu não fomos os únicos considerados “estragados” pelos nossos pais. Me perguntava qual seria a história de Selena.

— É. A mamãe achou que eles me endureceriam mentalmente. — disse Finn. — Nem consigo pensar nessa merda. Saúde mental — em meio a explosões de *Natty Light*⁴⁷, perseguições a jecas gostosas e brincadeiras de atirar naqueles patinhos da lagoa.

⁴⁷ Marca de cerveja light.



Pelo menos Finn era expansivo.

Embora o garoto fosse ofensivo — e ele tinha mesmo me chamado de *peitinhos de mel*? — estava começando a gostar dele.

Especialmente quando o comparava a Selena.

Estava prestes a lhe perguntar qual era o meu chamado Arcano quando Selena disse.

— Eu não ouço vozes, seus pirados.

Depois de dias com aquela garota — reprimindo minha irritação, tentando suportar — tinha chegado ao fim da minha paciência.

— Se você vai mentir, não vou revelar mais nada na sua frente.

— Eu *nunca* ouvi vozes. — ela zombou de um jeito pior do que o meu primeiro terapeuta.

Levantei-me, fervendo por dentro.

— Você é uma mentirosa, Selena. Mas é isso que faz de melhor, não é? Enganar é o seu *modus operandi*, certo?

Ela também se levantou vigilante.

— Do que está falando?

— Quando nos vimos pela primeira vez, você se comportou como se não tivesse me reconhecido, mas eu acho que você sabia exatamente quem — e o que — eu era desde o começo. Se está tão empenhada em dar uma de ignorante, então isso quer dizer que você sabe muito mais do que está dizendo. Conhece os nossos poderes? Talvez tenha alguma espécie de professor ou um livro. Talvez tenham lhe ensinado tudo que esperamos descobrir.

Ela se inclinou com agressividade.

— Prove o que está falando.

— Calma, senhoras, vocês duas conhecem as regras. — Finn se ergueu, levantando as mãos como um árbitro. — Nada de brigas fora da arena de gelatina.

Rodei os meus dedos prestes a formarem garras na frente do rosto dela, e eventualmente ela recuou.

— Então, me contem qual é a história dele.

Flinn jogou o queixo na direção de Jackson.

— Ele não é um de nós?

Depois de um último olhar ameaçador para Selena, eu disse.

— Acho que não. Não o vi fazer nada super-humano.

Selena jogou o cabelo por cima do ombro.

— Isso é porque ainda não o experimentou do jeito certo, querida. — Seu tom era pura indireta.

Aquela era a prova que eu esperava? Ou outra mentira? Talvez eles *tenham* ficado juntos — ao menos na noite que passamos na casa dela.

E possivelmente depois.

Embora realmente acreditasse que Jackson estivesse interessado em mim novamente, não sabia como *superar* o que aconteceu entre os dois. Por entre os dentes, disse.

— Então nos diga que carta ele é, Selena.

Ela suspirou.



— Meu Valete de Copas⁴⁸.

Com as garras doendo, disparei.

— Baralho- errado-vadia.

Finn grunhiu.

— Isso não pode estar acontecendo! Então vocês duas estão a fim daquele cara Cajun? As duas? Qual é gatinhas? Isso não é justo! Distribuam as riquezas.

— Para você? — Selenar arqueou as sobrancelhas.

— Precisamente. Eu sou o seu cara, Arqueira. Você e eu. — Ele piscou. — Pense nisso.

Ela o olhou como se olhasse para um inseto inoportuno.

Imperturbável, ele perguntou.

— De qualquer maneira, vamos continuar mantendo as nossas coisas em segredo com relação ao Cajun?

— *Segredo*. — sibilou Matthew.

— Certo, cara. Acho que isso responde...

Quando começamos a nos aprontar para dormir uma hora depois, estava mais que exausta. Embora houvesse três quartos no lugar, coloquei dois cobertores para mim e Matthew perto do fogo. Queria ficar perto de Jackson. Ele continuava lá fora, na varanda, ainda bebendo.

Saí uma vez, mas ele levantou aquele dedo de novo.

— Quero ficar sozinho.

Agora, rastejei para debaixo do meu cobertor, estremecendo ao pensar nos eventos do dia. Ainda assim, estava determinada a esperar por ele. Se não me deixasse tratar os seus ferimentos, eles poderiam infeccionar. Ainda mais, ansiava em falar com ele, em descobrir o que acontecia naquela sua mente misteriosa. Descobrir o que o amanhã traria.

Também queria ficar acordada porque fiquei nervosa depois da minha briga com Selenar. Ela tinha deitado nos cobertores do outro lado da lareira. Apesar do fato de Finn ter uma cama nos fundos, ele desenrolou o seu saco de dormir bem ao lado dela. Para sua irritação.

Ele tentou várias vezes atraí-la para o seu quarto. O coitado deve ter gastado todo o seu repertório, mas ela o recusou completamente.

Selenar só tinha olhos para Jackson...

Matthew se aconchegou ao meu lado, com os olhos sonolentos e adoráveis. Estávamos deitados olhando um para o outro — a porta da frente na minha visão periférica, caso Jackson entrasse. Disse a Matthew.

— Durma um pouco, garoto.

— Grande noite. — ele sussurrou.

Sim, foi. Ele estendeu o braço para tocar a minha mão.

E minhas pálpebras se fecharam.

⁴⁸ Essa carta em Inglês é conhecida como “Jack of Hearts”.



Capítulo 38

Os aldeões zombavam da bruxa vermelha de dentro de sua frota de navios.

Tinham ancorado em alto-mar, fora do alcance de qualquer árvore, videiras ou espinhos. O mar calmo sem ventos não estava favorável para os seus esporos.

Enquanto ela observava da praia, eles a chamavam de “Condessa de Palha” e de “Rainha da Fome”.

Como se os fracassos com as plantações tivessem ocorrido por sua causa.

A água azul ofuscante estava parada como um espelho sob o sol. Quando ela tirou o capuz, a luz banhou o seu rosto, revigorando-a. Um dia glorioso para a vingança.

Ainda assim, todos sabiam que, a menos que conseguisse andar sobre a água, não havia vingança para se obter.

A Morte chegou à costa para observá-la, sempre fascinado com os seus dons de Imperatriz. Em cima do seu garanhão, no topo de uma duna, ele tirou o capacete, parecendo um Deus.

— E o que fará agora, criatura? — ele perguntou. A luz do sol acentuando adoravelmente as suas feições perfeitas, seu longo cabelo loiro. — O mar é domínio dela... não seu.

A bruxa tocou no queixo com uma garra de espinho, lembrando-se de que ainda não era hora do seu encontro com a Morte. Voltou sua atenção para os marinheiros, os últimos sobreviventes do vilarejo que havia atormentado com esporos e tempestades de espinhos.

Agora os marinheiros ficaram ainda mais ousados, mais impetuosos. Ridicularizavam dela, expondo seus genitais de modo vil.

Os olhos brilhantes da Morte estavam presos em seu rosto, sempre atentos a sua inimiga.

Sim, realmente queria apreciar um bom espetáculo.

— Embora não seja o meu estilo... se eles não vêm a mim, devo ir até eles. — Ela caminhou com propósito pela praia. À beira do mar não diminuiu o passo, simplesmente pisou em sua superfície, caminhando com alegria na água.

As tripulações se calaram. Um ofego perdido aqui, um gemido acolá.

Ela olhou por cima do ombro para a Morte. Sua expressão estava impassível, aqueles olhos estrelados sem nada revelar.

Plantas marinhas se erguiam do fundo e a mantinham flutuando.

Os marinheiros finalmente começaram a se movimentar, mas nenhum vento soprava as suas velas soltas. Eles remaram em desespero, mas suas aliadas aquáticas prendiam os navios no lugar.

Então vieram os apelos ardentes dos homens para os deuses antigos e novos.

Mas era tarde demais.

Assim que ela se aproximou o suficiente para ver os seus rostos, acenou uma mão tatuada. Na mesma hora, cordas gigantes de plantas marinhas saíram à superfície, explodindo das profundezas.

Enquanto os homens gritavam, ela sorriu de volta para a Morte.

— Não, o mar não é o meu domínio. — Seus poderes sobre o oceano eram mínimos em comparação com os de uma certa Arcana. — Mas posso pegá-lo emprestado de vez em quando.



Aquelas plantas dançavam acima dos navios, escorrendo água, posicionadas para atacar. Homens crescidos choravam por misericórdia, implorando a “senhora” por sua graça.

Ela jogou a cabeça para trás e riu de prazer.

— Eu lhes darei a mesma misericórdia que me ofereceram. — Aqueles aldeões tinham lhe amarrado a um poste de madeira e começado a queimá-la; sentiu as chamas antes que pudesse reviver o poste em uma árvore, libertando-se.

Vingou-se da maioria deles, de todos, menos daqueles marinheiros.

Quando se lembrou do cheiro da sua carne queimando, mexeu a mão novamente.

As cordas verdes bateram nos convés, esmagando os que estavam de prontidão, despedaçando homens. Sangue se amontoava, derramando-se pelos canais dos navios. Grandes cascatas de vermelho manchavam o oceano e formavam espumas de bolhas cor-de-rosa.

Quando as plantas se retorceram em volta dos navios como tentáculos gigantes, partindo as embarcações ao meio, marinheiros pularam na água.

Mais suas aliadas os aguardavam, puxando-os para baixo pelos tornozelos. A bruxa atormentou os homens, afundando-os e permitindo-os depois um gostinho de ar, uma chance de gritar, um segundo para que tentassem alcançar o sol indiferente — antes de puxá-los para o fundo.

Não parou até que todos estivessem mortos.

Quando o mar se acalmou mais uma vez, estava manchado de vermelho.

Assim que a bruxa retornou à praia, a Morte inclinou a sua cabeça de modo majestoso, e então esporou a sua montaria branca, deixando-a.

Ela se virou para observar a sua bora. Na perfeita calmaria do mar tingido de sangue, a bruxa espiou o seu reflexo. Refletida na água estava...

Eu. Me desperto em um pulo, sem ar. Era o meu reflexo. O meu!

Estremecendo, jogo o olhar em volta da cabana iluminada pela fogueira. Só um pesadelo. Só um pesadelo. Não estive lá. Não fui eu que aniquilei um vilarejo inteiro.

Matthew cochilava ao meu lado. Selena e Finn dormiam do outro lado da sala. Uma das mãos dele descansava em cima de uma mecha do cabelo dela.

Jackson não estava li. Ainda do lado de fora?

Empurrei o meu cobertor e tropecei até o banheiro iluminado por uma lanterna. Não podia aguentar mais daqueles sonhos! Eles eram como filmes de terror horripilantes sendo exibidos no meu cérebro.

E naquele, a bruxa mostrou que era a Imperatriz — quando teve uma conversa com a Morte.

Agora eu teria pesadelos com os dois? Lembrei do modo em que o seu rosto glorioso se via sob o sol e tive um calafrio.

Por que Selena não tinha que lidar com merdas desse tipo? Mais uma razão para odiá-la.

Dentro do banheiro, peguei a lanterna turva, acendendo a luz. Minha mão estava manchada? Esfreguei a minha pele, mas a mancha não saía.



Um truque de luz, uma sombra? Ela passava do meu pulso? Levantei a manga do moletom. Um desenho semelhante a uma hera se espalhava pelo meu braço.

Com um ofego, me virei para o espelho coberto de poeira em cima da pia, limpando desesperadamente o vidro com o punho.

Olhei para o meu reflexo, e cambaleei.

A bruxa vermelha me encarava de volta.

Meus olhos estavam... verdes. Meu cabelo? Um vermelho brilhante, emaranhado de folhas.

Aquelas inscrições brilhantes corriam por toda a minha pele pálida.

Quase hiperventilando, me aproximei mais do espelho. Não, eu não era *exatamente* como a bruxa. Ainda era a mesma, apenas com traços similares aos dela.

Meus pensamentos correram. A bruxa deve ter sido... ela deve ter sido outra Imperatriz. Uma nascida no passado. Os navios que destruiu se pareciam galleons⁴⁹.

Matthew me disse que houve batalhas há muito tempo — e ele nunca disse que eu *era* a primeira Imperatriz.

A bruxa vermelha e a Imperatriz eram uma só.

Bem no fundo, eu sabia disso. Tinha que saber. Mas Matthew me disse que a bruxa estava ascendendo, que estava vindo atrás de mim. Que eu lutaria com ela.

Acho que *vinha lutando* com ela o tempo inteiro, resistindo a enxergar a verdade.

Realmente, ela tinha vindo atrás de mim.

Mesmo agora conseguia senti-la ascendendo — *dentro* de mim.

Certamente foi Matthew que me mandou aqueles pesadelos? Ou eles vinham inclusos no pacote Imperatriz?

Enquanto olhava os meus olhos cor de esmeralda, lembrei de outros detalhes sobre a carta da Imperatriz.

Montes se expandiam detrás dela, mas agora percebi que o seu império tinha sido inundado em verde e vermelho. Tanto pelas plantas *quanto* pelo sangue. Seu cabelo era cheio de flores, videiras... e mechas vermelhas.

Suas mãos estavam erguidas, os braços bem abertos, um chamado. Ainda assim, seu olhar era mortal, os olhos dizendo, "*Venha, toque... mas vai pagar um preço.*"

Então reconheci. *Aquele era o meu chamado Arcano.*

As gravações na minha pele começaram a se mover, a rolares, brilhando de dourado para verde, e outra vez em dourado. *Impressionantes.*

Enquanto observava, reconheci que uma parte de mim ainda estava excitada pelo poder que havia experimentado naquele sonho; só de lembrar as façanhas da bruxa minha agressão aumentava.

Ser capaz de destruir uma frota inteira de navios...?

De fato, enquanto refletia sobre todos os pesadelos que tive, quase conseguia admirar o *ardor* da bruxa. Ao menos era puro.

E suas vítimas *tinham* tentado queimá-la viva. Claro que ela se vingaria.

⁴⁹ Embarcação com três proas e à vela.



Não, não! O que estava *pensando*?

Ela exterminou um vilarejo inteiro.

Eles provavelmente tinham razão para queimá-la!

Senti algo fazendo cócegas no meu braço e baixei os olhos. Uma videira delicada germinava de um dos desenhos.

Quando ela irrompeu a superfície da minha pele, dando uma olhada discreta, de breve, dei um grito e saltei para trás, tropeçando em um tapete. Caí jogando os braços para cima, e acabei dentro da banheira, passando direto pela cortina do chuveiro. Quando parei sentada com as pernas penduradas para o lado de fora, ofegando em descrença, ouvi passos pesados soando pelo corredor.

Oh, Deus, Jackson!

Do lado de fora da porta, ele disse.

— Evie, você está bem?

— Uh, ótima. Só escorreguei por causa da luz fraca! — Lutei para ficar de pé, então voltei ao espelho. — Vou sair em um minuto. O-ok? — Quando aquela agressão que não era natural começou a sumir, meu desprezo cresceu a toda força. *Eu sou a... bruxa vermelha*. Deixei a cabeça cair nas mãos, à beira de um ataque de choro. *As coisas que a vi fazer...*

O que Jackson faria assim que descobrisse aquilo a meu respeito?

Não. Me recusaria a isso! Do mesmo modo que recusei o desafio da Morte, eu negaria aquela maldição. Nunca pedi por aquilo. Considerava uma doença, me roubando a identidade.

Estava condenada a ser uma aberração covarde — a garota dormiente de hoje na gaiola — ou um monstro assassino?

Sim. Pressentia que teria pouco tempo até ser aprisionada, que um desses alter egos falasse mais alto.

A não ser que conseguisse ajuda.

— *Bébé*, me deixe entrar. — Jackson ainda estava lá fora?

Olhei de boca aberta para a porta, para o meu reflexo, para a porta. — V-vá embora! — Gritei, arrancando folhas do meu cabelo e jogando-as num cesto de roupas sujas. *Respire Evie. Não entre em pânico. Respire.*

— Qual é o problema aí?

— Nenhum! — Gradualmente, meu cabelo e olhos começam a se reverter, as gravações na pele se apagando. *Rápido, rápido!*

— Me deixe entrar! — Ele batia a porta com força. — Ou entro de qualquer forma.

— Eu... eu... espere!

— Afaste-se da porta, então.

— Não, Jackson...

A porta caiu.

Farpas voaram pelo ar, o caixilho da porta destruído.

Meus lábios se moveram sem emitir som algum. Finalmente, consegui dizer.

— Qual é o problema com *você*? — Olhei com os olhos arregalados na direção do espelho...

Minha aparência estava de volta ao normal.



— Achei que tinha ouvido você gritar agora a pouco! — Ele se abaixou para pegar a garrafa que tinha deixado no chão do corredor, embora a maior parte do seu conteúdo estivesse ausente.

— Me matou de susto.

Ele ainda estava imundo. Seu arco estava disposto de maneira torta em suas costas.

Espiei o corredor detrás dele. Os outros três estavam acordados, nos olhando com curiosidade.

Olhei com determinação para Matthew. Ele sabia o tempo inteiro, sabia que eu tinha descoberto naquela noite.

— Grande noite. — ele disse. Sorrindo de orelha a orelha, me deu um sinal de ok. Estreitei os olhos.

— Quero falar com você. — Jackson disse.

— Hã? Ok. — disse sem tom algum.

Meu corpo parecia machucado, minha mente entorpecida.

A maldade sempre tinha cozinhado em fogo baixo dentro de mim, apenas esperando para se libertar? Se matasse como a bruxa, poderia voltar a ser o que era antes?

Talvez *devesse* ter criado raízes hoje.

— Falar com você *a sós*. — adicionou Jackson severamente, como se eu fosse discutir com ele, ou como se outra pessoa pudesse fazer o mesmo.

Selena claramente não queria aquilo, mas ficou quieta. Finn se aproximou mais dela, oferecendo-lhe um raro *Snickers*⁵⁰ de consolo. Ela rolou os olhos para ele.

Jackson pegou a lanterna do banheiro, e então me empurrou para um dos quartos, fechando a porta atrás de nós.

Fechou a cara ao ver a janela não reforçada, me passando a lanterna e a garrafa. Então, ele arrancou o colchão da cama de solteiro, colocando-o por cima do quadro de madeira.

Usando a vareta de pendurar os cabides do guarda-roupa para firmá-lo no lugar.

Satisfeito, pegou a garrafa de mim e começou a andar de um lado para o outro.

— Por favor, me deixe dar uma olhada na sua perna, Jackson. — Eu soava tão morta quando me sentia? — E as suas mãos também. — Pendurei a lanterna num gancho de pendurar casacos, pronta para examinar os seus ferimentos. Ainda estava preocupada com uma infecção.

Além do mais, fazer algo produtivo poderia manter os meus pensamentos ocupados. *Eu sou a bruxa vermelha*.

— Provavelmente está cheio de farpas nos dedos. — Agora que ele tinha bebido tanto, talvez não fosse doer muito quando as tirasse. — Pode falar enquanto eu trabalho.

Ele sacudiu a cabeça com força.

— *Non*. Tem algo que eu quero dizer.

Nunca o tinha visto *tão* sério assim.

— Ok, estou ouvindo.

— Quando você foi capturada, eu não sabia... — Ele deixou de falar, teve que dar um gole no uísque antes de poder continuar. — Se seria como...

⁵⁰ Chocolate.



— Como?

— Como foi com Clotile.

— Oh, Jackson, não. Eu estava bem. Não fui ferida.

— Não sabia se chegaria tarde demais. — disse com um tremor. Então se aproximou de mim, até os nossos dedos dos pés se tocarem. — Evie, se você for levada de mim outra vez, é melhor saber que eu vou atrás de você. — Ele segurou o meu rosto com uma mão manchada de sangue. — Então fique viva a todo custo! Não vá fazer como Clotile, não vá seguir aquele caminho. Você e eu podemos suportar qualquer coisa, só me dê uma chance — sua voz ficou mais baixa — só me dê uma chance de *chegar* até onde você está. — Ele enterrou o rosto no meu cabelo, inalando profundamente. — Não há *nada* que possa acontecer com você que não possamos superar.

Nada? Olhei para o teto em tristeza. *Se ao menos aquilo fosse verdade.* Mas como ele poderia aceitar aquelas mudanças em mim — quando nem mesmo *eu* podia?

Transformei-me de uma forma tão drástica que poderia muito bem pertencer a uma outra espécie.

Ou ser uma planta. Engasguei uma risada histérica. Uma classificação completamente diferente.

Que garoto iria querer uma namorada com garras? *Ei, Jackson, você provavelmente não vai querer beber de algo em que encostei a boca.* Ainda assim não pude me impedir de perguntar.

— Quando você diz *nós*...?

Ele se afastou, me olhando, os olhos ardendo.

— Eu vou ser franco com você. Pode rir na minha cara... eu não ligo. Mas vou arrancar isso dopeito.

— Eu não vou rir. Estou ouvindo.

— Evie, eu quis você desde a primeira vez que a vi. Mesmo quando a odiei, ainda a quis. — Ele passou os dedos pelo cabelo. — Eu fiquei de quatro.

Meu coração parecia que ia parar, para que eu pudesse ouvi-lo melhor.

— Desde que começou a me olhar torto, venho desejando você, um *envie* que nunca conheci.

— Eu não olho torto para você! Estou ocupada demais *admirando* você pra isso!

Ele parecia chocado pela minha declaração.

— Verdade?

— Sim!

Os cantos da boca dele se curvaram por um instante antes que ele ficasse sério outra vez.

— Você me perguntou se eu tinha aquele celular com as suas fotos, se eu tinha olhado elas. Claro que eu olhei! Vi você brincando com um cachorro na praia, e dando uma pirueta louca numa pedra alta, e fazendo caras e bocas para a câmera. Aprendi a seu respeito — suas palavras ficaram mais roucas — e a quis ainda mais. Queria ver você todo dia.

Com uma risada sem graça, ele admitiu.

— Depois do Flash ficava procurando maneiras de conseguir um maldito telefone — que *nunca* faria uma ligação.



Murmurei.

— Eu não sabia... não tinha como ter certeza.

— Para mim é só você, *peekôn*.

Baixei o rosto. Um espinho. Ele podia ter sentimentos por mim, mas isso não significava que fosse algo que *quisesse* sentir. E ele nem sabia sobre o meu alter ego vilão. Como aquilo podia estar acontecendo?

Por que eu tinha que descobrir que era de uma linhagem de psicopatas histéricas e assassinas, na noite em que ele me falava dos seus sentimentos? Segurei um soluço.

— N-nós dois sabemos que a sua vida seria muito mais simples sem mim! Eu *sou* só um espinho na sua pata.

Ele assentiu sem dificuldade.

— E esse espinho me lembra você. A cada movimento que faço, penso em você.

Abri os lábios. Outra vez percebi que ele era a única coisa na minha vida que me fazia me sentir *sã*, que me fazia *querer* lutar por um futuro.

— Evangeline, eu tenho que sentir você a cada passo que dou. — A mão estremecida dele se fechou na minha nuca, apertando. — Ou fico um pouco louco.

Apesar de tudo, senti um fio de esperança. Jackson me queria. Eu o queria também. O que deveria ser a única coisa que importava, certo? Ele nunca precisaria saber o que eu era. Vovó me ensinaria a me livrar daquela maldição, ou a mantê-la enterrada para sempre — sem que eu deslizesse de modo covarde para aquele outro lado.

Com a orientação dela, esta não precisaria ser uma situação de ou isso ou aquilo. Poderia aprender como ser normal outra vez!

E nós só estávamos a semanas de distância de Outer Banks. Ainda havia tempo. Otimismo me encheu...

Até eu lembrar outra das muitas barreiras entre nós.

— E Selenia? Vocês dois não ficaram juntos?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ela é ótima, e se eu nunca tivesse encontrado você, poderia ter olhado duas vezes em sua direção. Mas só flertei com ela para te deixar com ciúme. Para ver se você se sentia do mesmo jeito em relação a mim.

— Do mesmo jeito? — Metade de mim queria beijar Jackson; a outra metade queria ouvir o resto do que aquele garoto lindo queria me dizer. Joguei os braços em volta do pescoço dele, apertando-o bem perto, sem ligar para o sangue seco ou a lama.

Ele endureceu a princípio, como se em surpresa, e então fechou os braços ao meu redor com um grunhido.

— Ah, eu conheço esse cheiro. Madressilva.

Senti uma risada borbulhando dentro de mim.

— Sim, sim. — Fiquei nas pontas dos dedos para passar os lábios em seu pescoço, para depositar beijos no seu rosto orgulhoso e cansado.

Suas pálpebras se fecharam. Sua expressão era de felicidade. Ele disse.

— Eu vou cuidar de você, *bébé*.



— Eu sei. Eu sei que vai.

— Nunca vou leva-la até a Carolina do Norte. *Jamais*.

Fiquei imóvel e me afastei.

— O que está dizendo? Eu tenho que achar a minha avó.

— Qual é Evie? Nós dois sabemos que ela provavelmente nem sobreviveu. Não vimos outra mulher na estrada. Não vou deixar que corra o perigo que correu hoje outra vez.

Ele queria cancelar a nossa jornada agora? *Ficando sem tempo...* me afastei dele, tentando manter a calma.

— Tenho planos para nós, sabe. Vamos voltar para a casa de Selenia. Você pode levar o seu bichinho de estimação *coo-yôn*. Mas nós vamos para o sul. De volta ao calor e longe da praga e dos canibais. Você pode me ensinar como te cortejar. Porque eu não tenho ideia de como fazer isso. Pode ser feliz vivendo comigo. Você *vai* ser.

Sim, eu seria. Assim que me libertasse daquela maldição!

— Tudo isso é maior do que eu, Jackson. Eu tenho que entender... tenho que me entender.

— Então me *diga* o que está acontecendo. Seja honesta, para variar. *Confie* a mim os seus segredos. Eu confessei todos os meus.

Dizer a ele o que eu era? Ou, meu Deus querido, *mostrar* o que era?

Selenia foi magnífica como a Arqueira, cheia de graça e velocidade, com o comportamento de uma Deusa. Matthew tinha as suas premonições imediatas, era um mestre do destino.

Os talentos de Finn eram quase inconcebíveis. Os meus?

Eu tinha garras sinistras que surgiam do nada. Fazia as coisas nascerem e crescerem ao derramar o meu próprio sangue. Podia ser *venenosa*.

Quando controlava as plantas, elas pareciam cobras se retorcendo.

E quanto àquela noite com a flor-de-lótus? Chamei Selenia de falsa.

Aquele também não era o meu *modus operandi*?

Diferente de mim, os outros garotos só pareciam *mais* hábeis, como semideuses. Se revelasse a Jackson o que a Imperatriz realmente era, como poderia suportar ver o seu desprezo? Ficava nauseada só de pensar em mostrar aquilo a ele.

E se ele me olhasse... e fizesse o sinal da cruz?

Ele tinha sentimentos por mim, mas só porque não sabia o que eu era de verdade. Ele me desejava — *não* a bruxa.

— Eu quero contar para você. — sussurrei. — Mas não posso. Ainda não. — *Só me conceda isso por um tempo.*

Sua expressão endureceu.

— Então você vem comigo. Vamos conversar sobre o que você tem que “entender” quando conseguir confiar em mim.

Um alarme forte soou. Ele me impediria de ir embora? Me arrastaria de volta à casa de Selenia?

— Eu vou para a Carolina do Norte. E eu achei que você e os outros estariam lá comigo.

— É tão fácil para você tomar todas as decisões! Quando não está sujando as mãos com nada!



— Eu sou mais forte do que você pensa. Se a situação exigir, eu poderia ajudar o nosso grupo.

— Nos ajudar? Fazendo o quê? Vai *enfeitiçar* os Saqueadores com a sua beleza até que morram?

— Como eu disse, posso surpreendê-lo!

— Você não sabe caçar, não sabe lutar. É frágil demais!

— Não pode mais falar isso ao meu respeito. Não me conhece...

— Porque você não me diz nada! — Ele jogou a garrafa na parede.

Senti como se tivesse me despedaçado junto com ela.

— V-vamos conversar amanhã, quando estiver sóbrio. O-ok? — Estremecendo, me virei para a porta.

— Maldição, garota, você vai me ouvir!

Eu o encarei outra vez, e o encontrei com os olhos arregalados.

— Jackson, eu ficarei louca se não descobrir o que devo fazer! — *E como poderei me salvar!*

— Eu *sei* o que você deve fazer. Deve ficar comigo, ser minha. Vamos cultivar a nossa comida, viver as nossas vidas. Vamos construir algo, juntos.

Como eu queria aquilo também. Minhas lágrimas se juntaram e caíram.

A raiva o abandonou.

— *Non*, não chore. — Ele cobriu os meus ombros com as palmas, me esfregando com os polegares.

— T-tem mais coisas. — insisti.

— Então me *conte*, *bébé*. — A angústia na voz dele quase me venceu. O cinza tão vivo dos seus olhos brilhantes... — *Confie* em mim.

Quando continuei calada, chorando baixinho, suas mãos apertaram os meus ombros. Ele jogou a cabeça para trás e gritou como um louco. Então encontrou o meu olhar.

— Você guarda os seus segredos da única pessoa da qual poderia realmente confiar. — Com a voz crua, ele cuspiu, — *J'tombe em botte, Evangeline! J'tombe em botte*. — Vou me destruir. — Não posso continuar fazendo isso! Você vem comigo ou nós vamos nos separar de manhã.

— Vamos conversar sobre isso...

— Jure que vai embora comigo ou eu vou ter que trancar essas janelas. Não posso continuar correndo atrás de você, indo contra todos os meus instintos, não. Não posso continuar esperando e esperando. Eu sei o que isso vai fazer, já *vi* o resultado.

— E-eu não tenho escolha.

Ele me soltou, jogando os ombros para trás.

— Então eu também não tenho. Já estou *farto* de você, garota.

— O que isso quer dizer?

— Que-eu-estou-*farto*!

A última palavra ainda ecoava entre nós quando ele saiu mancando do quarto e bateu a porta.



Capítulo 39

— Você sabia que eu era a bruxa vermelha! — Disparei para Matthew em voz baixa.

Ele entrou no quarto assim que Jackson saiu, e ficou sentado sem dizer uma palavra pelo que pareceram horas até que eu parasse de chorar.

Finn também entrou, trazendo alguns cobertores e acendendo o fogo na pequena lareira para nós.

— Obviamente, você está fora do *menu*, loirinha. — ele disse. — Com o seu garoto-problema e tudo mais. Então, seja boazinha e me diga o jeito mais fácil de tirar a calcinha de Selenia.

Assim que ele percebeu que eu não estava com *humor* para aquilo, levantou as mãos.

— Ei, ei, tudo bem. Não se preocupe, vou bolar alguma coisa. Me deseje sorte. — Então tinha piscado e desaparecido. Literalmente. Ficou *invisível*.

Agora eu andava de lá para cá enquanto Matthew estava sentado no chão, estudando um pedaço de vidro quebrado perto da fogueira.

— Podia ter me dito que eu era ela. — Ainda estava abalada com *todas* as revelações daquela noite.

— Você não é ela.

— *Ainda* não? Porque ela é forte e má. E eu não sou certo? — Disse com tom magoado.

Ele inclinou a cabeça.

— Um dia você será conhecida como a Princesa Veneno, A Rainha da Primavera. A Senhora Lótus. Rainha de Espinhos. Phyta⁵¹.

— Como em fito-manipulação?

— Você também consegue *gerar* plantas. Fitogênese. Sem sementes.

Isso era excitante — até eu me lembrar de que aquele talento provavelmente foi projetado com intenções assassinas.

— Você me mandou mesmo todos aqueles pesadelos, então?

Ele franziu o cenho.

— Pesadelos? Não. Apenas... sonhos.

— Quem era ela? Era eu em outra vida? — *Diga que não, diga que não.*

— A última Imperatriz de muito, muito tempo atrás. Ela não guardou os segredos. Era conhecida por todos. Mas eles queimam o que temem. — disse com seus pensamentos sendo levados.

— Matthew!

— Eu atualizei os sonhos para você. Porque você não fala o Inglês da Idade Média.

Mas você sim?

— Aqueles *sonhos* estavam a ponto de me enlouquecer. Por que você me faria vivenciar coisas tão horríveis?

⁵¹ Do Grego, planta, vegetação.



— Não *ruins*. Arsenal. — Com um suspiro, ele repetiu. — Arsenal, campo de batalha, obstáculos, inimigos.

Então, ele tinha me mostrado todas as quatro coisas, ou por meio de visões ou de pesadelos.

— Arsenal? Tipo, o que sou capaz de fazer? — Admiti de mal grado que a única razão por ter sido capaz de criar a lótus era porque vi a bruxa fazer o mesmo antes.

O campo de batalha seria uma terra completamente devastada. Os inimigos eram os outros Arcanos, como a Morte. Os Saqueadores os obstáculos? — Só tem um problema, Matthew. Eu *não* sou uma assassina. Nunca vou *usar* aquele arsenal para machucar os outros. Juro a você que isso *não vai acontecer*.

— Hmmm. — foi tudo o que ele disse.

— Isso é uma maldição! Uma que vou ter que me livrar. Por causa dela, tive que afastar Jackson. Não posso aguentar isso, Matthew. Eu o quero tanto. Me diga o que devo fazer.

— Use truques. As marcas devem ser merecidas.

— Falei a respeito de Jackson. Ele não quer se separar de mim mais do que quero dele. Ele sente algo por mim, sentimentos profundos. — *Me desejou desde o começo*.

Voltou para Haven por minha causa, salvando a minha vida. Cuidou de mim, me protegeu. Mesmo quando estava mais do que irritado comigo.

Tinha feito tanto, me dado tanto e eu não lhe dei nem a minha confiança.

Já não a tinha merecido àquela altura?

— Jackson estava certo, sobre tudo. — disse. — *Devia* confiar nele. *Devia* lhe contar os meus segredos.

Fui uma covarde, temendo a sua reação — mas podia ser pior do que isso? Ele estava *magado*. E isso era insuportável! Meus olhos se encheram d'água só de pensar em sua voz.

— Vou consertar isso. Tenho que contar tudo a ele.

Matthew virou o caco, colocando-o de cabeça para baixo.

— Segredos. Você escuta muito mal.

— Depois de hoje eu tenho duas escolhas. Posso guardar esses segredos. Ou posso ficar com *ele*. O que significa que vou contar a verdade, mesmo se eu tiver que... revelar o que eu sou.

Um mal estar me invadiu outra vez.

Lembrei que Jackson disse que juntos podíamos atravessar *qualquer coisa*.

Ele disse que não havia *nada* que pudesse me acontecer que não conseguiríamos superar. Eu não pedi por nada disso — com certeza ele iria entender!

— Matthew, quando eu explicar a minha confusão e os meus temores, ele vai *querer* me levar até a minha avó. Então posso ser curada.

Junto a Jackson. Uma parceria. Sem mais segredos entre nós.

— Eu não vou desistir dele. — *De nós*. — E estou farta de permitir que Selena se coloque entre a gente.

— Lamento que o queira. — Matthew começou com um tom cauteloso, como se estivesse tentando, com muito esforço, me dizer as palavras certas. — Eu sinto o seu coração — ele *sofre* de verdade. Queria que não doesse, Evie. Você não pode tê-lo.

Olhei para ele com raiva.



— Por que diria isso?

— Você não quer ser um Arcano. Mas você *é*. — Ele levantou os olhos para mim com aquela expressão tão cheia de sentimentos. — Jack *não* é.

— Então, o que você é, uma carta puritana ou algo assim?

— Ele é uma fraqueza. Você o usa como uma muleta. Quando ele ajuda, ele se magoa.

Como poderia ser? Ele me fazia ter *esperança*.

— Jackson pode ser a única coisa que está me impedindo de me transformar em um monstro.

Matthew saltou de pé, me encarando de cima.

— No que você nasceu para ser!

Ofeguei.

— Ele me impede *sim* de me transformar!

Matthew afastou o olhar.

Jackson tinha calado as vozes e depois agido como uma espécie de âncora para mim — mais outra razão para que devesse ficar com ele.

Já não queria nada mais do que começar uma vida ao seu lado; agora isso parecia estar destinado.

Mathew afundou na cama, parecendo exausto.

— Se você não aceitar os seus poderes, não vai conseguir vencer.

— Eu não os aceito, não aceito o meu papel nessa guerra. — Quando Matthew pareceu querer discutir, gritei. — Ninguém pode me forçar a lutar!

— Você vai *querer*, vai *precisar* lutar. Há um calor na batalha. Está na sua natureza.

— Vou pedir ajuda a Jackson...

— Não é uma carta.

— E assim que tivermos controlado essa doença, vamos fugir juntos. Você pode fugir conosco, Matthew. Com certeza não vai querer ir para uma guerra!

— Jack contra a Morte? Quem ganha? Você pode sobreviver, eu posso, Luna pode, Finn pode.

— É por isso que vamos fugir para onde a Morte não possa nos encontrar.

— Ele a vê neste momento. Ele escuta cada palavra que diz. Cada pensamento que passa pela sua mente. Não há como escapar dele.

— Não acredito que estou presa a isso, que estou imobilizada por ações que não são minhas.

— Não pode controlar os seus poderes. A Senhora Lótus nos fez dormir ontem à noite. Se demorar mais? Jack dorme para sempre.

— Do que está falando?

Em um tom astuto Matthew murmurou.

— Flor-de-lótus. Dormir para todo o sempre.

— Não. — sussurrei, mesmo quando lembrei do meu pesadelo. Os aldeões tinham caído ao chão, inconscientes. Quando acordei, Jackson estava apagado. Havia liberado algum tipo de esporo enquanto dormia? — Oh Deus, eu fiz *aquilo*?



Quando me deparei com Jackson naquele assento da janela, tinha lhe achado tão lindo — e ele estava à beira da morte por minha causa!

— Então por que você não me ajuda a controlar os meus poderes?

— Oh, você vai aprender. *Logo*.

Sacudi a cabeça com força.

— Devo isso a Jackson. Vou alertá-lo do perigo. Se ele ainda quiser ficar comigo, farei o que custar para protegê-lo dos outros Arcanos. De mim mesma. Mas ele tem que saber.

Era justo, ponderei, embora sentisse as minhas esperanças de um futuro despencarem.

— Uma tempestade no horizonte. — disse Matthew de uma forma ameaçadora. — E já estamos atrasados. Eles riem de nós. *Deveriam*.

— Então os deixe rir. — disparei. — Eu volto logo.

Enquanto caminhava para o corredor, achei que ele havia murmurado. — Adeus, Evie. — mas continuei andando.

Passando por outro quarto de hóspedes, ouvi um grunhido lá dentro. Alguém ofegando, brigando? Um Saqueador havia entrado? Um soldado de milícia?

Com as garras afiando, abri a porta...

Não consegui acreditar nos meus olhos.

A bile me subiu à garganta.

Com os braços fortes e protetores em volta de Selena, Jackson a beijava com toda vontade.



Capítulo 40

DIA 246 DEPOIS DO FLASH REQUIEM, TENNESSEE

— Que maneira melhor para parar esquecer aquilo tudo do que com outra garota? — Evie pergunta baixinho, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

Sentávamos em silêncio enquanto esperava que voltasse a se recompor. Também poderia aproveitar um pequeno intervalo. Tantas coisas que ela havia dito tinham me deixado perplexo, fazendo a minha cabeça doer. Meu foco ficou confuso. Do mesmo modo que ela lutava para ressuscitar as lembranças também tive que fazer o mesmo.

Ansiava por um dos meus elixires, embora não estivesse nem perto da hora de tomar algum.

— Quando escapei, percebi que Jackson *tinha* me alertado.

— Então foi *ele* quem a magoou.

— Não o culpo. Ele pediu tão pouco de mim. E Selena nunca o machucaria com poderes que não consegue controlar. Ela vai protegê-lo. Acredito que o ama.

Embora estivesse ficando sem paciência, quero ouvir sobre os últimos dois dias, quero algumas perguntas respondidas.

— O que aconteceu depois que encontrou os dois se beijando?

Ela estremeceu ante as minhas palavras. Podia não culpar o Cajun, mas lá no fundo, ainda se sentia traída.

E está prestes a conhecer mais traição.

— Eu... eu... — Ela franze o cenho, parecendo surpresa de ter perdido seu raciocínio. Bem na hora. Com apenas mais dez minutos de fita. — Então, eu... rabisquei um bilhete para Jackson, dizendo a ele que precisava continuar, e esperava que fosse feliz com Selena, pedi a ele para, por favor, cuidar de Matthew, e explicasse para ele que seria mais seguro para todos dessa forma. Por alguma razão, estou convencida de que Jackson irá protegê-lo.

— Como chegou aqui? — Pergunto. Meu tom mais curto. Minha cabeça está se partindo ao meio. E toda a conversa dela sobre vozes me lembrou de uma época antes dos meus tônicos.

Jamais queria retornar àquela época de vergonha — quando *outras coisas* dividiam a minha atenção tão afiada.

Antes que tivesse eliminado impiedosamente todas as distrações.

Evie pressiona as mãos nos olhos, esfregando-os.

Depois de piscar várias vezes, ela continua.

— Roubei a caminhonete de Finn, achando que ele conseguiria outra facilmente com as suas habilidades. Dirigi até que ficasse sem gasolina, dois dias atrás. Então simplesmente segui a estrada, esperando que encontrasse alguém que me ajudasse. Estava um caos, Arthur. Tão confusa, chorando sem parar. — Sua voz ficou mais fraca. — Nunca em toda a minha vida precisei da gentileza que recebi de sua parte hoje. Obrigada.

Não. Obrigado *você*.



— Estou surpreso que não tenha trazido Matthew com você.

— Jackson estava certo — colocar todos em apuros era *fácil* para mim. Trazer Matthew para o norte teria sido egoísta.

Juntei os dedos.

— Mas eu achava que você tinha poderes agora. Poderia protegê-lo. E quanto à flor-de-lótus?

— É preciso muita concentração. Acho que Matthew me ajudou com ela, me ajudou a me acalmar. Mas não queria que a vida dele dependesse disso.

Mais um poder que ela não pode demonstrar que possui.

Ela coloca as pernas na cadeira outra vez, mas elas caem. Ela não repete os esforços.

— E não *quero* usar aqueles poderes, não se vou arriscar me transformar naquela bruxa.

— Acha mesmo que pode sobreviver neste mundo, sozinha?

— Eu tenho que tentar.

— Um exército liderado por uma família sádica quase a “recrutou”, lhe forçando a incendiar a sua casa, com o corpo da sua mãe dentro. Então, homens que queriam escravizá-la destruíram o seu carro, arriscando a sua vida. Aquela milícia a capturou para que pudesse ser usada por centenas de soldados.

Ela fica pálida, murmurando.

— E de alguma maneira durante tudo isso, consegui me prender à minha... à minha *humanidade*. Mantive o equilíbrio até agora.

— Acha que por causa de Jackson. Agora, o que acontece? Sua âncora se foi, fugiu para os braços de outra.

Os olhos dela se enchem de água mais uma vez, mesmo assim ela ergue o queixo.

— M-minha avó vai me ajudar a passar pelo o que falta.

— Não está nem um pouco tentada a aceitar as suas — *falsas* — habilidades? Tanta força para se possuir? — Ela pode imaginar um poder tão incrível o quanto quiser, mas não vai mudar o fato de que já foi derrotada. Perdeu esta partida há horas atrás.

Evie me disse que a visão de mundo da sua mãe tinha mudado violentamente. A dela também estava prestes a mudar. A garota alegre e otimista — que nunca reclama, que quer ser amiga de todo mundo, que ainda acena para estranhos — vai desaparecer nesta noite.

De um jeito ou de outro.

— Não posso aceitar essas habilidades, Arthur. Não acho... não acho que o bom pode ser separado do mau... o risco é muito grande. Não *quero* virar uma assassina.

— Como sabe se nunca experimentou?

— Per... perdão. O que perguntou? — A cabeça dela cai uma vez, mas ela luta para permanecer acordada. *Derrotada*.

Pensando em coisas pendentes, eu digo.

— Você lembrou a resposta à pergunta daquele médico? Eu quero saber por que você rejeitou os ensinamentos da sua avó.

— Ainda não. Sinto como se estivesse tããão perto.

Infelizmente, acabou o seu tempo. Agora preciso tomar uma decisão.



Devo mantê-la como uma cobaia — ou como uma companheira? Enquanto fito os olhos seus olhos azuis pesados e as ondas do seu lustroso cabelo loiro, outra vez considero lhe dar um lugar em minha cama, ao invés de na masmorra.

Embora ela nunca fosse deixar aquela casa com vida, ao menos sobreviveria mais tempo do que a estudante.

Jackson quis que Evie o ensinasse a cortejá-la; talvez ela pudesse me ensinar a *não* matá-la.

Ou ela seria uma distração muito grande do meu trabalho? *Nunca* tolerarei distrações.

É tempo de decidir o seu destino, de brincar de Deus com o seu futuro. Faça uma última pergunta:

— Está apaixonada por *Jackson*? — Mais cedo, quando ela descreveu aquele beijo que eles deram, eu mal contive a vontade de cortar os seus lábios.

Cobaia ou companheira, Evie?

Ela sela o seu destino quando sussurra.

— Toda vez que fecho os olhos, vejo os dele. Mesmo depois do que aconteceu... Jackson ainda é o dono do meu coração.

A raiva ferve dentro de mim.

— Não exatamente, querida. Mas *eu* o terei. Eu o apertarei em minhas mãos.

Ela mal consegue manter a cabeça erguida.

— Hmm?

— Está na hora, Evie. — Eu levanto, tirando um dos bisturis do meu estojo.

Ela estreita os olhos, mas o que vê nem é registrado pelo seu cérebro enevoadado. Ela fala arrastando as palavras.

— O que é isso?

— Um bisturi, que eu usarei nesse seu rosto lindo se não se levantar neste instante.

Ela ofega, abrindo mais os olhos, sacudindo a cabeça para clareá-la.

Tenho que admitir que esse é o meu momento favorito com uma nova captura. Só posso imaginar a sensação nauseante e aflitiva quando a compreensão surge. Aquele sentimento agonizante de traição.

Depois o terror de congelar os ossos.

— De pé. Agora, garota.

Com um grito, ela se levanta com as pernas estremecidas, desmorona outra vez na cadeira, e então tenta outra vez. A adrenalina começa a correr em seu organismo. Está um pouquinho mais alerta, mas seus movimentos continuam letárgicos.

— Arthur, o q-que está fazendo?

Agarro seu braço.

— Ande. Agora.

— Oh Deus! Oh Deus! Onde estamos indo? — Ela arrasta os pés desajeitadamente atrás de mim.

— Para a masmorra.

— *M-masmorra?* — Ela balança como se fosse desmaiar, mas eu a puxo para que continue de pé.



— P-por que está fazendo isso? O que eu fiz?

— Você entrou no meu covil, como se se oferecesse para que a usasse em meus estudos, em meus... experimentos. Seu corpo pode me propiciar um conhecimento que ainda não obtive. Esse é o seu único valor.

— Experimentos? — Ela soa como se fosse vomitar, mas eu tenho um pó no laboratório que impede vômitos.

Sempre atencioso com os meus bichinhos.

— Você foi condenada assim que a minha porta se fechou. Preciso de você, Evie. Meu trabalho é tudo. Preciso saber de tudo.

— Por favor, não me machuque, Arthur! Você ouviu a minha história — eu sobrevivi tudo aquilo para que você simplesmente... me machuque agora?

— Você me contou mentiras. Tudo mentira! Várias vezes estive a ponto de castigá-la. Não pode mentir tanto quanto mentiu!

Quando destranco a porta do porão, ela grita.

— O que tem aí em baixo?

— Desça. Agora! — Eu a forço a descer as escadas. Ela tropeça, quase caindo, antes que a segurasse.

Assim que chegamos ao laboratório com todas as minhas poções em preparação, aprecio sua expressão horrorizada. Então a arrasto para além da cortina de plástico, para dentro da masmorra.

— Seu novo lar.

Com as pupilas do tamanho de moedas de dez centavos, ela encara as outras garotas, coladas às paredes.

— Você... as sequestrou? — Então ela vê os restos da estudante.

Evie inclina a cabeça para o corpo putrefato, como se não conseguisse entender o que via.

É nessa parte que surge a compreensão...

Seus olhos ficam vazios, as mãos estremecidas cobrem a boca.

Percebendo que isso será você um dia?

— Vamos, Evie, vamos acomodá-la. — Eu a empurro na direção do canto da estudante, apontando para a pilha em decomposição. — Pegue a sua nova coleira no meio dessa bagunça.

Ela recua.

— O-o quê?

— Aceite o seu destino e viverá por um tempo.

— Você não quer me fazer isso, Arthur.

— *Pegue a coleira AGORA!* — Eu grito, lançando cuspe. As outras garotas se encolhem em posições fetais em seus ninhos, todas chorando abertamente.

Mas Evie não. Ela se engasga com uma palavra:

— Não.

As outras gemem. A mais nova chorando e chamando pela mãe como de costume.



— Não? — Com uma virada do punho, meu bisturi fará com que a minha nova cobaia fique de joelhos. — Só por me dizer isso, eu cortarei sua língua e a colocarei em uma jarra para que veja todos os dias. — Avanço até ela, a fúria escurecendo a minha visão.

Para si mesma ela sussurra.

— Ah, Deus, estou perdida.

— Completamente perdida! Esta será a última vez que irá me desobedecer. — Estendo um braço para ela, meu bisturi erguido na outra...

— Vamos, Arthur. — escuto-a murmurar de maneira obscura. — *Toque.*

O que é isso? Ela recitou aquelas palavras antes, em sua voz tímida de garota, mas ouvi-las nesse novo tom sedutor me abala.

Ela termina.

— Mas vai pagar um preço. — Um vulto de movimento entre nós.

Assim que percebo seu aroma irresistível de rosas, quatro cortes paralelos aparecem no meu torso.

Eu olho para baixo com o queixo caído, soltando meu bisturi.

Sangue quente brota em jorros de mim. *Minha pele é uma cortina, aberta para os meus olhos.*

— C-como?

Evie endireita o corpo, evidentemente não afetada por droga alguma. Seus olhos são de um alerta e brilhante... verde. Uma linha de videira aparece em cima da sua bochecha e segue pescoço abaixo, ardendo pela sua pele pálida como uma marca de ferro quente verde e brilhosa. Mechas do seu cabelo ficavam ruivas.

Na ponta de cada dedo há um espinho afiado como uma lâmina, agora gotejando o meu sangue.

Ela não sofria de alucinações.

Evangeline era cheia de poder, vibrava com ele.

Cubro meus ferimentos com as palmas; o sangue se derrama entre os meus dedos.

— Você me fez acreditar que estava mentindo... ou que estava delirando!

— Eu lhe disse que nem *toda* a minha história era verdadeira. Por exemplo, eu deixei de fora algumas partes que dizem respeito a *você*.

— A mim?

— Não queria ter que magoá-lo, Arthur. Mas você não me deu outra escolha!

Ela está visivelmente tremendo, *fervendo*.

— Não depois que me atacou. Assim como Jackson disse, eu estou FARTA! — a casa inteira começa a tremer, gesso chove do teto. — Estou *cansada* deste mundo, cansada de ser atacada e sequestrada!

A perda de sangue me deixa com frio — exatamente como ela disse.

— Tudo o que eu sempre quis era ser normal. Mas esta noite aceitei que isso não é possível. Mesmo sem a Morte e os Arcanos, agora sei que não tenho mais esperança com relação a isso. Assim que vi essas garotas acorrentadas aqui, de repente compreendi... que eu não sou como elas.



Eu *não* sou normal. Não tenho que ser enganada. Só preciso me tornar a terrível Imperatriz que nasci para ser. E como você salientou a única coisa que me impedia — Jackson — se foi.

Ela se aproxima. Eu tropeço para trás em direção ao laboratório. Tenho tônicos para me curar. Isso não acabou!

— Durante os últimos dias, tive muito tempo para considerar as minhas escolhas. Pensei na minha mãe tão vigorosa. Ela teria abraçado esses poderes. Pensei em Clotile... O que ela não teria dado por eles nas suas últimas horas de vida! E então contando a minha história para você meus sentimentos se solidificaram.

Estou quase nas cortinas de plástico. Se conseguir alcançar a minha bancada...

— Estou envergonhada por ter pensado em me render, em me enterrar debaixo da terra para me esconder de homens como você. Mas não mais. A Imperatriz não vai ser encoleirada, ou presa, ou torturada. Como ela atrai com tanta astúcia, como ela castiga com perfeição. *Eu* castigo.

— A fúria de Evie começa a diminuir e a casa para de tremer.

— Não vou ficar louca com você por ter me envenenado. Simplesmente vou fazer com que pague um preço por isso.

— Como... como você sabia?

Ela faz *tsc, tsc*.

— Usando a toxina de uma *planta* no chocolate? Pude sentir o cheiro, pude até sentir os efeitos que provocaria. Lembra dos meus títulos? Eu não *me* enveneno, eu *sou* o veneno. Sou a *Princesa* dele. — Folhas agora estão emaranhadas em sua enorme cabeleira ruiva, aquelas inscrições encantadoras também se enroscavam pelos seus braços. Ela era uma Deusa pálida e terrível. — Esvaziei a caneca de chocolate quando você levou a bandeja. Provavelmente não teria me afetado de qualquer maneira. Oh, mas você? *Com certeza* foi envenenado pelas minhas garras. Está morrendo neste exato momento.

— Não. Não é possível, — eu cuspi, embora já percebesse sua toxina volátil correndo pelas minhas veias. Agora *eu* sentia a traição e o terror que antes só tinha sido capaz de imaginar. — Por que me infligir isso? Por que vir aqui?

— Enquanto dirigia para o norte, comecei a ouvir uma nova voz. A sua. — Ela bate no queixo com uma garra sinistra, dizendo.

— Posso ter esquecido de mencionar esse pequenino detalhe. De qualquer forma, a sua foi ficando mais alta, mais do que todas as outras, mais alta até mesmo que a da Morte — que foi bem conversador assim que finalmente fiquei sozinha. — Ela franze o cenho, encolhe os ombros. — Mas a sua voz me trazia mais perto. *Um homem sábio disfarçado de menino*. Isso soa familiar?

Faço um som estrangulado.

— Não pode ter me ouvido.

— Você é um dos Arcanos, Arthur. Por muito tempo não consegui descobrir qual deles, não conseguia lembrar das cartas da minha vó muito bem para comparar uma delas com o seu *tableau*. Não até que vi os seus experimentos aqui em baixo em seu covilzinho sinistro. Você é O Eremita. O velho segurando uma lanterna.

— Um dos seus? — Exponho os dentes em desprezo. — Nunca!



— Está negando, do mesmo jeito que eu fiz. Não é de se admirar que Matthew tenha ficado tão frustrado comigo.

— Se acredita que eu sou um de vocês, então veio aqui com a intenção de me fazer mal!

— Não, procurei você na esperança de que soubesse do seu destino como um dos Arcanos e que pudesse me ensinar o meu, esperando que você na verdade fosse bom, diferente da maioria das pessoas que encontrei. Mas estava preparada para me defender caso não fosse.

Um dos meus joelhos cedeu; cambaleei e me segurei na mesa de operações. Vejo o meu reflexo no aço imaculadamente limpo. Eu estou... transformado.

Vejo um velho, segurando uma lanterna no escuro. Meu próprio *tabelau*? Então a minha aparência volta ao normal.

— Arthur, você é o Eremita, também conhecido como o Alquimista.

— Alquimista? — Um berro maçante surge em minha cabeça. *O Alquimista*. Isso é tudo que eu sempre quis ser!

Sim! É isso que eu sempre fui. Nunca foi tão claro. *Claro* que Evie me pareceu especial quando a vi pela primeira vez — porque tinha visto a sua carta. Não a vi com os braços abertos em minha cama; vi o *tableau* da Imperatriz — o que continha o seu chamado.

— Continuei dando dicas, esperando que você reconhecesse algum aspecto da minha história, que fizesse alguma coisa. — Ela inclina a cabeça, e aquela quantidade toda de cabelo sedoso cai por cima do seu ombro, me afogando em seu delicioso aroma de rosas, ameaçando me subjugar mesmo agora. — Meu palpite? Está tão drogado por causa das suas misturas loucas que nem sequer andou ouvindo as vozes. — Ela se aproxima mais, me dizendo em um tom confidente. — Drogado até seu cérebro virar uma sopa? Já passei por isso, meu chapa.

— *Drogado*? Eu queria ficar focado! — Saliva ensanguentada enche a minha boca. — As vozes... — De repente lembro aquela cacofonia odiosa, aquelas repetições inúteis. — Elas me distraem!

— É como Matthew disse. Se você não escuta as vozes, então vai morrer com elas sussurrando felizes com a sua desgraça em seu ouvido.

Exatamente como os outros Arcanos tinham habilidades supernaturais, eu também tinha.

Lembrado disso, dos poderes que possuo, me viro na direção do meu laboratório.

Atrás de mim, as garotas imploram a Evie para que as libertem, embora soem tão petrificadas com relação a ela quanto haviam se sentido com relação a mim.

Enquanto Evie estupidamente atende os seus pedidos, me escoro na minha bancada, pegando todos os frascos que consigo alcançar. Bebo avidamente seus conteúdos coloridos, um atrás do outro.

Preto para cancelar o seu veneno. Azul para me deixar mais forte, mais agressivo, mais rápido. Vermelho para curar os meus ferimentos.

Eu a subestimei; ela fez o mesmo comigo. Se eu conseguir subir as escadas, posso alcançar as armas estrategicamente posicionadas pela minha casa.

Vou derretê-la e transformá-la em uma poça, do mesmo jeito que fiz com o meu pai.

Embora ela devesse me ouvir mexendo em minhas poções, não tem medo, dizendo pacientemente às minhas cabaías — *minhas* — que vai cortar suas correntes com as garras.



— Não tenham medo. — ela as tranquiliza. — Estão quase livres.

Três cortes depois, as garotas escalam para fora da masmorra, me olhando com medo, lutando uma com a outra para subir as escadas.

Dirijo-me também à escada, rastejando pelo chão, fugindo para dar aos elixires tempo de agirem.

— Onde estávamos? — Evie me pergunta quando aparece de trás da cortina de plástico. Ela está batendo a mão uma na outra, como se as tivesse sujado de poeira.

Na base da escada, me viro para mantê-la à vista.

— Por que brincar comigo? — *Preciso mantê-la falando.* Já consigo sentir uma poção neutralizando a toxina. Sob o meu braço, meu torso começa a se curar. — Por que agir como se o veneno tivesse funcionado?

— Assim como eu lhe disse, às vezes eu desempenho certos papéis. Interpretei uma enfermeira alegre quando minha mãe estava morrendo; fingi indiferença com relação a Jackson e Selenia, embora estivesse prestes a enlouquecer de ciúme. Me fiz de drogada para que você me mostrasse o que planejava fazer comigo. E o que acontecia aqui no seu porão.

— Por que me contar a sua história?

— Não escutou *nada* que eu disse? — ela pergunta com um suspiro. — Meu *modus operandi* é esperar, lembra? *Atrair.* Você tinha que dar o primeiro passo. — Enquanto luto para subir os degraus, ela calmamente vem atrás de mim. — E levei um tempo para entender a ideia de que tinha tentado me drogar — que só um de nós deixaria esta casa com vida. Além do mais, precisava de tempo para me recuperar do meu dia agitado... cuidando do jardim.

— Jardim? — Franzi o cenho, sem conseguir entender as suas palavras.

— Então você atacou. Mostrou as suas escamas.

Finalmente, a força começa a pulsar por mim, meus músculos inchando.

— Isso não acabou. Vou atacar outra vez. Vou mata-la, garota.

— Vai mesmo? — Sua expressão era dura, seus olhos verdes desprovidos de pena.

— Não vê Arthur? Jackson estava errado. Pode não ser o meu estilo, mas eu *sei* caçar. Estou caçando você.



Capítulo 41

Arthur está subindo lentamente a escada, respirando com dificuldade, ainda me ameaçando de vez em quando, expondo seus dentes ensanguentados.

Havia imaginado que chegaria a isso?

Cheguei aqui uma confusão emocional, depois de chorar por dois dias.

Que coisa. Nunca fiquei sozinha assim antes, sem amigos e sem família. Nunca senti a punhalada da traição de um garoto.

Sim, vim aqui procurando respostas de Arthur, mas também ansiava por mais — um abraço solidário, um tapinha nas costas, qualquer migalha de gentileza.

E pior, ainda *esperava* por isso.

Fui boa com as pessoas no passado, e mesmo depois do Flash — depois de todas as vezes que erraram comigo — ainda nutria esse sentimento ingênuo de que as pessoas também queriam ser boas comigo.

Quando vi Arthur pela primeira vez com a sua modéstia e simplicidade, pensei: *Um novo amigo*.

Simples assim.

Deus, como *precisava* de um amigo.

Ainda agora aquelas três garotas gritam lá em cima, incapaz de saírem do seu covil. Ouvi a mais nova berrando, implorando pela *mãe*. Só posso supor por quanto tempo ele as vem torturando.

Esta noite Arthur me mudou para sempre. Ele me pressionou além do meu limite, me forçando a me tornar o que uma vez tinha sido o meu pior pesadelo.

Eu estou mudada. Antes de Arthur. E depois. Não há como voltar. E o ódio por isso.

Quando alcançamos o topo dos degraus, ele se arremessa fracamente no solado da porta, caindo em cima da sua barriga rasgada com um grunhido. Então, começa a arranhar o chão como um siri, meio olhando para mim, meio olhando para a porta que está ávido por alcançar.

Quando ele se aproxima da entrada, as garotas gritam e correm para um canto.

À porta, ele se arrasta até se pôr de joelhos, esticando-se para pegar uma maçaneta que não existe.

— Preso na sua própria armadilha? Seu demônio rastejante, imundo.

Dando olhadelas por cima do ombro para mim, ele alcança o bolso traseiro da calça, tirando um alicate.

Continuo seguindo de perto, o que o deixa mais e mais agitado.

Esse poder é intoxicante. Não é de admirar que a bruxa vermelha risse tanto. Estou começando a ver o apelo daquilo.

— Segui você pela cidade antes de vir para cá — mas você sabia disso, não sabia? O que não sabia era que tanto você quanto eu vínhamos nos preparando para este encontro.

Matthew me alertou sobre as iscas; o Alquimista usou várias para me atrair até o seu covil, e eu desconfiei.



A lanterna forte de sua casa — uma luz na escuridão. A sopa da qual senti o cheiro — um banquete quando estava morta de fome. Mas, enquanto ele se preparava, me deixou tempo suficiente para que eu chamasse o meu tipo especial de ajuda.

a mesma forma que tinha visto a bruxa vermelha fazer.

Com o meu sangue, revivi plantas mortas — e foi *delicioso* trazê-las de volta à vida. Então pratiquei com elas.

Arsenal.

Agora rosas, videiras e carvalhos me esperavam do lado de fora, prontos para arrebatarem o Alquimista. Um tornado de espinhos gira no ar mais acima.

— Você achou que eu estava tão pálida e fraca. — digo a ele. — Mas só estava me recuperando da perda de sangue. Obrigada por ter me dado um motivo.

Com isso, ele move o alicate para cima desajeitadamente... mais para cima; o alicate cai a vários pés de distância. Em pânico, ele agarra o pedaço de metal que se prende à maçaneta — tudo o que resta da parte interna dela — virando-o com toda a sua força. Sangue começa a pingar de sua palma.

— Pergunte a si mesmo, Alquimista, quer mesmo me fazer sair por essa porta?

Por cima do ombro, ele diz com desprezo.

— Você é uma aberração, uma monstruosidade! É por isso que o seu precioso Jackson escolheu outra, porque conseguia sentir o quanto você é errada! Ele a desprezou!

Não nego isso. *Era justo*. Inferno! Podia ser verdade. —o que eu sabia? Aparentemente, *nada* sobre garotos.

Mesmo depois de ver Jackson beijar Selena, ainda sentia sua falta. Me perguntava quando tempo aquela dor duraria...

Arthur começa a se levantar, cambaleando em seus pés. Aquilo é... surpreendente. Tinha o ouvido beber algumas coisas lá em baixo, mas não pensei que conseguiria neutralizar o meu veneno.

Quando ele fica de pé, percebo que seu torso está se curando com uma velocidade semelhante à minha própria regeneração.

— Eu não sou desprovido de talentos, Evie.

Diante dos meus olhos, seus músculos crescem, forçando suas roupas.

Ele me dá um sorriso tão triunfante que me pergunto se ele pode superar a mim e aos meus.

— Não tinha como adivinhar o quanto posso ser forte. — Com um berro, ele arranca a porta do lugar como um pedaço de algodão. Ele a arremessa para mim; grito quando ela bate no meu ombro, me jogando contra a parede.

Quando a minha visão fica turva, imagino ter ouvido a voz de Jackson ecoando à distância.

— *Evangeline!*

Respiro para que a dor passe, brigando com o peso da porta, me contorcendo desesperadamente para sair de baixo dela. Ainda sou tão fraca em corpo, uma garotinha magrela.

— *Evie! Responda-me, Porra!*

Jackson está aqui? Como ele achou esta cidade?



— *Onde você está?* — Não consigo processar a angústia em sua voz tão alta, seu desespero em me alcançar. Por que ele viria? Ele terminou tudo comigo.

Então ele grita para alguém.

— Me diga *exatamente* onde ela está garoto! Ou eu vou arrancar as suas tripas, eu juro por Cristo!

Matthew também está aqui?

Arthur corre da porta pela sala. Ao invés de fugir, está usando a vantagem que ganhou. Eu assisto em descrença quando salta uma mesa, parando na frente de um armário. Quando consigo me libertar e ficar de pé, ele recolhe vários *frascos fechados*?

E os joga em mim. Eles quebram, derramando seus conteúdos na minha pele.

Ácido.

A dor. Paralisante. Entorpecedora.

Eu grito. A pele do meu braço, de uma coxa, de uma panturrilha — dissolvendo.

Caio de joelhos. A consciência escurece.

— *Evangeline!* — O urro agonizado de Jackson é como um farol, mantendo o meu foco.

Arthur se aproxima, xingando.

— Vou *derretê-la* pedacinho por pedacinho, vou fazer com que implore, do mesmo jeito que fiz com o meu pai.

Eu luto para me erguer, para ignorar a minha pele chiando e queimando enquanto ela começa a se curar. Quando o Alquimista vê a minha pele regenerar, ele murmura.

— Não é possível.

Eu ofego.

— Você vive dizendo isso... sobre coisas que já... estão acontecendo. — ele não testemunhou nem uma *fração* dos meus poderes. A ideia me deixa orgulhosa, convencida. Consigo me pôr de pé.

Pronta para acabar com aquilo convoco os meus soldados, libertando-os em meio à disputa.

Troncos como aríetes derrubam portas e janelas para que videiras possam entrar como cobras, invadindo cada aposento.

Como Matthew disse, há um calor na batalha, e eu o sentia pulsando dentro de mim. *Glorioso!* Grito por causa dele e os meus soldados respondem com violência.

Caules espinhosos guarnecem a frente da casa. Atrás de mim, uma parede de rolos verdes se forma, uma massa de espirais. Enquanto nos rastejamos na direção dele, Arthur fica imóvel, o olhar pálido de horror.

Bem antes de lhe alcançarmos, ele se vira, fugindo para a saída.

Não consegue dar dois passos do lado de fora antes de um galho aparecer na sua frente, bloqueando o seu caminho. Hera voa até ele dos lados da varanda, enrolando-se em volta do seu torso, as pontas perfurando a sua pele.

— *Nããão!* Pare com isso, sua aberração!

Um caule de roseira rasteja pelo teto como a água de uma goteira.

Descendo com uma discrição maldosa, desliza em volta do seu pescoço.

Quando o prende com força, eu murmuro.



— Sua nova coleira, Arthur.

Mais caules prendem as suas pernas, subindo até os seus braços como se ele fosse uma grade, arrancando um grito agudo dos seus pulmões. Apertando como arame farpado, eles enterram suas presas de espinhos mais fundo e *mais fundo*, até que os seus pulmões não conseguem mais se expandir para emitirem um segundo grito.

Ele me espia por cima do ombro, os olhos implorando.

Quantas garotas tinham implorado para que não as machucasse? Em quantas ele derramou aquele ácido?

Quantas ele mutilou?

Ele planejou fazer o mesmo *comigo*...

De repente ele se debate, libertando um braço com aquela força insana. Do seu bolso, ele tira um último frasco de ácido.

Antes que ele possa agir, eu aceno com a mão: a ordem de execução.

As videiras segurando o seu corpo puxam em diferentes direções rasgando-o ao meio.

Num jato de arcos de sangue e ossos estilhaçados, o Alquimista não existe mais.

Duas metades separadas. Depositadas nas extremidades opostas da varanda. Uma poça de sangue no meio.

Eu ganhei o dia, mas a vitória me cobrou o seu preço. Quando vou cambaleando, meus soldados empurram as minhas costas, me segurando como um apoio de livro. Como vi a bruxa vermelha fazer, enfio as minhas garras no caule de uma roseira, sugando a vida que tinha dado de volta ao meu corpo, acelerando a minha cura.

— Evangeline! — Jackson se aproxima.

Por que veio aqui? Por quê? Por quê? Fugir dele não é mais uma opção. Não vou mais esconder o que eu sou.

— *Bébé*, me responda! *Por favor*...

Eu o vejo correndo pela rua, Matthew seguindo-o de perto. Eles não estão sozinhos. Selen e Finn estão com eles.

Quando os quatro param em frente à casa, a teia de arbustos se separa para me revelar de pé, no topo dos degraus. Metade da minha camiseta ensanguentada e da perna do meu jeans tinham se dissolvido, expondo a minha pele regenerada e as inscrições brilhantes. Meu cabelo ruivo voa devido à tempestade de espinhos girando mais acima.

Uma videira se curva no meu pescoço com afeição. Esfrego a bochecha nela, devolvendo-lhe o carinho, minhas garras envenenadas brilhando.

Atrás de mim o arame farpado de espinhos, os tornilhos de videiras e os aríetes de carvalho todos esperam pelo meu comando. Eles obstruem cada abertura do covil do Alquimista, até que a forma da casa fica irreconhecível.

Eu olho os outros Arcanos lá de cima.

Matthew está orgulhoso, Selen está glacial, letal. E nem um pouco surpresa. Assim como tinha suspeitado, ela sabe tudo sobre nós. Sobre *mim*.

Finneas parece impressionado — e culpado? Ele murmura.

— Nunca achei que você entraria.



De lado, com os lábios abertos e os olhos arregalados, está Jackson.

Entrar...? Na mesma hora, as três garotas começaram a lutar para sair por entre as videiras da porta da frente. Com outro aceno, lhes permito passagem. Elas saem correndo da casa de Arthur, gritando por suas vidas.

Então algo atrai a minha atenção. Uma nova marca aparece na minha mão, não uma das minhas inscrições, mas uma pequena ilustração tatuada. É o símbolo do Alquimista, uma lanterna acesa — sua isca.

Tão estranho ver aquilo em minha pele, mesmo assim de alguma forma me é familiar. Assim como Matthew disse, as batalhas devem ser travadas, *as marcas merecidas*.

Mate um; ganhe um troféu em forma de tatuagem. Engoli em seco, ficando tonta quando uma lembrança me bombardeia. Finalmente, me lembro da resposta àquela assustadora pergunta.

O médico perguntou.

— *Você entende por que precisa rejeitar os ensinamentos da sua avó?*

Eu assenti, arrastando as palavras:

— *Porque ela quer que eu faça coisas ruins a outros garotos.*

O resto daquela viagem de carro com a vovó desabrochou na minha consciência, a cena tão fresca quanto no dia em que se passou:

Quando os policiais ligaram as sirenes atrás de nós, ela me disse.

— *A cada punhado de séculos, um novo jogo de vida ou morte começa. Você deve triunfar sobre os outros vinte e um Arcanos, Evie. Apenas um pode viver.*

— *O que isso quer dizer, vovó? — perguntei, em pânico.*

— *No fim do jogo, suas mãos estarão cobertas com os símbolos deles. — Depois de parar no acostamento, ela segurou o meu queixo com gentileza, encontrando o meu olhar com uma afeição de avó em seus olhos castanhos brilhantes. — Porque você vai matar todos eles...*

Matar todos eles.

É isso que eu sou. Lá no fundo, não sabia que precisava matar Arthur? Foi o Alquimista que foi condenado no momento em que me “ludibriou”.

Agora, eu levava o seu símbolo, levaria para sempre. Entrei no jogo, quer quisesse ou não.

Não era de admirar que Matthew tivesse me perguntado se eu iria mata-lo. E Selena? Ela nos mantinha por perto, planejando nos assassinar enquanto dormíamos?

Talvez ela esperasse que atraíssemos mais Arcanos, como Finn. Me pergunto se a Arqueira acha desafiador não nos matar até o momento certo.

Volto-me para Jackson, encontrando o seu olhar cinzento e perplexo. *É isso que eu sou de verdade...*

Notei um curativo amarrado fortemente em volta de sua mão. Ele se machucou? Olho mais atentamente.

Não era um curativo. Agarrado à sua mão está... a minha fita vermelho-papoula.

A fita que ele pegou antes do Flash.



Ele não está perto de Selena, e veio aqui por *minha* causa. Acredito no que está diante dos meus olhos — ou na minha memória dos dois se beijando? E se eu tivesse interpretado mal as coisas?

Oh, Deus! *Finn*.

Eu tinha visto Selena e o Mago... disfarçado de Jackson?

Estou me segurando a essas possibilidades por ainda querer tanto Jackson? É possível que ele nunca tenha tocado nela, certo?

Por um momento vertiginoso, me pergunto se Jackson e eu ainda temos um futuro. Anseio por um. Ele pode me tirar daquilo tudo.

Ele pode me salvar...

A casa começa a grunhir sob o peso das minhas videiras e troncos, a madeira estalando. A estrutura estremece. Apesar de ter praticado os meus novos poderes, eles ainda não estão completamente sob controle. Minha fraqueza me deixa sem jeito de lidar adequadamente com eles.

Eu começo a recuar os meus soldados em uma retirada agitada e serpenteada, mas antes que eles pudessem cair dormentes mais uma vez, eles quebram a casa inteira ao meio, como se ela fosse um ovo.

O queixo de Jackson cai. Seu olhar vai de uma metade da casa a outra; então ele estreita os olhos para algo de lado.

Oh! Metade do Alquimista. *A bonequinha tem dentes, Cajun*.

O que ele dirá? Fará?

Esfrego o polegar nas minhas garras com nervosismo até o sangue começar a pingar de novo. Ele me disse que juntos poderíamos atravessar *qualquer coisa*. Posso confiar nisso?

Salve-me, Jack...

Ele dá um passo para trás, fazendo o sinal da cruz. Exatamente como uma vez eu havia previsto.

Com aquele único gesto ele partiu o meu coração completamente.

— *E mesmo assim não poderia me sentir mais orgulhoso, Imperatriz* — a sedutora Morte sussurra em minha mente.

Eu o ouço com tanta clareza; ele deve estar perto. Agora não tenho nada a perder, nenhuma razão para viver para ter medo dele. *Fique de olhos bem abertos, Anjo da Morte, estou á sua caça*.

Uma risada áspera.

— *A Sua Morte a espera*.

Começo a rir, e não consigo parar.

Jackson empalidece ainda mais. Espero que ele me abandone agora e leve os outros três consigo, para longe do meu alcance.

Porque de outra forma, a Imperatriz terá que matar todos eles...

Algo úmido escorre pelo meu rosto. Uma lágrima?

Chuva.

Enquanto eu e Jackson nos fitamos, gotas caem entre nós...



FIM